



200

INTRODUÇÃO Á HISTORIA

DA

LITTERATURA BRAZILEIRA

POR

D. Fortunato Luz

Sylvo Romero

PRIMEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
1882

OBRAS DO AUCTOR

Publicadas em avulso :

ETHNOLOGIA SELVAGEM, Recife, 1875.

A PHILOSOPHIA NO BRAZIL, Porto-Alegre, 1878.

CANTOS DO FIM DO SECULO, Rio de Janeiro, 1878.

A LITTERATURA BRAZILEIRA E A CRITICA MODERNA, Rio de Janeiro, 1880.

INTERPRETAÇÃO PHILOSOPHICA DOS FACTOS HISTORICOS, Rio de Janeiro, 1880.

INTRODUÇÃO À HISTORIA DA LITTERATURA BRAZILEIRA, Rio de Janeiro, 1882.

Publicadas em jornaes e periodicos :

A POESIA CONTEMPORANEA (*Crença e Movimento*) do Recife, de 1870 a 1872.

A POÉSIA POPULAR NO BRAZIL (*Revista Brasileira*) do Rio de Janeiro, de 1879 a 1880.

UM ANNO DE LUCTAS BRAZILEIRAS (*Reporter*) do Rio, em 1879.

PAGINAS DE CRITICA (Artigos em jornaes do Recife e Rio de Janeiro em datas diversas).

FRAGMENTOS POETICOS (*Poema das Americas, e Lyra Sergipana*) — na *Revista Brasileira* do Rio, 1880 e 1881.

Ineditas:

CANTOS POPULARES DO BRAZIL.

CONTOS POPULARES DO BRAZIL.

ADVERTENCIA

Este livro deveria formar um só volume de umas 700 paginas n'este formato e typo. Tal o plano primitivo. — Começando a sahir, aos pedaços na *Revista Brazileira*, aproveitando-se a composição para a impressão em separado, e havendo cessado de apparecer a *Revista*, foi mister utilizar-se o que estava feito. E' o que constitúe o 1.º volume, que hoje sae a publico. — O auctor viu-se, dest'arte, forçado a partir a 2.ª época da nossa litteratura, deixando para o volume seguinte a continuação. E' uma grande macula que será perdoada por todos aquelles que sabem das difficuldades com que se lucha em emprezas destas no Brazil.

Nada se dirá aqui sobre o intuito geral da obra. O leitor inteirar-se-ha por si. Apenas lembra-se que este ensaio não teve por alvo principal descobrir factos novos no campo, aliás pouco fertil da litteratura nacional, senão dar um sentido geral e theorico aos factos já conhecidos.

As lacunas são muitas em todo o decorrer do trabalho. — Ha ahi, porém, consciencia e bons desejos de servir a patria. Notar-se-ha, talvez, benevolencia excessiva por alguns escriptores nacionaes do seculo passado, o que será tanto mais notavel, quanto é conhecida a severidade do auctor para com certos litteratos hodiernos.

Póde ser isto um defeito; mas com certeza não será o mais censuravel do livro; outros existirão sem duvida, e ainda maiores.

INTRODUÇÃO Á HISTORIA

DA

LITTERATURA BRAZILEIRA

Frederico de Gouveia
Tomás Meneses

INTRODUÇÃO Á HISTORIA DA LITTERATURA BRAZILEIRA

PRELIMINARES

Trabalhos estrangeiros e nacionaes sobre nossa litteratura.—Espírito geral deste livro.

As nossas letras, entre outras muitas lacunas, mostram bem claramente a grande falha causada pela ausencia de trabalhos historicos. Si não existe uma historia universal escripta por um brasileiro, si a nossa propria historia politica, social e economica tem sido apenas esboçada e foi mister que estrangeiros nol-a ensinassem a escrever; no terreno da litteratura propriamente dita—a pobreza nacional ostenta-se ainda maior.

O livro de Ferdinand Wolf, *Le Brésil littéraire* (1863), tem sido, e continúa a ser com razão, o nosso oraculo na materia; porque é unico em seu genero. O escriptor austriaco foi o primeiro a fazer um quadro mais ou menos inteiro de nossa litteratura, quadro pallido e incorrecto, é certo, mas que se impõe por estar no singular. E já lá vão perto de vinte annos que o livro foi publicado, e ainda hoje é o compendio official de nossos cursos!

Antes de Ferdinand Wolf ainda a estrangeiros coube a tarefa de traçar as primeiras noticias de nossas letras.

Bouterwek, na *Historia da litteratura portugueza* (1804), Sismondi, nas *Litteraturas do Meio-Dia da Europa* (1819), e Ferdinand Denis, no *Resumo da historia da litteratura de Portugal* (1825), foram os primeiros que falaram de nossos poetas e escriptores. ¹

Não é para surpreender, porque todos sabemos que foram elles os organizadores da historia da litteratura portugueza, de que a nossa foi sempre um appendice. Depois é que Almeida Garrett escreveu o seu *Bosquejo da historia da poesia e da lingua portugueza* (1826). ²

A indigencia brazileira não é, pois, mais do que um prolongamento do pauperismo lusitano.

Os escriptores portuguezes deste seculo Costa e Silva, Lopes de Mendonça, Innocencio da Silva, Latino Coelho, Luciano Cordeiro, Theophilo Braga, Camillo Castello Branco e outros, nos seus trabalhos sobre a litteratura de sua patria, são portadores de algumas noticias de nossa vida intellectual, tudo como um accessorio do pensamento da antiga metropole.

• A autores nacionaes só devemos alguns ligeiros ensaios, pequenas monographias, noções destacadas de uma ou outra época de nossa litteratura, ou analyse por acaso de algum escriptor predilecto.

Os principaes d'entre elles vem a ser: Januario da Cunha Barboza—*Parnaso brazileiro* (1831); Abreu e Lima—*Bosquejo historico politico e litterario do Brazil* (1835); Domingos de Magalhães—*Discurso sobre a historia da litteratura do Brazil* (1836); Norberto e Silva—*Bosquejo da historia da litteratura brazileira*, nas *Modulações poeticas* (1841), e mais tarde alguns estudos na *Revista Popular* (1861) e na *Brazilia bibliotheca*: Pereira da Silva—*Parnaso brazileiro* (1843) e *Plutarco brazileiro* (1847), transformados depois em *Varões illustres do Brazil nos tempos coloniaes* (1858); Varnhagen—*Florilegio da poesia brazileira* (1851 e 53); Fernandes Pinheiro—*Discurso sobre a poesia em geral*

¹ Domingos de Magalhães,—*Opusculos historicos e litterarios*, pag. 245.

Theoph. Braga,—*Manual da historia da litteratura portugueza*, pag. 453.

e em particular no Brazil na traducção de Job por Eloy Ottoni (1852), e tambem no *Curso elementar de litteratura nacional* (1862) e na *Litteratura universal* (1870); Antonio Joaquim de Mello— *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco* (1858); Sotero dos Reis— *Curso de litteratura portugueza e brazileira* (1866); Joaquim Manoel de Macedo— *Anno biographico brazileiro* (1876); José Antonio de Freitas— *O Lyrismo brazileiro* (1877); *Manual de Litteratura ou Estudos sobre a Litteratura dos principaes povos da America e Europa* por J. S. (1878) e Lery dos Santos— *Pantheon fluminense* (1880). Contém tambem noticias litterarias — a *Revista do Instituto historico*, os *Annaes da Bibliotheca Nacional* e as *Ephemerides nacionaes*, por Teixeira de Mello (1881). Juntem-se a tudo isto escriptos esparsos de José de Alencar, Quintino Bocayuva, Machado de Assis, Franklin Tavora, Araripe Junior e Capistrano de Abreu. Merecem especial menção trez ensaios criticos de Tobias Barretto de Menezes:— *Estudos sobre os publicistas brazileiros*, começados a publicar no *Americano* (Recife) em 1871 e proseguidos em outros jornaes nos annos subsequentes; o *Romance no Brazil*, que principiou a apparecer no *Signal dos Tempos* (Escada) em 1874, e finalmente— *O Brazil tal qual é sob o ponto de vista litterario*, brochura em lingua allemã editada em 1875.

O livro de Ferdinand Wolf, feito ás pressas, não tem vistas theoricas; é um producto artificial e diplomatico. O tom geral é dythirambico, e, entre outros, os exageros sobre o merecimento de seu principal inspirador, Domingos de Magalhães, nos provocam hoje o riso. As obras de Bouterwek, Sismondi, Ferdinand Denis e Garrett, escriptas especialmente sobre a litteratura portugueza, são muito lacunosas no que respeita ao Brazil.

Os escriptores portuguezes, atraz citados, acham-se no mesmissimo caso, e os brazileiros, comquanto mais conhecedores do assumpto, só quizeram escrever quadros isolados e só trataram de alguns typos destacados. E' inutil analysar um por um estes ultimos, cujos meritos e defeitos serão estudados no decorrer deste trabalho.

Ser-nos-á licito, como o tem sido a outros, falar de nós mesmo? Si o é, diremos simplesmente que o nosso desejo supremo no terreno da critica, desejo que nunca pudemos traduzir em facto, fôra sempre escrever uma historia da litteratura brasileira. Depois de algumas indagações preliminares, reconhecemos a quasi invencivel difficuldade de levar a effeito o almejado intento. Era isto explicavel nas provincias, onde não podiamos ter á mão as obras de todos os escriptores nacionaes que tinhamos a obrigação de lêr e meditar. Resolvemos então concentrar-nos neste seculo e proceder por monographias destacadas, sob o titulo geral de *Apontamentos para a historia da litteratura brasileira no seculo XIX*. Destes trabalhos tem apparecido até agora os quatro seguintes:—*A philosophia no Brazil* (1878), *A litteratura brasileira e a critica moderna* (1880), *A poesia popular no Brazil*, na *Revista Brasileira* (1879—80) e *Um anno de lidas brasileiras (critica parlamentar)*, no *Reporter* (1879). Taes publicações, urge confessal-o plenamente, estão, por sua natureza, bem longe de conter uma historia de nossa litteratura. Ainda agora, além de tudo, reconhecemos a impossibilidade de realizar o velho anhelos, e o que hoje vimos offerecer ao publico não passa de uma especie de generalização, alguma cousa que se pôde chamar uma *introdução* à historia da vida intellectual brasileira. Exporemos desde logo o espirito geral deste livro. Empreendemos, declaramol-o de principio, a nossa historia litteraria com uma these preconcebida. Pode ser um mal; mas é necessario; havemos mister de tentamens destes para explicar o spectaculo da vida nacional.

A historia do Brazil, como deve hoje ser comprehendida, não é, conforme se julgava antigamente e era repetido pelos entusiastas lusos, a historia exclusiva dos portuguezes na America. Não é tambem, como o quiz de passagem suppôr o romanticismo, a historia dos tupis, ou, segundo o sonho de alguns representantes do africanismo entre nós, a dos negros em o Novo Mundo.

E' antes a historia da formação de um typo novo pela acção de cinco factores, formação sextiaria em que predomina

a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéas. Os operarios deste facto inicial hão sido: o portuguez, o negro, o indio, o meio physico e a imitação estrangeira.

Tudo quanto ha contribuido para a differenciação nacional, deve ser estudado, e a medida do merito dos escriptores é esse criterio novo.

Tanto mais um autor ou um politico tenha trabalhado para a determinação de nosso character nacional, quanto maior é o seu merecimento. Quem tiver sido um mero imitador portuguez, não teve acção, foi um typo negativo.

Faltam-nos os elementos para fazer um quadro vivaz e palpitante da vida intima dos autores brasileiros. Os tempos passados são como mortos; falta-nos a nota viva. O habito das *memorias* e *correspondencias* não tem sido até hoje seguido no Brazil. Dahi uma lacuna. « Ha dois modos, disse muito bem Edmond Scherer, de escrever a historia litteraria: pôde-se pender para as considerações geraes, referir os effeitos ás suas causas, distinguir, classificar. Mas pôde-se tambem tomar por alvo o reviver este mundo de poetas e escriptores do meio que tão grandes cousas produziu, procurar surprender estes homens em sua vida de todo o dia, desenhar-lhes a physionomia, recolher as picantes anedotas a seu respeito, e é forçoso declarar que esta segunda maneira de escrever a historia litteraria encerra muito attractivo. E' talvez mais realmente instructiva do que a primeira. Esta faz comprehender o encadeamento dos *factos*, a segunda faz conhecer os *homens*. E o que ha no mundo que nos interesse mais do que nossos caros semelhantes, e entre estes mais do que aquelles cujas obras nos encantam ainda, passados duzentos ou trezentos annos? Quanto a mim, daria todas as philosophias da arte e da historia por simples bagatellas e pilherias litterarias ou anedoticas, por um volume de Boswell ou de Saint-Simon.»¹

¹ *Etudes Critiques de Littérature*, pag. 275, Paris, 1876.

Tudo isto é certo e nós daríamos também por uma *historia à la Saint-Simon* da litteratura brazileira quantos volumes pudesseamos escrever de vistas geraes sobre-ella. Ha, porém, uma circumstancia que nos vem justificar na escolha que fazemos do primeiro dos dois methodos descriptos por Scherer, e vem a ser : não existem documentos para fazer-se a *historia intima, pinturesca, viva e anecdotica* dos escriptores do Brazil.

Accresce também que o encanto que encontramos neste ultimo genero de *historia litteraria*, proveniente de um conhecimento mais familiar do viver dos homens, não consiste especialmente no desvendamento de um ou outro segredo, na pratica de uma ou outra singularidade, na convivencia de uma ou outra anecdota. Tudo seria esteril, si não nos deixasse meios de elevar-nos a vistas mais amplas e concernentes á humanidade em geral.

O conhecimento que se busca, ao surprender os actos mais intimos de um escriptor, deve sempre visar uma maior comprehensão de sua individualidade e das relações desta com o seu paiz e das deste com a humanidade.

Um conhecimento que se não generaliza, fica improficuo e esteril, e, assim, a *historia pinturesca* deve levar-nos á *historia philosophica e naturalista*.

Neste terreno buscará permanecer este livro, por mais lacunoso que elle possa vir a ser. Seu fito é encontrar as leis que presidiram e continuam a determinar a formação do genio, do espirito, do character do povo brazileiro.

Para tanto é antes de tudo mister mostrar as relações de nossa vida intellectual com a *historia politica, social e economica* da nação : será preciso deixar vêr como o descobridor, o colonizador, o implantador da nova ordem de cousas, o portuguez em summa, foi-se transformando ao contacto do indio, do negro, da natureza americana, e como, ajudado por tudo isso e pelo concurso de idéas estrangeiras, se foi aparelhando o *brazileiro*, tal qual elle é desde já e ainda mais caracteristico se tornará no futuro.

Uma difficuldade se nos antolha, ao pômos o pé á entrada deste terreno. E' sabido que muitos escriptores brazileiros dos

tempos coloniaes transportaram-se em moços, ou em crianças, para a metropole e de lá não voltaram mais. Deve ser contemplado na historia da litteratura brazileira um Antonio José, por exemplo, que do Brazil só teve o nascimento? Por outro lado, portuguezes houve que, mūdados para a America, aqui ficaram e desenvolveram-se. Devem ser contados entre os nossos autores um José de Anchieta e um Antonio Gonzaga? Não trepidamos em incluil-os no numero dos nossos; os primeiros, porque beberam no berço esse *quid* indefinido que imprime o cunho nacional, e porque suas obras, de torna-viagem recebidas com sympathia, vieram aqui influir; os segundos, porque, transformados ao meio americano, viveram delle e para elle.

Mas não fica ahi : muitos escriptores portuguezes, especialmente autores de chronicas, que permaneceram entre nós e escreveram obras sobre o Brazil, deverão ser contemplados? E' o caso de Pero Vaz de Caminha, Gandavo, Fernão Cardim, Gabriel Soares, Simão de Vasconcellos, Simão Estacio da Silveira, Ayres do Casal e outros. Assim como não devem ser considerados escriptores portuguezes alguns brazileiros que no reino residiram temporariamente, como José Bonifacio ou Porto Alegre, tambem não podemos contemplar os portuguezes citados em o numero dos nossos autores. Seria um redondissimo absurdo, que nos levaria a contar tambem como brazileiros Hans-Staden, Thevet, João de Lery, Claudio Abbeville, Ivo de Evreux, Marcgrav, Laet, Piso, Barlaeus, Lamartinière e muitos mais. Seriam tambem nossos, por tal methodo, Spix, Martius, Neuwied, Langsdorff, Saint-Hilaire, Castelneau, Hartt, George-Gardner, Vapaeus, Expylli, Jacques Arago, D'Assier, Agassiz e o proprio Darwin.

Só contemplaremos, portanto, como nossos os nascidos no Brazil, quer tenham saído, quer não, e os filhos de Portugal, que no Brazil viveram longamente, lutaram e morreram por nós, como Anchieta e Gonzaga nos tempos coloniaes, e, como politicos nos tempos modernos, Clemente Pereira e Limpo de Abreu. Todos estes tiveram do reino só o berço, sua vida foi brazileira e pelos brazileiros.

Em nossa rápida excursão só nos deteremos ante os talentos de mérito que são engrandecidos do aparelho da crítica e justificam-se à luz do nosso methodo.

Não tratar-se-á de saber qual foi o primeiro brasileiro que escreveu uma poesia ou um livro e outras tantas questões impertinentes e ociosas.

Nada teremos que vêr com alguns padres e frades vadios que mataram o tempo a escrever versos *latinos*, ou a publicar semsaborias em Roma. São homens que nunca viveram na consciencia da patria, não foram forças vivas ao nosso serviço. Foram ociosos na vida e sel-o-ão sempre na morte e no esquecimento. Não merecem uma justificativa e resurreição historica.

Pretendemos escrever uma introdução *naturalista* á historia da litteratura brasileira. Munidos do criterio popular e ethnico para explicar o nosso caracter nacional, não esqueceremos o criterio positivo e evolucionista da nova philosophia social quando tratarmos de notar as relações do Brazil com a humanidade em geral.

Não pesamos ainda muito, por certo, no todo da evolução universal do homem; ainda não demos um impulso nosso á direcção geral das idéas; mas um povo que se forma não deve só pedir lições aos outros. Deve procurar ser-lhes tambem um exemplo. Veremos em que consiste nossa pequenez e o que deveramos fazer para ser grandes.

Esta rápida *Introdução* contém duas partes bem distinctas; nos seis primeiros capitulos indicam-se os elementos de uma historia natural de nossas letras; estudam-se as condições de nosso *determinismo* litterario, as applicações da geologia e da biologia ás letras.

Nos demais capitulos fazemos a traços largos o resumo historico das quatro grandes phases de nossa litteratura: *periodo de formação* (1500—1750); *periodo de desenvolvimento autonomico* (1750—1822), *periodo de transformação romantica* (1822—1870) e *periodo de reacção positiva* (de 1870 em diante).

A primeira época se abre com a descoberta do paiz, passa pela invasão hollandeza, pelos *Palmares*, pelos *Emboabas* e *Mascates* e chega aos meados do seculo passado.

A segunda, com a descoberta das *minas*, mostra-nos certo impulso autonomico do paiz dentro dos limites de suas forças e tradições ethnicas. A terceira, que principia com o romantismo politico de Constant no tempo de nossa Independencia, constitue uma phase de decadencia, pelo esquecimento de nossas tradições populares, e uma imitação soffrega e desordenada, do *francezismo*, decadencia só contrabalancada pelo facto de deixarmos totalmente ou quasi a submissão portugueza. A quarta phase é a da reacção positiva e naturalista, em que buscamos de novo nossas tradições á luz das idéas realistas, procurando harmonisar umas com outras.

Tal é a divisão natural de nossa historia litteraria. Quanto á divisão de Wolf, pedida de empréstimo ao autor das *Modulações poeticas*, não repousa plenamente nos factos, é toda exterior e grandemente phantastica.

Si é certo que as phases de uma litteratura não se determinam com a mesma segurança com que os velhos chronistas marcavam o nascimento e a morte dos reis, seus protectores, e si as datas que indicamos não tem esse rigor mesquinho, servem bem para indicar os grandes marcos de nossa evolução mental. Os annos de 1500 e 1750, que encerram o primeiro periodo, justificam-se, aquelle, porque dahi partiu o conhecimento do paiz; o outro, porque na ultima metade do seculo passado, alterando-se o nosso systema colonial e economico, preparou-se a grande *escola mineira*, unico periodo brilhante e original de nossa poesia.

A data de 1822, que o fecha, si não marca uma época litteraria no estreito sentido, designa-o no lato; porque determina a erupção do romantismo politico, que nos invadiu antes do romantismo poetico.

Constant precedeu Lamartine na Europa e aqui; a evolução litteraria seguiu-se, como sempre, á politica.

Quanto a 1870, que abre a quarta e ultima phase, póde determinar-se que o romantismo começou a receber os primeiros e mais rudes golpes a datar desse tempo.

O positivismo philosophico francez, o realismo litterario da mesma procedencia, a critica realista allemã e o transformismo

darwiniano começaram a espalhar-se em alguns círculos academicos, e uma certa mutação foi-se operando na intuição corrente. Nós vimos os factos e combatemos também, e por isso conhecemos muito directamente os primeiros documentos nacionaes deste ultimo periodo. Foram uns artigos apparecidos na *Regeneração* (Recife — 1868), que motivaram renhida polemica; depois outros artigos da mesma penna no *Correio Pernambucano* (Recife— 1869).

De então em diante o movimento accentuou-se mais na *Crença* e no *Americanos* (Recife—1870-1871) e em quasi todos os jornaes academicos e litterarios daquella capital, nomeadamente no *Movimento* (1872), no *Trabalho* (1873) e no *Signal dos Tempos* (1874). Todos os annos crescia o numero dos combatentes; foram elles os primeiros que no Brazil promoveram a reacção seguida e forte contra o velho romantismo theologico e metaphysico.

Cumpre-nos declarar, por ultimo, que em nossa divisão não nos guiamos exclusivamente pelos factos litterarios; porque para nós a expressão *litteratura* tem a amplitude que lhe dão os criticos e historiadores allemães. Comprehende todas as manifestações da intelligencia de um povo:— politica, economia, artes, creações populares, sciencias. e não, como era de costume suppôr-se no Brazil, sómente as intitulas *bellas-lettras*, que afinal cifravam-se exclusivamente na poesia! ..

CAPITULO I

A nação brasileira como producto historico
e grupo ethnographico

E' incontestavel a tendencia moderna para reduzir as chamadas sciencias moraes a um capitulo da historia natural. Depois que o homem deixou de ser o centro e a medida das cousas, depois que se lhe marcou o genuino logar na creação, o modo de tratar a historia e os outros ramos scientificos, que se lhe prendem, soffreu uma alteração radical.

A antiga maneira de fazer a critica litteraria fundada nas regras *eternas* do *bom gosto*, modificou-se de uma vez e foi obrigada a aceitar a *relatividade* de seus conceitos.

Desde Buckle e Gervinus, começou-se a estudar a acção dos differentes *meios* sobre os diversos povos; desde Taine e Renan, admittiu-se, além disso, o influxo divergente das *raças* nas creações religiosas e artisticas.

Antes destes escriptores essa intuição era existente; elles a tornaram classica e vulgar.

Começaram a apparecer então os exageros, e os dilettantes litterarios não tiraram mais da boca as palavras *meio* e *raça* !... Sobre a antiga rhetorica fundou-se uma outra com

seus termos mysticos e sagrados. Improvisaram-se theorias phantasticas sobre povos de formação recente, e, entre outros, Portugal, por exemplo, teve sua *raça* peculiar nos *mosarabes* e seu *meio* absolutamente distincto do resto das *Hespanhas* pela visinhança do *mar*, que não é, por certo, uma excepção portugueza.

Entretanto, os factos ali estão para impôr-nos grande reserva: de um lado, a verdade inconcussa de que as velhas raças pre-historicas nos são quasi desconhecidas e de que as raças historicas, como as dos aryanos, semitas e turannos, desde a mais remota antiguidade, tem vivido no mais completo cruzamento e quasi fundidas. O criterio para a sua separação é puramente linguistico, e a linguistica é um criterio bem fraco em ethnographia, especialmente entre os povos modernos e recentissimos, resultantes da fusão de muitas raças.

Por outro lado, o estudo da mesologia começa apenas a esboçar-se e ainda não sabemos totalmente como os *meios* modificam os povos. Tudo isto é certo e o é tambem que estes, por sua parte, reagem contra aquelles. O meio não funda uma raça; pôde modificá-la e nada mais. Devemos, neste assumpto, contar com o *factor humano*, isto é, com uma força viva prestes a reagir contra todas as pressões por meio da cultura.

Não contesto a acção dos meios e das raças, que é um achado definitivo d'or'avante na sciencia. ¹ Impouho-me somente algum cuidado no mauejo de meu assumpto:—a litteratura patria.

O povo brasileiro é um grupo ethnico estreme, caracteristico, ou é apenas uma formação historica? Nem uma nem outra cousa, respondo resolutamente.

Não é um grupo ethnico definitivo; porque é um resultado, pouco determinado, de trez raças diversas, que ainda acampam separadas ao lado uma da outra.

¹ -- Nem o podia fazer, quando fui dos primeiros a marcar-a em nossas letras na *Litteratura brasileira e a critica moderna*.

Não é uma formação historica, uma raça sociologica, repetindo a palavra de Laffitte, porque ainda não temos uma feição caracteristica e original. Temos, porém, os elementos indispensaveis para tomarmos uma face ethnica e uma maior cohesão historica.

Quando se trata de caracterisar a nação brazileira, é claro que não deve ser no ar, phantasticamente, e sim em relação ao povo de que ella descende e diante daquelles que a cercam. Si o povo portuguez não se distingue ethnologicamente do hespanhol, nós temos elementos para separarmo-nos consideravelmente do nosso ascendente europeu e dos povos visinhos que nos cercam.

A raça aryanã, reunindo-se aqui a duas outras totalmente diversas, contribuiu para a formação de uma *sub-raça* mestiça e creoula, distincta da européa. A introduccão do elemento negro, não existente na mór parte das republicas hespanholas, habilita-nos, por outro lado, a afastar-nos destas de um modo bem positivo.

As condições especiaes de nossa geographia vem tambem em nosso auxilio. Não é tudo; uma circumstancia, por assim dizer, pre-historica e de que não se tem medido todo o alcance, apparece para auxiliar a caracteristica do povo brazileiro. A familia indigena, que occupava esta porção da America, não se confundia com qualquer outra. Os *brazilio-guarany*s povoavam justamente esta parte do continente, onde se vieram estabelecer o negro e o portuguez!

Este facto concorre para separar-nos ainda mais das gentes hispano-americanas, que, além de não possuirem o elemento africano, tiveram um vasto cruzamento indigena de todo diverso do selvagem do Brazil. A' vista deste facto, deprehende-se por si mesmo que toda a margem esquerda do Paraguay e do Paraná é genuinamente brazileira pela origem primitiva de seus habitantes, e seria hoje uma parte do imperio, si o não tivesse obstado a fraqueza ou a inepecia do governo portuguez.

O povo brazileiro, como hoje se nos apresenta, si não constitue uma só raça compacta e distincta, tem elementos para accentuar-se com força e tomar um ascendente original nos

tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de representar na America um grande destino cultur-historico.

Dentro dos limites de uma só familia humana, ramos diversos podem offerecer tendencias e aptidões diversas. Os francezes, italianoseallemaes pertencem ao mesmo grupo aryano, e que diversidade de manifestações mentaes!.. No Brazil a tendencia á differenciação pôde ser ainda maior do que entre aquelles povos, si circumstancias anomalias e retardatorias não vierem interpôr-se ao nosso desenvolvimento, como é muito para temer

Concerrando o assumpto deste capitulo e respondendo á questão que elle contém, em poucas palavras, direi:

A estatistica mostra que o povo brasileiro compõe-se actualmente de brancos aryanos, indios guaranys, negros do grupo bantú e mestiços destas trez raças, orçando os ultimos talvez por metade da população. O seu numero tende a augmentar, ao passo que os indios e negros tendem a diminuir. Desapparecerão num futuro não muito remoto, consumidos na luta que lhes movem os outros ou desfigurados pelo cruzamento.

O mestiço, que é a genuina formação historica brasileira, ficará só diante do branco puro, com o qual se ha de confundir.

Não é phantasia: calculavam-se em milhões os indios do Brazil; hoje onde estão elles? Reduzidos a alguns milhares nos remotissimos sertões do paiz.

Computam-se tambem em milhões os negros arrancados d'Africa pela cobiça dos brancos, e hoje não excedem elles talvez a um milhão.

As pestes e as guerras fizeram aos indigenas o que os trabalhos forçados fizeram aos africanos. As selvas não estão mais povoadas de caboclos, para serem caçados pelas *bandeiras*; os portos d'Africa estão fechados aos navios *negreiros*.

A consequencia é facil de tirar: o branco, o autor inconsciente de tanta desgraça, tirou o que pôde de vermelhos e negros e atirou-os fóra como cousas inuteis. Foi sempre ajudado neste empenho pelo *mestiço*, seu filho e seu auxiliar, que

um dia acabará por supplantal-o, tomando-lhe a côr e a preponderancia.

Sabe-se que na mestiçagem a selecção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer a fôrma superior do branco. E' conhecida, por isso, a proverbial tendencia do pardo, do mulato em geral, a fazer-se passar por branco, quando sua côr pôde illudir.

Quasi não temos mais familias estrememente aryanas; os *brancos presumidos* abundam. Dentro de dois ou trez seculos a fusão ethnica estará talvez completa e o brasileiro mestiço bem caracterizado.

Os mananciaes negro e caboclo estão estancados, ao passo que a immigração portugueza perdura e a ella veio juntar-se a italiana e allemã. O futuro povo brasileiro será uma mescla africo-indiana e latino-germanica, provavelmente, si perdurar, como é possível, a immigração allemã.

Ouçamos um homem pratico, o Dr. Hermann Rentschler: «Nos Estados Unidos, onde havia mais indios e negros do que no Brazil, a experiencia tem demonstrado que no decorrer do tempo o *indio* e o *negro* desapareceram em contacto com o branco. O Brazil não deve contar seriamente com os indios e negros como elementos de uma civilização futura, ainda que estenda até elles os beneficios do ensino primario. As futuras gerações do Brazil, si fôr aproveitada a colonisação allemã, constituirão um povo mixto de brasileiros propriamente ditos, portuguezes e allemães. Os descendentes do novo povo mixto serão superiores a seus antecessores, portuguezes e allemães, como elemento de colonisação. Transportemo-nos, em espirito, ao futuro do Brazil: ahi veremos um *povo mixto*, mais apto e capaz do que seus progenitores para a cultura das terras, porque serão habituaços desde o nascimento ao clima e á vida do paiz. Uma *nacionalidade* não é um facto primeiro, que surja num dia certo do fundo tenebroso da historia. Segundo o pensar de um notavel ethnologo, é ao contrario o resultado de uma grande quantidade de combinações, de fusões, de eliminações e de associações de toda a especie. Uma vez formada, ella constitue um quadro imdestructivel que se impõe

aos elementos novos que se lhes vem juntar ; mas a unidade, nisto como no mais, é um termo e não um principio original.»¹

Estes factos ficariam sem vigôr para a historia litteraria, si, a par do cruzamento physico, não se dêsse tambem o das idéas. A união neste solo de povos em tão variados estadios da intelligencia influiu na psychologia do povo brasileiro. Os negros para aqui transportados estavam, ao que supponho por factos, no momento primeiro do fetichismo, phase primordial da idade theologica, segundo Augusto Comte, a quem sigo neste ponto.

Os indios achavam-se no periodo da astrolatria, momento mais adiantado do estado fetichista.

Os portuguezes eram monotheistas, ultimo momento do theologismo ; mas tinham grandes residuos da época anterior: o polytheismo.

Dahi uma grande confusão no todo das crenças e tradições brazileiras, que encerram dados contradictorios de todas as phases do pensamento.

Somos um povo de formação recente ; não temos, pois, vastas e largas tradições populares. Negros e indios pouco puderam fornecer, e os portuguezes já tinham, com a Renascença, esquecido em parte as tradições da idade média, quando o inconsciente das cousas os atirou ás nossas plagas. Dahi o estado fragmentario de nossa litteratura popular.

¹ Contribuição para a Psychologia Comparada dos Povos. pag. 8; 1890.

² Vide *Ethnologia selvagem* pelo autor.

CAPITULO II

O meio. — Physiologia do Brasileiro

« Os climas quentes, diz Michel Lévy, estendem-se entre os tropicos, e desde os tropicos até os grãos 30 e 35 de latitude austral e boreal. » (1) Por esta classificação o Brazil fica todo contido na categoria dos climas quentes.

Entretanto, a configuração topographica e geologica do paiz não permite que se o tome como um corpo bruto, confuso, indistincto, marcado por uma só caracteristica mesologica.

As palavras do hygienista francez abrem aqui margem para uma excepção. O Brazil offerece nada menos de duas zonas climatericas diferentes:— a quente, que se estende da sua fronteira norte até o tropico de capricornio, e a fresca das terras ao sul do tropico, a que se podem ligar os terrenos altos das

1. *Traité d'Hygiène*, 1.^o vol. pag. 405.

provincias immediatamente proximas. E' um erro grosseiro confundir cousas tão distinctas. E' certo que a mór parte do paiz, o verdadeiro Brazil, está contido na zona torrida, que comprehende quasi todas as terras baixas do littoral, de um clima quente e humido, e as altas dos sertões do norte, de clima quente e sêco, desde a fronteira septentrional até á provincia de S. Paulo. Só uma pequena parte desta ultima, e as trez provincias meridionaes do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul ficam além do tropico e gozam de um clima suave. Sabe-se que a Serra do Mar nestas ultimas regiões aproxima-se do littoral, offerecendo para o interior uma vasta lombada de terrenos altos de um clima quasi europeu.

Além disto as terras elevadas dos platós do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, si não tem a frescura das regiões meridionaes, não se podem confundir com as terras quentes do centro e do littoral do norte. Constituem um clima temperado e ameno.

Estabelecida esta redução, que faço ás palavras de Levy, tratemos do Brazil como de um paiz tropical. Não temos estudos regulares sobre a mesologia brazileira.

Os trabalhos nacionaes e estrangeiros são quasi infructiferos neste ponto ; desde os idyllios de Simão de Vasconcellos e Rocha Pitta sobre a pureza e suavidade do céu e do ar deste supposto *paraiso terreal*, até as objurgatorias do inglez Buckle contra este *inferno do mundo*, quasi só deparamos declamações e futilidades, sempre contradictorias. Certos autores europeus, acostumados a tratar dos climas inhospitos das colonias que suas nações possuem na zona torrida da Africa, Asia e Oceania, falando do Brazil, são levados, sem mais exame, a applicar-lhe o que só é verdadeiro daquellas regiões. A zona tropical se lhes afigura constantemente o paiz dos furacões, dos terremotos medonhos, dos cataclismos impossiveis, dos volcões que bombardeam o ar, do siroco, do simun, do chamsin, dos temporaes homericos, do cahos em summa. Ora, pois ; nada disto tenho eu visto no Brazil ! A região tropical é na America muito mais suave do que no velho mundo.

Os nossos ventos alizios não nos atiram no despenhadeiro d' aguas, como a Buckle quiz parecer (1). Os geographos de gabinete expõem-se a illusões deste genero. O corpo do Brazil forma uma especie de vasto triangulo irregular, comprehendendo zonas diversas, com duas grandes bacias hydrographicas :— a do Amazonas e a do Paraná, com innumerous affluentes, que, com outras bacias secundarias, cortam o paiz, do norte ao sul, ou de oeste a léste. A zona quente admittê uma divisão geral :— a) as terras mais ou menos pantanosas das costas, as do grandê valle do Amazonas e do Paraguaçu, onde reinam as molestias hepaticas e as febres palustres ; b) a região sertaneja, comprehendendo todo o interior norte do paiz, o theatro das sêcas. A região fresca tambem soffrê uma divisão :— a) as trez provincias meridionaes, onde vagueia o *minimo* frio e rispido; b) as terras altas das provincias intermedias — de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas, região que não tem o calor e a uberdade do norte, nem a esterilidade relativa de terrenos do extremo sul. As notas predominantes no clima do paiz são, pois, o calor e a humidade, com todo o seu cortejo formado pelo impaludismo. Dahi um certo abatimento intellectual, uma superficialidade inquieta, uma irritabilidade, um nevrosismo, um hepatismo que se revela nas letras.— o que tudo não degenera em delirio ; porque o exterior do paiz é risonho, as montanhas reduzidas e poeticas, e não collossaes e phantasticas como na India, por exemplo. Demos a palavra a um especialista : « Os habitantes dos climas equatoriaes experimentam desde o nascer os effeitos do calor. Experimentam nos sem interrupção até a morte : sua organização, composta de elementos de uma hereditariedade especial, é a expressão mais verdadeira e completa do poder desse agente ; ella carrega o sello da acção solar como todos os productos da natureza que a cêrca. O calor exalta os orgãos da periphèria e determina um movimento centrifugo :— exageração habitual das funcções exteriores, relaxamento das funcções centraes. tal o rithmo dos indigenas da zona torrida.

1 Vide na *Poesia popular no Brazil*, cap. II, a refutação aos erros de Buckle.

O calor arido contráe, encrespa, irrita seus tecidos cutaneos ; o calor humido os distende pelo suor e muitas vezes pelas erupções ; num caso e noutro, os fluidos são levados para debaixo da pelle, que perde a côr e adquire um alto grau de sensibilidade ; os orgãos que sympathisam directamente com a pelle recebem um igual impulso, especialmente os sentidos e o aparelho genital. A sobrexitação cutanea tem como consequencia a depressão vital das mucosas ; as forças digestivas languescem ; a elaboração do chylo é incompleta ; o sangue, fornecido além disso por uma alimentação pouco substancial, fica seroso e pouco estimulante ; levado aos pulmões cuja actividade está diminuida, não se arterialisa tão completamente como nos climas frios, onde a respiração é mais energica.

« O Dr. Copeland notou que nos paizes quentes escapa-se uma porção menor de acido carbonico pelas vias respiratorias ; o carbono predomina, então, nos fluidos organicos, que não tem plasticidade, e vae fixar-se no pigmento, cuja formação tende a augmentar. A economia ficaria sobrecarregada desse principio contrario á vida, si o não expulsasse em parte pela pelle e pelo figado, que se anima com uma actividade supplementar á do pulmão ; o carbono, que esta viscera não elimina sob a fórma de acido carbonico, o figado se encarrega de evacual-o, debaixo da fórma de bilis, pelo tubo digestivo. Em todas as épocas da vida, desde o estado embryonario, observa-se este antagonismo entre o figado e o pulmão ; ligados por uma relação inversa de desenvolvimento e actividade, logo que um destes orgãos se enfraquece, o outro se exalta ; o clima nisto opéra como a idade e as molestias : crêa idiosyncrasias especiaes, e amortece as que dantes existiam.

« A transpiração cutanea, a secreção da bilis, a deposição mais copiosa do pigmento são o triplice trabalho, que domina a physiologia dos paizes quentes ; a pelle e o figado são os orgãos mais vivos e sobre elles se dirige mais frequentemente a imminencia morbida. Ahi a fórma mais ordinaria da saude não será, pois, o temperamento sanguineo que mostra uma chylicação e uma hematose perfectas ; manifestam-se como

typo mais generico os caracteres do predomínio bilioso, os signaes de uma verdadeira saturação de carbono, combinados com os do temperamento lymphatico e os do nervoso.

« A constituição dos indigenas testemunha a influencia enervadora do clima : todos os observadores assignalam nelles o contraste da fraqueza radical, do relachamento dos tecidos, da indolencia e da apathia, com a exaltação do systema nervoso, o fogo das paixões, os borbotões desordenados de actividade phísica e moral. O enfraquecimento geral destas raças é tambem favorecido pela natureza do regimen alimenticio, pouco reparador no fundo, apesar dos condimentos incendiarios com que se esforçam para despertar a inercia de seus orgãos digestivos enfraquecidos pelos excessos venereos, que commettem pelo estimulo especial do clima, pelas desordens de toda a especie a que os levam sua luxuria natural, a ociosidade e o despudor dos costumes.

« A affecção dominante nestes climas na estação sêca, é uma febre continua remittente, acompanhada de congestões rapidas que se operam, já no encephalo ou nas meninges, já no tubo digestivo e annexos. Com esta affecção coincidem as molestias locaes, febris ou apyreticas: o calor sêco dispõe para as hyperemias cerebraes, as meningites, as encephalites, as apoplexias. O brilho da reverberação solar provoca ophthalmias; a pelle, sêde de uma estimulação constante, se cobre de erupções diversas. Os aparelhos digestivo e biliar se irritam por seu lado, directamente ou por sympathia: as colites, as dysenterias, as hepatites, mostram-se em multidão, cercadas de febre violenta, ordinariamente de natureza palustre, que não custa a imprimir seu cunho particular em todas estas phlegmasias; até as febres traumaticas revestem-se deste typo especial.

« A estação humida vem acabar, por sua acção dissolvente, a prostração da economia, gasta pela sobreexcitação produzida pelos calores da estação precedente. As primeiras chuvas que refrescam a terra resequida fermentam a camada de detritos organicos que a cobrem; logo depois a superficie do sólo se enche de lamas e humidades fetidas, e sobre toda a extensão

da zona torrida operam-se emanações deletérias, maxime nas costas cobertas de mangues e pantanos, nos terrenos baixos e nas terras cobertas de mato: apparecem então as endemias de febres intermittentes e remittentes, seguidas ou complicadas com hepatite, dysenteria, ou cholera-morbus; as lesões locais apresentam maior propensão para a suppuração e a gangrena.

« Ao passo que a febre da estação sêca se faz notar pela perseverança da sobreexcitação inicial até o momento da catastrophe, a da estação humida começa por symptomas de abatimento, e acompanha-se de uma prostração que progride com a decomposição dos fluidos organicos; por isso foi chamada febre biliosa putrida por muitos observadores dos paizes quentes. » ¹

E' a descripção mais ou menos exacta do Brazil. Temos uma população morbida, de vida curta, achacada e pezarosa em sua mór parte. E que relação tem isto com a litteratura brazileira? Toda. E' o que explica a precocidade de nossos talentos, sua extenuação prompta, a facilidade que temos em aprender e a superficialidade de nossas faculdades inventivas.

O trabalho intellectual é no Brazil um martyrio; por isso pouco produzimos; cedo nos cançamos, envelhecemos e morremos depressa.

A nação precisa mais de um regimen dietetico cuidado e caprichoso do que mesmo de um bom regimen politico. O brazileiro é um ser desequilibrado, ferido nas fontes da vida; mais apto para queixar-se do que para inventar, mais contemplativo do que pensador; mais lyrista, mais amigo de sonhos e palavras retumbantes do que de idéas scientificas e positivas. Não temos philosophia, nem sciencia, nem a grande poesia impessoal de um Shakspeare, ou de um Goethe. Temos o palavreado da carolice, de um lado, e, de outro, a mystica ridicula do espiritismo enfermo e fanatico; na poesia, o lyrismo subjectivista, morbido, inconsistente, vaporoso, nullo.

¹ Lévy Ibid. pags. 490 a 492.

A nação não ama de frente a natureza, nem se une a ella pela sciencia, ou pela arte. Os moços quasi nunca tem uma inspiração sua, nacional, brasileira; não neutralizam a fraqueza original de nosso espirito pelo regimen sadio da sciencia, pelo estudo serio e pela hygiene do corpo. Não conhecem os segredos do pensamento original e autonomico, nem procuram casar suas idéas aos arroubos de nossa natureza. Os litteratos preferem desconhecer o paiz e o povo, sequestrar-se d'alma nacional e viver enclaustrados nas cidades, entregues ao sonho polucional de umas scismas rachiticas; abandonados, segundo a phrase graphica de um escriptor europeu, a uma especie de extravasamento, de *onanismo* intellectual. O rapaz aos vinte annos, entre nós, quasi sempre está viciado e aos trinta é velho de corpo e de espirito.

E' a razão de toda essa galeria patria, merencoria e sombria de tísicos e hystericos, mortos antes dos trinta annos, onde estão Azevedo, Casimiro de Abreu, Varella, Castro Alves, Junqueira Freire, Macedo Junior, Dutra e Mello, Franca de Sá, e muitos e muitos outros, extenuados ao sol da patria, é certo; mas tambem desorientados pelas chimeras de uma educação misanthropica e prejudicial.

Todos estes moços são um mau exemplo para nós os de hoje; havemos mister de typos mais varonis, de lutadores mais valentes.

O grande prestigio da sciencia e industria modernas está no poder de neutralizar as influencias deprimentes do mundo exterior. Compenetremo-nos disto; lancemos mão de todos os seus recursos; tenhamos a educação do real, a hygiene experimental do espirito. Neste ponto parece que vamos retrogradando. A geração dos homens vigorosos vae se acabando, como se vão acabando as nossas matas; temos hoje em paga o beriberi, a febre amarella, e um descredito cada vez mais crescente aos olhos do estrangeiro.

A acção do meio physico na sociologia e na litteratura pôde-se determinar pelo clima, pelo aspecto geologico e topographico do paiz, pela alimentação do povo. Quanto a esta, consistente entre nós, pela mór parte, em feculas e legumes, é pouco nu-

triente e incapaz de avigorar um povo sadio. Faz-se excepção talvez para os sertanejos das zonas pastoris do norte e do Rio Grande do Sul que, em regra, são vigorosos. Os habitantes das matas e das praias são de ordinario anemicos e enfraquecidos.

O clima está quasi nas condições da descripção de Michel Lévy, que ficou transcripta. Resta o aspecto geral da natureza. Si a acção das duas outras forças é mais poderosa, como agente statico, a da ultima é uma lei de evolução, de renovamento, de adaptação cenogenetica. Por este lado, a **physionomia** geral do Brazil pôde influir muito sobre a formação de nosso genio particular de nação.

Não temos monstruosidades naturaes, nem desertos como os da Africa e da Arabia, nem savanas e steppes, como as da Russia e da republica Argentina, nem montanhas phantasmagoricas como as do Indostão e do Thibet, nem volcões como os do Mexico e Perú, — o sol de fogo da Australia e o céu nublado do norte da Europa. O nosso céu é brilhante; as tardes e as manhãs limpidas; o todo do paiz é onduloso e colleado de montanhas accessiveis; as costas cheias de anfractuosidades amenas e suaves, onde não estruge um mar atterrador. Si não temos um golpho de Gasconha no mar, não temos tambem o Sahara, os Andes e os Alpes em terra.

As noites são claras e tepidas. Tudo nos convida para as concepções naturalistas, calmas, positivas, serenas, sem nebulosidades. Oxalá a obra dos homens corrija a natureza no que ella aqui tem de máu e desenvolva os bons germens que ella aqui tanto nos prodigaliza.

Si a nossa litteratura, submettida a um exame serio, não justificar este lado bom de nosso meio, será que os agentes maleficos hão só nella influido. Creio, porém, que, por esse lado, tudo não foi em pura perda para nós. O character pratico do portuguez, alliado a raças tropicaes, como a tupy e a africana, não produziu sómente entre nós o typo sensual e debochado da *mulata*, esse fermento de aphrodisismo patrio; produziu tambem aqui e alli uma certa temperança de costumes, uma certa lucidez de espirito, uma intuição prompta e segura, que constitue o melhor titulo de nossas populações

em geral. O brasileiro, em regra, é abstêmio; não perdeu ainda os estímulos do serio, e noto que elle deseja o progresso de sua patria. A litteratura não tem se limitado a chorar e maldizer; de quando em vez tambem temos ouvido o riso franco da jovialidade, e a alegria enthusiastica das crenças firmes e sadias.

Si o clima não creou as raças que constituem nossa população, composta de gentes para aqui emigradas, elle as pôde modificar e modifica effectivamente. Hoje que este factó empirico está descoberto e estudado, cumpre-nos não caminhar às cegas como hordas selvagens. A poesia e a sciencia brasileira tem ahi diante um problema a solver e a dirigir.

A acção do clima tem contribuido para nossa integração nacional; na litteratura ella tem ajudado a effusão sentimental de nosso lyrismo, mais doce, suave e ardente do que o lyrismo portuguez.

Nossa linguagem é mais musical e eloquente; nossa imaginação mais opulenta. Procuremos sair do lyrismo subjectivista e affrontemos vastas concepções. Temos elementos que Portugal não possui: um paiz vasto e rico de um clima mais variado do que o do reino, uma população mais abundante e composta de raças que lá não existem. Não precisamos de phantasiar theorias sobre o meio e o povo para nossa caracteristica.

Temos os factos reaes; é só averigual-os.

O Brazil não é, não pôde mais ser uma cópia de Portugal.

E' mais que tempo de firmarmos nossa completa independencia intellectual. O reino não nos pôde mais ser um modelô; contente-se em copiar a França e deixe-nos ir adiante.

Nesse trabalho lento de differenciação o clima é um alliado nosso. Este bello e esplendente céu da zona torrida, na phrase do velho Ivo d'Evreux, deve ser contado como um agente de tranformações. As actuaes populações do paiz não vivem mais nelle como estrangeiras; afixeram-se ao solo; prendem-se-lhe já por um sem numero de tradições, de habitos, de interesses; a vida brasileira já tem um molde particular, seu, mais ou menos caracterizado. Quem sabe até onde um dia chegará entre

nós a acção do clima? Só os seculos futuros podel-o-ão dizer.

Esse influxo determina-se empiricamente pelos resultados contradictorios a que fracções de uma mesma raça chegaram em regiões diversas. Que distancia entre os aryanos da Italia e da Grecia e os da India ! Aqui o calor produziu todos estes terriveis efeitos eloquentemente assignalados por H. Taine: « O sol da India é terrivel; ninguem o póde supportar com a cabeça descoberta, excepto as populações indigenas de pelle escura. Figurae-vos, debaixo de um céu suffocante, uma raça estrangeira saída de um paiz temperado, ou quasi frio. Os exercicios do corpo tornam-se intoleraveis ; o gosto pelo repouso e pela preguiça começa ; o estomago não tem mais necessidades; os musculos amollecem-se ; os nervos tornam-se excitaveis; a intelligencia sonhadora e contemplativa, e vedes formar-se o povo exquisito que os viajantes nos descrevem hoje :— uma sensibilidade feminina e estremeceadora ; uma delicadeza de percepção extraordinaria ; uma alma situada lá nos confins da loucura, capaz de todos os furores, de todas as fraquezas e de todos os excessos, prompta a desconjuntar-se ao menor choque, vizinha da hallucinação, do extase, da catalepsia ; uma imaginação pullulante, cujos sonhos monstruosos amoldam e torcem o homem como gigantes esmagam um verme. » (1) Eis ahi a que ficou reduzida pelo clima da India a raça mais progressiva e intelligente da terra. Si o nosso céu não é tão despota, não deixa de sel-o tambem até certo ponto. Conjuremos sempre por novas levas de immigrants europeus a extenuação de nosso povo; conjuremol-a por meio de todos os grandes recursos da sciencia. E' esta a lição dos factos.

¹ *Nouveaux Essais de critique et d'histoire*, pag. 324.

CAPITULO III

Raças que constituíram o nosso povo.—O mestiço.

No estudo dos povos que formaram a actual nação brasileira, o primeiro logar deve ser dado ao portuguez.

Não é que elle só por si, como suppuzeram sempre os rhetoricos das velhas crenças lusas, constituisse o nosso presente estado e fosse o factor unico de nossa civilização. Este modo de pensar arbitrario e incorrecto é um dos muitos abusos que devemos atacar de frente. O logar de honra deve ser dado ao portuguez ; porque elle, sem ser o unico, é o principal agente de nossa cultura. Não vejo que seja necessario, neste ponto, impertinenteemente repetir sobre a ethnographia das populações da península hispanica aquillo que sobre ella já, por muitas vezes, tem sido bem dito.

Bastam-nos poucas palavras.

Aceitando a apparição do homem sobre a terra na época terciaria, no periodo do *éocene*, segundo os mais ousados anthropologistas, nada sabemos de positivo sobre os habitantes pré-historicos da península iberica. Somos forçados a admittir alli populações autochthones, que vieram prolongando-se pelos periodos geologicos seguintes: *miocene*, *pliocene*, *post-pliocene*.

Neste ultimo pisamos um terreno mais solido, e factos mais averiguados se nos antolham. Passamos ás idades da pedra lascada e polida, e chegamos á idade dos metaes. Então já muitas immigrações tinham por certo vindo *sobrepôr-se* aos primitivos autochthones, e entramos plenamente na phase quasi historica dos povos precusores dos semitas e aryanos, raças metallurgicas, impropriamente denominadas turanas. Os iberos pertencem a esta familia. Vieram depois os celtas; formaram-se os celtiberos; passaram tambem pela peninsula phenicios e carthaginezes; mais tarde os romanos; e, finalmente, os suevos, os godos e os arabes.

A população da peninsula descende de uma origem variadissima, onde entraram os primitivos indigenas, os turanos, os semitas e os aryanos. As quatro principaes raças humanas estão alli representadas. O portuguez é um resultado complicadissimo da historia; desmembrado, além de tudo, da communhão hespanhola, tem sempre tendido a caracterizar-se à parte. A ousadia de seus marinheiros e o livro dos *Lusiadas* hão sido os mais valentes operarios nessa obra de cenogenese nacional. No seculo mais brilhante de sua historia, veiu até ás nossas plagas tomar aos tupis esta vasta região, onde fundou uma nacionalidade, que deve ser no futuro a representante de suas tradições. Portugal offerece um espectáculo singular na historia: o seculo de sua florescencia foi tambem o seculo de seu desmoronamento. Duzentos annos lhe bastaram para crescer e fortificar-se; em 1500 apresenta-se opulento, trabalha na evolução geral da humanidade; dicta ahi a sua palavra; recolhe-se e cõe. O Brazil não chegou a fruir as vantagens da grandeza de seus paes. Colonizado muito depois de descoberto, quando o seculo já ia em meio, o futuro imperio assistiu bem cedo ao captiveiro da mãe patria. Francezes, inglezes, hollandezes e até hespanhóes disputaram-no. A colonia teve de sustentar grandes lutas para conservar-se fiel à metropole. Estes factos retardaram-lhe a marcha. ¹ Qual era, entretanto, nesse tempo o estado

¹ Vide — *Découverte et Colonisation du Brésil*, por A. Debidour.

intellectual de Portugal?— Muito lisongeiro. Tal deve ser a resposta. Um paiz que tinha Gil Vicente, Camões, Christovam Falcão, João de Barros, Sá de Miranda e Ferreira, atravessava uma phase brilhante do pensamento. Os colonos portuguezes para aqui transportados vinham de posse de uma cultura adiantada. Porque motivo, pois, não dirigiram a colonização mais sabiamente, aproveitando os indios, adaptando-os a si? Duas causas fornecem a explicação do phenomeno: a indole do caboclo, refractaria á cultura, e a impericia do governo da metropole. Sabe-se que de João 3º em diante a nação começou a perder os largos estímulos, o povo a definhar, o jesuitismo e a carolice a erguer o collo.

A Hespanha espreitava de longe, e no momento azado poz a mão sobre a presa.

Não trata-se aqui de escrever a historia exterior do Brazil, sinão de indicar a traços rapidos as primeiras sementes do pensamento nacional.

Concebe-se facilmente que os portuguezes não vieram para o Brazil no primeiro seculo em vastas levas para um territorio exiguo; passaram-se em pequenas porções a estabelecer-se isoladamente num territorio vastissimo. Formaram-se por isso nucleos isolados, quasi incommunicaveis, á vista das difficuldades de relações existentes então no paiz.

S. Vicente, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão foram os principaes centros de população portugueza no Brazil durante mais de duzentos annos.

Dahi um certo character contradictorio entre esses nucleos, que não vieram a formar outras tantas populações distinctas em vida e tradições; porque os colonizadores, oriundos de um paiz exiguo e centralizado, pensavam pelo mesmo molde, é, por um phenomeno singular, as tribus selvagens brazileiras pertenciam a uma só raça e tinham a mesma intuição das cousas.

Os portuguezes; quanto ao seu regimen mental, estavam numa phase monotheica alimentada pelo catholicismo; mas diluida, de um lado, por muitos resquicios fetichistas e, de outro, pela dissolução metaphysica. Era no tempo transitorio

da *Renascença* e da *Reforma*, época de renascimento, de que o velho reino não pôde tirar largos proventos. O regimen theocratico, ajudado pelos jesuitas, amordaçara a nação, que, na America, viu nos indios mais os hereges que deviam ser extirpados do que braços que podiam ser aproveitados.

A consideração de que o jesuita alliou-se ao indio contra o portuguez e o negro, não tem valor contra factos mais geraes. O portuguez na America procedia de acôrdo com suas idéas, com sua intuição do mundo e da humanidade; e um tal modo de pensar era em grande parte de formação theologica e jesuitica. Si os padres da companhia, contradizendo-se, deixavam-no escravizar o negro e protegiam o indio, não é que a destruição deste lhes causasse horror; é que em sua cubiça e em seus calculos elles sonharam um imperio exclusivamente seu, formado sobre o indigena. O inconsciente da historia venceu-os; na luta pela existencia o portuguez supplantou o caboclo e o jesuita. O negro serviu-lhe de arma e de apoio; tal o seu grande titulo historico no Novo Mundo.

Ao portuguez devemos a colonização por uma raça europeá, seu sangue e suas idéas, que nos prendem ao grande grupo de povos da civilização occidental. Pertencente, porém, ao gremio dos povos neo-latinos, trouxe-nos tambem seus prejuizos monarchicos e religiosos, seu aferro á rotina e outros males chronicos que lavram n'alma daquelles povos.¹

Passemos aos indigenas. Temos já alguns trabalhos de grande valor sobre as populações selvagens brazileiras. Contam-se entre os melhores productos da sciencia nacional. Os escriptos de Baptista Caetano, Barboza Rodrigues, Couto de Magalhães e outros lançam muita luz sobre o estado intellectual dos tupis-guaranis. Serão aproveitados neste escripto para o estudo de suas antiguidades, poesia, dança, musica e linguas. Sobre algumas particularidades de seu viver de preferencia devem ser ouvidos os velhos chronistas, e entre todos o padre Ivo d'Evreux, o mais minucioso.

¹ Sobre as raças da poninsula vido varios escriptos do Broca na *Revista de Anthropologia de Pariz*.

Eu acredito na origem polygenista do homem, defendida por Vogt, Agassiz e Littré contra Quatrefages e Häckel.

Parece-me um exagero, dictado por uma velha preocupação orthodoxa, reduzir todas as raças humanas a uma só origem ancestral primitiva.

A unidade das especies vivas é um facto positivo, demonstrado desde Lamarck; ellas porém não se desenvolveram num centro unico para dalli emigrarem; surgiram por transformações espontaneas em varios pontos do globo.

E' o que aconteceu com o homem; em mais de um ponto da terra o animal, seu precursor, chegou espontaneamente ao estado de produzi-lo.

Parece-me que nesta questão Vogt interpreta melhor o verdadeiro sentido do transformismo do que Häckel.

As raças americanas são um producto do meio americano. Desde a época do megatherio o homem tem sempre existido nesta parte do mundo. As nações aqui encontradas no tempo da descoberta não se devem, todavia, confundir com os homens das cavernas.

No proprio seio do continente formaram-se raças diversas, de maior ou menor energia intellectual, que reagiram umas sobre as outras. Os factos parecem indicar que os tupis-guaranis, por exemplo, vieram do norte rechaçando as primitivas populações brazileiras, oitocentos ou novecentos annos antes de Cabral.

A hypothese do Sr. Barboza Rodrigues, que os faz provir dos Scandinavos, e a de Varnhagen que os derivava dos Carios, são tão justificaveis, como as daquelles que os suppunham oriundos dos judeus, quando dispersos pelo mundo no seculo primeiro de Jesus.

Inaceitaveis são tambem as hypotheses que os fazem vir da Asia, da Oceania, ou da Africa. A' theologia orthodoxa deve-se esse impertinente esforço para procurar parentescos aos americanos entre os antigos descendentes de Japhet, Sem e Tur; aryanos, semitas e turanos tem sido chamados para ascendentes dos nossos indigenas.

Por que motivo o velho mundo havia de ter o privilegio de produzir tantas raças, e o novo continente nenhuma?

Os habitantes da America vieram, como se diz, da Europa ou da Asia, e os destas regiões donde vieram? A difficuldade remove-se; mas não é resolvida.

Agassiz provou que as raças humanas distinguem-se entre si na mesma proporção, em que se distinguem a fauna e a flora de sete ou oito centros diversos do mundo. Estes *reinos de criação*, como elle os chamou, offerecem a singularidade de que os homens nelles originados aproximam-se dos *anthropoides* do respectivo *habitat* ¹

Deixemos as theorias aventurosas que ainda cheiram a burel, e estudemos o americano como um producto do continente.

O abbade Hervas classificara em quatro grandes troncos as raças da America do Sul:—*araucanios, guaranis, kechuas e karibes*.—D'Orbigny, em trez:—*ando-peruvianos, pampeanos e brazilio-guaranis*. Baptista Caetano, aventando a idéa de uma redução, parece, todavia, conformar-se provisoriamente com a divisão de d'Orbigny ² Os indios do Brazil constituem o grupo dos *brazilio-guaranis*, chamados tambem *tupis*, ou simplesmente *guaranis*. Havia, porém, algumas tribus que foram por Martius tiradas do grande tronco:—*guaycurús, gés, gucks*, e outros ³ Baptista Caetano suppõe haver aqui exagero. «E' embalde, diz elle, que se pretende multiplicar a divisão das tribus americanas sem motivo plausivel, nem fundamento, quer nos caracteres ethnographicos, quer na linguagem. A uniformidade do typo americano permanece e subsiste em confronto com os outros typos, e as differenças que apresentam entre si os diversos povos são apenas variedades, e não são maiores que as que apresentam povos da mesma familia indo-européa entre si, e ainda mais os variegados povos asiaticos. As simples condições geographicas, como o pensaram Humboldt e Alcide d'Orbigny, são sufficientes para

¹ *Types of Mankind* de Nott e Gliddon. Lembro que Agassiz era polygonista na questão do homem e tambem das especies. Vogt monogelista na das especies animaes e polygonista na do homem. Logo a este ultimo.

— *Arts de Grammatica da lingua brasilica da nação Kiriri*; *Carta-prologo* por Baptista Caetano, pag. XII e seguintes.

³ *Ibid.* pag. XXII e seguintes.

determinar as diferenças que se suppõe consideraveis, e que bem examinadas não no são effectivamente; as simples condições geographicas, quando nada mais importem, acarretam differença no modo de viver e nos costumes, que paulatinamente influem na organização e na indole da população. Pouco mais de trez seculos tem decorrido desde a descoberta das terras de Santa Cruz, e entretanto o luso-americano do Pará ou do Ceará já se differença bastante do luso-americano da montanhosa provincia de Minas ou das terras proporcionalmente frias do Rio Grandê do Sul.»¹

Dou como certa a hypothese da autochthonismo das raças americanas e acéito como provavel a classificação de d'Orbigny, quanto ás nações da America Meridional. No que toca aos indios do Brazil, acompanho a Baptista Caetano nas reduções que faz ás classificações de Martius.

Qual era, porém, o estado intellectual e moral dos tupis-guaranis? Devemos consideral-os quanto ás suas industrias, suas crencas religiosas, suas idéas politicas e sociaes²

Estavam os indigenas do Brazil no periodo da pedra polida, idade que segue-se á da pedra lascada e é seguida pela dos metaes. O Dr. Couto de Magalhães suppõe que no Brazil não se encontram vestigios de utensilios e armas da idade da pedra lascada. Acredita que nossos indios passaram por esta phase em alguma outra região, e, quando immigrados para o Brazil, achavam-se na idade superior³

Sabe-se que as diferentes raças não passam pelos mesmos estadios da intelligencia ao mesmo tempo; hoje na phase da industria e da sciencia européa, ainda ha povos que empregam a pedra lascada, ou um pouco menos.

Pelo estudo geologico, porém, é certo que é raro o caso de encontrar-se a pedra polida fóra dos terrenos recentes, posteriores aos quaternarios⁴ A ser exacto o que pensa o

¹ *Ibid*, pag. XXIV.

² No capitulo 5.º dir-se-á alguma cousa sobre sua poesia, danças, musica, lendas, etc.

³ *O Selvagem*, pag. 23, 24 e 25.

⁴ Z. Moindron, *Ancienneté de l'homme*, passim. É a regra geral, que só admitto raras excepções.

Dr. Couto de Magalhães, teríamos a conclusão forçada de que o homem terciario e o quaternario não existiram no Brazil, o que fere de frente as descobertas do Dr. Lund. Si, como pensava este sabio, o Brazil desde a época *post pliocene* e mesmo a datar da *pliocene* era habitado, temos que desde que a especie humana existe sobre a terra, ella existiu no Brazil.

Deveria ter aqui atravessado todas as phases de seu desenvolvimento, deveria ter usado da pedra lascada. Si esta não tem sido encontrada, é que os estudos neste sentido não tem, por certo, sido bem dirigidos.

Investigações bem acertadas poderão resolver o problema. Ainda ha pouco uma folha do Rio Grande do Sul, provincia que, sem ter Academias e Institutos Historicos, marcha á frente de nossa civilização, uma folha alli publicou estas palavras que dão testemunho do homem geologico no Brazil e, talvez, da pedra lascada:

« Carlos de Koseritz recebeu do Dr. Rösch dois craneos antiquissimos, que o illustre doutor achou num sambaquy da provincia do Paraná e cuja antiguidade remonta a milhares de annos. São documentos interessantissimos do *homo americanus* em sua fórma primitiva.

« A extraordinaria espessura dos craneos, que attinge de 1 centimetro a 1 1/2, as proporções do angulo facial, a extraordinaria depressão nas temporas, que de lado a lado não passam da distancia de 10 centimetros, a immensa robustez e grossura das mandibulas, o pronunciado prognatismo, tudo emfim prova que ahi temos restos authenticos do *homem pré-historico brasileiro*, o que aliás confirmam armas de *pedra lascada*, ou mal polida, assim como um dente de animal não classificado, mas evidentemente de raça extincta, que foram achados juntos aos craneos e que tambem estão em poder de Carlos de Koseritz » ¹

Achados destes poder-se-ão repetir quando estudos vastos forem iniciados, e então as pedras lascadas hão de apparecer,

¹ *Gazeta de Porto-Alegre* de 20 de junho de 1884.

ao lado do homem contemporaneo do *megatherio*. « O Dr. Lund, diz Zaborowski, explorou mais de oitocentas cavernas, e numa dellas encontrou ossadas de trinta individuos da especie humana, no mesmo gráu de decomposição dos ossos dos animaes fosseis que as acompanhavam.

« Era impossivel não concluir dahi que o homem era contemporaneo do *megatherio*, cuja idade na America do Sul corresponde á do mammoth na Europa » ¹.

Os sabios europeus, tendo em alta conta os trabalhos de Lund, tiraram delles as conclusões que o distincto dinamarquez só limitadamente se atreveu a tirar. Não só o homem geologico existiu no Brazil, como foi deste paiz que partiu uma das primeiras provas de tão notavel verdade scientifica.

Quanto ás armas de pedra, que os nossos indios usavam dellas sabemos desde o tempo de Ivo d' Evreux, que nos não diz si da lascada ou da polida. « Lá para o lado do oeste havia uma nação, de que nunca se falou, desconhecida por todos os Tupinambás, moradora nos matos na distancia de mais de 400 ou 500 leguas da ilha, sem conhecer a vantagem dos machados e das foices, pois apenas se serviam dos *machados de pedras*, e assim viviam, etc. » ²

Por este falar do bom padre, dir-se-ia que aquillo era um facto singular e que os Tupinambás conheciam as foices e machados de ferro. Devemos observar, porém, que o capuchinho assim se expressava em 1614, e os povos com quem lidou, ha muitos annos, andavam em contacto com os europeus. Silex lascados foram achados em Mercedes, perto de Buenos-Ayres, segundo Joly. ³ O que nos interessa consignar é que o tupi-guarani, tendo passado da pedra lascada, já empregava a polida. A razão não milita tambem do lado do autor do *Selvagem*, quando dá o indio por completo agricultor, sem ter sido pastor. Quando se diz que um povo é pastor ou agricultor, não se

¹ *De l'Ancienneté de l'homme*, I, pag. 78.

² Ivo d'Evreux, *Historia da Missão dos Padres Capuchinhos*, pag. 129. Trad. do Dr. C. Marques.

³ *L'Homme avant les Météaux*, pag. 151.

quer dizer que elle não conheça um ou outro uso da industria proxima, dá-se-lhe o nome da industria predominante. Os nossos indios, segundo o testemunho de antigos e modernos, viviam e vivem ainda quasi exclusivamente da caça e da pesca; eram um povo caçador. Lê-se todo um volume de Gabriel Soares, ou de Ivo d'Evreux, mui pouco se depara sobre a agricultura dos selvagens. Da caça e da pesca encontram-se muitos esclarecimentos ¹

Como poderia, além de tudo, o guarani ter sido noutras paragens pastor, e não trazer consigo os seus animaes domesticos para a nova patria? O periodo pastoril constitue uma phase importantissima na vida dos povos; crêa proventos que não mais se perdem; a passagem para um estádio superior não importa o esquecimento das aptidões adquiridas. Si nosso selvagem tivesse domesticado alhures animaes, tel-os-iam trazido ao Brazil ²

Os indios eram nomades, caçadores; estavam no gráu de atrazo do homem geologico; não podiam ter sido agricultores. As tribus ainda hoje em estado selvagem não tem outra agricultura, além do cultivo da mandioca em diminuta escala e ainda menos do milho talvez. Só algumas tribus sedentarias do littoral desenvolveram-se mais neste sentido, especialmente os extinctos Tamoyos.

Além das armas e instrumentos de pedra, além de suas industrias de caça e pesca, e do conhecimento de uma ou outra planta, possuiam nossos indigenas uma arte ceramica ainda na infancia ³ Talhas, panellas, pucaros e igaçabas constituam-na.

Sob o ponto de vista religioso o caboclo tem sido diversamente apreciado. Ivo d'Evreux, noutros pontos bem informado, assim se exprime: « Estes selvagens sempre chamaram a Deus *Tupan*, nome que dão ao *trovão*, á maneira do que se pratica entre os homens, isto é, terem as obras primas o nome

¹ Ivo d'Evreux, *ibid.* pag. 448.

² Vido *Ethnologia selvagem* polo autor, pag. 33 e seguintes.

³ Barboza Rodrigues, *Antiguidades do Amazonas, Ensaio de sciencia*, 41.

do autor Note-se, porém, que este nome no singular não se applica aos relâmpagos e trovões, que rebentam e illuminam todas as partes, por cima da cabeça dos selvagens, aterrando-os, porque sabem e reconhecem que elles são formados pela poderosa mão d'*Aquelle* que habita nos céus. Por intermedio d'õ interprete informei-me dos velhos do paiz si elles acreditavam que este *Tupan*, autor do trovão, era homem como elles. Responderam-me que não, porque, si fosse um homem como nós, seria um grande senhor, e como poderia elle correr tão depressa, do oriente para o occidente, quando *troveja* ao mesmo tempo sobre nós e nas quatro partes do mundo, tanto em França, como sobre nós? Demais si fosse *homem*, era necessario que outro *homem* o fizesse, porque todo homem procede de outro homem. Ainda mais: *Jeropary* é o *criado de Deus*, e nós não o vemos, ao passo que todo o homem se vê, e por isso não pensamos que *Tupan* seja um homem.

« Mães, repliquei eu : o que pensaes que elle seja? Não sabemos, responderam ; porém pensamos *que existe em toda parte*, e que fez tudo *quanto existe*. Nossos *feiticeiros* ainda não falaram com *elle*; pois apenas falam com os companheiros de *Jeropary*.

« Eis a crença de Deus, *sempre pela natureza* impressa nos espiritos dos selvagens, *que contudo não o reconheciam por meio de preces e de supplicios*. Acreditavam naturalmente nos espiritos *bons* e *máus*. Chamam os bons espiritos ou anjos — *Apoiavené* e os máus ou diabos — *Uaiupia*. Vou contar-vos o que pude colher de suas conversas por diversas vezes.

« Pensam que os anjos lhes trazem chuva em tempo proprio, que não fazem mal ás suas roças, que não os castigam, nem os atormentam, que *sobem ao céu para contar a Deus* o que se passa aqui na terra, que não causam medo nem á noite, nem nos bosques, que acompanham e protegem os francezes. Pensam que os diabos estão sob o dominio de *Jeropary*, que era criado de Deus, e que *por suas maldades Deus o desprezou*, não querendo mais vel-o, nem aos seus, pelo que aborrecia os homens e nada valia; que os diabos impedem a vinda das

chuvas em tempo proprio, que os trazem em guerra com seus inimigos, que os maltratam, e lhes fazem medo, habitando ordinariamente em aldeias abandonadas, especialmente em logares onde tem sido sepultados os corpos de seus parentes»¹

Difficilmente se nos poderia deparar um mais completo especimen de superfetação religiosa.

Eis ahi todo um capitulo de theologia catholica superposto ás crenças dos tupis. Alli está o Deus, todo poderoso, incomprehensivel, immenso, omnisciente, presente em toda a parte; creador do céu e da terra; ahi apparecem os anjos e os demônios com *Satan* á frente. A ingenuidade do padre Ivo, porém, traíu-se quando nos disse que o Deus do indio era o *tupan*, e que *tupan* é trovão, e quando asseverou que o selvagem não lhe prestava nenhum culto!. Adestrado, o padre previne a objecção tirada da palavra empregada no singular ou no plural!

O estudo do regimen mental de uma raça não se determina sinão á vista do complexo de suas crenças e de suas idéas. Na ordem das armas e dos utensilios o indio estava na idade de pedra; na esphera das industrias era caçador; nas idéas religiosas estava no periodo theologico, no segundo momento do fetichismo: — a *astrolatria*. Não podia ser monotheista. Tambem não era polytheista, como parece ensinar o Dr. Couto de Magalhães, quando lhe empresta uma mythologia de *Anangá, Curupira, Jeropary, Caapora, Çaci-Cereré, Boitatá, Urutau, Ruda, Uirapurú, Boiacú*, etc., com *Tupan* á frente²

Em 1874 tive ensejo de combater o illustre ethnologo neste ponto e escrevi estas palavras: « Os selvagens de nosso paiz estavam no gráu de atrazo do homem geologico, o homem da idade de pedra. Não podiam ter uma religião que reconhecesse um *Ser Supremo*. O contrario é desenhar ou desconheçer os achados da critica moderna, que assignala os differentes periodos das formações das mythologias, das religiões e

¹ *Ibid.* pags. 248—249,

² *O Selvagem*, 2.^a parte.

da poesia. Umás tribus desgarradas pelos desertos e matas, e outras reunidas em pauperrimas palhoças sem industria assignalavel, usando da pedra para utensilios, como o homem das cavernas, sem tradições, sem heróes, sem historia, não podiam possuir a noção do *Ser Supremo*, como não podiam ter uma verdadeira poesia. Estavam pouco além da época de puro naturalismo, em que o terror faz crer que as nuvens, os trovões (*tupan*), as tempestades, são seres ferozes que se devem respeitar. A grei cabocla, encarada por todas as faces por que póde sel-o pela sciencia, á luz de idéas sãs e longe do influxo de caducos prejuizos, achava-se em um dos mais remotos degráus da escala da civilização. Caçador, ainda hoje no seu descendente, nem siquer o indio estava além daquella segunda phase do periodo fetichico, a idade da *astrolatria*, de que fala Augusto Comte. Prova-o o seu culto do sol e da lua, *guaraoy*, e *jacy*, ainda um pouco indeciso, é verdade. E' licito dizer que já havia passado a época do mais fluctuante naturalismo. Demonstra-o o complexo de sua intuição do mundo, acorde com a dos povos ainda no mesmo estado, um dos mais reconditos da pré-historia, onde é dado penetrar.

« Não cumpre só dizer, como fez o Dr. Couto de Magalhães, que o selvagem não era *monotheista*; é mister mostrar o que elle foi. E' claro que não era ainda *polytheista* como talvez supponha o illustre indianologo». ¹

Tive immenso prazer de ver confirmadas por um homem competente nestas materias, o Sr. José Verissimo, taes idéas aventadas, ha alguns annos, e que não deixaram de causar estranheza a mais de um leitor ²

Passemos ao estado social e politico do brazilio-guarani. Temos guias antigos e modernos. Entre estes Couto de Magalhães assignala varios typos da familia, variando do exclusivismo rigoroso dos *guatós* e *chambiods*, até o communismo das mulheres dos *Cayapós*. « O communismo das mulheres

¹ Vide do autor o opusculo *Ethnologia Selvagem*, pag. 36. Já em 1872 tinha-mo expressado nosto sentido no *Movimento do Recife*.

² Vide o artigo *Religião dos Tupis-guaranis*, na *Revista* do 1.º de julho.

entre estes, diz o autor do *Selvagem*, consiste nisto :— a mulher, desde que attinge á idade, em que lhe é permittido entrar em relação com o homem, concebe daquelle que lhe apraz. No periodo da gestação e amamentação é sustentada pelo pae do menino, o qual póde exercer igual encargo para com outras, que durante periodos identicos moram na mesma cabana. Desde que a mulher começa a trabalhar é livre de conceber do mesmo homem, ou póde procurar outro, passando para este o encargo da sustentação da prole anterior.

« Notarei que entre os selvagens o menino começa a cuidar da propria subsistencia desde os dez annos, sendo comtudo auxiliado pelos parentes até que baste a si mesmo. » ¹

Segundo este autor, os *guatós* e os *chambiods*, sem serem monogamos, são o mais exagerado typo dos direitos do homem sobre a mulher. Nessas tribus as mulheres não tem licença nem de olhar para um homem estranho; são recatadissimas. Entre os *chambiods* existe a casta anomala e torpe dos homens destinados a *vidi-viduarum*; são individuos que em mais nada se occupam e são sustentados pela tribu ²

As adúlteras são queimadas vivas.

O matrimonio precoce é impedido com as maiores cautelas. O casamento é aos vinte e cinco annos de idade, ou mais communmente aos trinta. A virgindade no homem é, quasi sempre, mantida até esta época. ³

Entre os testemunhos antigos destaca-se o do venerando Ivo d'Evreux. Não é possivel extractar aqui o infinito numero de noções que se deparam na obra do padre francez.

Limito-me a rapidas indicações. Ivo d'Evreux consigna entre os indios do Maranhão a anthropophagia, a entrega das filhas e parentas aos hospedes, a punição do adulterio, a escravidão, o uso constante de guerras, danças; musica, o uso de fumar, de bebidas fermentadas, pinturas e incisões no corpo, o habito de ajudarem-se no trabalho, formando o que hoje

¹ Ibid. pag. 111 da 2.^a parte.

² Ibid. pag. 115.

³ Ibid.

chamamos *potirão*. Tinham chefes ou maioraes, que ordinariamente eram os mais distinctos na guerra.

Do notavel classico ouçamos um bello trecho, que pinta bem ao vivo o character e o espirito do selvagem : « Indaguei e procurei saber muito o modo como se preparavam para a guerra, não me contentando só com as informações. Em primeiro logar as mulheres e suas filhas preparam a farinha de munição, e em abundancia, por saberem naturalmente que um soldado bem nutrido vale por dois, que a fome é a cousa mais perigosa num exercito, por transformar os mais valentes em covardes e fracos, os quaes, em vez de atacarem o inimigo, buscam meios de viver.

« E' differente da usual esta farinha de munição, por ser mais bem cosida e misturada com cariman para durar mais tempo; embora menos saborosa, porém mais-sã e fresca. Em segundo logar empregam-se os homens em fazer canôas, ou concertar as que já possuem proprias para este fim, porque é necessario que sejam compridas e largas para levarem muitas pessoas, suas armas e provisões, e comtudo são feitas de uma arvore, cortada bem perto da raiz, sem galhos e ramos, ficando apenas tronco bem direito em toda a sua extensão, e então tiram-lhe a casca e racham-na, dando-lhe meio pé de largura e profundidade : neste caso lançam-lhe fogo nessa fenda por meio de cavacos bem sécos e vão queimando pouco a pouco o interior do tronco; raspam com uma chapa de aço e assim vão fazendo até que o tronco esteja todo cavado, deixando apenas duas polegadas de espessura, e depois com alavancas dão-lhe fórma e largura. Estas canôas conduzem ás vezes 200 ou 300 pessoas com as suas competentes munições

« São conduzidas por mancebos fortes e robustos, escolhidos de proposito, por meio de remos de pás, de trez pés cada um, que cortam as aguas a pique e não de travessia. Em terceiro logar preparam as suas pennas de côres vermelhas, amarellas, verdes-gaio e violetas, que prendem aos cabellos com uma especie de colla ou grude.

« Enfeitam a testa com grandes pennas de araras e outros passaros semelhantes, de côres variadas, e dispostas á maneira de mitra, que amarram atrás da cabeça.

« Nos braços atam braceletes tambem de pennas de diversas côres, tecidos com fio de algodão, semelhante á mitra de que acabamos de falar.

« Nos rins usam de uma roda de pennas da cauda de ema, presas por fios de algodão, tintos de vermelho, cruzando-se pelos hombros á maneira de suspensorios, de sorte que, ao vel-os emplumados, dir-se-ia que são emas que só tem pennas nestas trez partes do corpo. Quiz saber por intermedio do meu interprete porque traziam sobre os rins estas pennas de emas: — responderam-me que seus paes lhes deixaram este costume, para ensinar-lhes como deviam proceder na guerra, imitando a ema, pois ella quando se sente mais forte ataca atrevidamente o seu perseguidor, e quando mais fraca abre as suas azas, despede o vôo e arremessa com os pés arêa e pedras sobre seus inimigos: assim devemos fazer, accrescentaram elles. Estou certo de que muitas pessoas se admirarão, não só do que acabo de dizer, mas tambem como é possivel buscarem estes selvagens meios de governarem-se entre a pratica dos animaes. Estes selvagens imitam com a maior perfeição possivel os passaros e animaes do seu paiz, o que elles exaltam nos cantos que recitam em suas festas. Porque nos passaros de sua terra predominam as côres verde-gaio, vermelha e amarella, elles gostam de pannos e vestidos destas trez côres. Porque as onças e os javalis são os animaes mais ferozes do mundo, elles arrancam os seus dentes, e os trazem nos labios e orelhas a fim de parecerem mais terriveis. As pennas das armas são postas nas extremidades dos arcos e flechas. Assim preparados, bebem publicamente o vinho de *muay*, e dizem adeus aos que ficam.» ¹

Pelo que acabamos de lêr, bem se póde avaliar que o autor nos fala de tribus, que já tinham dos európeus aprendido o uso do aço e do ferro, e que possuíam uma tal ou qual agricultura, consistente na manipulação de sua planta sagrada: a mandioca. A industria predominante era, no entanto, a dos povos

¹ *Ibid.* pag. 21 e seguintes do 1.º *Tratado*.

caçadores. O padre Ivo escrevia mais de um século depois da descoberta; esta circumstancia não deve ser esquecida.

Nem todas as tribus indigenas, além disso, tinham um igual desenvolvimento intellectual; é licito admittir uma certa gradação por este lado.

Resta-me falar dos povos negros que entraram em nossa população. Eram quasi todos do grupo *bantú*. São gentes ainda no periodo do fetichismo, brutaes, submissas e robustas, as mais proprias para os arduos trabalhos de nossa lavoura rudimentar.

O negro é adaptavel ao meio americano; é susceptivel de aprender; não tem as desconfianças do indio; póde viver ao lado do branco, alliar-se a elle. Temos hoje muitos pretos que sabem ler e escrever; alguns formados em direito, medicina, ou engenharia; alguns commerciantes e ricos; outros jornalistas e oradores. Ao negro devemos muito mais do que ao indio; elle entra em larga parte em todás as manifestações de nossa actividade. Cruzou muito mais com o branco.

E' mais que tempo de pagarmos-lhe a grande divida em que estamos para com elle, apressando-lhe, precipitando-lhe a completa emancipação, por medidas seguras, efficazes e amplas. E' um voto que não cesso de repetir ha mais de dez annos; é um voto que não é o privilegio de meia duzia de felizes monopolizadores de liberalismo; porque é o ardente desejo de todos os espiritos adiantados.

O mestiço é o producto physiologico, ethnico e historico do Brazil. E' a fórmula nova de nossa differenciação nacional.

Nossa psychologia popular é um producto desse estado inicial. Não quer dizer que formaremos uma *nação de mulatos*; pois que a fórmula branca prevalecerá; quer dizer apenas que o europeu alliou-se aqui a outras raças, e desta união saíu o genuino brasileiro, aquelle que não se confunde mais com o portuguez e sobre quem repousa o nosso futuro.

CAPITULO IV

Relações economicas, As instituições politicas e sociaes da colonia e do imperio.

Não é hoje uma simples supposição, mas um facto firmado na historia, que o estado de riqueza ou pauperismo de um povo influe directamente na formação de sua litteratura. As nações sem descanço, occupadas exclusivamente em adquirir o indispensavel á vida, não podem ter uma cultura, que exige uma classe de individuos que estejam resguardados da obrigação penivel de conquistar o pão quotidiano. Por isso a civilização antiga só appareceu em paizes favorecidos pela natureza, onde a producção da riqueza foi facil e prompta, e um certo bem estar pôde reinar nas classes superiores da sociedade.

O *primo vivere* é tão certo para os povos como para os individuos.

No Brazil essa lei geral da historia tem uma applicação rigorosa ; porquanto, a despeito de nossa riqueza apparente, somos uma nação pobre em sua generalidade, onde a distribuição do dinheiro é viciosa, onde a posse das terras é anachronica. Aquelle anda nas mãos dos negociantés estrangeiros ; estas sob

o tacão de alguns senhores feudaes. A grande massa da população, espoliada por dois lados, arredada do commercio e da lavoura, neste paiz essencialmente agricola, moureja por ahi abatida e faminta, não tendo outra industria em que trabalhe; pois que até os palitos e os pães de vassoura mandam-se vir da Europa... Não é este o logar mais proprio para descobrir os andrajos da nação e mostrar os corpos enfraquecidos, que, sem trabalho nem pão, são a grande fonte onde o fazendeiro vae buscar os servos, que chama *aggregados*, e o governo os seus *capangas*, os seus *volantes* e os seus *soldados*!...

Basta-me abrir a nossa historia de quatrocentos annos, malbaratados por aquelles que deviam dirigir a nação, e vêr que a quatro se podem reduzir os movimentos mais accentuados da litteratura do Brazil: a escola *bahiana* do seculo XVII, que se aureola com o nome de Gregorio de Mattos; a *mineira* do seculo XVIII, que se assigna com a firma de Gonzaga e Durão; a *fluminense* da primeira metade deste seculo, desenvolvida principalmente na côrte do imperio, sob a inspecção do governo, ora com fluminenses, como Gonçalves de Magalhães e Macedo, ora com provincianos, que eram attraídos ao Instituto Historico para serem alli desnortheados e separados do paiz, como Gonçalves Dias e Porto Alegre; e finalmente sobre estes movimentos isolados de uma ou outra provincia, o grande abalo *nacional*, que ahi vem marulhoso de todos os cantos, do Pará como do Rio Grande do Sul, torrente ainda mal definida, hasteando todas as bandeiras, mas tendo um só alvo: —a mutação social!

Pois bem! Myope será quem não reconhecer por traz desses acontecimentos litterarios outros tantos momentos economicos do paiz: nos primeiros seculos da colonia o *assucar*; no seculo passado o *ouro*; mais tarde o *café*; e agora que todos estes productos, explorados pelos escravos, estão desacreditados nos mercados europeus, onde não podem lutar com rivaes mais aperfeiçoados, nós, que não temos mais a Africa e o ventre das pretas para nos socorrerem em nossa miseria, aproximamo-nos da grande crise economica, que ahi vem espumante e fatal!

A *fome* é um grande factor social ; si este paiz tem vitalidade, venha ella, convulsione-se tudo ; morram as instituições caducas e resurjamos além mais fortes e sadios ! Si este paiz, porém, não tem força ; si elle é um corpo gasto, que precisa de viver de palliativos, então mandemos buscar os chins. Que elles venham aos milhares, que tomem conta disto, que nos enchotem aos poucos, que nos devorem cautelosamente!.. Mas, por felicidade, o chim não virá cá ; a historia prova que elle só emigra em pequenas levas e não se esquece nunca do Celeste Imperio..

Si vier em numero diminuto, sera inutil ; mas, si vier em maltas colossaes, nos absorverá, e este paiz não póde, não deve sair do gremio das civilizações occidentaes e voltar-se para as culturas caducas do oriente... Mas continuemos as considerações litterarias em suas relações com a economia brasileira.

Lançando as vistas sobre o Brazil por este lado, vemos que possuímos hoje uma lavoura arruinada, um commercio quasi todo estrangeiro, uma pequena industria nos centros populosos, de que nem se deve falar, e em duas ou trez provincias a criação de gados. Quanto á primeira, fundada em grandes propriedades, que tem os nomes extravagantes de *fazendas* e de *engenhos*, retalhou o paiz em vastos lotes, verdadeiros restos das antigas capitancias, onde algumas duzias de enfatuados bachás movem sem piedade o bacalháu nos pobres negros e não raro o azorrague nos *agregados*. Estes são uma especie de *bohemios*, sem domicilio certo ; pois que, ao menor capricho do senhor das terras, tem de pôr os trastes ás costas e mudar-se.

O *agregado* não póde reunir peculio, é submisso como um servo da gleba ; uma grande quota de seus productos é para o fazendeiro e senhor de engenho. E' mui de vêr a arrogancia destes em suas relações com os proletarios. Assim, pois, não temos a pequena lavoura organizada. A grande, rotineira e pervertida, é uma extorsão cruel feita aos negros e aos proletarios ruraes.

Latifundia perdiderunt Italiam, disse Tacito ; as *fazendas* e os *engenhos* estão perdendo o Brazil, é o brado que sae, com

razão, de todos os lados. O commercio é uma pirataria em gros so, movida contra os pobres agricultores, individuos e perdidos.

O grande é quasi todo estrangeiro, e o pequeno quasi absolutamente portuguez, isto é, ainda estrangeiro. A pequena industria, exercida nas cidades e villas pelo nacionaes, é quasi insignificante.

As *fazendas e estancias* pastoris estão no mesmissimo caso das fazendas de café e dos engenhos de assucar. O que resta, pois, para o grosso da população? O pauperismo completo, ou os empregos publicos, isto é, uma fórmula bastarda ainda de pauperismo.. Neste meio os filhos daquelles que podem, negociantes ou agricultores, vão para o estudo, alinhavam os preparatorios, fazem um curso de medicina, direito, ou engenharia, e, ou vão engrossar as fileiras dos empregados publicos, ou agitam-se nas aventuras temerosas de uma politica relapsa e torpe; ou, estes são poucos, pelo exercicio de sua profissão conseguem fazer alguma cousa na vida. No meio de tudo isto, quem entre nós escreve e quem entre nós lê? Não são, de certo, os lavradores, os negociantes, os criadores, os industriaes, os politicos, nem os administradores. Sómente as classes academicas e alguns empregados publicos saídos dessas classes. E' a regra geral. O jornalismo nas provincias é pequeno, e na capital do imperio é portuguez, já pela organização das empresas, já pelo maior numero dos seus escriptores. O escriptor brasileiro, na côrte, salvo quatro ou cinco excepções, na chamada grande imprensa não tem entrada.

Os artigos de fundo são arranjados *tant bien que mal* pelas redacções portuguezas, e os folhetins vêm despachados do Porto ou Lisboa de envolta com as cebolas e as azeitonas do Alemtejo!

Si o brasileiro teima em escrever na pequena imprensa, não é lido; si protesta contra o exclusivismo luso, está perdido; adquire as honras de estúpido e não ha milagre que o possa salvar!... O publico legente, aliás limitado, inclina-se ás versões de livros francezes e ás contrafações de obras portu-

guezas, aqui preparadas pelos donos de typographias, que quasi todos nos vieram de Portugal. . . .

Depois, gritam lá pelos Congressos que os brazileiros lhes roubamos o pensamento, como si a cousa mais inabalavelmente certa deste mundo não fosse a invencível antipathia nacional pelos productos intellectuaes daquelle canto da Europa.

Quem aqui faz edições de livros do reino — são portuguezes e para portuguezes. Isto na côrte, onde as tradições de João VI ainda perduram; nas provincias, os grandes oraculos da intelligencia lusitana perdem de todo o seu tempo. Ninguem os lê. E' um protesto contra o desnorteamento da capital apor্তুezada e chata.

A mais completa indifferença pelo que é brazileiro aqui reina. Os poucos que tem a molestia das letras e se esforçam por aviventar o pensamento nacional ao contacto das grandes idéas do mundo culto, sem afogar esta nacionalidade nascente num pelago de imitações sem criterio, esses não são ouvidos pelo grosso do publico, occupado em bater palmas ao ultimo folhetim chegado de Lisboa.

As raizes deste desarranjo pasmoso vão perder-se no solo empedernido dos tempos coloniaes.

O Imperio continúa, sob um falso constitucionalismo, o velho absolutismo, e a antiga myopia da metropole. Que os norte-americanos continuem a trilhar as sendas da intelligencia ingleza, é cousa que deve ser applaudida; porque a Inglaterra *pensa*; que o Brazil continúe a copiar Portugal, é uma triste herança da historia, que todo bom patriota deve modificar e corrigir. O systema colonial continúa; a velha metropole tem hoje os proventos, sem os encargos, de sua feitoria.

Durante mais de trez seculos foi o Brazil governado por prepostos de um governo absoluto. Retalhado a principio em capitancias, mal divididas e mal determinadas, que foram entregues a alguns aventureiros e aulicos, o que nos fez ter tambem nossa idade feudal, passou depois ao dominio directo da corôa, que tratou de segregar-o do mundo e exploral-o. Num e noutro systema o indio era considerado uma fera, que devia ser caçada; o negro uma machina, que devia

estupidificar-se para produzir; o peão portuguez, o colono, um ente de sangue bastardo, distante do sangue azul, escravo dos fidalgos e de el-rei, *nosso Senhor!* Nestas condições, as populações que se iam formando no paiz, traziam a marca da origem: — a submissão.

Nada de franquias e privilegios municipaes. A instrucção era nulla; a imprensa prohibida; as communicações com o estrangeiro privadas. A Inquisição florescia e os conventos abundavam; o jesuita machinava a formação de um vasto Paraguay. As questões de justiça estavam em grande partenas mãos dos governadores e eram, em alçada superior, decididas na metropole. No exercito, o filho do paiz não subia aos altos postos; reinava o regimen dos privilegios e exclusões.

O povo não tinha vida autonómica, não tinha iniciativa; a justiça lhe era ministrada como um favor do monarcha. As sesmarias territoriaes eram concedidas aos portuguezes, que também monopolizavam o commercio. Na ordem puramente intellectual, a educação era jesuitica; desenvolvia-se a memoria, com prejuizo do raciocinio. A escravidão no seio das familias veiu consolidar este complicado systema de abatimento, de alheação da vida independente. Desde o principio, toda a população dividiu-se em duas grandes classes: — senhores e escravos. Aquelles eram os portuguezes, ou seus descendentes; os outros — os negros e os indios! Os mestiços destas duas classes, quando livres, eram tratados com rigor; porque se tinha certeza de encontrar sua origem nas senzalas. As décadas foram passando; e o tempo foi robustecendo esta obra da injustiça e da extorsão. Dahi saiu o Imperio do Brazil, paiz de senhores, de grandes, de magnatas; mas terra sem povo, no alto sentido da palavra!! E como Portugal foi sempre uma feitoria ingleza, nas relações exteriores nós o somos também, e nas internas governa-nos ainda o reino com todos os seus abusos, com todos os seus prejuizos. A nossa independência, sendo um facto historico de alcance quasi nullo, não tendo havido aqui uma revolução que afogasse os velhos preconceitos, não abriu-nos uma phase de autonomia e liberalismo.

De alguns tempos a esta parte, começou-se a vêr entre a evolução normal das sociedades e os movimentos revolucionarios uma antinomia que de facto não existe; a revolução é um dos processos indispensaveis á marcha das nações. Si nós a tivéssemos feito, não estaríamos hoje quasi nas mesmas condições do regimen colonial, anterior a 22. Ainda temos uma legislação civil anachronica; uma religião de Estado; uma vida municipal nulla; a escravidão, e toda a casta de privilegios. A grande pobreza das classes populares, a falta de instrucção e todos os abusos de uma organização civil e social defeituosa, devem ser contados entre os empecilhos ao desenvolvimento de nossa litteratura.

As academias são pouquissimas e de criação recente. Ainda hoje ha muita difficuldade para a aquisição de cultura neste paiz; os cursos, além de raros, são espalhados a grandes distancias da mór parte das provincias; os livros são caros; a carreira das letras não traz vantagens; a vida intellectual não offerece attractivos; não ha editores nem leitores para obras nacionaes; por isso quasi ninguem escreve.

O meio social não é estimulante; o abandono nos comprime; a vida brasileira é dura e prosaica. Reina ahi a monotonia e a submissão, ou esta seja dos escravos aos fazendeiros; dos votantes aos chamados chefes de partido; dos deputados aos ministros; dos ministros ao imperador; do imperador aos governos estrangeiros; ou seja do commercio nacional aos capitalistas inglezes; dos lavradores ao commercio; do povo aos padres e dos padres á superstição; ou seja de certos jornalistas aos governos; dos litteratos aos mãos livros francezes, sempre e sempre é a submissão. . Ousados impetos, tumultuosos arrancos de juvenildade e força raras vezes tem saído do seio do povo brasileiro, na esphera politica, na litteraria. Poucos se nos deparam no curso de nossa historia.

O phenomeno é explicavel: povo educado, como um rebanho molle e automatico, sob a vergasta do poder absoluto, vibrada pelos governadores, vice-reis, capitães-móres e pelos padres da companhia; povo formado de bugres, caçados pelas *bandeiras*,

e de pretos trazidos em ferros nos porões infectos dos navios *negreiros*, gentes a quem se fazia zelosamente obliterar a consciencia, e de aventureiros portuguezes recrutados na relé espuria da península; povo flagellado por todas as extorsões, nunca fomos, nem somos ainda, uma nação culta, livre e original.

O actual constitucionalismo é uma comedia vulgar, corrupta e sandia, que nos envergonha a nossos proprios olhos.

O leitor perdoará esta linguagem. Este livro, não quero que seja uma chronica recheada de factos anecdoticos; quero que seja um protesto, um grito de alarma de *são brazileirismo*, um brado de enthusiasmo para um futuro melhor. Todo escriptor nacional na hora presente está carregado do imperioso dever de dizer toda a verdade a nosso povo, ainda que pelo rigor tenha de desagradar gèralmente. — Não ha muito um esperançoso escriptor estrangeiro, aliás nosso amigo, escreveu isto: « a situação funcional da população brazileira pôde ser expressa em uma só palavra: o Brazil não tem povo! »¹

E' duro; mas é a verdade.

Envergonhemo-nos disso e reajamos. Façamol-o pelo trabalho, por todas as ousadias para a luz; lutemos, conquistemos o nosso logar; rechacemos todas as antigualhas podres; sejamos fortes e calmos. Instruamo-nos e travemos a grande luta de nossa regeneração social, económica e litteraria. Já é tempo de olharmos para traz, lançar as vistas sobre o caminho percorrido ha quatrocentos annos e conhecermos que pouco, bem pouco, temos feito como nação culta.

Tomemos todos os encargos que os seculos nos legaram e aparelhemo-nos para solvel-os.

Trabalhemos tambem para a humanidade. A questão não é só de produzir café; ha tambem certas necessidades moraes, que é crime preterir.

¹ Vide L. Couty, *L'Esclavage au Brésil*, pag. 87.

As relações economicas, politicas e sociaes da colonia ainda se acham de pé; é tempo de destruil-as e abrir uma nova phase á vida e ao pensamento nacional.

Dando incremento ás classes productoras, preparando um maior numero de cidadãos aptos á vida dos tempos modernos, iremos formando o nosso povo, que será então capaz de resistir ás classes parasitas que tem nas mãos os nossos destinos..

CAPÍTULO V

Tradições populares : cantos e contos anonymos.
Alterações da lingua portugueza entre nós

O complexo das tradições populares brazileiras é mais variado do que o das portuguezas ; porquanto nós possuímos todas estas e mais as que nos foram legadas pelos indios e pelos negros.

— Temos problemas ethnographicos e linguisticos que não existem em Portugal.

O primeiro trabalho a fazer neste terreno é, depois de colligir os materiaes, indicar o que pertence a cada uma das raças que constituiram o nosso povo, e, por ultimo, quaes são as producções recentes originadas dos mestiços e das populações actuaes. ¹

¹ O autor deste livro possui uma vasta collecção inedita de nossos cantos e contos anonymos. Está cansado de offerecel-a gratuitamente a livreiros e editores para a publicarem. Achou-os sempre avessos a esta ordem de trabalhos....

Comecemos pela poesia anonyma.

Ahi os autores directos são os portuguezes ou seus descendentes mestiços ; não porque os indios e os negros não tivessem tambem uma poesia rudimentar ; mas porque, predominando a lingua portugueza , as canções tupis e africanas tinham de passar para esta lingua, a fim de derramarem-se entre as populações novas.

— Só improvisavam na lingua portugueza, como sua, os europeus e seus descendentes. Os negros e indios, reduzidos á escravidão, ficavam, porém bilingues ; falavam seu idioma nativo e o portuguez. Este phenomeno, ainda hoje, é vulgarissimo.

Os negros e indios bilingues sabiam naturalmente as canções originaes de sua raça e podiam communicar-as aos seus descendentes na lingua adoptiva. Assim se explicam os phenomenos da justaposição de duas linguas num mesmo canto, e da existencia de cantos, espalhados em nosso idioma, os quaes são de origem evidentemente tupi ou africana.

Ainda hoje com algum esforço seria possivel colligir cantos originaes em tupi e em africano.

Neste ultimo não vi ainda uma composição qualquer poetica, nem me consta que no Brazil alguem tenha colhido da bôca dos pretos da Costa as suas canções. Já não acontece o mesmo em relação aos indios ; possuimos uns quatro ou cinco fragmentos colligidos por Martius, Baena, Couto de Magalhães e Barbosa Rodrigues.

Em linguas africanas, pois, não temos documentos para nossa poesia popular.

Em tupi temos alguns, e em portuguez muitissimos.

Ouçamos os versos tupis.

Os seguintes foram colligidos por Spix e Martius :

« Nitio xa potar cunhang
 Setuma sacai waá ;
 Curumú ce maua mamane
 Boia sacai majané.

« Nitio xa potar cunhang
 Sakiva açu waá
 Curumú ce monto-montoque
 Tiririca majané.

« Scha mann rumaé curi
 Tejerru iaschió.
 Aiqué Caracara-i
 Serapiró aramú curi.

« Scha mann rumaé curi
 Ce nombôre caá puterpi
 Aiqué Tatú memboça
 Ce jutúma aramú curi. » ¹

Eis a traducção portugueza do Sr. Norberto e Silva :

« Não quero mulher que tenha
 As pernas bastante finas,
 A medo que em mim se enrosquem
 Como feras viperinas.

« Também não quero que tenha
 O cabello assaz comprido,
 Que em matos de tiririca
 Achar-mé-ia perdido.

« Quando me vires sem vida,
 Ah ! não chores, não, por mim,
 Deixa que o Caracara-i
 Deplore meu triste fim.

¹ *Reise in Brasilien*, München, 1823—1831 ; tom. III, pag. 1085.

« Quando me vires sem vida
 Attira-me á selva escura,
 Que o tatú ha de apressar-se
 Em me dar a sepultura. » ¹

São estas palavras cantadas na festa do *Sairé* no Pará como nol-as dá Baena:

« Itá camuti pupé
 Neiássucana pitanguê
 Puranga ité...

Estrilho: « E Jesus e Santa Maria. »

« Santa Maria caian puranga
 Imembuira inauerá
 Iuáté pupé.
 Sicou curussá
 Uassú pupé,
 Ianga turama
 Rerassú...

« E Jesus e Santa Maria. »

Tradução:

— « Em uma pia de pedra foi baptisado o menino Deus »
 « Santa Maria é uma mulher bonita ; o seu filho é como
 ella ; no alto céu está numa cruz grande para guardar a nossa
 alma. » ²

¹ *Revista Popular*, tom. IV, pag. 271.

² Ant. S. M. Baena, *Ensaio corographico sobre a prov. do Pará*, pag. 130.

O Sr. Dr. Couto Magalhães colligiu estes versos :

A RUDÁ

« Ruda, Rudá,
Iuáka pinaié,
Amâna reçaicû...
Iuaka pinaié,
Aiuetê Cunhã—
Puxiuéra oikó
Ne mumanuára ce recé
Quahá caarúca pupé. »

Versão:—« O' Rudá, vós que estaes nos céus e que amaes as chuvas. . vós que estaes no céu... fazei com que elle (o amante) por mais mulheres que tenha as ache todas feias; fazei com que elle se lembre de mim esta tarde quando o sol se ausentar no occidente.»

À LUA CHEIA

« Cairé, cairé nú
Manuára danú çanú.
Eré ci, erú cika
Piape amu
O manuara ce recé
Quahá pituna pupé. »

Versão:—« Eia, oh minha mãe (a lua); fazei chegar esta noite no coração d'elle (do amante) a lembrança de mim. »

A LUA NOVA

« Catiti, Catiti
Iamára notiá
Notiá iamára
Epejú. (*fulano*). »

« Emú manuára
 Ce recé (*fulana*)
 Cuçukúí xa ikó
 Ixé anhú i piá póra. »

Tradução: « Lua Nova, oh Lua Nova! assoprae em fulano lembrança de mim; eis-me aqui estou em vossa presença; fazei com que eu tão sómente occupe o seu coração. »¹

O Sr. Barbosa Rodrigues colheu estes:

« Beque bequiqui capipim otégê,
 Ochê urupunum râne egê,
 Ochê urubê am aum egê;
 Beque mum ochê capicape nansun. »

Tradução: « Vejam, meus amigos, que os serviços que temos agora com estes dentes nos foram deixados por nossos avós. »

Mais estes:

« Purgatorio porá etá
 Uputare nemoessaua
 Semué catu palhy,
 Anhangá supeuara.

Upauana tecó puranga
 Oike tecó pêssassu,
 Ianeara tecó ressé
 Umumâ tecó puranga. »

Tradução: « Ensina-me, bom padre, rezas com que possamos salvar nossas almas do purgatorio. A vida santa acabou-se e e por vontade do bom Deus começa outra, isto é, a vida do trabalho. »²

¹ *O Selvagem*, pag. 140 e seguintes da 2.^a parte.

² *Revista Brasileira*, 1.^o de julho de 1884, Tomo IX, pag. 44 e 58.

Além destes fragmentos poeticos, em lingua selvagem só conheço uma cançoneta colligida pelo Dr. Couto de Magalhães na republica Argentina, a qual não é aqui transcripta por não ser brasileira. ¹

Pelo caracter destas diversas canções, recentemente colligidas, é bem claro que ellas não são um testemunho da genuina poesia primitiva do selvagem brasileiro. Foram colhidas mais de trez seculos depois da conquista do Brazil e entre populações postas em contacto com o branco.

Não creio que os tupis-guaranyts tivessem uma verdadeira poesia. Esta começa na phase do polytheismo, ou, pelo menos, nas ultimas phases do fetichismo, e nossos indios não tinham chegado a esse gráu de cultura.

Sua poesia dêvia ser ainda muito indecisa. E' certo que Fernão Cardim e Ivo d'Evreux nos falam a miudo das danças dos indios acompanhadas de cantos; estes, porém, deviam ser muito rudimentares e de mui pouco alento poetico.

Certamente não tinham ainda uma mythologia nem uma historia dramatisada com seus heróes. Não possuiam uma poesia cyclica, que, si existisse, deveria chamar a attenção de homens como José de Anchieta e Gabriel Soares. Todavia, é de crêr que possuisssem cousa melhor do que os fragmentos citados.

Dos negros, como disse, nada temos; e elles ainda menos do que os indios eram senhores de uma poesia, no sentido que esta tem entre os povos, cujas mythologias são conhecidas.

O negro estava numa phase do pensamento ainda anterior á dos tupis.

Alguns de seus costumes passaram, por certo, ás nossas populações. Pelo lado das tradições intellectuaes, em geral devemos muito aos indios.

Os pretos levam decidida vantagem áquelles, no facto do cruzamento e como factores economicos. Como contribuintes

¹ Vido *Selvagem*, pag. 143, 2.ª parte.

para a formação de nossa população e de nossa riqueza, deixam a perder de vista os selvagens.

A averiguação deste facto pertence mais à estatística e à economia politica do que à historia litteraria. Nesta a acção do negro é muito apreciavel na formação do mestiço. Si não se conhece um só negro, genuinamente negro, livre de mescla, notavel em nossa historia, conhecem-se muitos mestiços, que figuram entre os nossos primeiros homens.

Pelo que toca à influencia dos pretos no espirito e no character litterario do povo brasileiro, ella ficará ainda por muito tempo tida no estado de contribuição anonyma. Neste ponto os seus rivaes indios e portuguezes tiveram vantagens, que os africanos nunca encontraram no Brazil.

Os portuguezes vinham de um paiz culto, possuidor de uma litteratura feita e acabada, e vinham como donos da terra implantar aqui uma organização social ao seu modelo.

Os indios entravam em relações com os colonizadores, cuja attenção é natural que despertassem. Dahi um grande numero de obras relativas aos gentios brasileiros, considerados, desde logo, como um objecto de estudo. Os missionarios lhes aprendiam as linguas, e, entre outros, Anchieta compoz poesias, autos e outros trabalhos em tupi. O grosso da população nas capitancias primitivas era de indios christianizados. O negro não; era arrancado de seu solo; ninguem ou quasi ninguem lhe estudava a lingua; impunha-se-lhe uma estranha; era escravizado com rigor e não se lhe dava tempo sinão para trabalhar mais e mais, e esquecer suas tradições da infancia. Dahi a quasi impossibilidade em que estamos hoje no Brazil para assignalar o que, pelo lado intellectual, lhe devemos.

A população negra actual do paiz é quasi em sua totalidade de crioulos, criados fóra das condições precisas para serem um documento de inquirição. Os negros da Costa, aliás agora em pequeno numero, estão tambem desviados de seu sentir africano.

Além disto, os estudos feitos no original, sobre a Africa, apenas começam em nossos dias e são mais referentes à geographia

e à anthropologia geral e exterior do que à analyse das lendas, dos mythos, do pensamento africano em summa.

A falta de documentos não quer dizer, porém, que o negro não tenha influido intellectualmente no Brazil; por uma inducção geral devemos concluir no sentido affirmativo.

A pobre raça escravizada não teve nunca o direito de entrar na historia; seu trabalho intellectual é anonymo, como o seu trabalho physico. Ainda mesmo em factos altamente epicos, em phenomenos extraordinarios, como o do *Estado dos Palmares*, a historia é anonyma. Como se chamava o heróe negro, o ultimo *Zumbi*, que succumbiu á frente dos seus nos Palmares? Ninguem sabe.

E' de justiça conquistar um logar para o africano em nossa historia; não é o dominio exclusivo do africanismo que peço; exijo apenas mais equidade na distribuição dos papeis em nossa luta de quatro seculos.

No conflicto das trez linguas no Brazil, tendendo a dos conquistadores a predominar, deixou-se, contudo, saturar de elementos estranhos, tomados ás outras. E' assim que ainda temos versinhos cantados em portuguez e tupi, ou em portuguez e africano. São exemplo do primeiro caso os dois celebres fragmentos citados pelo Dr. Couto de Magalhães, escriptor que será sempre ouvido nestas materias:

« Te mandei um passarinho,
Patud miri pupé;
 Pintadinho de amarello,
Iporanga ne iaué.»

« Vamos dar a despedida,
Mandì sararà
 Como deu o passarinho
Mandì sararà
 Bateu aza, e foi-se embora,
Mandì sararà
 Deixou a penna no ninho
Mandì sararà.»

Em portuguez e africano temos estes que colligi em Pernambuco:

« Você gosta de mim,
 Eu gosto de você;
 Si papae consentir,
 Oh, meu bem,
 Eu caso com você.
Alé, alé, alé, alé,
Calunga mussanga,
Mussanga é !.

« Si me dá de vestir,
 Si me dá de comer,
 Si me paga a casa
 Oh, meu bem,
 Eu moro com você.
Alé, alé, alé, alé,
Calunga mussanga,
Mussanga é . . . »

Na idade média viu-se o mesmo entre o latim e as linguas novo-latinas. A seguinte quadrinha, bem conhecida, é uma prova longinqua desse facto:

« *Tristis est anima mea*
 Com saudades de meu bem;
Et quare conturbas me,
 Eu não quero mais ninguem. » ¹

A musicà dos negros é monotona ; os seus instrumentos não passam do *marimbão*, do *mutungo*, (uma cuia com ponteiros de ferro,) do *tabaque* (especie de tambor) e do *pandeiro*.

A dança é uma serie de pulos, requêbros e gatimanhos.

¹ Volho da Silva, *Gabriella*, pag. 28

A musica dos indios era mais variada, e os seus instrumentos mais numerosos.—O *samba*, estou hoje convencido, é de origem indigena. F. Cardim, que escreveu em 1583, assim a elle se refere: « Fazem seus trocados e mudanças com tantos gatinhanhos e tregeitos que é cousa ridicula; de ordinario não se bolem de um lôgar, mas estando quedos em roda fazem o mesmo com o corpo, mãos e pés; não se lhes entende o que cantam; mas dissêram-me os padres, que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados. »¹

É claramente a origem dos nossos *chibas* e *sambas* actuaes, em que são eximias as populações do interior. Não os acho ridiculos, como suppoz Fernão Cardim. São a musica e a dança na infancia e a infancia é ingénua, mas não ridicula.²

Os principaes instrumentos dos indios são:—o *mymby-tarará* (especie de buzina); o *pemy* (corneta); o *caruquê* (feito de um tronco de madeira leve, ocado); o *mimé* (buzina); o *muré-muré* (feito de ossos); o *chicutá* (feito do espique do jupaty); o *mymby-chuê* (feito de taboca), etc.³

No corpo de nossa poesia popular a acção do caboclo é mais sensível nas composições a que se pôde dar o nome de *Romances de Vaqueiros*, como—*Rabicho da Geraldá*, *Boi Espacio*, *Boi-Prata*, *Vacca do Burel*, etc.

A influencia africana parece estar num certo número de chulas, como a *Moqueca* e outras; e nós versos de *Reinados*, *Cheganças*, *Congos*, *Tayéras*, etc.⁴

Os portuguezes contribuíram com os romances maritimos e cavalheirescos, e uma multidão de cantigas soltas, que todas tem suas equivalentes nas colleções europeas. Entre os ro-

¹ Fernão Cardim, *Narrativa epistolar*, pag. 33.

² Sobre este assumpto é digno de leitura aturada o excellento artigo do Sr. Barbosa Rodrigues—*O Canto e a Dança Selvicola*.

³ Dados bebidos no citado artigo do Sr. Barbosa Rodrigues. Couto do Magalhães estudou o gontio por seu lado social, principalmente; Baptista Caetano, pela face linguistica, sobretudo; pelo lado das artes rudimentares do selvagem, ninguém leva vantagem aquelle illustre botânico.

⁴ Vide *A Poesia Popular no Brazil*, cap. 7.º, pelo autor.

mances, ainda hoje se cantam no Brazil:— *D. Barão, D. Infanta, Noiva Roubada, Bernal Francez, D. Duarte e Donzilha, Não Catherineta, D. Maria e D. Arico, Conde Alberto, D. Carlos de Montealbar, D. Branca, Iria a Fidalga, Pastorinha, O Cego*, e outros. ¹

Ao mestiço pertence a obra de transformação e algumas canções originaes, que não encontram congêneres nas collecções portuguezas.

O complexo de nossa poesia popular pôde-se dividir em quatro grandes categorias: *romances e xacaras; reinados e cheganças; orações; versos geraes ou quadrinhas*.

Os contos populares dividem-se em *portuguezes, tupis, africanos*, e alguns de origem *mestiça* talvez.

Indicar no corpo das tradições, contos, canções, costumes e linguagem do actual povo brasileiro, formado do concurso de trez raças, que ha quatro seculos se relacionam, mostrar o que pertence a cada um dos factores, quando muitos phenomenos já se acham baralhados, confundidos, amalgamados; quando a assimilação de uns por outros é completa aqui, e incompleta alli, não é tão insignificante, como á primeira vista pôde parecer. Quaes são na poesia os agentes creadores e quaes os transformadores? O agente *transformador* por excellencia tem sido entre nós o mestiço, que, por sua vez, já é uma transformação; elle, porém, tem por seu lado actuado tambem como *autor*. Os *creadores* são directos e indirectos e são as trez raças e o mestiço.

Mas será verdade que os tupis e os africanos tivessem uma poesia, que haja passado ás nossas populações actuaes? Eu o creio; mas eis ahi uma grande difficuldade. Fala-se muito da poesia dos indios dos trez primeiros seculos da conquista; mas mui poucos são os fragmentos collegidos; e quanto aos africanos nada se tem colhido. Demais, os hymnos lyricos e epicos, cantados pelo povo brasileiro, são vasados nos moldes da língua portugueza. Como marcar o veio negro e o

¹ Vido *A Poesia Popular no Brazil*.

vermelho em canções que affectam uma só forma? As difficuldades abundam. Incontestavelmente o portuguez, apesar de seus defeitos, é o agente mais robusto de nossa vida espirital.

Devemos-lhe as crenças religiosas, as instituições civis e politicas, a lingua e o contacto com a civilização européa. Na poesia popular, a sua superioridade como contribuinte, é, portanto, incontestavel.

Pertencem-lhe, como vimos, todos os romances cavalheirescos, e todos os que tem correspondentes nas colleções europeas. São ainda obra sua a mór parte das canções soltas em quadrinhas, que em Sergipe tem o significativo nome de *versos geraes*.

As relações da raça superior com as duas inferiores tiveram dois aspectos principaes: a) relações meramente externas, em que os portuguezes, como civilizados, não poderiam assaz modificar sua vida intellectual, que tendia a prevalecer, e só poderiam contrair um ou outro habito e empregar um ou outro utensilio na vida ordinaria; b) relações de sangue, tendentes a modificar as trez raças e a formar o mestiço. No primeiro caso, comprehende-se desde logo que a acção dos indios e dos negros sobre o europeu nada tinha de profunda e radical; no segundo a *transformação physiologica* produzia um typo novo, que, si não eclipsava o europeu, offuscava as duas raças inferiores. Na poesia popular, portanto, depois do portuguez, é o mestiço o principal productor. Aos selvagens e africanos, que não são autores directos, coube ahi mesmo, porém, uma acção, mais ou menos efficaç.

Nos *romances de vaqueiros* há influxo indiano, e nos versos de *reinados, cheganças, congos e tayeras* influencia africana, como disse.

Os *autores directos*, repitamos, que cantavam na lingua como sua, foram os portuguezes, seus descendentes brancos e os mestiços.

Quanto aos indios, e aos negros principalmente, verdadeiros estrangeiros, forçados ao uso de uma lingua imposta, a sua acção foi indirecta, ainda que real. Na formação da psychologia

do actual brasileiro, a que iam transmittindo suas tendencias intellectuaes, com todas as suas crenças, anxios, lendas e phantasias, é que se nota o seu influxo.

A acção physiologica dos sangues negro e tupi, no genuino brasileiro, explica-lhe a força da imaginação e o ardor do sentimento.

~ Não devia, pois, ali haver vencidos e vencedores; o *mestiço* congraçou as raças e a victoria deve assim ser de todas trez.

Pela lei da *adaptação*, ellas tendem a modificar-se nelle, que, por sua vez, pela lei da *concorrência vital*, tendeu e tende ainda a integrar-se à parte, formando um typo novo em que ha de predominar a acção do branco.

~ Pertencem-lhe directamente em nossa poesia popular todas as cantigas que não encontram correspondentes nas colleções portuguezas, como todos os romances sertanejos, muitas xarcaras e versos geraes de um sabor especial. Nestas creações mixtas dá-se cumulativamente a acção das trez raças e ao mestiço pertencem, como proprios, o langor lyrico e os calidos anhelos da paixão.

/ Nos contos e lendas é directa a acção das trez raças e a influencia do mestiço ainda muito insignificante, a não ser como agente transformador. Temos, pois, contos de origem portugueza (aryana) tupi, (pretendida turana) africana (raças inferiores) e mestiça (formação recente.)

Mas não é só nas canções e nas *historias* populares que se encerra tudo o que devemos às trez raças que habitam no paiz. Aos portuguezes, a despeito de grandes defeitos, devemos as dadas principaes de nossa civilização lacunosa; somos-lhes obrigados pelas idéas politicas e sociaes que nos regem; ainda hoje sua velha legislação civil é a nossa. A ordem religiosa, a politica, a juridica e a social são entre nós obra europeá.

E' inutil commentar a influencia da acção combinada destas instituições sobre o desenvolvimento de um povo.

Os indios não são credores só do influxo dos seus *areytos* ou *yeriquis* e de suas lendas. O uso de muitas plantas medicinaes, do emprego de muitas industrias rudimentares, a

manipulação de muitas substancias comestiveis devemos aos selvagens. Muitos outros usos e costumes, e até crenças phantasticas, como a do *Caipora*, passaram ás nossas populações actuaes. E' verdade, porém, que as lendas de *Sumé*, *Jeropary* e outras, conhecidas dos eruditos, perderam-se para a intelligencia popular.

A raça africana tem tido no Brazil uma influencia enorme, sómente inferior á da raça européa; seu influxo penetrou em nossa vida intima e por elle moldou-se em grande parte nossa *psychologia* popular. E' facil comprehendel-o. A raça africana entre nós, ainda que não dirigida por um impulso proprio, deve tambem ser contada como raça invasora, e esta circumstancia merece attenção.

O portuguez julgou-se fraco para repellir o selvagem e para o amanho das terras, e recorreu a um auxiliar poderoso: — o negro da Africa.

Ao passo que o indio tornava-se improductivo, fugia, esphacelava-se e morria, durante mais de trez seculos foram chegando levadas e levadas de africanos robustos, ageis e domaveis, e foram fundando as fazendas e engenhos, as villas e as cidades, e permanecendo no seio das familias coloniaes. O indio, em geral, foi um ente que se viu desequilibrado e feneceu; o negro um auxiliar do branco que prosperou.

Acresce que o numero de africanos transportados ao Brazil, durante trezentos annos, foi muito superior á população cabocla primitiva.

Computam-se em milhões, e toda essa gente valida e fecunda fez prosperar o paiz.

O proprio facto da escravidão serviu para ainda mais vincular os pretos aos brancos.

As escravas, e raro era o colono que as não tinha, viviam no seio das familias no serviço domestico. Dahi o cruzamento natural; appareciam os *mestiços* e novos laços se creavam.

Os negros trabalhavam nas roças, produzindo o assucar, o café e todos esses generos chamados *coloniaes*, que a Europa consumia. Só pelos trez factos da escravidão, do cruzamento e conchego domestico, assim com o do trabalho, é facil aquilatar a

immensa influencia que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro. A escravidão, apesar de todos os seus vicios, operou como factor social, modificando nossos habitos e costumes. Habilitou-nos por outro lado a arrotear as terras e supportar em descanso as agruras do clima. Desenvolveu-se como força economica, produzindo as nossas riquezas, e o negro foi assim um robusto agente civilizador. O cruzamento modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes e produziu o mestiço, que constitue a massa de nossa população, e em certo gráu a belleza de nossa raça. Ainda hoje os mais lindos typos de nossas mulheres são essas moças ageis, fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros, cabellos bastos e pretos, sadias jovens, em cujas veias circulam, por certo já bem diluidas, muitas gottas de sangue africano.

O trabalho escravo foi todo o nosso passado e, para vergonha nossa, é todo o nosso presente.

O negro influenciou em toda a nossa vida intima e muitos de nossos costumes nos foram por elle transmittidos.

Não foi provavelmente isto um grande bem; mas é o facto. Muitos de nossos bailados, danças e musicas populares, uma litteratura inteira de canções ardentes, tem esta origem. E' pena que essa raça energica tenha soffrido o labéu da escravidão. Faço aqui tambem de novo um voto em prol de sua libertação completa e para que se reivindique o seu logar em nossa historia. Havia outros meios de utilisar o negro sem aviltal-o.

O indio, por seu lado, foi tambem mui cruamente tratado e é admiravel que, nestas condições, não tenhamos soffrido até aqui *guerras de raças*, além dos pequenos episodios dos *Emboabas, Palmares, Mascates e Balaios*.

✓ De tudo que fica dito é facil tirar a conclusão. Dos trez povos que constituiram a actual população brasileira, o que um rastro mais profundo deixou foi por certo o portuguez; segue-lhe o negro e depois o indigena. A' medida, porém, que a acção directa das duas ultimas tende a diminuir, com a internação do selvagem e a extincção do trafico dos pretos, a influencia européa tende a crescer com

a immigração e pela natural propensão para prevalecer o mais forte e o mais habil. O mestiço é a condição dessa victoria do branco, fortificando-lhe o sangue para habilitar-o aos rigores de nosso clima.

E' uma forma de transição necessaria e util, que caminha para aproximar-se do typo superior.

Passemos a outra questão. As alterações da lingua portugueza na America são um objecto interessante de estudo. Não sei porque as questões linguisticas são ás vezes discutidas com a paixão das questões religiosas e politicas. E' assim que, de parte a parte, portuguezes e brasileiros se tem maltratado, estudando este assumpto. Entretanto os factos são simples e não reclamam doestos. A lingua portugueza, cuja origem, fosse qual fosse, não vem aqui a proposito indagar, era falada por um pequeno povo da Europa. No seculo XVI, descoberto o Brazil, passou ella com os colonos a este solo. A corrente bifurcou-se, portanto.

Como as linguas são organismos que se desenvolvem e transformam, esse facto foi-se dando no Brazil e em Portugal ao mesmo tempo, isto é, tanto aqui como lá a lingua se foi desenvolvendo, ou alterando, como quizerem.

Desde que a corrente se tinha bifurcado; cada um dos veios novos começou a modificar-se á parte, independente um do outro. A lingua não é hoje em Portugal a mesmissima de 1500; não o é tambem no Brazil.

Acresce que, não sendo as modificações feitas de acôrdo entre os dois paizes, o que seria por natureza impossivel, o portuguez do Brazil differe hoje muito do de Portugal. E' isto um facto organico do desenvolvimento linguistico e não ha ahi motivo para magoas ou zombarias.

Neste assumpto ha as seguintes questões a propôr¹: si o luso-brazileiro é um dialecto; si temos dialectos particulares em algumas provincias; si augmentamos o lexicon portuguez

¹ Tendo já tratado desenvolvimentamente desta questão na *Poesia Popular no Brazil*, limitar-me-ei a poucas palavras agora.

com termos *abaneengas* ; si o enriquecemos de termos africanos ; si o mesclamos de termos novos de origem secundaria ; si alteramos a significação de algumas palavras portuguezas ; si produzimos alterações phoneticas na lingua ; si, finalmente, as produzimos syntaxicas. O luzo-americano não constitue ainda um dialecto accentuado do portuguez europeu ; mas contém elementos que o hão de tornar cada vez mais distincto deste. Existe tambem em algumas provincias a tendencia para a formação de dialectos particulares, especialmente no Pará e em S. Paulo. O luzo-brazileiro contém innumeradas palavras tupis, como sejam : *aludá, cariman, tabatinga, jacá, giqui, moquem, moquear, cumbuca, tabaréo*, etc. Encerra um grandissimo numero de termos de origem africana, como : *batuque, cafuné, senzala, caximbo, maracatú, quiabo, cambada, munganga, xará, calunga, mocambo*, etc.

Possúe certos termos populares que lhe são proprios, como : *penima, espingolado, córteleiro, barbatão, munan, quiba pelego, corrimboque, inhaca, quindim*, e outros.

Alterou o significado de algumas palavras portuguezas ; exemplo : *faceira*, que é no Brazil mulher casquilha e em Portugal carne das faces do boi ; *babado*, que no Brazil são folhos da saia e em Portugal não tem tal sentido ; *muqueca* que no Brazil é um guizado de peixes e em Portugal é termo de agricultura ; *canastra*, cesto de vime em Portugal e no Brazil caixa não abaulada, etc.

As alterações de pronuncia são innumeradas. Temos agora um documento para apreciar-as, sem que os portuguezes possam reclamar, e vem a ser o novo *Diccionario Portuguez* de Caldas Aulette. Por elle se vê que em Portugal se diz : *murrer, curtar, murtifero*, etc. etc., e no Brazil a pronuncia é outra.

As alterações phoneticas são variadissimas. ¹

¹ Pódo ser com vantagem consultado nesta materia *O Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brazil* do Dr. Paranhos da Silva. Pódo-se tambem vêr nossa *Poesia Popular*, cap 8.º, que trata de ponto largamente.

As modificações syntaxicas tambem já começam a caracterizar-se. As principaes versam sobre a collocação dos pronomes, o emprego das preposições *a* e *em*; o uso de diminutivos; a tendencia dos portuguezes para confundirem o pronome relativo com o reciproco; o emprego dos possessivos, a perda de alguns suffixos na linguagem do Brazil; o quasi esquecimento do mais que perfeito simples e do futuro do indicativo; o uso de verbos geraes acompanhados de substantivos; a troca do presente do indicativo pelo imperfeito, etc.

Neste assumpto podem ser consultados com proveito os recentes e excellentes *Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza* pelo Dr. Baptista Caetano, o nosso celebre ndianologo.

CAPÍTULO VI

Psychologia nacional. Prejuizos de educação e políticos.
Imitação do estrangeiro. Fracezismo e allemanismo.

O velho Alexandre Herculano, em seu declínio intellectual, deu a certas idéas e factos novos, firmados pela sciencia moderna, o nome de *gongorismo scientifico*. A phrase provocou reparos da parte de um positivista portuguez heterodoxo, que procura harmonizar as doutrinas de sua escola com as verdades firmadas noutras espheras do pensamento contemporaneo. ¹

Um positivista brasileiro, laffittista orthodoxo, repete, porém, com jubilo o dito do autor da *Historia de Portugal*. « Declaro com franqueza que adopto de todo a denominação que Herculano applicou uma vez *às producções da anarchia scientifica de nosso tempo*, a todas estas sciencias novas que se donominam *anthropologia, ethnographia, pré-historia, sciencia das religiões*, . . Elle chamou toda esta *mixordia incoherente e palavrosa* um *gongorismo scientifico*.

O dito é feliz e merece ser conservado. » ²

¹ *Historia do Romantismo* por Theophilo Braga.

² *Luis de Camoens* por Miguel Lemos, pag. VI.

E' uma dissidencia manifesta entre o positivista portuguez e o brasileiro. O que um censura, o outro applaude!... ¹

Quanto a nós outros, gongoricos incorrigiveis atufados na anarchia mental, ás opposições systematicas de Comte contra a psychologia, a logica, a economia politica, a medicina, a anatomia que vai além dos tecidos, e a astronomia que ultrapassa nosso systema planetario temos a juntar as de seus discipulos laffittianos contra a critica religiosa, a pré-historia, a anthropologia, a ethnographia, Lubbock, Broca, Vogt... com a sua anthropologia; Baur, Strauss, Ewald... com a sua sciencia das religiões, quebraram inutilmente a cabeça num *fatras incoherent et verbeux*...

Mas, emquanto a luz diurna da verdade definitiva não espanca todas as toleimas de nossa anarchia mental; emquanto a paz universal dos espiritos não faz repousar a humanidade na immobilisação ineffavel da philosophia e da religião supremas, seja-nos permittido ainda lêr algumas paginas verbosas de alguns gongoricos atrazados e suppôr possivel uma ethnologia, ou psychologia dos povos (*Voelkerpsychologie*) e nesse sentido falar de uma psychologia do povo brasileiro.

Vem a ser o complexo de tendencias e intuções do espirito nacional; alguma cousa que o individuo só por si não explica; que só o povo em sua amplitude generica deixa notar claramente. Assim como ha um espirito da época, (*Zeitgeist*), que domina um momento dado da historia, ha um espirito commum (*Allgeist*), que determina a corrente geral das opiniões de um povo.

Pelo que toca á nação brasileira, os documentos não se acham colligidos, nem utilizados de fórma alguma. Os nossos costumes publicos e particulares, nossa vida de familia, nossas tendencias litterarias, artisticas e religiosas; todas as ramificações, emfim, da actividade popular, não têm sido objecto de

¹ Verdade é que os laffittistas brasileiros estão desavindos com Theophilo Braga, o primeiro positivista portuguez, como o estão com Pereira Barretto, o primeiro do Brazil; da mesma forma que eliminaram Littré em França e Stuart Mill na Inglaterra e outros.

um estudo particular e aturado. Nós desconhecemo-nos a nós mesmos.

Não se pôde talvez dizer que o brasileiro, tomado individualmente, seja descuidoso de si proprio; considerado, porém, em geral, como typo sociologico, o povo brasileiro é apathico, sem iniciativa, desanimado. Parece-me ser este um dos primeiros factos a consignar em nossa psychologia nacional. E' assignavel a propensão que temos para esperar, nas relações internas, a iniciativa do poder; e, no que é referente à vida intellectual, para imitar desordenadamente tudo quanto é estrangeiro, *scilicet*, francez.

Para o fim, a que me proponho, basta-me consignar estes dois phenomenos, filhos primogenitos de nossa educação lacunosa: o poder como centro de tudo, o estrangeirismo como instigador do pensamento.

A nação brasileira não tem, pois, em rigor uma fôrma propria, uma individualidade caracteristica, nem politica, nem intellectual. Todas as nossas escolas, numa e noutra esphera, não têm feito mais em geral do que glosar, em clave baixa, as idéas tomadas da Europa, às vezes em segunda ou terceira mão.

Esta linguagem não agrada: *veritas odium parit*, sabe-se desde Cicero. Um dos outros fortes abusões do povo brasileiro é este justamente: a reluctancia que temos em ouvir a verdade a nosso respeito. Quando se fala na politica ingleza, allemã, franceza, italiana, americana, ou numa litteratura destes povos, sabe-se o que se quer dizer.

No Brazil não é assim. Temos uma litteratura incolor; os nossos mais ousados talentos dão-se por bem pagos quando imitam mais ou menos regularmente algum modelo estranho.

Neste ponto as provas são tantas, que ha apenas difficuldade na escolha. Recorde o leitor dois factos simplesmente: os nossos dois ultimos movimentos litterarios. As duas derradeiras escolas poeticas desbrochadas no paiz foram a *hugoana* e a *realista*. A primeira trae-se por seu proprio nome; a segunda, quer na feição satanica do *baudelaïrismo*, quer na epicureana do *zolaismo*, não é mais do que uma imitação mais ou menos pronunciada das tendencias que esses systemas indicam.

Isto para os espiritos mais ousados que têm um pouco mais, porquanto um grande número não teve outro compendio além da *Morte de D. João* de Guerra Junqueiro !... Na philosophia e sciencias é a mesmíssima cousa. O povo brasileiro não pertence ao numero das nações inventivas ; tem sido, como o portuguez, organicamente incapaz de produzir por si.

Nos ultimos tempos, na litteratura e na philosophia, para contrabalançar a influencia franceza, na incapacidade de crear doutrinas nossas, houve proposta de um cultivo do germanismo. De todas as tentativas de tomar lições ao estrangeiro foi a que me pareceu mais vasta e mais util, pelo caracter mesmo individualista e autonomico do espirito allemão. Nosso francezismo ossificado alarmou-se, e os sectarios de um tal ponto de vista ficaram tidos na conta de uns extravagantes nocivos.

O allemanismo nem ao menos tem merecido as honras da discussão por parte da arrogancia brasileira.

Eu o advogo a meu modo.

E como este livre deve ser um trabalho de vulgarização até certo ponto, é um dever seu proteger a intuição allemã contra a guerra surda e tenaz que contra ella assesta o francezismo nacional.

Comecemos pela analyse das objecções que lhe são movidas inconscientemente entre nós.

De ordinario o que leva certos espiritos, amigos da liberdade, mas superficiaes, a preferirem a cultura e intuição latino-francezas as anglo-germanicas, é a crença em que vivem de serem aquellas mais liberaes do que estas.

Chegam á tal resultado, lembrando a republica romana, a primeira republica de França e a actual. Taes allegações, vistas de perto, esboroam-se por falta de apoio. A republica aristocratica de Roma degenerou em um cèzarismo ferrenho ; a primeira republica de França desregrou-se no terrorismo, compromettendo os intuitos liberaes accumulados durante o seculo passado, e a actual situação franceza, onde impera o parizismo, mostra já bem claramente as tendencias autoritarias, absolutistas de Mr. Gambetta.

Entretanto, dado de barato que taes phenomenos historicos sejam altamente comprehensivos e liberaes, os povos germanicos têm para oppôr: ao primeiro, o seu individualismo, e o estatuto pessoal que prepararam a idade-média; ao segundo, as antigas republicas da Hollanda e da Inglaterra, e ao terceiro, as republicas actuaes da Suissa e dos Estados-Unidos, mais amplas do que a franceza, não falando no governo livre inglez, na grande liberdade scientifica da Allemãha, e de sua preparação para uma republica modelo, onde o parizismo terrorista será um impossivel.

Mas a Allemanha é a patria da guerra, o antro do militarismo, dizem ainda.

Neste ponto não basta indicar por alto os factos geraes, é mister abrir a historia e a estatistica um pouco mais demoradamente para desmanchar esse abuso.

A censura se dirige de preferencia á Prussia. Os factos a desmentem. ¹

Continuando suas objecções, dizem os nossos afrancezados: mas os allemães são uns homens de ferro, despidos de ideal...

¹ Só do anno de 1740 em diante, com o reinado do Grande Frederico, é que aquella nação, d'antes potencia do terceira ordem, incapaz de ter uma politica independente, vivendo, portanto, em guerra ou em paz conforme as complicações de seus poderosos vizinhos, Polonia, Suecia e Austria, pôdo ter nma politica sua. Naquelle anno, contestando aquello reino e outros Estados allemães o direito da fetura imperatriz Maria Theresza, ultima herdeira da casa d'Austria, á successão da soberania dos Estados desta casa, como contrario á lei Salica, teve começo a luta, conhecida na historia por guerra da successão d'Austria. A Prussia esteve em campo de 1740 a 1742, tomando as armas de novo em 1744 a 1745, confirmando por dois tratados a posse da Silezia, gerreando ao total trez annos.

A França, Austria, Russia e Suecia, ciosas de seu poder nascente, alliaram-se contra ella, o Frederico, á frente de um Estado que contava então apenas quatro milhões de habitantes, teve de defendel-o contra inimigos, cuja população reunida excedia a setenta milhões. Por seu geocio militar e pela dedicacão de seu povo, sustentou gloriosamente esta luta, a mais desigual de que fala a historia, desde as guorras dos gregos e dos persas. A luta durou de 1756 a 1763; é a guerra dos sete annos. Em 1778, a Prussia pogou em armas para sustentar a Baviera contra uma invasão d'Austria. A campanha durou dois mezes; contemos, porém, um anno de guerra.

Ainda em 1778 a Prussia, invocada por um dos partidos que se degladiavam na Hollanda, enviou um pequeno troço de tropas para aquelle paiz, d'onde, restabelecida a ordem, retirou-se no fim de poucos mezes. Seja ainda contado mais um anno de luta.

Em 1792 a França declarou guerra ao imperio allemão por não querer ella tolerar que alguns pequenos Estados germanicos dessom asylo aos emigrados francezes. A Prussia, como membro do imperio, viu-so envolvida na luta até o anno de 1795; trez annos de guerra.

Em outubro de 1806 rompeu contra ella o imperio francez de Napoleão, combatendo até julho de 1807.

Na paz de Tilsit aquelle reino, tão completamente vencido como o foi a França em 1807, teve de ceder mais de metade de seu territorio, conservar, á sua custa, guarnições francezas em suas proprias fortalezas e pagar cerca de mil milhões de francos, como contribuição de guerra; o que, relativamente á população e ao valor mudado do diuheiro, oquivalo ao triple da contribuição exigida polos allemães em 1871.

Taes palavras exprimem uma destas reviravoltas subitas e inesperadas que sabe ter o orgulho offendido.

Computemos esta desastrosa campanha em dois annos de guerra, embora de facto fuessem apenas nove mezes.

Em 1813 o povo prussiano levantou-se contra a dura tirannia de Napoleão e a luta acabou em março de 1814 com a primeira occupação de Paris; renovada com a volta de Bonaparte, acabou em 1815 com a segunda occupação daquelle capital. Contaremos em tudo isto tres annos de luta. Em 1848 e 1849 corpos de exercitos prussianos combateram contra a Dinamarca e contra revolucionarios que se levantaram na Saxonia e no sul da Allemanha: Sejam mais dois annos de guerra.

Em 1864 a Prussia teve luta com a Dinamarca, em 1866 com a Austria e em 1870 com a França.

Cada uma dessas campanhas durou apenas alguns mezes; mas sejam tres annos.

Contando, pois, como annos de guerra todos aquelles em que a patria de Frederico tomou parte em pequenas operações militares de poucos mezes de duração, vemos que nos ultimos cento e quarenta e um annos em que pôde seguir uma politica independente, este Estado que os francezes caracterizam como exclusivamente militar e insaciavel guerreiro e conquistador, teve vinte e dois annos de luta e cento e dezanove de paz.

Vejamos agora qual foi a proporção na França pacifica e moderada. De 1740 a 1748 tomou ella parte na guerra de successão d'Austria, sem provocação de especie alguma, sómente porque os seus estadistas acharam a occasião azada para prejudicar aquelle Estado: De 1756 a 1773 tomou parte activa contra a Prussia, igualmente sem provocação alguma.

De 1778 a 1783 lutou contra a Inglaterra. Em 1792 poz-se em luta com o imperio allemão e em 1793 ainda contra a Inglaterra, e dahi continuou em armas sem interrupção durante a republica e o primeiro imperio até 1814, renovando a guerra em 1815.

Em 1822 invadiu a Hespanha para restabelecer a autoridade real; em 1827 foi bater os turcos na Grecia.

Em 1830 iniciou a conquista da Argelia que deu lugar à guerra até 1834; nesse periodo fez tambem expedições militares a Belgica, Italia, Marrocos e Mexico.

De 1854 a 1856 guerra da Crimea; em 1859 da Italia; de 1862 a 1865 do Mexico; em 1870 com a Allemanha.

Nos cento e quarenta e um annos, portanto, em que a Prussia teve vinte e dois de luta e cento e dezanove de paz, a civilizadora e quieta França, nação sempre grande e poderosa senhora de suas resoluções, teve setenta e seis annos de guerra e sessenta e quatro de paz, pois que no anno corrente a vemos de novo envolvida em uma campanha de conquista d'Africa, fucidando arabes, illudindo tunesinos, desconhecendo direitos da Italia e Hespanha, pondo a premio a cabeça de Bu-Amena!.....

Quanto ao militarismo allemão; sem duvida censuravel, oppõe-se o proprio militarismo francez. Na Allemanha o exercito permanente é fixado em 4% da população, e o tempo do serviço em tres annos nominaes, que de facto, por longas licenças dadas no segundo e no terceiro anno, se reduzem a dois annos e um quarto.

Este tempo serve para o ensino militar dos moços alistados. Depois ficam pertencendo, por quatro annos, aos corpos de 1ª linha, cuja força em pé de guerra comprehende estas duas classes, o que impõe por tudo sete annos de serviço militar naquella linha, que contém os jovens de vinte a vinte e sete annos de idade. Saindo desta classe, entram para os corpos de 2ª linha, *Landwehr*, onde servem mais cinco annos. Os homens do *Landwehr*, e os dos ultimos quatro annos da 1ª linha são chamados sómente durante algumas semanas annualmente para exercicios e manobras. Nos tres annos de serviço effectivo são tão bem preparados para a vida militar que nas campanhas de 1866 e 1870 se mostraram admiravelmente disciplinados, afeiços ao uso de suas armas e capazes de supportar as fadigas da guerra.

A força real do exercito permanente fica sempre abaixo do numero legal, porque a população da Allemanha vai crescendo rapidamente. Pelo recenseamento feito em 1875 a população era de quarenta e dous milhões e setecentas mil almas; mas até o anno de 1879 a força do exercito continuou a ser de quatracentos e um mil homens.

Foi então elevada a 4% da população de 1875, isto é, a quatrocentos vinte e sete mil homens. O recenseamento, porém, do começo deste anno mostra uma população de quarenta e cinco milhões, sendo assim ainda o exercito de menos de 4% da população actual. A totalidade da força militar organizada, de que a Allemanha pôde dispôr, é hoje de um milhão e quatrocentos mil homens. Na França o serviço effectivo no exercito permanente dura cinco annos e mais quatro na reserva da 1ª linha, de sorte que o soldado francez serve nove annos nesta linha e o allemão sete.

O serviço na força de 2ª linha, *armes territoriale*, dura em França onze annos e o do *Landwehr* apenas cinco.

O cidadão francez fica obrigado, pois, ao serviço militar dos corpos organizados durante vinte annos, dos vinte aos quarenta, e o allemão doze annos, dos vinte aos trinta e dois.

Até 1870 a Allemanha era a terra das nevoas, dos ideaes abstrusos, dos phantasmas hoffmanicos; hoje é a patria da sequidão mental!. Ambas as affirmativas exprimem duas extravagancias ou dois partos do capricho do *parti pris*.

Continuando, bradam: mas a França é a redemptora do mundo com o seu positivismo, com a grande maravilha da época — a religião do Ente-Supremo, a saber, o eulto da Humanidade. Além disto, de lá nos veiu o santo zolaismo, a formula suprema da litteratura.

Primeiramente, cumpro ponderar que uma e outra coisa *hurlent de se trouver ensemble*. A concepção positivista da litteratura e da poesia não se coaduna com o realismo zolaiano. Ou uma concepção, ou outra. Só uma superficialidade, que não medita alguns instantes, poderá irmanar numa só crença duas cousas antitheticas.

Depois, sem desconhecer um minuto alguns meritos do positivismo, meritos que fui dos primeiros a indicar neste paiz, o que é elle, o que vale no seu exagero laffittiano, essa resurreição do *evemerismo*, esse catholicismo ás avessas, diante do complexo imponente da sciencia e da philosophia ingleza e allemã? O que vem a ser essa divinisação do velho erro *anthropocentrico* em face das mais ousadas conquistas do pensamento contemporaneo? Respondam todos aquelles que não labutam no alheamento das idéas modernas, ou que não se acham eivados

O exercito permanente em França tem sido, desde a sua reorganização em 1872, de quatrocentos e cincoenta mil homens, e mais cincoenta mil, que ficam sómente um anno presentes á bandeira para serem exercitados, pertocendo depois á reserva da 1.^a linha e mais tarde á 2.^a A totalidade do exercito permanente é, portanto, de quinhentos mil homens; incluindo a força maritima, que na Allemanha é insignificante, a França conserva em armas quinhentos e quarenta mil homens, isto é quasi 1 1/2% da população.

Por sua lei militar actual ella prepara-so para chamar ás armas um total de força organizada de dous milhões de homens.

Sua força militar é, pois, numericamente superior á da Allemanha, e si fôr exacta a opinião do estadista o historiador Thiers — que dois francezes empro bastam para vencer tres soldados estrangeiros, — a Allemanha, na primeira guerra que tiver com a França, pôde contar com a derrota certa; porquanto contra seu milhão e quatrocentos mil soldados haverá dois milhões de inimigos, a saber: tres francezes contra dois allemães l...

Destarte, não se comprehendo a razão por que os francezes, que não contam outro vizinho poderoso a não ser a Allemanha mesma, elles que têm incontestavel superioridade no mar, salam sempre e sempre da força militar do seus rivacs, que é tão considcravel justamente por causa do medo da *revanche*, como de um perigo ameacador não só para si, como para a Europa inteira.

Eis ahí a que se reduzom as duas collossaos metapheras da rhetorica illusoria do Brazil.

de um fanatismo morbido e prejudicial. ¹ Taes são as principaes objecções da intuição gallo-fluminense.

Tocando em factos mais directos, basta não esquecer que ás robustas gentes do norte, tendo á sua frente inglezes e allemães, está reservado o papel historico, já vinte vezes cumprido, de tonificar de sangue e idéas os povos latinos do meio dia.

Fechado o cyclo da antiguidade, decaído o imperio romano, ás raças germanicas incumbiu a herança e a tarefa de preparar a idade média, crear as nações novas e abrir a era moderna.

Dest'arte a Inglaterra, a França, Portugal, Hespanha e Italia são outras tantas creações em que o genio germanico veio dar viço ao elemento latino. Preparando este novos destros com o *romanismo*, foi ainda a Reforma, obra germanica, que veio abalar de novo as consciencias á busca de idéas mais sãs. Mas é sobretudo nas letras e sciencias que o grande influxo inventivo daquelles povos se faz sentir.

Além das novas intuições iniciadas pelo romantismo, dalli partiu, em tempos anteriores, o renascimento das mathematicas e da astronomia pela escola de João de Gemund, Purbach, Nicolau Pfyirt, Copernico, e Kepler: Dalli vieram o calculo infinitesimal e integral de Leibnitz, a hypothese cosmogonica dos gazes de Kant, que Laplace poz em calculo ²; a thermodynamica de Meyer e a analyse spectral de Bunsen e Kirchoff, duas concepções que dominam a physica moderna; a theoria cellular de Schwann e Virchow; a intuição mecanica do mundo, desenvolvida por Oken e Häckel; a psycho-physica de Weber e Fechner, sem falar em creações scientificas, como a linguistica, a critica religiosa, a mythographia e os immensos trabalhos de erudicção historica, archeologica e ethnographica accumulados além do Rheno.

¹ No capitulo proprio será estudado, com algum detalhe, o laffitismo brasileiro. — Envio o leitor para um *ensaio critico — a Philosophia no Brazil* — publicado em Porto Alegre em 1876, muito antes de vir e seu autor para a corte e a um seu escripto sobre Buckle e Marselli publicado na *Revista do Rio de Janeiro* em 1876, ainda mais antigo.

² Um laffitista nesse, que tem certa ojeriza á geologia, não aceita as consequencias desta theoria no tocante á terra, apadrinhando-se com a doutrina, um tanto extravagante, de finade Visconde de Rio Grande! A *philosophia definitiva* include no seu anathema, além das sciencias lembradas mais acima, a geologia e a physiologia experimental. E' um progresso mais, que agrada a certo *dilettantismo religioso*.

Em todos estes ramos do saber a iniciativa partiu da Allemanha. ¹

Tudo nos leva, pois, naturalmente a tentar a innovação, seguindo o exemplo de outros povos, que se vão atirando nesta faina: a revisão das idéas francezas por meio das allemães.

Em todo caso, ha mais de seculo que a imitação franceza nos devora e bem sabemos em que estado hoje nos achamos. Quando Gregorovius, Errera, Scartazzini, Siciliani na Italia; José Perojo na Hespanha, Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos em Portugal, os dois Quesada na Republica Argentina, entre povos latinos, tentam o processo, que muito é que o movimento chegasse ao Brazil?

A tarefa é sem duvida duplamente embaraçosa; porquanto temos a lutar contra a difficuldade da lingua, e da profundeza

¹ Alguns autores são levados a vêr em Copernico um polaco. Vai ali grosso engano. Pelo sangue e pela educação era elle allemão. Copernico veio ao mundo em 1477 em Thorn, cidade situada nas margens do Vistula, na Prússia Occidental. Esta cidade foi fundada no seculo 13 por colonos allemães trazidos da Westphalia, quando os cavalleiros Teutonicos, viados em soccorro dos Polacos contra as incursões dos Prussianos aieda pagãos, coquistaram a terra destes e a repovoaram com gentes da sua raça. Em tempo nenhum a cidade de Thorn e suas vizinhanças tiveram população de origem polaca. Quando para o fim da idade média, a ordem Teutonica entrou em decadencia, as cidades da Prússia Occidental, descootentes com o seu governo, revoltaram-se contra ella e puzeram-se sob a protecção da Polonia pelo tratado de Thorn de 1466, 12 annos apenas antes do nascimento de Copernico. Pelo tratado a provincia da Prússia Occidental conservou sua constituição propria; mas foi chamada Prússia Real e Prússia Polaca para differencal-a da Prússia Oriental, que continuou sob o governo da ordem. Já se vê que o grande astronomo veio á luz entre populações allemães, que sempre foram independentes e apenas por um accidente historico vieram a reconhecer a soberania da Polonia. Além disso a cidade de Cracovia, onde Copernico estudou e depois ensinou por algum tempo, era então na maxima parte, como muitas outras cidades da Polonia, povoada por allemães; foi regida pelo direito principal destes até a grande reacção da aristocracia catholica, movida pelos Jezuitas, contra o elemento burguez, germanico e protestante nos fins do seculo 16.

A lingua da população do Cracovia era o allemão, conforme affirmam os historiadores, baseados nos actos e documentos publicos municipaes daquella época. Isto polo que diz respeito á origem de Copernico. Quanto á sua educação e orientação de espirito, elle foi apenas o continuador da escola dos grandes sabios, que naquelles tempos fizeram renascer as sciencias exactas e fundaram a mathematica e a astronomia modernas: João do Gemund, Purbach, Valtor de Nuremberg, o celebre cartographo Behaim, Nicolau Pfyrt e Müller. Os nomes indicam a origem.

O penultimo, chamado á Roma polo papa Nicolau V, para trabalhar na reforma do calendario, já então projectada, foi, por sua sciencia, elevado ao cardinalato e conhecido com o nome de cardeal *Cusani*, de sua aldeia natal Cass. Editou o commentou os fragmentos de Archimedes, trazidos de Constactinopla pelos gregos fugitivos. Müller, conhecido como *Regiomontano*, do nome de sua patria, Koenygsberg, era profundo nas mathematicas antigas, introduziu nas escolas europeas o uso dos algarismos arabes, enriqueceu a trigonometria com o uso das tangentes e calculou ephemeridos astronomicas para os annos de 1475 a 1500, que serviram de guia a Christovam Colombo e Vasco da Gama em suas viagens. Chamado tambem a Roma para a reforma do calendario, de que estava incumbido o mathematico grego Jorge de Trobisonda, *Regiomontano* descobriu numerosos erros nos calculos daquello e foi assassinado pelos filhos de seu rival em 1476. E' esta a grande escola de mathematicos allemães a que pertencem Copernico e Kepler, os creadores da astronomia moderna.

e variedade dos productos da intelligencia germanica de um lado ; e de outro a tendencia quasi irresistivel do espirito nacional para o francezismo. Além de que este é em extremo facil em seus meios de aquisição e em seu conteúdo, nutrindo-se de phrases feitas e generalidades attrahentes, aptas a serem decoradas pela rhetorica e pela superficialidade nacional.

Entretanto, é uma especialidade do character dos allemães, o individualismo, a descentralização e a aptidão a sympathisarem com a vida dos outros povos, assimilando o que elles têm de util, dando-lhes em troca o seu pensamento, sem lhes matar a originalidade característica.

Os Estados-Unidos, onde o allemão Carlos Schurz foi ministro, e Garfield, filho de allemão, presidente, podem servir de exemplo com a sua immensa corrente de immigração germanica.

Entre nós é evidente que pelo lado da colonização, de que depende o nosso futuro, nada poderemos esperar da França, que não tem o genio colonizador.

Dos seus rivaes é que devemos esperar alguma cousa neste sentido. E não será um argumento em prol de nossa these?

Os melhores trabalhos sobre alguns ramos das sciencias relativos ao Brazil são de Spix, Martius, Wapaeus, Wolf, etc.

Aos francezes, com poucas excepções, somos devedores das caricaturas de Biard, Expylli e Jacques Arago.

E' um outro signal não menos característico.

Importa por ultimo definir, a traços largos, em varias espheras essa intuição germanica em relação ao Brazil. Por ahiver-se-á a razão por que os seus propugnadores, aliás rarissimos, estão desclassificados no complexo dos escriptores nacionaes; porque são incomprehendidos e soffrivelmente antipathizados.

Vejamos rapidamente a ordem litteraria, philosophica e politica.

Em litteratura, ha a distinguir o que diz respeito à poesia, romance, etc., e o que se refere á critica litteraria propriamente dita.

Na poesia estamos desclassificados, porque o conceito geral que no Brazil se fórma de poesia, é o de um covado de trez palmos bem medidos, onde estão as mãos dos *classicos*, *romanticos* e

realistas. Imaginamos todos que ainda hoje no mundo culto os velhos problemas de classicos e românticos, ou idealistas e realistas, estão em discussão, quando é certo que sobre o primeiro desde Lessing, Schlegel e Schiller caiu a pedra do sepulchro, e sobre o segundo rezam os beatos a morte dos ultimos ideologos.

O que se suppõe novo é uma velha moeda vulgar na Allemanha, desde que a corrente geral das sciencias naturaes, da philosophia e da erudição historica, dando-se um mutuo apoio, tornou alli commum a idéa de um desenvolvimento organico de todos os productos humanos, que é, na phrase de Zeller, a alma da historia. Dest' arte, a poesia naturalista allemã não se poderá jamais confundir com o realismo de Zola; porquanto a idéa geral que domina aquella, vem a ser que toda e qualquer obra d'arte deve partir, é certo, da natureza; mas, não tendo por fim proprio dissecal-a scientificamente, sendo o seu dominio e o seu alvo diversos dos da sciencia, a obra d'arte, sobre os elementos indispensaveis á sua elaboração, desenvolve-se á parte, autonomicamente.

A poesia é como a linguagem; ambas partem da natureza; mas ambas são organismos que se desenvolvem, que evoluem por sua conta. «A poesia, diz Rodolpho von Gottschall, fundasena natureza ena verdade, as quaes não são, porém, seu objecto, seu alvo determinado. Este consiste em tirar dellas o bello, o que importa dizer que a obra d'arte deve desenvolver-se como um organismo independente.»

Ora, no Brazil o chamado *realismo*, quando raramente é fiel a seu programma, copia Zola, e é mais ou menos extravagante, o que aliás não quer dizer, que por excepção, esse escriptor não tenhã uma ou outra idéa bem pensada.

Nos casos em que o nosso impropriamente denominado realismo é mais forte vem a ser quando os seus cultores lhe são infieis e caem numa certa effusão lyrica, onde ha mais de conceptualismo do que de realismo. E' o caso de alguns jovens poetas, aliás talentosos e aproveitaveis.

A poesia deve ter a intuição de seu tempo; mas não tem por fim fazer sciencia, ou photographar a realidade crua; ella

não é hoje, não deve ser, pelo menos, condemnada á affectação dos *classicos*, com seus deuses ; dos *romanticos*, com seus anjos, ou dos *realistas*, com suas prostitutas ; ella deve tambem lutar pelas idéas, sem despir a sua forma amena e lyrica.

Em critica litteraria, nos domina a nós outros a idéa capital de uma revisão franca dos titulos dos nossos escriptores, juizo que não trepida ante o rigor e não tem medo da algazarra publica, por mais desabrida que se ostente.

Neste terreno temos feito já alguma cousa. Um dos problemas que conseguimos modificar em seu sentido obsoleto é o do nacionalismo litterario. Era uma velha teima a de procurar um certo *nativismo* fluctuante e incorrecto, que nem mesmo sabia a que visava.

O conceito desse nativismo atravessou duas phases, que não devem mais ser confundidas como o tem sido commumente.

Na primeira tinha velleidades ethnicas e andava a procura de uma raça que o caracterizasse e, por via de regra, dizia mal das outras. Ora era o portuguez, ora o negro, ora o caboclo. Este predominou. Convencidos mais tarde os nativistas do que havia de artificial nessas tentativas, abandonaram a idéa de *raça* e apegaram-se á de *classes* fundadas nas grandes divisões geographicas do paiz.

Ficaram neste ponto.

Não era mais o *caboclo*, ou o *negro*, ou o *luso*¹ ; passou-se ao *sertanejo*, ao *matuto*, ao *caipira*, ao *praeiro*, etc. Tudo isto, porém, externamente.

Talhavam-se vestes e enroupava-se esta gente, e nada mais. Entretanto o Brazil não é nada disto ; porque é mais do que tudo isto. Aquelles são typos reaes, é certo ; mas particulares, isolados, e não enchem toda a galeria patria. Ha um espirito geral que os comprehende, que os domina : é o espirito popular, subjectivo á nação, que não se póde fabricar, que deve ser espontaneo. O character nacional não está em se falar em *maracás* e *tangapemas*, tão pouco está

¹O negro foi sempre aliás pouco aquinhoado.

em se lembrar o *chiba*, o *bumba meu boi*, o *samba*, etc. Deve estar no sentimento original, no sentir especial do brasileiro.

O nacionalismo não hade, pois, ser uma these objectiva de litteratura, a caçada de um titulo ; antes devemos estudar o nosso povo actual em suas origens, em suas produções anonymas, apossarmo-nos da sua intimidade emocional, da sua visualidade artistica.

Por isso os amigos da intuição anti-franceza atiramo-nos ao estudo de nossa poesia e crenças populares, convencidos do valor dessa contribuição ethnologica, desse subsidio anonymo para a comprehensão do espirito da nação. Ainda aqui é bom lembrar que foi Herder o primeiro que mostrou a importancia daquelle elemento nas litteraturas.

Em philosophia estamos desclassificados, por um assedio da presumpção indigente, que leva os pretendidos philosophos brasileiros a suppôrem que nessa esphera toda a sciencia humana está contida nos livrinhos do *espiritualismo*, do *eclectismo* ou do *positivismo* francezes. São ainda os trez palmos de que falei.

Nós vamos beber a uma outra fonte. Na sciencia experimental somos sectarios desse realismo transformista, dessa intuição mecanica do mundo, em que o homem não reina como senhor com o seu anthropomorphismo pretencioso.

Na synthese philosophica banimos todo dogmatismo, toda formula com pretensões a absoluta. Chamada a tratar dos mais geraes problemas que não têm podido até aqui ser o objecto de uma sciencia particular, a philosophia, si tem por obrigação não desprezar o ensino das sciencias, não deve, por outro lado, sair do terreno de uma synthese provisoria, de um ponto de vista critico, não subjectivo, não systematico, pois nas sciencias não ha systemas; não deve ter a velleidade de impôr uma formula definitiva e muito menos a de constituir-se uma religião.

Na politica o brasileiro entre o *conservador*, o *liberal*, e o *republicano actual positivista*, evolucionista, opportunistista, não descobre de ordinario outro meio. Sempre os trez palmos! . . .

A concepção da sociedade deve, porém, sair fóra de todos aquelles processos politicos, imprestaveis e gastos.

A philosophia politica e sôcial não se funda na idéa da autoridade; não quer a *dictadura* em nome do rei, nem em nome de um monopolio da sciencia, como pretende um certo opportunismo incongruente; funda-se antes na idéa da luta. Ha uma selecção social, como existe uma natural. Este transformismo a Darwin tem duas faces, a adaptação normal, hereditaria, conservadora, e a adaptação cenogenetica, em que o mais forte devora o mais fraco, a *adaptação revolucionaria*! Estes dois processos são indispensaveis: evolução e revolução, a natureza e a consciencia.

Nem ha duvida que o povo será o vencedor; porque elle é o mais forte, duplamente mais forte pelo braço e pela justiça. O positivismo laffittiano, esse dilettantismo religioso, está fazendo um grande mal á democracia, á republica, ás idéas livres no Brazil.

Eis ahi, a traços rapidos, a propaganda que eu. faria si tivesse qualidades tribunicias, que me chamassem a combater nos clubs. Em todo caso, nas paginas deste livro, consignadas ficam as linhas geraes de um programma.

E' ainda uma das idéas mais estimadas do allemanismo a guerra á centralização do pensamento nacional, a opposição á imitação do *parizismo*.

O Brazil é o Rio de Janeiro!. . dizemos, macaqueando inconsideradamente a phrase — *a França é Pariz!*...

Não cançarei de bradar contra semelhante absurdo. Não sómente ha tendencias diversas na litteratura nas provincias ao norte e ao sul, como as ha especialmente das provincias para a côrte, e taes differenças devem ser mantidas.

Nunca houve quem dissesse: a Allemanha é Berlim... os Estados-Unidos são Whashington... Häckel disse bem: « contra a centralização da sciencia allemã, que seria especialmente perigosa na capital do imperio, seremos garantidos pela aptidão á differenciação e ao individualismo de nosso espirito nacional. » Entre nós sempre se tendeu para a centralização em tudo. Ainda agora anda no ar um projecto nocivo de

Universidade na côrte; quando o dever do governo é multiplicar nas provincias os gymnasios e academias.

Eu estou muito longe de aceitar a superioridade intellectual das nossas provincias meridionaes sobre as do norte, e vice-versa ; mas dou como provada a existencia de certas differenças características que não devem passar despercebidas aos novellistas e autores de estudos de costumes.

Ha dois livros, talvez os dois melhores romances escriptos no Brazil, que podem ser tomados como prova do que deixo dito : *As memorias de um sargento de milicias* de Manoel de Almeida e *Um estudo de temperamento* de Celso de Magalhães. São dois escriptores mortos na flôr dos annos ; um nunca saíu do Rio de Janeiro e o outro do norte do Brazil. Podem servir de base para um estudo comparativo. Cotejem-se as scenas, o estylo, as descripções de um e outro livro. Vejam-se em ambos as dissonancias do meio e conhecer-se-á que tenho razão. Apreciemos, entretanto, as objecções feitas pelos adversarios. Reduzem-se a duas : que se quer proclamar a preferencia do norte ; que não temos ainda uma litteratura e muito menos duas... A primeira objecção cae por si mesma ; porquanto não se trata de superioridades, como a má fé finge crêr. A outra argumentação é tambem inconsistente.

Ahi anda confusão entre um phenomeno historico e um critico. O Brazil tem de certo uma litteratura ; porque tem tradições suas e ha possuido homens de talento que sobre ellas produziram obras d'arte.

Não foi em balde que appareceram Mattos, Durão, Basilio, Gonçalves Dias, A. de Azevedo, Martins Penna, Agrario de Menezes, Alencar, Macedo, Varella, Tobias Barretto, Castro Alves, Manoel de Almeida e Celso de Magalhães. Estes nomes pertencem á historia ; não é possivel passar sobre elles uma esponja para satisfazer caprichos lusitanos ou cortezãos. E' uma questão diversa, que pertence á critica e não á historia, o saber si essa litteratura é pobre ou opulenta, originalissima ou não. Julgo-a pobre ; mas é sempre uma litteratura. Portugal só tem um vulto, que não possui aqui o seu igual : é Camões. Quanto aos outros, têm elles entre nós os seus pares.

Não levemos a nossa fraqueza ao ponto de pôrmo-nos a repetir as extravagancias e os caprichos de alguns auctoritarios do reino. Porque alguns escriptores dali precisam de vender no Brazil os seus livros, e, nesse intuito, depreciam os nossos productos intellectuaes, não os imitemos inconsideradamente neste ponto: Façamos antes como Th. Braga, que sustenta com toda a força a superioridade da poesia lyrica do Brazil no seculo passado e no actual sobre o lyrismo portuguez. Os argumentos que se nos oppõem não têm valor.

Militam a favor da these que defendo factos de ordem physica e moral.

O aspecto do solo e o clima são diversos no sul e norte do Imperio.

Depois de Gervinus e Buckle todos conhecem a enorme influencia destas condições sobre a vida de um povo e a organização dos poetas.

Os costumes, apezar da centralização politica, divergem consideravelmente. A linguagem apresenta tambem dessemelhanças.

O primeiro facto, o de ordem physica, é assignalado por Martius na sua descripção botanica do Brazil; o segundo por Baptista Caetano nos seus estudos linguisticos.

Si não é possivel confundir as populações do norte com as do sul em pequenos paizes europeus; si é exacta a differença entre o Algarve e o Minho, a Provença e a Normandia, a Suabia e o Mecklenburgo, o Piemonte e Napoles, a Escocia e a Inglaterra, as Asturias e a Andaluzia, em pequenos Estados da Europa, porque se hão de confundir o Pará, Pernambuco ou o Ceará com S. Paulo, Rio Grande ou Paraná?! A vida historica nestas regiões, tão distantes umas das outras, não tem sido sempre a mesma. Fica muito bem a um imperialismo ferrenho comprimir toda e qualquer franquia provinciana que se erga no paiz; é a grande solidão geral para sobre ella levantar-se o espectro da côrte superficial e presumpçosa, bradando aos quatro ventos:—o *Brazil é o Rio de Janeiro!*

Nós já possuímos esse imperialismo na ordem politica; afastemol-o da esphera litteraria.

A grandeza futura do Brazil virá do desenvolvimento autonómico de suas provincias. Os bons impulsos originaes que nellas apparecerem devem ser secundados, applaudidos.

Não sonhemos um Brazil uniforme, monotono, pesado, indistincto, nullificado, entregue á dictadura de um centro regulador das idéas. Do concurso das diversas aptidões das provincias é que deve sair o nosso progresso. A grande alma nacional, ápezar de muito batida de infortunios, não cáiu ainda na immobilidade chineza. Já temos a centralização politica e administrativa ; não procuremos agora a compressão litteraria. Continuáe, continuáe, poetas e romancistas, estudaes os costumes provincianos ; reproduzi nos vossos cantos e nas vossas novellas o bom sentir do povo, quer do norte, quer do sul ; marcae as differenças e os laços existentes entre estas gentes irmãs, que são o braço e o coração do Brazil. Não é de vossos estudos, interessantes ao observador e ao psychologo, que nos pôde vir o mal. O que seria melhor: uma patria uniforme, morta, gelada, ou vivace e multipla em suas manifestações ? Dahi não vem perigo. De cortezanismos exclusivistas é que já estamos gafos. Não se chama isto dividir a litteratura nacional em duas ; é apenas affirmar a unidade na multiplicidade. Dest'arte, quando falam nas dissonancias existentes entre as populações da *langue d'ouil* e as da *langue d'oc*, em *trouvères* e *troubadours*, os criticos não dividem a antiga litteratura franceza em duas. No Brazil as provincias do norte e as do sul tem a plena consciencia do facto assinalado ; mas não se lhes dá disso ; porque sabem ser um bem e conhecem nas suas proprias tradições, de lado a lado, recursos para as produções litterarias. Tenhamos, sim, muito cuidado com as pretensões compressoras da côrte ; estejamos álerata contra o *parizismo* e contra a almejada *dictadura scientifica* de um centro regulador das ideias. .— E' uma nova formula do jesuitismo. !—

PRIMEIRA ÉPOCA OU PERIODO DE FORMAÇÃO

(1500—1750).

CAPITULO VII

Estado do paiz. Poetas e chronistas no seculo XVI

Na historia da litteratura brazileira não teremos a apreciar o spectaculo de um povo que, emergindo da selvageria, atravessa as varias phases do pensamento, até chegar ao ponto de ser um partcipe na cultura dos tempos modernos. No quadro das relações dos povos occidentaes o Brazil é um conviva de hontem; elle, porém, entrou para a historia em plena luz. No seculo das grandes navegações e descobertas, no tempo de Erasmo, Luthero, Miguel Angelo e Camões, a um navegante europeu se deparou esta porção do continente.

Portuguez era aquelle navegante, que tomou conta da nova terra descoberta para a sua nação. Desde logo começaram colonos a passarem-se para a nova provincia transatlantica. Esses colonos, a que juntavam-se padres, soldados, capitães, empregados, governadores, saíam de um paiz culto, que attingira a plenitude de sua força, e entrava francamente na execução do seu destino historico.

O paiz descoberto não era ermo, deshabitado, como uma ilha esteril perdida no seio do oceano; era povoado por muitos milhares de seres pertencentes a uma das grandes divisões da familia humana. Estas gentes eram selvagens. A ellas vieram mais tarde juntar-se alguns milhões de individuos de uma raça ainda inferior: os africanos. Nestas condições, é evidente que os homens mais fortes, porque mais cultos, tinham de abrir caminho por meio de nossas selvas e indicar as normas da viagem. Si uma nova ordem de cousas se tinha de fundar nestas regiões, ao portuguez havia de caber a preponderancia. Elle, porém, não era o unico, tinha concurrentes; e aqui começa o interesse dramatico de nossa historia, interesse ethnologico mais e mais crescente, e cujos ultimos resultados estamos ainda bem longe de prevêr mesmo depois de passados quatrocentos annos.

O portuguez era sem duvida o mais forte; mas, posto em contacto com tupis e africanos, debaixo de um clima, num meio diverso do seu, elle diluiu-se, por assim dizer, tomou feições outras, transformou-se, concretizando-se num producto novo, o povo brasileiro, que si diversifica-se do negro e do indio, tambem é bem diverso d'elle europeu. E' essa grande obra de evolução ethnica e sociologica que vamos vêr passar, de modo rapido, diante de nossos olhos no curso da historia de nossas letras.

Durante o primeiro seculo da descoberta e conquista do paiz não existiu entre nós uma litteratura no sentido especial que damos a este termo.

Necessidades materiaes de primeira ordem absorveram totalmente a exigua população crioula formada naquelle tempo.

Em compensação foi corrida toda a longa costa do paiz e grande parte do interior; fundaram-se as principaes cidades que ainda hoje possuímos, e lançaram-se as bases da grande divisão de nossas provincias actuaes.

Toto o progresso ulterior do Brazil tem consistido nos ultimos trez seculos em proseguir no plano traçado a largas linhas naquelle tempo.

Pela leitura dos crõnistas da época, especialmente Gândavo, Cardim, Gabriel Soares e José de Anchieta, conhecem-se as primeiras relações dos portuguezes com os indios e os negros, os costumes de uns e outros, e o estado geral das mais antigas povoações.

Os principaes centros populosos já eram então Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo. A educação publica estava a cargo dos jesuitas. As primeiras populações mestiças de brancos e indios, e de brancos e negros começam bem cedo a tomar uma feição diversa da dos progenitores. Entre o indio arredio e sempre prestes á vida errante, o portuguez prompto para enriquecer explorando os outros, e o negro captivo, formam-se os crioulos sedentarios, activos, ageis e mais ou menos dados aos prazeres. Intelligentes e vivos, alguns destes, já nesse tempo, saem das escolas levando o amor da poesia e das bellas-letras. Fundadas as principaes cidades e povoações, estabelecidas as principaes culturas do solo, um certo lazer é possivel; o luxo não é mais um impossivel.

Demos a palavra a Fernão Cardim; deixemol-o descrever o estado geral das populações por elle visitadas de 1583—1590. Eis o que diz da Bahia: «A Bahia é cidade de El-Rei, e a côrte do Brazil; nella residem os srs. bispo, governador, ouvidor geral, outros officiaes e justiça de Sua Magestade. Dista da equinocial treze grãos; não está muito bem situada; mas por ser sobre o mar é de vista aprazivel para terra e para o mar.

E' terra farta de mantimentos; tem trinta e seis engenhos; nelles se faz o melhor assucar de toda a casta, tem muitas madeiras; terá a cidade com seu termo passante de *trez* mil vizinhos portuguezes, *oito* mil indios christãos e *trez a quatro* mil escravos de Guiné. Tem seu cabido de conegos, vigario geral, provisor, com dez ou doze freguezias por fóra, não faltando em muitas igrejas e capellas, que alguns senhores *ricos* tem em suas fazendas. Os padres tem aqui collegio novo quasi acabado; é uma quadra formosa com boa capella, livraria e alguns *trez* cubiculos; os mais delles têm as janellas para o mar; o edificio é todo de pedra e cal d'outra, que é tão boa como a de pedra de Portugal.»

Eis o que escreve de Pernambuco :» Tem uma formosa igreja matriz de trez naves com muitas capellas ao redor ; acabada ficará uma bôa obra ; têm seu vigario, com dois outros clérigos, afora outros muitos que estão nas fazendas dos portuguezes, que elles sustentam á sua custa, dando-lhes meza todo o anno, e quarenta ou cincoenta mil réis de ordenado, afora outras aventagens. Tem passante de dois mil vizinhos entre villa e termo, com muita escravaria de Guiné, que serão perto de *dois mil* escravos; os *indios* da terra são já *poucos*. A terra é toda muito chã, o serviço das fazendas é por terra em carros; a fertilidade dos canaviaes não se póde contar ; têm sesenta e seis engenhos, que cada um é uma boa povoação ; lavram-se alguns annos duzentas mil arrobas de assucar, e os engenhos não podem esgotar a canna, porque em um anno se faz de vez para moer, e por esta causa a não podem vencer, pelo que moem canna de trez e quatro annos ; e com virem cada anno quarenta navios ou mais a Pernambuco, não podem levar todo o assucar ; é terra de muitas creações. A gente é honrada ; ha homens muito grossos de quarenta, cincoenta, e oitenta mil cruzados de seu : alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com escravaria de Guiné, que lhes morrem muitos, e pelas demasias e gastos grandes que têm em seu tratamento. Vestem-se as mulheres e filhas de toda a sorte de veludos, damascos e outras sêdas ; e nisto têm grandes excessos : as mulheres são muito senhoras e não muito devotas. Tambem frequentam as missas, pregações, confissões, etc. Os homens são tão briosos que compram ginetes de duzentos e trezentos cruzados, e alguns tem trez e quatro cavallo de preço. São mui dados a festas. Casando uma moça honrada com um vianez, que são os principaes da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo cramesim, outros de verde, e outros de damasco e sêdas de varias cores, e os guiões e sellas dos cavallo eram das mesmas sedas de que iam vestidos. Aquelle dia correram touros, jogaram cannas, pato, argolinha, e vieram dar vista ao collegio para vêr o padre visitador ; e por esta festa se póde julgar o que farão nas mais, que são communs e ordinarias. São sobretudo dados a banquetes, em

que de ordinario andam comendo um dia dez ou doze senhores de engenhos juntos, e revesando-se desta maneira gastam quanto têm, e de ordinario bebem cada anno dez mil cruzados de vinhos de Portugal ; e alguns annos beberam oitenta mil cruzados dados em rol. Emfim em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa. A villa está bem situada em logar eminente (Olinda) de grande vista para o mar e para a terra ; tem boa casaria de pedra e cal, tijolo e telha.— Os padres lêem uma lição de casos, outra de latim, e escola de lér, e escrever, pregar, confessar, e com os indios e negros de Guiné se faz muito fruto ; dos portuguezes são mui amados. »

De Ilhéos—diz : » Os Ilhéos distam da Bahia trinta leguas ; é capitania de senhorio, de Francisco Giraldes, é villa intitulada de S. Jorge, terá çincoenta vizinhos com seu vigario ; tem trez engenhos de assucar, é terra abastada de mantimentos. »

De Porto Seguro : » A capitania de Porto Seguro é do duque de Aveiro ; dista da Bahia sessenta leguas ; a villa está situada entre dois rios caudaes em um monte alto, mas tão chão e largo que pudera ter grande cidade ; terá quarenta vizinhos com seu vigario ; a gente é pobre, por estar a terra já gastada, e estão apartados dos Guaymurés. »

Fala o padre Fernão Cardim de algumas aldeias de indios cathechizados que visitou, sendo sempre grandes o entusiasmo e festas dos caboclos : « Em todas estas aldeias ha escola de lér e escrever, aonde os padres ensinam os meninos indios ; e alguns mais habeis tambem ensinam a contar, cantar e tanger ; tudo tomam bem e ha já muitos que tanger frautas, violas, cravo, e officiam missas em canto d'orgão, cousa que os pais estimam muito. Estes meninos falam portuguez, cantam a doutrina pela rua e encommendam as almas do purgatorio. »

Do Espirito Santo escreve: « E' rica de gado e algodões ; tem seis engenhos de assucar e muitas madeiras de cedros e páus de balsamo, que são arvores altissimas. A villa é de N. S. da Victoria ; terá mais de cento e cincoenta vizinhos com seu vigario. Está mal situada em uma ilha cercada de grandes montes e serras. »

Eis a chegada ao Rio de Janeiro : « Fomos recebidos do padre Ignacio Tholosa, reitor, e mais padres e do Sr. governador, que com os principaes da terra veiu logo á praia com muita alegria, e os da fortaleza tambem a mostraram com a salva de sua artilharia. Neste collegio tivemos o Natal com um presepio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal. O irmão Bernabé fez a lapa e ás noites nos alegrava com seu birimbau.

« Uma das oitavas á tarde se fez uma celebre festa. O Sr. governador com os mais portuguezes fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pifaros e bandeiras foram á praia.

« O padre visitador com o mesmo governador e os principaes da terra e alguns padres nos embarcamos numa grande barca bem embandeirada e enramada ; nella se armou um altar e alcatifou a tolda com um pallio por cima ; acudiram algumas vinte canôas bem equipadas, algumas dellas pintadas, outras empennadas e os remos de varias côres.

« Entre ellas vinha Martim Affonso, commendador de Christo, indio antigo *Abaeté* e *Moçacdra*, isto é, grande cavalleiro e valente, que ajudou muito os portuguezes na tomada deste Rio. Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pifaros e frautas, com grande grita dos indios ; e os portuguezes da terra com sua arcabuzaria e tambem os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa. Com esta festa andamos barlaventeando um pouco á vela e a santa reliquia (de S. Sebastião) ia no altar dentro de uma rica charola, com grande apparato de velas accezas, musica de canto d'orgão, etc. ✕

« Desembarcando viemos em procissão até a Misericordia, que está junto da praia, com a reliquia debaixo do pallio ; as varas levavam os da camara, cidadãos principaes, antigos, e conquistadores daquella terra. Estava um theatro á portada Misericordia com uma tolda de uma vella, e a santa reliquia se poz sobre um rico altar em quanto se representou um devoto dialogo do martyrio do santo, com choros e varias figuras muito ricamente vestidas ; e foi asseteado um moço atado a um páu. Causou este espectaculo muitas lagrimas de devoção e alegria

a toda a cidade por representar muito ao vivo o martyrio do santo, nem faltou mulher que viesse á festa ; por onde acabado o dialogo, por a nossa igreja ser pequena lhes preguei no mesmo theatro dos milagres e mercês, que tinham recebido deste glorioso martyr na tomada deste Rio ; a qual acabada, deu o padre visitador a beijar a reliquia a todo o povo e depois continuamos com a procissão e dança até nossa igreja. Era para vêr uma dança de meninos indios, o mais velho seria de oito annos, todos nũsinhos, pintados de certas côres apraziveis com seus cascaveis nos pés, e braços, pernas, cinta e cabeças, com varias invenções de diademas de pennas, collares e braceletes ; parece-me que si os viram nesse reino, que andaram todo o dia atraz elles. Foi a mais aprazivel dança que destes meninos cá vi ; chegados á igreja, foi a santa reliquia collocada no sacrario para consolação dos moradores que assim o pediram. Têm os padres duas aldêas de indios, uma dellas de S. Lourenço, uma legua da cidade por mar, e a outra de S. Bernabé, sete leguas tambem por mar ; terão ambas trez mil indios christãos. Foi o padre visitador á de S. de Lourenço, a onde residem os padres, edia dos Reis lhes disse missa cantada, officiada pelos indios em canto d'orgão com suas frutas.

« A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma bahia que bem parece que a pintou o supremo pintor e architecto do mundo, Deus nosso Senhor, e assim é cousa fermosissima e a mais aprazivel que ha em todo o Brazil, nem lhe chega a vista do Mondego e Tejo ; é tão capaz que terá vinte leguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas de grandes arvoredos, e não impedem a vista umas ás outras, que é o que lhes dá graça ; tem a barra meia legua da cidade, e no meio della uma lagea de sessenta braças de comprido, e bem larga que a divide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para náus da India ; nesta lagea manda El-Rei fazer a fortaleza, e ficará cousa inexpugnavel, nem se lhe poderá esconder um barco ; a cidade tem cento e cincoenta vizinhos com seu vigario, e muita *escravidão da terra.* » ¹

¹ *Narrativa epistolar, passim.*

Idênticas descrições faz este classico da capitania de S. Vicente, hoje provincia de S. Paulo. Não as repitirei aqui.

Temos ahi um specimen do estado então do paiz, suas principaes povoações, seus costumes. As trez raças já se achavam entrelaçadas; o *indio* ainda predominava em numero em alguns pontos; começava a escaçar noutros. O *negro* escravo principiava a avultar, o *portuguez* ia creando a nova ordem decousas.

Passando a tratar dos mais antigos typos da nossa litteratura, não me demorarei a analysar — Gandavo, Gabriel Soares, e outros, que são tão estrangeiros, como Lery, ou Thevet. Estes chronistas passaram rapidamente pelo paiz e não *abrazileiraram-se*. Como fonte de informações dou preferencia a Cardim.

O mais antigo vulto de nossa historia litteraria é o padre José de Anchieta. A critica mesquinha, que ha presidido á organização de nossas chronicas litterarias, o tem excluido do seu quadro. Anchieta é geralmente considerado um portuguez, um estrangeiro, de certa influencia religiosa, e nada mais. Na historia civil elle apparece mais ou menos, conforme a maior ou menor dose de carolice do escriptor.

Encaro as cousas por um prisma diverso. Anchieta foi um insular, um quasi indigena das Canarias, um apaixonado, um hysterico, que se abrazileirou.

Alma arrebatada e poetica, elle não era homem de recuar; encarava o seu idéal com enthusiasmo. Um dia entrou para a companhia de Jesus e foi o mais acabado modelo do jesuita no bom sentido da palavra.

Um dia partiu para o Brazil e fez-se um dos nossos, isto é, um amigo desta terra, um devotado aos selvagens, um agente, um factor de nossa civilização. Não poderei escondel-o: Anchieta é a meus olhos um vulto altamente sympathico. Chegado ao Brazil aos vinte annos de idade, aqui viveu quasi meio seculo, e nunca mais lhe passou pela mente o voltar para a Europa; dedicou-se fortemente, fanaticamente á catechese dos seus *brazis*; viveu para elles; para elles escreveu grammaticas, lexicons, autos, comedias, hymnos; por amor delles soffreu. Entre seus indios morreu.

No estudo desta individualidade, tão nobremente accentuada, não temos a colher idéas novas, principios originaes por ella espalhados. Foi um missionario e nada mais; foi um jesuita, e um filho de Loyola não tem, não pôde ter idéas suas; é um ente que se annulla para melhor devotar-se. *Perinde ac cadaver vae*, prega sua doutrina e tem cumprido o seu mandato. Anchieta só tem uma idéa: servir a sua ordem; só tem uma missão: fazer o que ella lhe ordena. Num homem destes, por maior que seja a força impulsiva, a acção automatica quasi offusca a autonomia do pensamento. Nelle temos a apreciar sómente o exemplo; mas sem desejos de segui-lo. A nós outros filhos do seculo 19., habituados á rebeldia do pensamento, estes exemplos de homens que se sujeitam cegamente á uma ordem superior, podem servir de especimens de amostras da candidez das almas; mas não são muito para prender-nos.

Preferimos um Lutero que protesta a um Anchieta que obedece. E, todavia, o typo ameno e poetico do missionario não perde o valor a nossos olhos. Homem de paixão, alma ardente e lyrica, atira-se ao serviço do seu Deus; a vontade é nelle um principio de obediencia, alguma cousa de heróico, de selvagem; que acha prazer em seguir uma regra, uma norma, como quem tira a prova de um calculo arithmetico, exacto e perfectissimo.

Anchieta nasceu na ilha de Teneriffe no anno de 1533; seu pae era hespanhol, sua mãe uma indigena canarina. Em 1547 partiu para Coimbra, onde fezbrilhanes estudos.

Em 1550, entrou para a companhia de Jesus, e trez annos mais tarde partiu para o Brazil, onde aportou a 13 de julho de 1553 na Bahía. Mais tarde, seguindo para o sul, soffreu um pavoroso naufragio nos Abrolhos; a custo elle e companheiros tomaram a praia de Caravellas.

Pouco depois foi enviado por Nobrega para a capitania de São Vicente, onde fundou o celebre collegio de Piratininga. O genero duro de vida que alli passou com seus companheiros poz em prova o seu genio religioso. Desenvolveu a maxima actividade então na catechese dos indios. Mais tarde,

despeitados os Tamoyos com os portuguezes, foi Piratininga atacada, e Anchieta praticou prodigios de valor. Resolvendo, depois, reduzir aquelles indios a amigos, foi ter com elles ás suas tabas, onde ficou trez mezes de refem, enquanto Nobrega contractava a paz com os portuguezes. Alli concebeu o seu poema latino á Virgem.

Assistiu á fundação da cidade do Rio de Janeiro. Em 1569 foi nomeado reitor do collegio de São Vicente. Em 78 foi á Bahia na qualidade de provincial da companhia de Jesus no Brazil. Em 85 renunciou o cargo, passando-se para o Rio de Janeiro e mais tarde para o Espirito Santo, onde fundou varias aldeias de indios. Retirado de uma vez á aldeia de *Reritigbá* (Benevente), caçado e doente, escreveu as biographias dos seus companheiros de lides sob o titulo de *Brasilica Societatis Historia et vita clarorum Patrum qui in Brasilia vixerunt*. Falleceu a 9 de junho de 1597.¹

Taes são os traços geraes da vida do celebre *Apostolo do Novo-Mundo*.

Apreciado pelo lado litterario, Anchieta não foi propriamente um escriptor; em seu temperamento nervoso e arrebatado predominava a vontade; era um homem de acção.

Inspirados e escriptos os seus trabalhos pela necessidade da predica e da conversão dos gentios, ainda hoje comtudo, são interessantes ao linguista, ao historiador e ao litterato. Ao primeiro, porque entre elles nos veiu uma grammatica tupi e algumas poesias e autos escriptos nessa lingua, que podem servir de base para o estudo do americanismo; ao historiador, porque as *Annuaes* e *Cartas* são um rico manancial de informações sobre o primeiro seculo da colonização do Brazil; ao litterato, porquanto contém versos portuguezes e bellos es-

¹ Vid *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 1.º pag. 44 e seguintes. Excellente osboço biographico devido á penna do Dr. Teixeira de Mello.

E' uma incuria injustificavol, de quem disse so devora occupar, o não termos uma edição completa e perfeita dos oscriptos do padre Anchieta. Especialmente as suas *canções e autos tupis*, onde intercalou as modinhas o cantos dos indigenas, seriam do grande auxilio para os estudos da ethnologia do nossos selvagens.

pecimens de poesia latina. Anchieta escreveu nas quatro linguas : portugueza, hespanhola, tupi e latina. ¹

Qualquer que seja o juizo que a critica venha a formar, um dia, sobre os trabalhos grammaticaes e lexicographicos de José de Anchieta ; qualquer que possa vir a ser esse juizo sobre as suas producções poeticas e dramaticas ; quer me parecer que o melhor patrimonio que elle nos legou, como escriptor, são as suas despreziosas cartas.

Conheço as principaes por ultimo publicadas. O estylo é singelo e sobrio ; não tem artificios ; o padre fala com a simplicidade de um coração honesto.

Leiamos a descripção do naufragio, como elle a faz em uma das cartas : «Tendo eu e quatro irmãos saído da cidade do Salvador (que tambem é chamada Bahia de Todos os Santos) depois de fazermos duzentas e quarenta milhas por um mar tranquillo e á feição do vento, chegamos a uns bancos de areia (que, estendendo-se para o mar na distancia de noventa milhas de todas as partes, por um curso recto e por um grande precipicio, tornam a navegação difficil), onde abaixando-se a cada passo o meteoro, passamos o dia, e reparada a quilhá, descansamos em estreitos canaes entrincheirados por montes de areia, por onde se costuma navegar ; no dia seguinte, reunidos felizmente todos á tarde, os marinheiros, julgando-se já livres de perigo, tranquilizaram-se e não pensaram mais em tal, quando de repente, sem ninguem o esperar, o leme salta fóra do eixo e quebra-se o navio ; veiu ao mesmo tempo uma tempestade seguida de vento e aguaceiros, que nos atirou para perigosos estreitos ; o navio era arrastado sulcando areias e, por causa de frequentes salavancos, temiamos que se fizesse todo em pedaços. Porquanto, levados para um lugar proximo e inclinando-se a nave já para outro lado, expostas as reliquias dos Santos, que comnosco traziamos para implorar o soccorro di-

¹ Seus escriptos publicados são : o *Poema á Virgem* na obra do padre Simão de Vasconcellos, a *Arte da Grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil*, uma *Annuæ* na *Revista do Instituto Historico*, algumas *cartas* nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, o algumas *poesias* traduzidas do tupi e do hespanhol pelo padre João da Cunha no *Curso de Litteratura Brasileira* do Dr. Mello Moraes Filho.

vino, voltamos e lançado ás ondas o Cordeiro de Deus, aplacada a tempestade, caímos em um pégo mais fundo, onde deitada a ancora e collocado o leme em seu logar proprio com pequeno trabalho e com grande admiração de todos nós esperavamos ficar tanquillos até o romper da aurora. Era um lugar fechado de todas as partes por cachopos e monticulos de areia e sómente para o lado da prôa havia uma estreita saida; quando no entanto se começava a descançar, eis que tudo se perturba na ameaçadora escuridão da noite, os ventos sopram com violencia do sul, cae uma chuva immensa e revolvido em todos os sentidos o mar abalava violentemente a embarcação, aqual já gasta pelo tempo pouca resistencia offerecia: embaixo della estavam asondase em cima as chuvas; estava tudo coberto d'agua; esgotava-se o porão quatro ou cinco vezes por hora, e para dizer a verdade, nunca se esvasiava; ningnem podia conservar-se a pé firme, mas andando de gatinhas corriam uns pelo tombadilho, outros cortavam os mastros; aquelloutros preparavam as cordas e amarras; neste comenos a lancha que estava atada á extremidade do navio, foi arrebatada pelo mar partindo-se o cabo que a prendia; então começaram todos a tremer e a sentir vehemente terror: via-se a morte diante dos olhos; toda a esperança de salvação estava posta em uma corda e quebrada esta, a nave ia inevitavelmente despedaçar-se nos baxios que a cercavam pela pôpa e pelos lados; corre-se á confissão: já não vinha cada um por sua vez, mas dous e o mais de pressa que cada qual podia. Em uma palavra, fôra fastidioso contar tudo o que se passou; rompeu-se a amarra; *está tudo acabado!* gritaram todos. Todavia, no meio de tudo isso não deixavamos de confiar com toda fé em Deus, posto que cada um contasse com certeza morrer alli, e mais curasse de salvar a alma do que o corpo, confiavamos não só nas reliquias dos Santos, más tambem no patrocínio da Santissima Virgem Maria, tendo acontecido estas couzas na noute antecedente ao dia da sua Apresentação. Muitas vezes me veio isso ao pensamento; eu creio em tudo, e muito me consolava a idéa de que muitos de nossos irmãos andavam por diversas regiões, tendo todos o espirito elevado para Deus, e cujas

orações subindo á presença divina, pediam auxilio para nós outros, por cujos suspiros e gemidos, finalmente movida a divina piedade, pudesse prestar-nos os beneficios da sua costumada misericordia. Entretanto, não nos servindo de velas nem de auxilio algum humano, eramos levados sãos e salvos pelo meio das Syrtes, para onde a corrente nos arrebatava e receiando a cada momento o choque da embarcação, expostos á chuva, perseguidos por desagradabilissima tempestade, esperando a morte a cada instante, passamos toda a noite sem dormir. Ao amanhecer recobrando algum alento, concertamos assim mesmo as velas e procurando a terra, desejavamos ao menos arremessar o navio para a praia; mas, levados por uma corrente mais favoravel do que esperavamos, chegamos a um porto bastante seguro, habitado por indios onde nos acolheram elles benignamente, e nos trataram com humanidade. Finalmente quão grande fôra a compaixão do Senhor para conosco, a qual não duvidamos que nos fosse propicia não só pelos merecimentos e preces da Bemaventurada Virgem, como dos Santos, cujas reliquias traziamos conosco, ficou bem manifesto pelo desgraçado naufragio de um navio que nos precedêra; o qual depois de ter sahido para lugares de váos, impellido por um vento prospero, arrebatado todavia não só pelo vento sul, mas tambem pela violencia do mar, encalhara na praia e se despedaçara; com os seus aparelhos e utensilios, nos resarcinos dos que haviamos perdido, e concertamos o nosso despedaçado navio. No dia immediato ao da nossa arribada, visitando eu com alguns irmãos as habitações dos indios, foi-nos apresentada uma criancinha quasi prestes a expirar, fallando nós a seus paes para baptizal-a, elles anuíram de bõamente a isso; baptizamol-a; e algumas horas depois foi levada para o céu. Feliz naufragio que conseguiu tal resultado! Ahi demoramo-nos oito dias por causa dos ventos contrarios que reinavam; sobrando-nos pouca provi-zão para o resto da viagem, lançaram os marinheiros a rêde ao mar e colheram de um só lanço dous bois marinhos, os quaes apezar de serem tão grandes não romperam a rêde quando um só delles era sufficiente para rasgar e des-

pedaçar muitas rédes : e assim fizemos o restante do caminho, provendo-nos com fartura a munificencia divina'.»

Durante quasi meio seculo o illustre *Apostolo do Novo-Mundo* foi o grande instructor das populações brazileiras nos primeiros tempos da conquista. Só por este facto, tinha direito de figurar na historia litteraria do paiz, ainda que não houvesse escripto uma só palavra.

Si considerarmos, porém, que os primeiros autos e mysterios representados nesta parte da America são devidos á sua penna ; que elle escreveu poesias e outros trabalhos, ainda mais firme o devemos collocar em seu logar. E o moço padre era o mais proprio para levar ao cabo a tarefa que lhe coube na historia. Filho de uma descendente dessas raças cruzadas das Canarias, aquelle insular, não tendo o orgulho nativo do portuguez ou do hespanhol de sangue puro, era naturalmente levado a sympathisar com as gentes selvagens, com os pobres fetichistas negros e indios, em quem a vaidade européa não podia habituar-se a vêr entes humanos.

Bafejado, além disso, desde a mais tenra infancia, pelo sopro popular da poesia anonyma, que nas ilhas Canarias e nos Açôres, em seu tempo, medrava fortemente ; imbuido dessa melancolia, desse mysticismo poetico, tão proprio ao meio insulano, bem se comprehende a razão por que de todos os missionarios jesuitas, foi elle o unico que escreveu poesias, e comprehendeu as canções dos tupis. O culteranismo de sua educação não pôde estiolar suas qualidades nativas. Não é nos versos latinos que deve ser estudado ; é antes em suas cartas, e em suas poesias portuguezas, ou ainda nas tupis. Nestas sente-se vivo o bafejo popular.

Temos ahi diante um typo que deve ser estudado imparcialmente, detidamente pela face litteraria.

Não sendo o fito deste trabalho a pretensão de ser uma historia exhaustiva da litteratura brazileira, tendo só por alvo formular uma theoria geral de nossa intuição litteraria, bem se

¹ *Annaes da Bibliotheca Nacional*. Traducção do Dr. Teixeira de Mello.

compreenderá que nelle não se agitem uns quantos problemas impertinentes, taes como : qual o primeiro, ou os primeiros brazileiros que escreveram uma obra qualquer, e outros semelhantes. Obrigado a tratar somente dos espiritos economicos e instigadores do pensamento nacional nada tenho a falar sobre alguns enfastiados que, se diz, escreveram aqui no primeiro seculo alguns versos latinos, ou cousa delia semelhante, que se perderam. São quasi todos typos mortos, este-reis, inuteis. Suffocados pelo culteranismo jesuitico, desprendidos da consciencia nacional, para cuja determinação nada ontribuiram, passaram a vida a versejar semsaboriase não têm o direito de figurar na historia.

A mór parte dos autores que escreveram da litteratura brazileira do seculo XVI desfaz-se em hymnos festivos aos grandes serviços dos jesuitas nessa esphera. Uma observação mais despreoccupada dos factos dá por terra com aquelle enthusiasmo. Em primeiro logar, dos padres da companhia, naquelle tempo, vindos para o Brazil, só Anchieta foi verdadeiramente notavel por suas qualidades individuaes. Demais, a influencia jesuitica, si teve algum valor para o facto geral da conversão de algumas centenas de indios, e para o estabelecimento dos europeus, foi de todo desastrada na formação intellectual e esthetica da nova nacionalidade. O seu *humanismo* pesado e abstracto, o seu cosmopolitismo pedantesco, suas formulas casuisticas e vãs, a chateza da sua intuição artistica, bem cedo começaram a influir no espirito das populações crioulas. Por isso, pela exiguidade do tempo e pelas preocupações materiaes, que absorviam toda a vitalidade dos brazileiros de então, é que não tivemos naquelle seculo uma só producção litteraria, que mereça ser lembrada, além das de Anchieta. Só depois de esvaecido o sonho jesuitico da formação entre nós de uma nação theocratica, e, principalmente, só depois de um maior desenvolvimento economico, é que as letras tomaram mais forte incremento. A opinião de alguns, quanto ao despertar da consciencia nacional, influindo na litteratura, depois da expulsão dos hollandezes, é puramente arbitraria. Salta aos olhos de todos que a conquista de Pernambuco pelos hollan-

dezes, e a consequente expulsão destes, constituem um facto secundario, restricto a uma pequena porção do paiz, e que só poderia influenciar uma diminuta parte da população, e não ao paiz em geral. Além disso, o movimento litterario do seculo XVII é todo da Bahia. Pernambuco em quasi nada contribuiu.

A expulsão dos hollandezes foi sem duvida um facto interessante sob o ponto de vista politico e da fortuna ulterior do Brazil, e foi além disso algum tanto epica. Inspirada, porém, por motivos economicos, religiosos e ethnicos, foi antes um resultado do movimento autonomico do paiz do que uma causa dessa evolução.

A restauração de Pernambuco serviu apenas para provar que as populações brazileiras já tinham uma certa consciencia de seu valor, e que ellas poderiam por si libertarem-se de um jugo estrangeiro, sem o auxilio da metropole, ingrata e apoucada.

Os colonos estavam em seu direito, repellindo o estrangeiro. Ao historiador, porém, compete apreciar o alcance social de victoria. Anda ahi no ar a questão de saber si foi para a humanidade util o triumpho dos catholicos em Pernambuco. Os partidarios dos factos consummados, os fanaticos do catholicismo, desfazem-se em hymnos de jubilo diante da victoria dos colonos mantenedores da unidade religiosa nesta parte da America. Sob um ponto de vista nacional e exclusivista, não deixam de ter até certo ponto razão. O problema porém deve ser posto numa esphera mais geral, num sentido mais humano e universal. Assim encarado, não resta a menor duvida que a victoria dos hollandezes traria como resultado pôr esta porção do continente em contacto mais directo com os povos germanicos, os mais progressivos dos tempos modernos. A humanidade em geral teria mais a lucrar, e em vez de uma quasi China americana, seriamos hoje os *Estados-Unidos* do Sul.

Alguns espiritos obtusos e perros são levados a julgar o Portugal do seculo XVII superior ás Provincias-Unidas. — E' um desses abusos lastimaveis pelo exagero que revelam. Basta lembrar que, ao passo que Portugal entregava-se covarde-

mente á vontade da Hespanha, as Províncias - Unidas batiam galhardamente o Demonio do Meio Dia ; o mesmo duque d'Alba que fez um passeio triumphante pelo pequeno reino occidental, foi de modo vergonhoso batido pelos patriotas hollandezes. Portugal era a terra dos frades boçaes e fanaticos, um dos antros da Inquisição, e a Hollanda era a patria do pensamento livre, a terra de Erasmo, de Spinosa, de Grotio ; a terra de Rubens e Van-Dick, que dava asylo a Descartes.. Seja como fôr, entretanto, a victoria dos catholicos é um facto, aqui no Brazil, como a sua derrota é uma realidade na Hollanda.

Vamos adiante.

Na segunda metade do seculo XVI existiu em Pernambuco um homem, que é, depois de José de Anchieta, o mais antigo poeta brasileiro. Falo de *Bentô Teixeira Pinto*. A este autor attribuiu-se por muito tempo a — *Relação do Naufragio de Jorge de Albuquerque* — e o — *Dialogo das grandezas do Brazil*; mas sem fundamento nenhum historico. A *Prosopopéa*, publicada em 1601 em Lisboa, é que incontestavelmente lhe pertence. E' um pequeno poemeto laudatorio, dirigido ao referido Jorge de Albuquerque Coelho, governador de Pernambuco. Como especimens — aqui transcrevo os dois pedaços que me parecem melhores. Principio da *Narração*:

« A lampada do sol tinha encoberto
Ao mundo sua luz serena e pura,
E a irmã dos trez nomes descoberto
A sua terga e circular figura ;
Lá do portal de Dite, sempre aberto,
Tinha chegado com a noite escura
Morpheu, que, com subtis e lentos passos,
Atar vem dos mortaes os membros lassos.

« Tudo estava quieto e socegado,
Só com as flores Zephiro brincava,
E da varia fineza namorado,
De quando em quando o respirar firmava,

Até que sua dôr, d'amor tocado,
 Por entre folha e folha declarava ;
 As doces aves nos pendentos ninhos
 Cobriam com as azas seus filhinhos.

« As luzentes estrellas scintillavam,
 E no estanhado mar resplandeciam,
 Que, dado que no céu fixas estavam,
 Estar no licor falso pareciam ;
 Este passo os sentidos preparavam
 A'quelles que de amor puro viviam,
 Que estando de seu centro e fim ausentes,
 Com alma e com vontade estão presentes.

« Quando ao longo da praia, cuja areia
 E' de marinhas aves estampada,
 E de encrespadas conchas mil se arreia,
 Assim de côr azul, como rozada ;
 Do mar cortando a prateada veia,
 Vinha Tritão em colla duplicada . . .
 Não lhe vi na cabeça casca posta
 (Como Camões descreve) de lagosta . . . etc. »

Descripção do *Recife* :

« Para a parte do sul, ondo a pequena
 Ursa se vê de guardas rodeada,
 Onde o céu luminoso mais serena
 Tem sua influença e temperada ;
 Junto da nova Luzitania ordena
 A natureza mãe bem atentada,
 Um porto tão quieto e tão seguro,
 Que para as curvas náos seave de muro.

« E' este porto tal, por estar posta
 Uma cinta de pedra inculta e viva,
 Ao longo da soberba e larga costa,
 Onde quebra Neptuno a furia esquivá.

Entre a praia e a pedra descomposta
 O estanhado elemento se deriva
 Com tanta mansidão, que uma fateixa
 Basta ter á fatal Argos anneixa.

« Em o meio desta obra alpestre e dura
 Uma boca rompeu o mar inchado,
 Que na lingua dos barbaros escura
Paranambuco—de todos é chamado :
 De—*Paraná*,—que é mar,—*puca*,—rotura ;
 Feita com furia desse mar salgado,
 Que, sem no derivar commetter mingua,
 Cova do mar se chama em nossa lingua.

« Para a entrada da barra, á parte esquerda,
 Está uma lagem grande e espaçosa,
 Que de piratas fôra total perda,
 Se uma torre tivera sumptuosa.
 Mas quem por seus serviços bons não herda,
 Desgosta de fazer cousa lustrosa ;
 Que a condição do rei, que não é franco,
 O vassallo—faz ser nas obras manco... »¹

O primeiro fragmento não deixa de ter uns longes de ly-rismo, e o final do segundo encerra uma certa dose de humor satyrico,— uma censura aos reis descuidados e inuteis, cousas que folgamos de encontrar no mais antigo poeta nascido no Brazil. Estudado o nosso seculo XVI nos chronistas do tempo, descobre-se, desde logo a dupla tendencia de nossa litteratura, a saber: a descripção da natureza e a do selvagem. Anchieta, entre outros, em suas *cartas* é abundante em exemplos do genero. O proprio Teixeira Pinto procura em seu ligeiro poemeto ensejo para intercalar a descripção do Recife e indicar

¹ Edição de 1873—Rio de Janeiro.

palavras selvagens. No seculo XVII a tendencia cresce e no passado torna-se de todo predominante.

A creação attribuida ao nosso tempo não foi, pois, uma obra original, não o passando de uma prolação historica. O nosso *nativimo* tem quatrocentos annos de existencia. Em grande parte puramente exterior, maximé nos primeiros tempos, o nacionalismo tem sido util como agente de differenciação, como força que tende a penetrar mais e mais no espirito publico. A principio encerrado no *caboclisto*, tem vindo a desenvolver-se, preparando uma mais vasta e complexa intuição de nosso character popular, que tem outros elementos alem do selvagem.

A civilização immigrada não encontrou outra mais forte para a aniquilar, ou desviar do seu curso; mas os subsidios tupis e negros se lhe aggregaram, modificando-a bastante.

A civilização brazileira não é um producto indigena, original, espontaneo deste solo, é certo; mas é a civilização europeá modificada, desfigurada em parte, si o quizerem, na America. Wolf illude-se quando lastima que os nossos indios não possuissem uma civilização capaz de resistir á assimilação europeá, ou capaz de lhe communicar novos elementos. A luta teria sido tenaz e prolongada, a fusão difficil ou impossivel no primeiro caso, e no segundo seria ainda mais baralhado e confuso o resultado.

CAPITULO VIII

Escola bahiana. Chronistas, oradores e poetas no
seculo XVII

O seculo XVII é no Brazil o momento critico, é a phase do perigo, como o seculo antecedente fôra o momento da iniciação e da esperança. Nações estrangeiras e poderosas investem contra a nova colonia; é travada a luta contra hollandezes em Pernambuco, e francezes no Maranhão, e si a expulsão destes foi facil, a daquelles foi altamente embaraçosa. Vencidos, porém, uns e outros, a colonização progride para o norte, invadindo o valle do Amazonas. No interior os paulistas alargam tambem a esphera de suas descobertas; o paiz, ao fechar do seculo, está plenamente constituido.

Na luta contra os estrangeiros acrysolá-se o sentimento nacional. Em todos estes factos as trez raças apparecem quasi no mesmo pé de igualdade. O entrelaçamento é perfeito, o *brasileiro* é já uma realidade. E' o tempo de Vidal de Negreiros, de Calabar, de Amador Bueno, dos Palmares e de Gregorio de Mattos...

A riqueza desenvolve-se grandemente por quasi todo o norte; a Bahia é ainda o centro, onde vão ter os raios do immenso perimetro.

O movimento da intelligencia é mais animado do que na época anterior; a acção das letras é já um pouco variada. Não apreciaremos sómente uns dois typos isolados:— Anchieta e Bento Teixeira. Novos athletas apparecem e a orbita se alarga: temos poetas, oradores e chronistas.

O interesse dramatico desse tempo está, porém, na luta de duas forças antagonicas, que sem combaterem-se directamente uma a outra, trabalhando em espheras oppostas, podem ser consideradas como diametralmente inimigas, ainda que se julgassem alliadas.

X Quero falar do padre Antonio Vieira e do poeta Gregorio de Mattos. Aquelle é um portuguez que viveu no Brazil, o outro um brasileiro que residiu em Portugal; um symbolisa o genio portuguez com toda a sua arrogancia na acção e vacuidade nas idéas, com todos os seus pezadelos juridicos e theologicos; o outro é a mais perfeita encarnação do espirito brasileiro, com sua facecia facil e prompta, seu despreendimento de formulas, seu desapego aos grandes, seu riso ironico, sua superficialidade maleavel, seu genio, não capaz de produzir novas doutrinas, mas apto para desconfiar das arrogancias e do pedantismo europeu. Vieira é o jesuita, o producto de uma sociedade e de uma religião gastas. Gregorio é o discipulo de padres que começa por debical-os, escarnecel-os e duvidar de sua santidade e sabedoria. Vieira é uma especie de tribuno de roupeta, que se illude com as proprias phrases. Mattos é um garoto, um precursor dos *bohemios*, amante de *mulatas*, desbragado, inconveniente, que tem porém a coragem de atacar bispos e governadores.. ✕

Mas não antecipemos os factos; vejamos o rebutalho do seculo: os chronistas e pregadores. Logo ao limiar do tempo os seus chronistas brasileiros nos chamam a attenção. Vejamol-os de longe, antes dos oradores e dos poetas. Os principaes vem a ser: Vicente do Salvador, Manoel de Moraes, Diogo Gomes Carneiro e Frei Christovão da Madre Deus Luz.

Estes homens não exerceram influencia séria em seu tempo. Seus escriptos, excepto os do ultimo, nunca foram publicados. *Vicente do Salvador* merece menção, por ter sido o mais antigo autor de uma historia desta parte da America, sob o titulo de *Historia da Custodia do Brazil*.

Suppunha-se perdida esta obra que ultimamente foi, por um livreiro, doada em manuscrito á Bibliotheca Nacional... Eis o que sobre ella escreveu um critico:

« A *Historia* de Frei Vicente do Salvador precede de um seculo a de Rocha Pitta, e é a primeira escripta por brasileiro. Pode-se até dizer que é a primeira historia do Brazil que se escreveu, pois que, embora se intitule *Historia* o livro de Gandavo, de historico elle quasi nada tem além do titulo. A obra de Frei Vicente do Salvador abarca um periodo de cento e vinte e sete annos (1500—1627) e divide-se em cinco livros.

« O primeiro e o segundo adiantam muito pouco a Gandavo e Gabriel Soares, em quem elle parece têr-se inspirado. Depois dos descobrimentos feitos neste seculo, o seu interesse é nenhum. Entretanto, traz um elemento novo na questão do Caramuru, e serve para provar que, antes de Simão de Vasconcellos, a legenda não estava formada nem mesmo na Bahia, d'onde Fr. Vicente era natural e onde escreveu. Os tres ultimos livros, em compensação, pôde-se dizer que são inteiramente novos. A conquista da Parahyba é descripta quasi tão minuciosamente como no *Summario das Armadas*, impressa na *Revista* do Instituto; a do Rio Grande do Norte, as duas expedições de Pero Coelho ao Ceará, o governo de Diogo Botelho e D. Diogo de Menezes; enfim os tempos que precedem immediatamente á guerra hollandeza não podem de hoje em diante ser estudados sem o livro de Fr. Vicente. » (1) E' este o seu interesse.

O padre *Manoel de Moraes*, natural de São Paulo, passa por ter sido um espirito culto e agitado a ponto de ser expulso

(1) *Gazeta de Noticias* de 19 de novembro de 1831.

da companhia de Jesus. « Se fizera calvinista e se casara com *mulheres* desta seita, pelo que fôra já queimado em estatua na inquisição de Lisbôa no acto de 6 de abril de 1642; apresentando-se arrependido aos restauradores de Pernambuco, e sendo por estes recommendado á côrte, foi condemnado a habito perpetuo, sem remmissão, com fogos, e suspenso para sempre das ordens, no acto de 15 de dezembro de 1649 em que saíram condemnados por judaismo mais cinco moradores de Pernambuco. » (1) Foi autor de uma *Historia do Brazil*, que se suppõe perdida. *Diogo Gomes Carneiro*, morto em 1676, em Lisboa, foi *chronista geral do Brazil* e deixou alguns fragmentos litterarios e historicos ineditos. Fr. *Christovão da Madre Deus Luz*, nascido em 1650 no Rio de Janeiro, escreveu um *Cuidado contra o Tempo* e um *Cartorio da Provincia da Immaculada Conceição do Estado do Brazil*, livros onde se deparam alguns dados para a historia do paiz.

Taes obras, por sua natureza, nada influiram para a formação de nossa intuição litteraria e historica. Esses autores são, hoje, uma recordação dos eruditos e nada mais. Todavia é tempo de dar ao menos a Fr. Vicente do Salvador um lugar, publicando-se-lhe o livro.

— Passemos aos pregadores. Os principaes são : Euzebio de Mattos e Antonio de Sá, (2) que foram companheiros de Vieira, que é um discipulo, como elles, da escola da Bahia, onde viveu muitos annos no principio e no fim de sua agitada carreira. O gongorismo predominava então e não pôde haver logar em que elle faça mais ruido do que num pulpito. O sermão é um genero convencional e dá-se bem com os trocadilhos. « O sermão é um genero falso. Entendo por genero falso aquelle no qual não se pôde pensar, nem falar com propriedade.

« Tudo é falso no sermão, a começar pelo texto. Este texto é enunciado em latim ; é alguma passagem de uma antiga tra-

(1) Varnhagen, *Historia do Brazil*.

(2) Varnhagen aponta mais: Fr. Ruperto de Jesus, Fr. Manoel da Madre Deus, Padre Sebastião do Vallo, Fr. José Pereira de Sant'Anna, Padre Angelo dos Reis, além dos escriptores ecclesiasticos — Luiz Botelho do Rozario, José de Oliveira Serpa e Valentim Mendes. *Floril.* — I—XVIII.

dução das Escripuras hebraicas e gregas, traducção feita na lingua, por seu génio, a mais impropria para reproduzir os originaes; traducção, além do mais, que formiga de contrasensos e onde eu desafio a quem quer que seja para comprehender um livro qualquer dos prophetas, ou uma epistola dos apóstolos. O texto, porém, não passa de um pretexto. O pregador não o explica, não o commenta, tira delle, mais ou menos arbitrariamente, um motivo sobre o qual tocará variações. O que se diria de um advogado, de um deputado que abordasse o assumpto por tão apartados caminhos? Ainda não é tudo.

« Depois do texto vem a divisão.

« Sempre pedantesca, é quasi sempre forçada e escolastica.

« A melhor prova de que o sermão é um genero falso é a rhetorica a que elle é condemnado. A rhetorica vem a ser a forma que ultrapassa o fundo, a expressão destinada, não a produzir a emoção, mas a estimulal-a, a necessidade de convencer-se a si proprio forçando a voz, de animar-se exagerando os gestos, de chegar á emoção pela emphase.

« E' conhecido o dito: Tu te irritas, logo não tens razão; direi ao pregador: Tu declamas, logo estás em terreno falso!

« Ora, qual é o sermonista que não declama? (1) »

X Note-se que tudo isto foi dito a proposito de Bossuet. O que diremos nós outros dos seus contemporaneos da Bahia, *Vieira et le reste?* X

E' verdade que Bossuet pregava em Paris, diante da côrte de *le Roi Soleil*, e os nossos declamavam numa pequena cidade colonial, diante de alguns governadores boças e de algumas centenas de beatas, cuja maioria deveria ser de pretas, caboclas e mulatas velhas.

A differença é immensa; mas si a Bahia não era Pariz, tambem nosso Euzebio de Mattos não era Bossuet... A observação de Scherer ataca o genero pela base.

(1) *Études Critiques de Litterature*, pag. 241, por Edmond Scherer.

O sermão de luxo de um Vieira não se pôde comparar á predica singela e catechista de uma Anchieta.

↳ Quando falo em Vieira não é que o queira considerar um dos nossos; é que o padre foi um grande desnorteador litterario dos brazileiros de então, e é preciso falar nelle, ainda que incidentemente.

Fôra a mais perfeita encarnação do gongorismo no pulpito, e o gongorismo é sempre um vicio. X

Euzebio de Mattos nasceu na Bahia em 1629; professou na Ordem de Jesus em 1644. Exerceu a oratoria sagrada e fez fracos versos religiosos.

Saiu brigado da Companhia de Jesus e fez-se carmelita.

Vieira sentiu o facto e lhe são attribuidas aquellas celebres palavras typicas: « *pois muito mal fizeram os jesuitas, que tarde se criarão para a companhia outros Mattos.* » Frei Euzebio morreu em 1692. Foi um homem illustre por suas virtudes; o talento não foi dos maiores.

O padre *Antonio de Sá* nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1620; entrou para a companhia em 1639, morreu em 1678. Nos trocadilhos excede a Mattos. Ambos têm sermões impressos. Abstenho-me de citar trechos.

O movimento levado a effeito na Bahia na segunda metade do seculo XVII não deixa de ter sua grandeza.

Imaginemo-nos em espirito transportados á florescente capital da colonia. Os hollandezes tinham-na atacado anteriormente; mas haviam sido repellidos.

A população era abastada em regra geral; o reconcavo tinha ricos engenhos; o commercio florescia. O governador tinha uma especie de côrte, apta a chamar a attenção dos curiosos. O luxo era geral; pois que a machina — o escravo superabundava: o gentio tinha sido repellido para longe e por esse lado não vinha perigo; o colono portuguez estava em terra propria; atirava-se ao commercio furiosamente; todos os meios lhe eram licitos. Emquanto não podia constituir familia, seu fraco, seu pendor pelas *pretas* não tinha

correctivos. Dahi essa molleza de costumes, que Gregorio Guerra esteriotypou tão cruamente.

Os clerigos, e principalmente os jesuitas, eram illustrados.

O Collegio e o Seminario fulgiam. Os espectaculos publicos eram quasi nullos.

Dahi esse fervilhar para a Igreja a ouvir os sermões, esse correr para o Carmo, o Collegio, a Sé, ou a Misericordia, uns por devoção, outros para vêr as *mulatas*, outros por habito. . . Em todo o caso, não deixa de ser notavel o tempo que reuniu em um só ponto homens como Vieira, Euzebio de Mattos, Antonio de Sá, Gregorio de Mattos; Botelho de Oliveira e tantos outros oradores e poetas.

Passemos a estes ultimos. Nada ha a dizer sobre Domingos Barbosa, Martinho de Mesquita, seu irmão Salvador de Mesquita, Bernardo Vieira Ravasco, seu filho Gonçalo Ravasco, José Borges de Barros, Grasson Tinoco, D. Rita de Souza e outros poetas mediocres e esquecidos deste seculo.

Seus escriptos se perderam todos, ou quasi todos. Nósos brazileiros temos uma tendencia irresistivel a formular cathalogos; dahi estas listas e listas de nomes proprios sem significação, que enchem nossos trabalhos litterario-historicos.

Falta-nos a coragem de condemnar ao olvido de uma vez aquelles typos que o povo esqueceu de todo. E' um abuso. Não basta haver um dia pegado da penna e escripto uma cousa qualquer para se passar á historia; é mister que se tenha sido um factor nacional em qualquer esphera. Todos os que acima ficaram citados não se acham neste caso; devem ser postos á margem, como perturbadores do fio narrativo da historia. *Parce sepultis*, e vamos adiante. . .

Todo o movimento litterario do Brazil no seculo XVII deve girar em torno do nome de *Gregorio de Mattos*, como o do seculo anterior deve circular em torno de José de Anchieta. Resta saber qual destes dois illustres mortos, foi o creador da litteratura brazileira. Para responder a esta questão, cumpre, antes de tudo, indicar o que se deva entender por litteratura nacional. Si por ella se professa a simples descripção da natureza do paiz, então o seu fundador foi Pero Vaz de Caminha.

o piloto, o primeiro, que escreveu sobre o Brazil. Si vem a ser a descripção dos selvagens e de seus costumes, então foram muitos, Thevet, Lery, Gandavo, Gabriel Soares, Cardim e alguns mais. Si são os cantos rudes dos indios, neste caso, foram elles, os selvagens, os fundadores della. Si é a descripção dos costumes dos negros, os seus cantos, suas lendas, nesta hypothese, os seus fundadores foram os primeiros pretos que embarcaram d'Africa. Si, porém, é a persistencia do elemento portuguez, nestas circumstancias, deverão ser contados, como fundadores da litteratura brasileira, todos os colonos emperados, todos os governadores e todos os reis da metropole, que mais se esforçaram por comprimir a colonia, suffocando-lhe os impulsos autonomicos e originaes, e nesta carreira, deverão ser considerados os mais notaveis fundadores da litteratura patria, o carrasco que precipitou da forca a *Tira-dentes* e o soldado que atirou certo ao coração do Padre Roma. . .

Mas tudo isto é falso, falsissimo.

A litteratura brasileira, como todas as litteraturas do mundo, deve ser a expressão positiva do estado emocional, dos sentimentos de um povo. Ora, nosso povo não é o indio, não é o negro, não é o portuguez; é antes a somma de todas estas parcellas atiradas ao cadinho do Novo Mundo.

São as gerações crioulas, que, deixadas de parte as nostalgias dos progenitores, esqueceram-se d'ellas para amar este paiz e trabalhar na formação de uma patria nova.

E esta patria nova não é a *oca* do indio perdida no deserto, a *palhoça* do negro esquecida nos arêaes da Africa, ou o *casal* do portuguez que ficou pelas encostas do Alentejo. . . A *nova patria* é o Brazil, quero dizer, a terra e a sociedade de um povo livre e progressivo. A esta luz, bem se comprehende que Anchieta não podia ser o fundador de nossa litteratura.

Elle não tinha a *loucura da terra*, com que se fundam as obras neste mundo; tinha a *mania do céu*; elle não viveu bastante, ou não viveu em tempo, em que pudesse vêr que os seus amados *indios* não eram tudo; em que pudesse vêr que os seus *portuguezes* não eram tambem tudo; em que pudesse

apreciar o advento do elemento novo, do genuino brasileiro — o *mestiço*, o filho do paiz.

Quando falo no mestiço não quero me referir sómente ao mestiço physiologico — o *mulato*—; refiro-me a todos os filhos da colonia, todos os crioulos, que o eram num sentido lato; por quanto, ainda que nascem de raças puras, o eram no sentido moral. Eu me explico. Tomemos uma fazenda, um engenho do primeiro seculo, e apreciemos as circumstancias desta especie de mestiçagem moral. Estamos no reconvexo da Bãhia, no anno de 1570, num engenho de assucar. O proprietario é um portuguez rico; tem seus prejuizos de *raça*, quer ter uma descendencia *limpa*, e por isso contraiu matrimonio com a filha de um mercante abastado da praça, portuguez como elle.

Vae-lhe saindo a prole alourada, mostrando ao travez da cutis macia os fios distinctos do *sangue azul*. Mas o nosso homem é rico, e sel-o no Brazil, maximé naquelles bons tempos, era possuir algumas duzias de escravos, e elle os tinha, não só da *terra*, como de *Guiné*. Como era natural, estes ultimos tambem procreavam! Ora o *meio* tem suas exigencias atrozes; o resultado vinha a ser que os filhos do *senhor de engenho* eram de certo limpos de tez; mas, gostando muito de ir às senzalas a conversar e brincar com os moleques, as pretas e as caboclas velhas, saíam no fim de contas uns *portuguezitos*, é verdade, mas uns taes, que distavam dos pais, como a agua do vinho, pela intuição e pela face moral. Sabiam as lendas do *Caipora*, do *Çacy Cererê*, da *Iára*, do *Zumbi*, do *Manjaléo*, e uma multidão de outras cousas, que sorrateiramente, e sem o quererem, as pretas e indias lhes iam inoculando nos tenros espiritos.

Por outro lado, os filhos dos *escravos*, os filhos dos pretos e os dos indios, perdiam tambem o uso de sua lingua nativa e falavam a lingua da *casa grande*, a lingua do senhor; eram christianisados e aprendiam umas tantas cousas, que só os brancos sabiam.. Eis ahi o que eu chamo um caso de mestiçagem moral.

Não falemos já na mestiçagem physica. Imaginemos centenas e milhares de mancebos portuguezes nos dois primeiros

seculos da conquista, rapazes que não tinham ainda constituido familia, fortes e sadios, atirados no immenso harem brasileiro de pretas e caboclas faceis, e comprehender-se-á que a fusão das raças era inevitavel. Si a litteratura brasileira fosse uma tal ou qual descripção do selvagem, Anchieta a teria fundado; ella, porém, é mais do que isto, e só um filho do Brazil, e em seculo mais avançado, a poderia fundar. Anchieta deve, por certo, ser contemplado em nossa historia litteraria como um *precursor*, como o disse desde os *preliminares* deste livro; não como um fundador. Uma litteratura, além de tudo, nunca tem um fundador; tem órgãos de manifestação, mais ou menos aperfeiçoados, e não passa disto. Uma escola é que pôde ter um chefe, um iniciador. Uma litteratura tem uma base, tem elementos e tem órgãos. A *base* da nossa é o sentimento do brasileiro, como nação á parte, como *producto ethnico* determinado; os *elementos* são as tradições das *trez raças* sem predominio de uma sobre as outras; os *órgãos* são os nossos mais notaveis talentos, todos aquelles que sentiram como brasileiros.

Anchieta, repito, é um simples precursor.

Si a alguém no Brazil se pudesse conferir o titulo de fundador de nossa litteratura, esse deveria ser *Gregorio de Mattos Guerra*. Foi filho do paiz; teve mais talento poetico do que Anchieta; foi mais do povo; foi mais desabusado; mais mundano, produziu mais e num sentido mais nacional. O que me prende, no estudo desta individualidade, é a ausencia de artificio litterario; o poeta não vae por um caminho e o homem por outro; a vida do individuo ajusta-se á obra do poeta. Estava, além disto, em perfeita harmonia com o seu meio.

Vejamos a biographia, commentario natural de suas obras. Gregório de Mattos nasceu na Bahia a 7 de abril de 1623. (1) Baptisou-se a 15 do mesmo mez com o nome de João, que o prelado D. Pedro da Silva Sampaio mudou em Gregorio.

(1) Varnhagen dá por engano 1633.

Os pais de Gregorio eram abastados, possuíam fazendas e cêrca de cento e trinta *escravos*; viviam largamente. Feitos os primeiros estudos, seguiu o poeta para Coimbra, onde se formou em direito.

Desde então fez nome como lyrista e satyrico. Já nesse tempo dizia delle Belchior da Cunha Brochado: « Anda aqui um estudante brasileiro tão refinado na satyra, que com suas imagens e seus tropos parece que baila Momo às cançonetas de Apollo. » Doutorado, partiu Gregorio Guerra para Lisboa, onde exerceu a advocacia. Foi alli tambem Juiz do Crime e Curador de Orphãos. Mereceu grande fama como jurista; Pegas o cita. Chamou a attenção de Pedro II. Com promessa de um logar na Supplicação, quiz o monárcha envia-lo ao Rio de Janeiro a *devassar dos crimes* de Salvador Corrêa de Sá e Benevides. O poeta rejeitou. Mais tarde decaiu das graças do soberano e retirou-se para o Brazil. Fez viagem com Thomaz Pinto Brandão, tambem poeta, e com D. Gaspar Barata, primeiro arcebispo da Bahia, que o levou consigo, conferindo-lhe os cargos de vigario-geral com ordens menores e de thesoureiro-mór com murça de conego. Nesse tempo passara-se tambem para a Bahia o padre Vieira.

Pouco depois Gregorio malquistou-se com os seus collegas da igreja e foi deposto dos cargos. Ficando em pobreza, casou-se então por amor, com D. Maria de Povos, bella viuva pobre.

Inimizado geralmente com os presumptuosos da Bahia, retirou-se para o reconcavo, a viver em casa de amigos.

Ainda assim, foi villanmente degradado para Angola pelo governador D. João de Alencastre. Em Loanda fez-se advogado; tendo prestado serviços ao governador dalli, foi-lhe permittido voltar a Pernambuco, onde foi mais feliz do que na Bâhia. Morreu em 1696, com setenta e trez annos de idade.

São estes os traços geraes de sua vida; faltam ahi as notas principaes: seu character honrado e sua alegria expansiva e sadia. E' o que indicaremos, acompanhando o seu biographo, o licenciado Manoel Pereira Rebello.

Tendo o nosso poeta escripto uma satyra á Sé da Bahia, onde se liam estes versos:

« A nossa Sé da Bahia,
 Com ser um mappa de festas,
 E' um presepe de bestas,
 Si não fôr estrebaria :
 Varias bestas cada dia
 Vejo que o sino congrega :
 Caveira mula gallega,
 Deão burrinha bastarda,
 Pereira mula de albarda,
 Que tudo da Sé carrega ; »

pareceu a certo conego que não ia incluído na censura, onde o seu nome se não mostrava, e promptamente lhe veio agradecer com palavras humildes ; mas o desabusado lhe respondeu : « Não, senhor padre, lá vae nas *bestas* . . . »

Estando já muito atrasado o poeta, nem por isso fez jámais caso de dinheiro, tanto que, conta o biographo, vendeu, já necessitado, por trez mil cruzados uma sorte de terras, e recebendo em um sacco aquelle dinheiro, o mandou vasar no canto da casa, d'onde se distribuia para os gastos sem regra, nem vigilancia.

Mais outra anecdota :

Pleiteava alguém o cabedal que havia dado com sua filha em dote a outro, o qual depois de adornar a defunta esposa com palma e capella, publicava que havia fallecido *intacta*. Gregório defendia por parte do autor e arrazoou o feito com estes versinhos :

« Gaita de folles não quiz tanger,
 Olhe o diabo o que foi fazer . . . »

O advogado contrario exultou, accusando de ridicularia indecente este arrazoado, que afinal deu ganho de causa á questão. Ainda mais :

Um frade foi ter com o poeta, pedindo embargos para um seu *sobrinho*, sentenciado á morte por haver furtado a naveta de sua sacristia. Mas, desenganado de que não podia ser como queria, muito instou o religioso por saber ao menos a razão da

difficuldade. « E' (disse o poeta) que neste instante se foi d'aqui Maria de S. Bento muito agastada e fez aquella cruz da porta em como não torna mais entrar por ella. » « Eu a vou buscar (tornou o religioso), si nisso está o valer-me Vm. » E logo foi representar á *mulata* quanta necessidade tinha de leval-a a quebrar o seu juramento. Accedendó ella, Gregorio a repelliu por sua vez de casa, mas nos autos do sobrinho do religioso poz os seguintes embargos:

« A naveta, de que se trata,
Era de latão, e não de prata. »

Uma vez, um estúpido juiz de Igaracú em Pernambuco, fez um auto criminal contra um sujeito, porque o tratou de *vós*. Gregorio de Mattos, defendendo o réo, confessou o facto, que considerava innocente e arrazoou desta fôrma:

« Si tratam a Deus por tu,
E chamam a el-rei por vós,
Como chamaremos nós
Ao juiz de Igaracú?
— Tu é vós e vós é tu... »

Gregorio, por sua vida patusca e satyrica, era em extremo descuidoso da familia, a quem, demais, desgostava com as innumeradas inimidades que sobre si attraía. A sua mulher, por isso, não o podendo mais supportar, largou-lhe a casa e recolheu-se á de um tio que tinha. Este, achando o passo errado, empenhou-se com o poeta para receber de novo a mulher. A isto lhe respondeu elle:

« Só se vier preza e acompanhada por um capitão do mato como negra fugida. E todos os filhos que tiver chamar-se-ão Gonçalos; pois a minha casa é uma casa de Gonçalo. »

E assim se cumpriu, para a volta da pobre Maria de Póvos.

O poeta nunca deixou seu genio folgasão, pilherico, sua atrabilis mordaz, o prazer pela musica, em que era delicioso cantor de modinhas e tocador de viola; nunca o abandonou tambem

o gosto de viver com a plebe e entre as classes puramente populares. Em Pernambuco ainda continuou no mesmíssimo género de vida da Bahia. E como o governador daquella capitania lhe prohibisse o fazer satyras, uma vez, picadas de ciúmes, se encontraram duas mulatas junto á porta do poeta, e, renovando as paixões, se descompuzeram valentemente.

Passaram da lingua a vias de facto, e atacadadas caíram por terra em comica visão.

Gregorio, que vae chegando á janella e vê o espectáculo, entra a gritar: « *Aqui d'El-Rei contra o Sr. Caetano de Mello!* . . . Perguntaram-lhe os circumstantes que mal lhe havia feito o governador: « que maior mal que o de prohibir-me fazer versos, quando se me offerecem semelhantes assumptos?! . . . » respondeu elle.

Em suas excursões pelos engenhos de Pernambuco, o poeta, que se tinha tornado uma especie de menestrel ambulante, prompto para versejar e cantar, em conversa com um proprietario, se queixava de sua má estrella, que o fazia infeliz. « Sr. doutor (responde esse antepassado da actual aristocracia assucareira de Pernambuco), nós mesmos somos os autores de nossa fortuna e cada um colhe o que semea. » « Não ha duvida, retruca o Gregorio, mas é de si desgraçado aquelle contra quem se conjura a malicia, que de tudo lhe fazem um crime: por exemplo, por alli vem um boi (e aponta para um do engenho); elle tem um só corno, como estamos vendo; mas si eu lhe chamar boi *de um corno*, Deus me livre da indignação de seu dono. . . »

O fidalgo desconversou.

Muitas outras pilherias analogas ainda hoje correm na tradição por conta de Gregorio de Mattos.

Estas que aqui ficam lembradas são relatadas quasi *ipsis-verbis* pelo seu biographo e admirador citado. Não se infra, porém, dahi que o nosso Guerra fosse um homem sem brios: ao contrario, elle tinha grande inteireza de character, tinha coragem contra os grandes; era um homem simples e resolute. Odiava, porém, a fatuidade de seu tempo; foi o censor de sua época.

Estudemol-o mais de perto em suas producções.

A *faculté métraiſſe* em Gregorio de Mattos é a da satyra.

Elle, porém, é tambem um lyrista. O momento predominante em sua evolução é o da estada na Bahia depois da volta de Lisboa.

O lyrismo do poeta bahiano é um lyrismo simples, espontaneo no fundo, um pouco alterado pelo *culteranismo* da época.

O elemento subjectivista é pouco accentuado.

A critica mesquinha de nossos rhetoricos tem sempre considerado o nosso Guerra como um insolente, um filho do despeito, vomitando improperios sobre todos.

Este juizo é erroneo.

O poeta era um homem impressionavel pelas bellezas do mundo e da sociedade; tinha em si o germen das effusões amenas, doces, virginaes.

Elle teve notas verdadeiramente lyricas. O *Retrato de D. Brites*, os *Trabalhos da Vida Humana*, a *Morte de Uma Senhora*, *Declarações de Amor*, e outras, são bellos exemplos do genero. (1)

Ouçamos alguns especimens. No *Retrato de D. Brites* ha estrophes como esta :

« Ver o aljofar nevado que desata
A aurora sobre a gala do rosal,
Vêr em rasgos de nacar tecer prata,
E perolas em conchas de coral,
Vêr diamantes em golpes de escarlata,
Em pingos de rubim puro crystal,
E' vêr os vossos dentes de marfim
Por entre os bellos labios de carmim. »

Nos *Trabalhos da Vida Humana*, *metaphora de uma flôr*; ha versos assim :

(1) Vem colligidas no *Florilegio* de Varnhagen.

« Emquanto presa vos vistes
 No botão onde morastes,
 Bem que a vida não lograstes,
 De esperanças vos vestistes!
 Mas depois que flôr abristes,
 Tão depressa fenecestes,
 Que quasi a presumir destes,
 Si se póde presumir,
 Que para a morte sentir,
 Sómente viver quizestes!

Fazendo da pompa alarde
 Abre a rosa mais louçã ;
 E o que é gala na manhã,
 Em luto se torna á tarde ;
 Pois a vida mais covarde,
 Si á mais fragil duração
 Renascestes, porque não
 Terei de crer fundamento,
 Que foi vosso luzimento
 Da vossa 'sombra occasião? » etc.

Ha nos versos á *Morte de Uma Senhora* notas destas :

« Morreste, nympha bella ;
 Na florente idade ;
 Nasceste para flôr,
 Como flôr acabaste!

Viu-te a alva no berço,
 A vespera no jaspe ;
 Mimo foste da aurora,
 E lastima da tarde.

O nacar e os alvares
 Da tua mocidade,
 Foram sinão mantilhas,
 Mortalha a teus donaires, etc.»

Eis aqui um bom soneto descriptivo de uma tempestade:

« Na confusão do mais horrêndo dia,
Painel da noite, em tempestade brava,
De fogo e ar o ser se embaraçava,
Da terra e ar o ser se confundia.

Bramava o mar, o vento embravecia,
A noite em dia, enfim, se equivocava,
E com estrondo horrivel se assombrava
A terra; e se abalava e estremecia.

Desde os altos aos concavos rochedos,
Desde o centro aos mais altos obeliscos,
Houve temor nas nuvens e penedos.

Pois dava o céu, ameaçando riscos,
Com assombros, com pasmos e com medos,
Relampagos, trovões, raios, coriscos.»

Todos estes topicos são amostras de bello lyrismo : nem ha outro poeta, que se equipare, por esta face no seculo XVII, dentre todos os da lingua portugueza, a Gregorio de Mattos.

Mas é pelo lado humoristico e satyrico que o bahiano foi um factor nacional.

Ahi dá elle entrada a certos termôs puramente *brazileiros* e emprega um torneio de linguagem inteiramente popular.

Apreciam-se, lendo as suas satyras escriptas no Brazil, quatro factos caracteristicos : — a differenciação já crescente da *maneira brazileira* de manejar a lingua; a tendencia de ridicularizarem-se entre si, que pronunciadamente animava as trez raças formadoras de nossa população; nesta a consciencia já clara de ser ella alguma cousa de novo, que não deveria ser sempre a *anima vilis* das explorações portuguezas, e, finalmente, o descontentamento que lavrava já contra os governos pezados e asperos da colonia.

Seria necessário transportar para estas paginas todos os versos satyricos do poeta, si nos quizessemos fartar de colher as provas abundantes destes factos (1). Ha ainda uma outra observação a fazer: ao passo que o culteranismo do seculo XVII produzia por toda a parte uma poesia affectada e falsa, imitação bastarda da poesia greco-romana, determinando uma litteratura inteira de adulações aos reis e aos padres, Gregorio era um acerrimo inimigo, tanto de governadores e juizes despotas, como de bispos e conegos aparvalhados.

Foi especialmente abundante em censurar as presumpções das trez raças no Brazil. Admirava-se da ladroagem do *burguez reinol* que vinha á colonia enriquecer por meios illicitos:

« Pode haver maior milagre,
 Ouça bem quem tem ouvidos,
 Do que chegar um *Reinol*,
 Por Lisboa, ou pelo Minho,
 Ou degradado por crimes,
 Ou por moço ao pae fugido,
 Ou por não ter que comer
 No logar onde é nascido:
 E saltando no meu caes,
 Descalço, rôto e despido,
 Sem trazer mais cabedal
 Que piolhos e assobios, etc. »

Contra o *negrismo* e *opardismo* altaneiros dizia:

« Não sei para que é nascer
 Neste Brazil impestado
 Um homem branco e honrado
 Sem *outra raça*.

(1) Envio o leitor para as *Obras Poeticas* de Gregorio de Mattos—publicadas por Alfredo do Valle Cabral; Rio de Janeiro; 1881.

Terra tão grosseira e crassa,
 Que a ninguem se tem respeito,
 Salvo si mostra algum geito
 De ser *mulato*, etc. »

Ha outras ainda mais expressivas, como os *Milagres do Brazil*, de que cito estes versos:

«...*ser mulato*,
 Ter sangue de carrapato,
 Seu estoraque de Congo,
 Cheirar-lhe a roupa a moudongo,
 E' cifra de perfeição,
Milagres do Brazil são.»

Não é tudo; a pretendida fidalguia *indiana* era tão escar-
 necida como as basofias do *reinol*, e do *preto*, o que é evi-
 dentissimo neste bello soneto local:

« Um calção de *pindoba* a meia zorra,
 Camisa de *wruçú*, mantéo de *arara*,
 Em logar de cotó, *arco e taquara*,
 Pennacho de *guardás*, em vez de gorra ;

Furado o beijo, sem temer que morra
 O pai que lhe envarou com uma *titára*,
 Sendo a mãe a que a pedra lhe applicara
 Por reprimir-lhe o sangue, que não corra ;

Alarve sem razão, bruto sem fé,
 Sem mais lei que a do gosto, e quando erra
 De Fauno se tornou em *Abaeté*...

« Não sei como acabou, nem em que guerra ;
 Só sei que deste *Adão de Maçapé*
 Uns fidalgos procedem desta terra.. »

Mais outro de igual merito :

« Ha coisa como vêr um *payayá*
Mui presado do ser *caramurú*,
Descendente do sangue de *tatú*,
Cujo torpe idioma é *copebá* ! ..

A linha feminina é *cariná*,
Moqueca, *petitinga*, *carimá*,
Mingau de *puba*, vinho de cajú,
Pisado num pilão de Pirajá ;

A masculina é um *aricobé*,
Cuja filha Cobé c'um branco Pahy
Dormiu no promontorio de Pacé:

O branco era um maráu que veiu aqui ;
Ella era uma India de Maré,
Copébá, *Aricobé*, *Cobé*, *Pahy*. . .»

Não se poderia ridicularisar mais a *monomania* daquelles que, ainda hoje, teimam em julgarem-se fidalgos, por descenderem dos indios....

Aquí não ha *nobres*, nem brancos, nem pretos, nem vermelhos, nem alaranjados.

O contrario é desconhecer o que foi a colonização do Brazil, e o que foi especialmente a parva nobreza de Portugal.

Gregorio Guerra é o genuino iniciador de nossa poesia lyrica e de nossa intuição ethnica. O seu *brazileiro* não era o caboclo, nem o negro, nem o luso ; era o filho do paiz, capaz deridicularisar as pretenções separatistas das trez raças.

A acção de Mattos foi poderosa sobre seus contemporaneos, que o admiravam, que o consideravam um grande sabedor do direito e um grande poeta. Elle não passou despercebido pelo norte do Brazil. O proprio Vieira dizia: « mais se deve ás satyras de Mattos do que aos sermões de Vieira... » E de certo. Vieira sonhava uma theocracia jesuitica, um Brazil beato, uma immensa precissão de *Via-Sacra*. Que

diferença na instituição do poeta, desabusado, tolerante, honesto, crente; porém mundano?

O que eu amo em Gregorio não é o ter sido elle o precursor dos *bohemios*; quero falar de certa classe de românticos, que julgaram, ou ainda julgam, que as condições de um bom poeta é ser-se um ébrio, ou um canalha de força.. Não é isto; não consta que o Dr. Guerra fosse ébrio. O que eu nelle aprecio é o desprendimento do espirito e a rectidão do character, além do grande talento. Os brazileiros amantes de suas glorias devem festejar o bi-centenario deste poeta, que foi um batalhador social, um tribuno do bom senso e da pilheria.

Nada tenho a dizer sobre seu irmão Eusebio na qualidade de poeta. Era mediocre.

Resta-nos vêr, neste seculo, *Manoel Botelho de Oliveira*. Nascido na Bahia em 1636, estudou direito em Coimbra. Voltando á patria, fez-se advogado. Publicou um livro de poesias em 1705; morreu velho em 1711. Nesse tempo os lyristas brazileiros não tinham ainda aprendido o segredo de morrer aos *vinte annos*.

Os *vinte annos* não eram ainda uma phrase, uma metaphora poetica, tanto que, a respeito dos que morreram com vinte e quatro e mais, é sempre da boa pragmatica dizer-se que morreram com *vinte primaveras*.. Em torno do nome desse escriptor mediocre formou-se a pequena legenda de haver sido o primeiro a introduzir em seus alambicados versos o sentimento nacional e as scenas brazileiras. Quanto ao sentimento, parece-me que Botelho não foi portador de sentimento algum na poesia; quanto ás scenas brazileiras, foram ellas tão mal aproveitadas e desfiguradas pelos seus trocadilhos, gongorismos e emphases, que perderam todo o encanto a nossos olhos.

Ouçamos este celebre fragmento da *Ilha da Maré*:

« Tenho explicado as fructas e os legumes,
Que dão a Portugal muitos ciumes;

Tenho recopilado

O que o Brazil contém para invejar,

E para preferir a toda a terra,
 Em si perfeitos quatro AA encerra.
 Tem o primeiro A nos arvoredos
 Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
 Tem o segundo A nos ares puros,
 Na temperie agradáveis e seguros;
 Tem o terceiro A nas águas frias
 Que refrescam o peito, e são sadias;
 O quarto A no assucar delectoso,
 Que é do mundo o regalo mais mimoso.
 São, pois, os quatro AA por singulares
Arvoredos, assucar, agoas, ares... »

Isto é de uma semsaboria privilegiada; não tem rivaes.

A tendencia nacional de voltarmo-nos, na poesia, para a natureza americana é anterior a Botelho.

Foi um impulso espontaneo entre nós desde Pero Vaz de Caminha. E' impossivel escrever sobre o Brazil sem apparecer esta nota. Mas não cumpre só descrever uma paisagem americana para se dizer : sou *americano*.... Qualquer estrangeiro poderá fazer o mesmo.

Ser brasileiro não é descrever o *Pão de Assucar*, a *Tijuca*, a *Ilha da Maré*, ou cachoeira de *Paulo Affonso*. Scenas destas ninguem as descreveu melhor do que Drammor, poeta allemão, que reside entre nós. Ser brasileiro é sel-o no amago do espirito, com todos os nossos defeitos e todas as nossas virtudes. E' ter em si um que de indefinivel, mas de real, que é só nosso, que ninguem mais tem. Este caracter nacional não está ainda bem determinado, por causa de uma de suas tendencias — a imitação, que é justamente um de seus elementos; mas um tal, que obsta a que elle se determine claramente. Nas creações populares é onde podemos hoje bem divisar o caracter nacional. Quanto a Botelho, seu nacionalismo não era subjectivo, era exterior; a penna queria pintar o Brazil; mas a alma era do culteranismo hespanhol ou portuguez.

CAPITULO IX

Poetas e escriptores da primeira parte do seculo XVIII

O seculo XVIII não é um grande seculo sómente na Europa; elle o é tambem na America. E' a phase da preparação das colonias para a vida livre; é o tempo das primeiras tentativas de libertação no continente; é o tempo da independencia dos Estados Unidos.

No Brazil é uma época historica importantissima, que reclama o mais aturado estudo, especialmente em sua segunda metade.

Os cincoenta annos primeiros são de um valor mais exiguo, o que não lhes tira o alto alcance social.

Depois dos episodios dos Emboabas e dos Mascates, a trama economica, social e politica se complica; o quadro litterario se avoluma. Além de chronistas, pregadores, e poetas, temos a apreciar estadistas e historiadores. Entre as formas litterarias o theatro mais se desenvolve do que nos tempos passados. Formam-se tradições intellectuaes; fundam-se sociedades litterarias; o gongorismo impera ainda; mas entra em diluição e preparam-se elementos novos. Na primeira metade deste seculo temos a estudar a acção de quatro individualidades robustas, quatro forças postas ao nosso serviço. Vêm a ser os

dous irmãos Gusmões, Rocha Pitta e Antonio José, a saber: a politica, as invenções, a historia e o theatro. Mas procedamos com methodo, ponhamos as cousas em seus logares.

Neste tempo temos que ver as academias formadas no paiz, os poetas mediocres que deram-se em espectaculo na Bahia, os poetas de merito que trabalharam por um impulso mais nobre, os versejadores latinos, os dramatistas, os historiadores e finalmente os estadistas e inventores. E' um meio de por ordem aos factos intellectuaes, que andam baralhados e confusos, nas chronicas litterarias.

Dede logo patentêa-se a variedade do quadro.

Começa a especialisação das capacidades e dos productos intellectuaes, a divisão do trabalho. Sente-se já ahi a alma de um povo que principia a trabalhar, e vai tendo orgãos diversos para as diversas funcções de sua actividade.

A creação de academias litterarias no seculo XVIII na Bahia e no Rio de Janeiro, phenomeno tão mal apreciado por alguns pretenciosos de nosso tempo, é, entretanto, um facto altamente significativo. Elle indica só por si a grande cohesão de que já gosava o paiz, o lazer que tinham as altas classes para o cultivo das lettras, o gosto reinante pela poesia e as cousas do espirito.

Os arguciosos de hoje desdenham do facto, por julgarem-no através de algumas amostras de versos deploraveis que chegaram até nós sahidos da sociedade dos *Esquecidos* fundada na Bahia em 1724. Realmente taes fragmentos são altamente compromettedores do talento e do gosto dos escriptores do tempo. O facto porém deve ser tomado no seu sentido geral, no seu espirito intimo.

A academia dos *Esquecidos*, a dos *Felizes* do Rio (1735) e mais tarde a dos *Selectos*, (Rio) a dos *Renascidos* (Bahia) e sobre todas a *Arcadia Ultramarina* (Rio) são denunciaçadoras de muita vivacidade intellectual, muito desejo de aprender e trabalhar, — por parte dos colonos brazileiros.

E si é certo que os seus escriptos não podem ser citados como prova de alto aproveitamento, o que então se praticava na metropole não era de melhor quilate.

A litteratura do reino era então doentia e nulla. Na segunda metade do seculo levamos-lhe vantagem.

Os principaes poetas da época, que nos occupa, quasi todos pertencentes á referida academia dos *Esquecidos*, foram: João Brito de Lima, Gonçalo da Franca, João de Mello, Canelo de Noronha, Manoel José Cherem, J. Pires de Carvalho, João Borges de Barros, José de Oliveira Serpa, Fr. Henrique de Souza, Manoel R. Corrêa de Lacerda, e Jeronymo Sodrê Pereira. A estes se devem juntar João Mendes da Silva, pae de Antonio José e Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza. Eis ahi mais um catalogo de nomes, que deviam estar de todo esquecidos, nomes que é preciso lembrar para que não se creia que se lhes ignora a existencia.

Os escriptos desta gente quasi todos se perderam, e os que de alguns chegaram até nós são tão insignificantes, tão chôxos, tão imprestaveis que só o gôsto de encher papel poderá justificar qualquer despeza de considerações a seu respeito. E' tarefa que deixo de boa mente a qualquer traça que por ahi deseje desencavar do pó das bibliothecas velhos manuscriptos e regalar com elles o nosso tempo de curiosos enfastiados.

Quem quizer que o faça, certo de que pouco adiantará para a historia das letras brazileiras. A vida de um povo tem sempre, em cada época, meia duzia de espiritos capitaes, homens representativos, que a symbolisam e dão-lhe um sentido. Todos os mais são trambolhos de que a historia deve ser escoimada, por amor ao methodo e á clareza.

O sestro de *alistamentos de escriptores* de Pereira da Silva, Varnhagen, Norberto e Silva, e outros dos nossos, defeito que passou á Wolf, é inutil. Nada adianta; nada esclarece. E' preciso que nos resignemos a esquecer alguns nomes para apegar-nos com todo o cuidado a salvar outros. Salvem-se os nomes meritorios e os mais fiquem no limbo dos olvidados.

Sejam o pasto dos devoradores de catalogos e bibliographias. Pudera catar aqui e acolá alguns dados e noções que nos restam daquelles typos citados, e reproduzir agora alguns versos delles. Mas para que? Qual o interesse real d'ahi

provindo? Em que lucrámos assim para a comprehensão da civilisação e do espirito brasileiro?

Em nada. Não ha alli um só nome que mereça uma rehabilitação aos olhos da posteridade. São todos elles a mediocridade, praticando versos. Ou, si não, quem puder, que os rehabilite. Só descubro um meio de justificar aquelles poetas bahianos, é a decadencia da litteratura da metropole, litteratura estragada por um classicismo anemico.

Tal estado dos espiritos devia reflectir-se na colonia. Entretanto a poesia popular era então abundante na Bahia, como tudo nos leva a crer, fundados em inducções bem conduzidas. Porque motivo foram aquelles poetas *culteranistas* surdos às notas vibrantes e mellifluas da poesia e das lendas anonyms?

Varnhagen falla vagamente em oiteiros poeticos existentes nesse tempo na antiga capital do Brazil. Estes não representavam a genuina poesia anonyma e popular.

O nosso historiador se refere evidentemente ao *oiteiro classico*, então commum em Portugal, séstro que reinou na Bahia até quasi os nossos dias.

Não fallo disto. A antiga capital da colonia foi sempre a terra das festas e da boa *cosinha*, dos *baptisados* faustosos e das boas *moquecas*; a terra privilegiada das *yayas* dengosas e dos *pernosticos* apimentados.

Não é, pois, aquella especie de *oiteiros* mornos e affectados, de que falla o historiador, e onde se distinguiram Brito de Lima *et le reste*, que me refiro. Quero fallar da verdadeira poesia popular, que foi sempre muito abundante na Bahia mesma. Ainda hoje é aquella provincia a terra do violão e da *modinha*, da viola e do *bahiano* lascivo. Pois bem; pelo estudo que se póde fazer de nossa poesia popular, não tanto d'aquillo que n'ella é uma importação da metropole, mas d'aquellas creações que são perfeitamente brazileirás, chega-se à conclusão de que estas creações não podem se ter originado no primeiro seculo da conquista. Era então muito cedo. Não o foram, por uma razão inversa, no seculo actual. Era muito tarde. Restam os dous seculos intermedios e tudo

nos leva a crer que a maior effervescencia foi de 1650 a 1750 ou um pouco mais, no periodo que abrange a lueta dos *Palmares*, dos *Mascates*, dos *Emboabas*, a descoberta e o povoamento dos sertões, das minas de ouro, o estabelecimento das fazendas pastoris nas provincias da Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão, o progresso da colonisação do Pará, etc. N'esse periodo de mais de um seculo é que se fez a maior acquisição de sangue indigena na formação de nossas populações do interior, originando-se d'ahi as classes pastoris dos sertões, os *vaqueiros*, creadores de um cyclo inteiro de poesias anonymas.

Tambem nesse periodo maior foi o trafico dos africanos e mais crescido o numero dos mestiços dessa origem. A riqueza, por outro lado, avultou. Havia um bem estar geral; ainda não se pensava em independencia; mas a população era alegre e expansiva. O povo cantava e folgava. Todas as nossas festas, denominadas as *janeiras*, eram então brilhantissimas, o que se explica ainda mais pela falta de outras na colonia. A Bahia era uma terra de desenvoltura popular. Só, entretanto, os homens do officio, os poetas, eram uns imitadores servis dos portuguezes e hespanhoes. Por isso a historia lhes volta as costas. O poeta póde, e deve, estudar as litteraturas estrangeiras; mas só com uma condição: — não esquecer jámais o seu paiz!... Si o esquece, está perdido; fica desclassificado. As outras nações não o acolhem, porque lá têm os representantes de seus sentimentos, a quem devem dar attenção; a patria o abandona, porque elle a não soube amar. E' o caso daquelles que deixei citados.

Passemos adiante.

Nada temos a estudar nos versos latinos de *Prudencio do Amaral* e de *Francisco de Almeida*. Uma idéa, todavia, deve ser notada: n'estes, como em alguns dos outros poetas lembrados, ha acontinuação do pensamento iniciado entre nós desde o seculo XVI: certa tendencia de tratar de assumptos nacionaes. Este pensamento capital toma corpo e a voluma-se no espirito de Frei *Manoel de Santa Maria Itaparica*, o melhor poeta do tempo depois de Antonio José. Fr. Manoel

de Santa Maria, nascido em 1704, é auctor do poema *Eustachidos* e da *Descripção da Ilha de Itaparica*, sua terra.

O *nativismo*, n'esse tempo, ainda é bastante exterior; os poetas não conhecem bem as lendas, as tradições, o sentir, a vida intima do povo; não são o reflexo da *psychologia* das massas. O nacionalismo tem então dous elementos capitaes: um pouco doindio e um pouco da natureza. Em Fr. Itaparica predomina o segundo. Ouçamos-lhe um fragmento:

« Os *coqueiros* compridos e vistosos,
Estão em recta serie alli plantados,
Criam *cocos* galhardos e formosos,
E por maiores são mais estimados;
Produzem-se nas praias copiosos,
E por isso os d'aqui mais procurados,
Cedem na vastidão á *bananeira*,
A qual cresce e produz d'esta maneira:

« De uma lança ao tamanho se levanta,
Estupeo e roliço o tronco tendo;
As lizas folhas tem grandeza tanta,
Que até mais de onze palmos vão crescendo;
Da raiz se lhe erige nova planta,
Que está o parto futuro promettendo
E assim que o fructo lhe sazona e cresce,
Como das plantas vibora, fenece...

« Os *limões doces* muito apetecidos
Estão virgineas tetas imitando,
E quando se vêem crespos e crescidos,
Vão as mãos curiosas incitando;
Em arvores copadas, que estendidos
Os galhos têm, e as ramas arrastando,
Se produzem as *cidras* amarellas,
Sendo tão presumidos, como bellas.

« Os *melões* excellentes e odorosos
 Fazem dos proprios ramos galerias ;
 Tambem estende os seus muito viçosos
 A pevidosa e doce *melancia*;
 Os *figos* de côr roxa graciosos
 Pouco se logram, salvo si á porfia
 Se defendem de que com os biquinhos,
 Os vão picando os leves passarinhos.

« No *ananas* se vê como formada
 Uma corôa de espinhos graciosa,
 A superficie tendo matisada
 Da côr que Citheréa deu á rosa ;
 E sustentando a corôa levantada
 Junto com a vestidura decórosa,
 Está mostrando tanta gravidade ;
 Que as fructas lhe tributam magestade.

« Os *araçás* diversos. e silvestres,
 Uns são pequenos, outros são maiores ;
Oytis, *cajás*, *pitangas*, por agrestes
 Estimadas não são dos moradores.
 Aos *maracujás* chamar quero celestes,
 Porque contém no gosto taes primores,
 Que, si os antigos na Asia os encontraram,
 Que era o nectar de Jove imaginaram. »

Não é inutilmente feita essa longa transcripção. Por ella aprecia-se o sentido do *nativismo* do tempo.

Ha alli uma certa dose de classismo alliada a umas tintas de lyrismo americano. As fructas europeas, acclimatadas no Brazil, são descriptas ao par das indigenas. Não se faz selecção. Umas justa põem-se ás outras, como n'um quadro natural. Era então esse o estado dos espiritos. O Brazil era uma obra dos portuguezes ; mas tinha elementos seus.

Faltavam homens de genio que dessem um corpo a esses elementos fluctuantes e esparsos.

Ninguém passeia impunemente debaixo das palmeiras, dizia Goethe, referindo-se ás impressões recebidas por elle na Italia. Qando poderemos nós dizer: ninguem fita impunemente o ceu brasileiro? — Quando teremos genios que crystalizem em obras immortaes o mundo de primores que lhes offerece aqui a natureza? — O nosso Itaparica quasi se não elevou do ydilio á Delille.

Vejamos agora o maior vulto d'esse tempo, o judêo *Antonio José da Silva*.

Este illustre fluminense é a antithese perfeita de José de Anchieta; nascido no Brazil, retirou-se menino para Portugal e lá o fizeram morrer.

Deverá ser contemplado na historia litteraria brasileira? Creio que sim; por tres razões principaes: o nascimento, a familia, que sendo tambem fluminense, inoculou-lhe n'alma o sentimento nacional, e, finalmente, a natureza de seu lyrismo, que é brasileiro.

Antonio José nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 8 de Maio de 1705; era filho do advogado João Mendes da Silva e de sua mulher Lourença Coutinho. Em 1713 foi esta familia remettida para Lisboa pelo Santo Officio, que accusava Lourença Coutinho de *christã nova*. . . Alli esta senhora soffreu os tratos da Inquisição; João Mendes estabeleceu-se como advogado. O futuro auctor do *Alecrim e a Mangerona* estudou canones em Coimbra. A 8 de Agosto de 1726, estando já formado e de volta em Lisboa, foi mettido nos calabouços da Inquisição por crime de *judaismo*. Submettido a castigos, a exames de doutrina e mais usanças do tremendo tribunal, tal foi o panico apoderado do joven advogado, que confessou-se culpado, fez delações e abjurou do judaismo! Os tratos da polé foram-lhe tão rudes, que o deixaram por muito tempo impossibilitado de escrever!

No decennio de 1727 a 1737, o poeta viveu socegado; o Santo Officio deixou-o respirar. N'este curto espaço de annos é que elle escreveu as comedias que fizeram as delicias do Bairro Alto de Lisboa. Em 1734 casou-se o *judêu* com D. Leonor Maria de Carvalho, de quem teve uma filha. Em ou-

tubo de 1737 viu-se de repente mettido, de novo, nos calabouços da Inquisição, por denuncia de uma misera preta de Cabo-Verde, que o poeta havia castigado. A escravidão representou nisto o seu papel: serviu de delatora do senhor e aviltou-se ainda mais na infamia da captiva.

A misera morreu de susto no cárcere, onde entrara para soffrer um interrogatorio. Vigiado, espionado na prisão, foi o poeta, a pretexto de *jejuar judaicamente*, relaxado a 11 de Março de 1739; a 16 de Outubro desse anno fez-se-lhe a intimação da sentença e a 19 soffreu o supplicio da fogueira.

(1) E assim cumpriu-se mais um tremendo crime em nome da ignorancia e do fanatismo.

Antonio José é um dos nossos escriptores que têm sido melhor estudados no paiz e no estrangeiro. E' um notavel auctor de comedias, farças, *sarzuellas* ou *vaudevilles*. As principaes são: *Variedades de Protheo*, *Amphitrião*, *D. Quixote*, *Estopaida* ou *Encantos de Medéa*, *Phaetonte*, *Labyrintho de Creta*, e sobre todas, as celeberrimas *Guerras do Alecrim e da Mangerona*.

Os seus criticos principaes entre os escriptores mais recentes são: Varnhagen, Wolf, Theophilo Braga e o Sr. Machado de Assis. O primeiro escreveu detalhadamente a biographia do desditoso fluminense, a mais bem traçada de seu *Florilegio*; mas não fez analyse. Apenas consigna o facto de ter o poeta estudado as obras de Metastasio, Molière e Ratrau.

O historiador tem razão neste ponto.

Ferdinand Wolf estuda com grande habilidade o character dramatico do nosso poeta, gabando, sobretudo, o seu *chiste vigoroso*, *suas idéas picantes*, e sua *habilidade na invenção dos enredos*. Ha, porém, um facto predominante na analyse do illustre viennensé, isto é, o sabor popular das comedias do judeu: « Elle emprega com feliz exito as locuções, os proverbios e as pilherias do povo; por isso tem as suas peças tambem grande valor linguistico. Sobre modo é para admirar-se este tom popular, esta liberdade e independencia de Antonio José;

(1) Vide Varnhagen — *Florilegio*; Pereira da Silva — *Varões Ilustres*.

pois justamente em seu tempo os poetas da península iberica principiavam a deixar seu caracter nacional sob a pressão do pseudo-classicismo francez. »

(1) Esta observação de Wolf é profunda e exactissima. E' justamente o sopró popular que salva Antonio José do olvido ; é porque os seus *vaudevilles*, suas comedias fallam a linguagem franca e desabrida do povo, que ellas ainda hoje nos despertam o interesse.

Theophilo Braga julga o poeta em relação ao seu tempo ; não havia opinião publica de que o theatro fôsse um orgão natural ; d'ahi o caracter faustoso e artificial das representações scenicas ; o poeta, porém, em suas obras, producto hybridado das operas italianas e da baixa comedia portugueza, « introduziu um interesse novo, a linguagem chula, a graça pesada, o equivoco sujo, e todas as locuções pejorativos do idioma portuguez ; lisongearam uma sociedade sem dignidade e por isso essas comedias se sustentaram durante todo o seculo na scena. » (2)

Tudo isto é bem dito. O Sr. Machado de Assis insistiu particularmente sobre as imitações de Molière feitas pelo poeta (3).

Tudo isto é exacto, é exactissimo ; ha apenas uma lacuna a preencher n'esses autores : O caracter brasileiro de Antonio José, ou o seu grande talento lyrico, o que é o mesmo. O Lyrisimo era a face mais brilhante do genio do poeta e foi por essa pronunciada tendencia que elle comprehendeu a poesia do povo, que elle agradou ás plateias, e teve esses longes de vaga melancholia mesmo no meio das mais ruidosas scenas das farças.

Pelo lyrisimo é que foi um herdeiro de Gil Vicente e de Camões. Essas notas estavam então mudas em Portugal, foi preciso que um brasileiro as despertasse de novo, levando-as d'aqui, como uma recordação da infancia, como uma herança de familia.

(1) *Le Brésil Litteraire*, pag. 38.

(2) *Manual da Historia da Litteratura Portugueza*, pag. 444.

(3) *Revista Brasileira*. Tomo 1 pag. 225 e seguintes.

Não foi propriamente a faculdade de dizer pilherias que relacionou com o povo a individualidade de Antonio José. Foi essa faculdade adjuncta a uma outra mais nobre, mais poderosa, que se expandia nas brilhantes arias de suas comedias, e essa era a fonte do lyrismo naturalista, popular. Si o poeta tivesse vivido no Brazil, onde o theatro era nullo, onde não teria tomado o seu talento essa direcção um pouco forçada, teria sido o nosso maior lyrista do seculo XVIII e o mais nacionnal dos nossos poetas.

Infelizmente a Inquizição torceu-lhe o desenvolvimento do talento e cêdo cortou-lhe a vida. Raras são as amostras daquella qualidade primaria de nosso illustre compatriota.

O poeta tem expressões de uma intuição admiravel de lyrista, como estas:

« Em ti mesma considero
De meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois comtigo está meu mal,
E comtigo está meu bem...
Deixa, pois, que triste viva
Quem alegre busca a morte,
E verás que dessa sorte
Esta vida me horroriza,
E esta morte me convém!

« Na onda repetida
Do zephiro impellida
Talvez a dura penha
Amante não desdenha
Seu liquido crystal.
Si, pois, a clara espuma
Tropheu de um monte alcança,
Bem pôde haver mudança
Na instancia dos carinhos
Do genio seu fatal.

« Sem remedio a téus rigores,
 Impaciente, louco amante,
 Delirante,
 Com gemidos e clamores,
 De ti aos ceus me hei de queixar.
 A minh'alma vaga, errante,
 Não te assustes quando a vires,
 Que por mais que te retires,
 Te ha-de sempre acompanhar, etc. »

Como estes,— andam outros muitos trechos de valor entregachados em suas operas. Por ahi é que o poeta é um dos nossos, um brasileiro.

Muda a scena portugueza, morta no reino a poesia lyrica, a um filho da colonia cabia a tarefa historica de indicar de que lado é que vinha a luz, donde rompia o sol.

Desde Antonio José começa a crescer o numero de brasileiros illustres, que vão figurar nas mais altas posições da metropole.

Ouçamos, por ultimo, uns fragmentos de uma das mais bellas composições poeticas da lingua portugueza n'esse tempo, a *Glosa ao soneto de Camões — Alma minha*. Isto é o lyrismo camoneano e de Christovam Falcão emigrado para a America e aqui transfigurado:

« Que importa que separe a fera morte
 Os extremos que amor ligou na vida,
 Si quanto mais violenta intima o corte
 Vive a alma no affecto mais unida:
 E posto te imagine, oh triste sorte!
 Nos horrores de um tumulto escondida,
 Nunca do peito meu te dividiste,
Alma minha gentil, que te partiste.

« Si no regio pensil flôr animada
 Purpuras arrastava a galhardia,
 Por isso na belleza inesperada

A duração ephemera existia:
 Si está na formosura vinculada,
 Esta da morte occulta sympathia,
 Que muito te ausentasses levemente
Tão cedo desta vida descontente?

« Como flôr acabou quem roza era,
 Porém nessa fragrancia transitoria
 Não quiz ser flôr na humana primavera,
 Por viver seraphim na exelsa gloria:
 Já que o desejo meu te considera,
 Gozando nesse empyreo alta victoria,
 Apesar da saudosa dôr vehemente
Repousa la no ceu eternamente. .

« Nessa patria de raios luminosa,
 D'onde immortal se adora a luz immensa;
 Alegre viverás, alma ditosa,
 Sem limite jámais na gloria extensa,
 Que eu infeliz em ancia luctuosa
 Farei no meu gemido a dôr intensa;
 Eterno gosa tu o bem que viste,
E viva eu cá na terra sempre triste, » etc.

E mais e mais se accende o estro do poeta nas estrophes seguintes.

E' uma bella poesia. E' porém, como escriptor comico que é mais conhecido o judêo. Por uma e outra face é muito de sentir que a *occulta sympathia da morte* o arrebatasse da arena do combate. Em todo o caso, o brasileiro foi uma especie de rapaz garrulo e travesso, que fez rir a Portugal, o *velho aborrido e triste*.

Era a alma americana, ainda cheia de todas as illuções da infancia, que ria-se pela bocca do poeta. Elle tinha,

entretanto, o ardor das paixões e a melancholia das almas ardentes; era brasileiro e era judeu...— Elle o disse:

« Nos altares de um peito o amor ardia,
 Nos ardores de uma alma o amor se achava,
 E este extremo, que em luzes se accendia,
 Era fragoa de amor que se abrazava..

Como poeta comico, a sua nota predominante é, a meu ver, o ridiculo attirado a uma sociedade burgueza gasta e corrupta, com seus amores faceis, seu apherro ás riquezas mal adqueridas, seus vicios elegantes, sua seriedade carnavalesca. Ainda ahi elle foi a expressão do povo contra a aristrocacia inchada e fôfa; foi o rir da plebe com toda a sua grosseria, mas tambem com toda a sua sinceridade. E' por onde o poeta salva-se aos olhos de todos os que tem ainda um pouco de energia para protestar, e um pouco de nojo para vomitar em cima das asquerosidades sociaes, que nos assoberbam..

Vejamos outro.

Sebastião da Rocha Pitta, nascido em 1660, na Bahia, e formado em direito canonico pela universidade de Coimbra, foi um rico proprietario dado ás lettras. Escreveu novelas mediocres e mãos versos. Era socio da academia dos *Esquecidos*.

Mais tarde resolveu-se a escrever a historia do Brazil e para isso não se poupou a sacrificios.

Transportou-se a Lisboa para estudar os archivos. Em 1730 publicou alli sua obra. E' a celebrada *Historia da America Portugueza desde o seu descobrimento até o anno de 1724*.

De volta ao seu engenho, Pitta morreu em 1738. Não se lhe devem applicar os processos e os rigores da critica hodierna; fôra uma injustiça. Pretender que um brasileiro do começo do seculo XVIII escrevesse uma historia de um paiz novo, de duzentos annos de existencia, sem vida autonómica, sem physionomia ainda bem accentuada, sem bons archivos

publicos, pretendel-o fôra exigir o impossivel. A critica historica era então pouco avultada na Europa, em Portugal nulla.

O livro de Rocha Pitta deve antes ser tomado por uma novella historica, recheada de descripções, fabulas e divagações do que como uma historia em rigoroso sentido. Quanto posso julgar do caracter do senhor de engenho da Cachoeira, pelo seu livro e por sua biographia, parece-me ter sido elle um velho amoravel, o mais antigo representante de certa classe de *formados*, que se tornam *fazendeiros*, especie de gente inoffensiva, que se retira para a roça, onde guardando claras reminiscencias daquillo que estudara nas academias, olha sempre com certa superioridade para os *aggregados* e com certo acanhamento para os homens puramente de lettras. Para o *fazendeiro* em taes condições, si elle tem o gosto da leitura, esta é para seu espirito um desfado e ao mesmo tempo a fonte que fornece uma bôa provisão de exemplos, de analogias, de anedoctas... para a *palestra*...

D'ahi o pronunciado gosto para as leituras de historia, para as novellas, e para as obras apologeticas. D'ahi certo ar de oraculo que assume o solitario, quando abre a bocca para derramar sobre os ouvintes absortos a profusão de casos, de contos, de apropositos, que enthezoura na memoria. Amigo das lettras, porém mais amigo ainda de sua fortuna; devotado, a seu modo, á gloria, porém ainda mais á sua familia, si o *fazendeiro* nestas condições se faz politico e vem ao parlamento, o que não é raro, fornece aos olhos do publico o singular amalgama de ingenuidade e estreiteza de vistas, de devotamento e egoismo, de coragem pilherica e de nullidade real.

O deputado, o roceiro letrado tem emperramentos n'alma, é conservador, é assustadiço contra os desejos progressivos de seu tempo, e desafoga-so em praguejamentos, inofensivos quando envoltos em anedoctas, ridiculos quando encapados em raiva. A nota predominante no autor da *Historia da America Portugueza* é o patriotismo; elle amava este paiz. O seu livro é uma especie de hymno patriotico.

Como poesia, porém, resente-se de um grandissimo defeito: uma forma insupportavel pelas antitheses, amplificações, luxo de tropos inchados e de prolixidades intoleraveis. — Assim me exprimindo, sei que peço por singularidade; porquanto a maneira de escreverdo auctor bahiano tem sido geralmente exaltada. De seu livrodisse Varnhagen « que se recommenda pela riqueza das descripções e elevação do estylo, que ás vezes são taes, que mais parecem de um poema em prosa... » — Não é de espantar que assim fallasse o finado Visconde de Porto Seguro, que si prestou alguns serviços ás nossas lettras, por desencavar dos archivros europeós alguns documentos valiosos para nossa historia, foi sempre um mão apreciador em materia de estylo. — Ainda nos regalava com a *prosa poetica*, irman digna da *poesia prosaica*, segundo Scherer.

No livro do historiador bahiano o que hoje interessa-nos é o seu alcance moral. — Apparecido n'um tempo em que se começava a dissipar a legenda da inferioridade originaria do brasileiro diante do portuguez, a obra de Pitta, por seus ydilios sobre a natureza physica d'esta porção d'America, seu entusiasmo por nossos feitos, foi como uma especie de tela em que se acharam debuxados o nosso valor, nossas acções e nossas esperanças. — Sem ter bebido em fontes amplas e salubres, sem ter avigorado pela critica a sua narrativa, o auctor bahiano prestou á sua patria o immenso serviço de retratal-a n'um esbôço em certo sentido exacto e util para o seu tempo.

O Sr. Capistrano de Abreu traçou de Pitta uma figura, que é bem fiel ao original. Por-isso aqui ensiro desse retrato os traços seguintes :

« O desejo de produzir effeito ramifica-se por toda a *Historia da America Portuguesa*. Desde o começo o auctor prende a fundação do imperio luzitano a Tubal, e a sua ampliação a Luso e Lysias.

A proposito de D. Sebastião, enumera todos os reis de Portugal.

Aproveita-se da guerra hollandeza para descrever os Paizes Baixos e traçar a sua historia desde Balduino, conde de Flandres. Para provar que conhece a historia da Igreja, dá a

lista dos santos e heresiarchas do seculo XVI. Aqui compara a aparição de Ourique com as graças concedidas a Clodoveo, rei de França, a Constantino, impéador de Roma, a Garcia, rei de Navarra, a Tiberio, imperador de Constantinopla. Alli diz as especies de triumphos entre os Romanos; confronta com os *Palmares* as guerras servis e o rapto das Sabinas. Origem da polvora, genealogias, horoscopos, theologia, tudo desfila por suas paginas, antes para mostrar o saber do auctor do que para esclarecer o assumpto. Este sestro de mostrar saber, que era geral entre todos os que escreveram no Brazil, tanto que muitos livros foram escriptos em latim, e outros como o de Botelho de Oliveira, em latim, italiano, portuguez e castelhano, complicava-se em Rocha Pitta de uma circumstancia especial: elle fôra nomeado socio da Academia de Historia, recentemente fundada em Lisboa....

Em falta de espirito critico, que em commum com com os seus contemporaneos, Pitta não possuia, elle trouxe para a sua historia as inspirações de um forte patriotismo.

Amava a sua patria como artista, pois era um espirito de tendencias muito artisticas o de nosso auctor, principalmente quando não se punha nas pontas dos pés para parecer maior, ou egrossava a voz para fallar mais alto... Elle amava tambem a patria como homem, e o facto de se entregar ás pesquisas dos seus annaes, o prova bastante. Mas a ideia de independencia não lhe sorria; quando tratava de qualquer symptoma separatista, a sua sympathia nunca estava com os brazileiros. Desejava ver o Brazil unido a Portugal, collaborando na mesma faina, sendo, o mais brilhante engaste de sua corôa, gozando talvez de direitos iguaes; mas de nenhum modo autonomico.

Nem pode conceber-se que outros fossem seus sentimentos. Rocha Pitta era rico; de Portugal recebera grandes distincções; lá residira por algum tempo; era um *saciado* » (1)

Não se lhe deve querer grande mal pelos dous vicios capitaes que lhe nota o critico: o desejo de mostrar saber e o lusismo.

(1) *Gazeta de Noticias*, do 23 de Março de 1880.

Do primeiro todos nós somos em excesso achacados. Ainda hoje, para tratar de qualquer bagatella, contamos a historia do mundo desde a sua origem, e revolvemos todas as sciencias, sempre superficialmente é certo. Ainda hoje temos muito quem deixe a sua lingua para escrever especialmente em francez... A segunda molestia consumiu a muita gente ainda um seculo depois de Rocha Pitta e ainda agora ha quem lastime do fundo d'alma a nefanda politica que não soube conservar unidos dous povos, que o deviam ficar eternamente...

Em todo caso, Pitta era mais que um patriota; era um *chauvinista*. A elle se deve a celeberrima descripção do Brazil, velha canção que tomamos ao serio, e embriaga-nos ainda hoje com um orgulho descommedido. Aqui é transcripta como exemplo do estylo do escriptor e amostra do *nativismo* do tempo: (1) «Do Novo-Mundo, tantos seculos escondido, e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com as suas navegações, Hercules Lybico com as suas columnas, nem Hercules Thebano com as suas emprezas, é a melhor porção o Brazil: vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costãs tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo e os seus mares o ambar mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza, se desentranha nas fertéis producções, que em opulencia da monarchia e beneficio do mundo, apura a arte, brotando as suas cannas exprimido nectar, e dando as suas fructas sazoadada ambrosia, de que foram mentida sombra o licor e a vianda, que a seus falsos deuses attribuiu a culta gentildade.

(1) O leitor terá notado que reincido no defeito de citar, no curso deste ligeiro escripto, trechos dos auctores que lhe vão passando pelos olhos, na marcha da historia. Em escriptos deste genero, sel que não é mais do uso interromper a narrativa com citações. Envia-se o leitor ás fontes e nada mais, eu, melhor, presuppõe-se nelle o conhecimento dos auctores criticados. Dá-se todavia entro nós nma circumstancia, que justifica o methode aqui adeptado, e vem a sor: a falta de edições multiplas, populares e baratas da nosses escriptores, antigos ou modernos, edições que andom nas mãos de todos. Isto releva-me da falta apontada.

Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios mais dourados, nem os reflexos nocturnos mais brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horisontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras; é emfim o Brazil terreal Paraizo descoberto, onde tem nascimento e curso os maiores rios; domina salutifero clima; influem benignos astros, e respiram auras suavissimas, que o fazem fertil, e povoado de innumeraveis habitadores, posto que por ficar debaixo da torrida zona o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristoteles, Cicero e Plinio, e com gentios os padres da Igreja Santo Agostinho e Beda, que a terem experiencia deste feliz orbe, seria famoso assumpto das suas enlevadas pennas, onde a minha receia voar, posto que o amor da patria me dê as azas, e a sua grandeza me dilate a esphera.

Jaz o opulento Imperio do Brazil no hemispherio antartico, debaixo da zona torrida, correndo do meio della (em que começa) para a parte austral ao tropico de Capricornio, de donde entra na zona temperada meridional grandissimo espaço. E' de forma triangular; principia pela banda do norte no immenso rio das Amazonas, e termina pela do sul, no dilatadissimo rio da Prata; para o Levante o banham as aguas do oceano Atlantico; para o occidente ficam os reinos de Congo e Angola, e tem por antipodas os habitadores da Aurea Chersoneso, onde está o reino de Malaca. Na sua longitude grandissima contam os cosmographos mil e cincoenta leguas de costa, as mais formosas que cursam os navegantes; pois em toda ella, e em qualquer tempo estam as suas elevadas montanhas e altos arvoredos cobertos, e vestidos de roupas, e tapeçarias verdes por onde correm innumeraveis caudalosos rios, que em copiosas e diafanas correntes precipitam crystaes nas suas ribeiras, ou levam tributo aos seus mares, em que ha grandes

enseadas, muitos e continuados portos capacissimos dos maiores baixéis, e das mais numerosas armadas.

A sua latitude pelo interior da terra é larguissima: mais de quatrocentas leguas se acham já cultivadas com as nossas povoações, sendo muitas as que estão por descobrir. Este famoso continente é tão digno das suspensões humanas, pelas distancias, que comprehende, e pelas riquezas, que contém como pelas perspectivas, que mostra; porque até em algumas partes, em que por aspero parece impenetravel, aquella mesma rudeza, que o representa horrivel, o faz admiravel. A formosa variedade das suas formas na desencertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compõem uma tão igual harmonia de objectos, que não sabem os olhos a onde melhor possam empregar a vista.— Com inventos notaveis sahiu a natureza na composição do Brazil; já em altas continuadas serranias, já em successivos dilatados valles; as maiores porções d'elle fez fertilissimas, algumas inuteis; umas de arvoredos máus, expoz ás luzes do sol, outras cubertas de expessas mattas, occultou aos seus raios; umas creou com disposições, em que as influencias dos astros acham qualidades proporcionadas à composição dos mixtos, outras deixou menos capazes dos beneficios das estrellas. Formou dilatadissimos campos; uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyramnizados por caudalosos rios.

Fez portentosas lagoas umas doces, e outras salgadas, navegaveis de embarcações, e abundantes de peixes; estupendas grutas, asperos domicilios de fêras; densos bosques, confusas congregações de caças, sendo tambem deste genero abundantissimo este terreno; no qual a natureza por varias partes depositou os seus maiores thesouros de finos metaes, e pedras preciosas, e deixou em todo elle o retrato mais vivo, e o mais constante testemunho d'aquella estupenda e agradavel variedade, que a faz mais bella.» (1)

Ahi temos Rocha Pitta inteiro; é elle e o seu tempo; é o estylo da época.

(1) *Historia da America Portuguesa*, edição da Bahia de 1878; Capitulo 1.º pag. 2 a 7.

E, todavia, não se lhe pôde recusar um certo vigor de descripção e; de longe em longe. algumas expressões bem felizes.

Nesse ponto, nas enumerações das grandezas naturaes do Brazil, o velho historiador ainda não foi ultrapassado. Foi ahi um precursor de nossos românticos, os quaes não tem feito mais do que glosar a sua classica descripção. Aquelle fragmento é typico; por isso o transcrevemos integralmente.

Este capitulo deve ser encerrado pela contemplação de dous notaveis brazileiros: os illustres irmãos Gusmões.

O mais velho — *Bartholomeu de Gusmão* nasceu em Santos em 1685. Transportado para a Europa, foi alli o inventor dos balões aerostaticos, antes dos Mongolphier. Seu invento não vulgarisou-se, por causa da profunda inepcia dos portuguezes de seu tempo, que o ridularisaram, appellidando-o de *Padre Voador*, etc. . . Uns o tacharam de louco e outros de ter pacto com o *diabo*.

A poetagem do tempo cahiu-lhe em cima, distinguindo-se entre todos o mediocre Pinto Brandão, de que ninguem hoje mais se lembraria, si o proprio Gusmão não lhe conferisse entre nós a immortalidade. Em 1709 fez o padre Bartholomeu Lourenço — o seu invento, fazendo experiencias em Lisboa diante da côrte.

Pinto debicou-o em regra em decimas e sonetos. Eis aqui um especimen:

« Bartholomeu Lourenço é hoje o alyo
 Dos discursos da Côrte, e as inferencias
 Resolvem, ter do demo intelligencias,
 E que estas o fizeram pôr em salvo, etc. »

« Credito dará Lisbôa —
 Ao que agora não deu,
 Pois o tal Bartholomeu
 De que voou, fama vôa, etc. » (1)

(1) Vid. *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. I, fasciulo. 4o.

Bartholomeu de Gusmão é indubitavelmente o auctor dos aerostatos. Tendo-nos sido roubada esta gloria pela França, *nossa amiga*, parece que a um outro brasileiro, em compensação, está reservada a gloria não menor de solver o problema da direcção dos balões. O Sr. Julio Cesar Ribeiro de Souza, ao que parece, estampará definitivamente o nome brasileiro no logar que lhe compete na historia desse importante ramo das descobertas humanas. Seja elle mais feliz do que o foi o illustre paulistano, morto ingloriamente em Toledo em 1724. (1)

Alexandre de Gusmão, nascido em Santos em 1695, fez-se notavel como homem de Estado.

Foi no faustoso reinado de D. João V. o rei beato o langueroso, que os illustres brasileiros, Pitta, Antonio José, Bartholomeu e Alexandre de Gusmão se desenvolveram. Pitta especialmente de 1720 a 738, Bartholomeu de 1710 a 724, Antonio José 1726 a 739; Alexandre de 1730 a 750. Foram, pois, contemporaneos em Lisboa estes notaveis espiritos e alguns d'elles, sinão todos, conheceram-se entre si.

No mundo do pensamento os brasileiros figuravam. Alexandre foi secretario de Estado.

Nesta qualidade opinou que o quinto do ouro fosse substituido por uma capitação fixa sobre o numero de escravos empregados nas lavras, para evitarem se as fraudes; trabalhou na confecção do tratado de limites com a Hespanha em 1750; fez esforços para a colonisação de Santa Catharina e do Rio Grande, e outros factos notaveis. E' o auctor de muitos opusculos e memorias de assumpto politico e economico. Morreu em 1753 em Lisboa.

Não sou, não quero ser o que se chama um *chauvinista*. Não o desejo ser; porque entendo que ao compararmo-nos com o grande mundo culto, quasi nada somos. E' preciso, pois, que em familia nos censuremos duramente para correcção nossa. Em face porém de Portugal, devemos sustentar os nossos creditos. Portugal é, a datar do seculo passado, mais pobre, mais

(1) Vid. *Da vida e feitos de Alexandre e de Bartholomeu de Gusmão*, pelo Visconde do S. Leopoldo, Rio de Janeiro, 1844; e a *Memoria que tem por objecto reivindicar para a nação brasileira a invenção dos Aerostatos*, por Francisco Freire do Carvalho. *Revista do Instituto*.

alquebrado que o Brazil. O segundo periodo da nossa historia litteraria vem proval-o.

Desde agora claro se torna, que a acção do governo da metropole para administrar a colonia é já tão complicada, tão vasta, que elle ha mister do auxilio e dos conselhos de brasileiros, isto é, de especialistas para o conduzirem na empreza.

Este é o papel de Alexandre de Gusmão na historia ; é um nosso auxiliar directamente n'aquillo que fez a nosso favor, e indirectamente pela acção moral que exerceu sobre a côrte.

Cada brasileiro, que se tornava illustre era um laço mais que se rompia entre nós e o velho reino ; era a força autonoma da colonia que se tonificava.

Tal o traço mais vivo da physionomia dos Gusmões. (1)

(1) Vide no *Brazil Historico* a *Carta de Alexandre de Gusmão a António Pedro Vasconcellos, em defesa do tratado de limites de 1750, que este havia atacado* : 2ª serie — 1867 T. 2º

SEGUNDA ÉPOCA OU PERIODO DE DESENVOLVIMENTO AUTONOMICO

(1750-1822)

CAPITULO X

Escola Mineira: Poesia Epica

Tocamos o momento decisivo da nossa historia; é o ponto culminante; é a phaze da preparação do pensamento autonomico e da emancipação politica.

Qualquer que seja o destino futuro do Brazil, quaesquer que venham a ser os accidentes de sua jornada através dos seculos não será menos certo que ás gerações, que, nos oitenta annos de 1750 a 1830, pelearam a nossa causa, devemos os melhores titulos que possuímos.

Eu não sei qual será o accôrdo possivel entre as duas maneiras oppostas de encarar a historia, aquella que faz predominar a acção do exterior sobre o homem, e aquella que dá a vantagem á acção moral, ao factor humano sobre o meio. Parece-me haver em ambas ainda um residuo de metaphysica e de *parti pris*.

Não resta a menor duvida que a historia deve ser encarada como um problema de biologia; mas a biologia ahi se transforma em psychologia; ha um jogo de acções e reacções do

mundo objectivo sobre o subjectivo e vice-versa; ha uma multidão de causas moveis e variaveis capazes de desorientar o espirito o mais observador.

Para contrabalançar as influencias hereditarias da raça, por exemplo, existem as influencias transmittidas pela educação, pela selecção artificial da cultura. — Com relação ao Brazil, parece-me que se illudiria, quem procurasse ver em sua historia somente a acção do meio physico e a acção de nossas raças chamadas inferiores; porquanto a cultura fornecida pelos portuguezes a estas ultimas, com ser um elemento puramente moral, não deixa de ser um factor, e justamente o mais importante de nossa vida de nação. — Nossa philosophia historica portanto, consistiria em marcar a lei do fluxo e refluxo d'estas causas e influencias diversas, acção e reacção de umas sobre outras, a justaposição do elemento moral sobre o elemento mesologico e ethnico. — Esta lei de psychologia nacional não é outra sinão a lei geral da transformação das especies, a lei da adaptação e da selecção natural sustentada por uma raça, que emigrou para um meio diverso do seu *habitat* anterior.

Mas isto é ainda muito vago; resta saber até que ponto esta raça se modificou e até que ponto se modificaram aquellas com que se poz em contacto. E' impossivel marcar o limite maximo do primeiro facto. E' evidente que o luzo-brazileiro é diferente do seu ascendente europeu; mas, por outro lado, neste terreno as diferenças nunca são radicaes nos tempos modernos, attenta a actual tendencia humana para o nivelamento cosmopolitico.

Quanto ao segundo problema, a transformação dos povos com que o portuguez se poz em contacto, dous factos parecem firmados definitivamente: — a desaparição progressiva das duas raças inferiores e a sua integração em um producto novo pela mestiçagem. Em rigor, não ha a perda daquellas raças; ha a transformação dellas. O desaparecimento das duas fórmas é resgatado por uma producção nova. Mas, como vimos, o portuguez não ficou incolume á acção modificadora do meio; elle tambem se transformou.

O espectáculo de nossa historia, pois, é o da modificação de tres povos para a formação de um povo novo; é um espectáculo de transformismo de forças ethnicas e de aptidões de tres culturas diversas, de tres almas que se fundem.

A sua lei póde ser formulada por esta synthese: — *No Brazil a tendencia separatista dos tres povos diversos foi se tornando em tendencia centralisadora; a principio pela acção do mais forte, levada a effeito pela escravidão; mais tarde pelo advento de gerações novas e creoulas, presas por interesses communs, como por exemplo, a necessidade de defeza contra as aggressões estrangeiras, e hoje em dia pela consciencia clara de sermos um povo que deve ficar unido para não tornar-se a preza do caudilhismo americano.*

Por outros termos: *Postos em contacto tres povos no Brazil, as tendencias perturbadoras e anarchicas de cada um estiolaram-se por falta de exercicio, condição esta imposta pela força; criaram-se, depois, necessidades novas, que acharam um orgão natural no mestiço, representante do trabalho lento da transformação ethnica, consciente, elle proprio, de ser o dono e o senhor de uma patria nova, que lhe cumpre defender.*

A historia da litteratura brazileira não passa, no fundo, da descripção dos esforços diversos do nosso povo para produzir e pensar por si; não é mais do que a narração das soluções diversas por elle dadas a esse estado emocional; não é mais, em uma palavra, do que a solução do problema do nacionalismo.

Quer se queira, quer não, esse é o problema principal de nossas lettras e dominará toda a sua historia.

O nosso defeito passageiro nessa esphera tem consistido em confundirmos um problema de critica e de historia com uma these de esthetica litteraria. Ao critico e ao historiador é que compete indagar das condições de nosso nacionalismo. Os poetas não se devem metter nisso. Do poeta só uma cousa se póde exigir: é que elle tenha talento. Quanto

ao mais, deve sempre escrever sem se preocupar si é nacional ou não; porque, si procurar sel-o á força, falsificará, desde logo, a sua intuição. Não é nacional quem o quer; é nacional aquelle que a natureza o faz, ainda que o não procure ostensivamente.

Exemplos para esclarecer: Gonçalves Dias é mais brasileiro quando deixa ver o seu sentimento directo, sem affectação, como na poesia *Os Seus Olhos*, do que quando se faz erudito e escreve o *Y-Jucá-Pirama*. Tobias Barreto o é mais quando mostra todo o seu calor, toda a turbulencia de sua imaginação nos *Vôos* e *Quedas* ou no *Genio da Humanidade* do que nos *Tabaréos*.

N'um caso o nacionalismo é mais subjectivo, está mais nas idéas, no outro é mais exterior; está mais nos factos.

Veja-se bem: não é que os assumptos indianos, africanos, sertanejos, matutos, tabaréos, regatões, etc, devam de ser banidos de nossa poesia. Não; na poesia ha logar para cem systemas e duzentos estylos.

O que desejo é que o nacionalismo esteja mais no fundo d'alma do que na escolha do assumpto.

Goethe é mais allemão no *Fausto* do que em *Herman e Dorothea*; mais no *Divan* do que em *Goetz de Berlichingen*. Em uma palavra, um character nacional não se procura, não se inventa, não se escolhe; nasce espontaneamente, bebe-se com o leite da vida, respira-se no ar da patria.

E nós temos esse character nacional. Eu não o saberei talvez definir com precisão; mas elle existe, e não me engano onde quer que o encontre.

Não se deprehenda d'ahi, repito, que desejo a eliminação dos assumptos nacionaes. Insisto neste ponto para ser bem comprehendido.

O que desejo é que o nacionalismo passe do anhelo vago para o facto subjectivo, que elle appareça espontaneo. O poeta póde mostrar-se brasileiro tanto no manejo de um assumpto geral, universal, quanto no trato de assumptos nacionaes. Pelo que toca a estes porém querer, por uma exaggeração negativa, eliminá-os, fôra o mesmo que exigir do francez que não falle

mais de suas *scenas parisienses*; do allemão que não mais se occupe com as suas *lendas nacionaes*, com seus *costumes da Floresta Negra*; do inglez que deixa de lado o caracter de seu povo, suas *legendas bretans* e *escoçsesas*; do russo que não se lembre mais dos seus *steppes* e do seu *nihilismo*; do hespanhol que não fite mais os olhos nas *andaluzas*.

.. E não seria isto uma bem singular exigencia?!.. (1)

Estas ideas preliminares vem-me a proposito do estudo da grande epoca que vamos agora atravessar.

O nosso nacionalismo no seculo XVI era ainda muito exterior.

Quasi nullo, consistia apenas na descripção da natureza e do selvagem. Póde-se vê-lo nos chronistas, especialmente em Anchieta na sua celebre carta em que descreve nossas plantas, animaes, etc. No seculo XVII, esse nacionalismo é mais activo, affirma-se nos factos de um lado com a espada nos Guararapes, e, de outro, com a penna nas satyras de Mattos.— Ah! já não entra só a natureza e o caboclo; entram todos.— No começo

(1) Sobre a questão do *nacionalismo litterario*, já por nós estudada na *Poesia Popular no Brazil* e na *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, chegamos a estas conclusões:

1.^a Qualquer que seja a razão da differença das raças, é certo que esta differença existe e sobre ella se fundam a linguística, a mythographia, a sciencia das religiões, a anthropologia e a propria historia;

2.^a Tal diversidade manifesta-se tambem nas litteraturas e, por isso, a determinação do caracter nacional nas letras não é um capricho; senão a comprovação de um facto;

3.^a Um caracter nacional, porém, não se inventa; nasce espontaneamente, e como tal manifesta-se na litteratura, ainda contra a vontade dos escriptores e sem que seja adredo procurado.

4.^a Entre nós e o nacionalismo tem sido em parte exterior o tem atravessado duas phazes distinctas: a de uma *raça predilecta*, representada especialmente pelo *caboclo*, e depois a do *classes*, ou cathogorias particulares da população, como o *sertanejo*, o *matuto*, o *tabaré*, etc.

5.^a Hoje devemos comprehendêr que não é propriamente na escolha desses assumptos aliás legítimos, que está o caracter nacional.

6.^a Este pode e deve apparecer ainda nos assumptos goraes; pois nós tambem devemos pugnar pelas conquistas da civilisação, levando para a lucta nossas qualidades nativas, boas ou más.

7.^a Na collisão porém entre copia servil do *francesismo* ou de um *estrangeirismo* qualquer, no fundo ou na forma, o a escolha de assumptos puramente *locaes e brasileiros* estes são mil vezes preferiveis; pois, ao meos externamente, revelam que são nossos, sómente nossos.

8.^a As qualidades intrinsecas do povo brasileiro são ainda difficéis do determinar, attenta a nossa pouca cohesão historica e ethnologica; os primeiros lineamentos d'ellas, porém, já comçoam a apparecer.

9.^a Essas qualidades do caracter ethnico são a baze e a força do nosso nacionalismo litterario. Incumbe á critica preparar a genuina intorpração de nossa historia, de nossas tradições de todas as precedencias, e fortificar o sentimento dos poetas, uovelistas e dramaturgos pelo conhecimento exacto do passado nacional.

do seculo XVIII elle já quer invadir a politica em Alexandre de Gusmão; mas ainda é um pouco exterior em Frei Itaparica. Mais tarde é, no tempo que nos occupa, a alma inteira da nação, que de desfaz em jubilo diante de nossas tradições.

Ahi já não apparecem isolados a natureza e o caboclo. Apparecem a historia com todas as suas luctas, o passado com

10ª.— Nesta averiguação deve a critica proceder com a maior imparcialidade, despendendo-se dos prejuizos sociais; indicar o que pertence a cada uma das nossas origens, sem o predomínio de uma sobre outra, mostrando qual o valor da contribuição de todas ellas e como o verdadeiro caracter nacional é o resultado final da acção de todas.

11ª.— Pelo estudo até agora feito dessas contribuições, entendemos que ellas devem ser encaradas por duas faces: a *historica* e a da *actualidade*. Naquelle o factor mais forte foi o *portuguez*; occupa o segundo logar o *africano* e o terceiro o *tupi*; nesta o primeiro vem a *sor* o *branco* filho do paiz e seu parente o *mestiço*; o segundo o *negro*, filho tambem da terra, e o terceiro em pequena escala o *caboclo* actual, recolhido ao alto interior.

12ª.— Em futuro mais ou menos remoto estas duas formas inferiores dasapparecerão, ficando os brancos puros om face dos *mestiços* mais ou menos variados, que os excederão consideravelmente em numero e rebustez, e que cada vez mais depurados com o auxilio destes mesmos brancos acabarão por agglutinal-os, tomando-lhes a cor e confundindo-se com elles. São estas as conclusões dos factos.

Alguns auctores ainda sob o dominio de certos preconceitos negam todo e qualquer valor intellectual, ethnologico e social ao *mestiço*. Isto por duas razões capitaes: 1ª os nossos maiores talentos, como José Bonifacio, Silva Lisboa, Alexandre Rodrigues Ferreira Arruda Camara, etc., foram *brancos*; 2ª o *mestiço* é um *hybrido*, é fraco e tem a esterilidade de todo e qualquer outro cengere animal. Illudem-se redondamente.— Em primeiro logar não é a *superioridade* intellectual do *mestiço* sobre o *branco* que se quer provar neste ensaio. O que se quer tornar patente é que o branco para supportar a lucta pela existencia no meio hrazileiro, para adaptar-se á sua nova patria, teve de referçar-se com o sangue das raças tropicaes.— Dahi o cruzamento, o dahi o *mestiço*, que, como producto de uma adaptação, já é por si mais proprio para o meio, e, si fôr inferior ao branco pela intelligencia, o que contesto, é lhe superior como agente de differenciação, como olemento para a formação de um typo *nacional*.— José Bonifacio poderia ter mais talento do que Gonçalves Dias, é possível que o tivesse, do que aliás duvido; mas com certeza não era mais *brazileiro*, mais *nacional* do que o grande poeta maranhense.— A final é o branco que virá a triumphar; porque elle é que nos trouxe a civilização; mas para assegurar esta mesma victoria, para formar uma nacionalidade forte neste meio elle teve de diluir-se na *mestiçagem*, teve de alterar a pureza de seu sangue, si é que n'este seculo que determinou a origem humilde da pobre humanidade, ainda tenhamos necessidade de fallar em *pureza de sangue*, e outras velhas phrazes mysticas e vazias.— Quanto a chamar o *mestiço* de *hybrido*, é um desses immensos lapsos em que ás vezes cahem até os grandes talentos. É formar um conceito contra os factos a respeito da ideia de *especie*, dando-lhe um valor que não tem, é alçar á cathgoria de *especies* inteiramente distinctas as variedades da familia humana; é affirmar nesta a existencia de *hybridos* contra a observação unanime de todos os tempos e contra o ensiuo de todas as sciencias anthropologicas; é, finalmente ainda dar importancia ao velho argumento da *hybridación* contra o transformismo das *especies*, cançado reducto que já vouo pelas ares.— Todas as variedades humanas são entre si fecundaveis e os descendentes desses cruzamentos o são igualmente.— As raças cruzadas são fortes e haheis.— Si jamais existiu povo intelligente e progressivo sobre a terra, osse povo foi a nação grega. Basta ler-se a prodigiosa obra historica de Ernesto Curtius sobre aquella nacionalidade para ter-se a prova do immenso affluxe de sangue turanno e semitico que mesclou-se á seiva daquelles adoradores de Apollo.— Mas ougamos o grande Hæckel: « A noção de *especie* não tem mais valor physiologico. A este respeito devemos notar particularmente que a propria questão da geração dos *bastardos*, ultimo refugio de todos os defensores da constancia da *especie*, perdeu hoje toda a significação. Numerosas e seguras experiencias ensinaram-nos, primeiro, que duas boas *especies* diferentes cohabitam e podem produzir *bastardos fecundos*. Em segundo logar é tambem um facto não menos certo, que os descendentes de uma só e mesma *especie* que, segundo o dogma da antiga escola, deveriam sempre ter uniões fecundas, ou não cohabitam, ou só procream *bastardos infecundos*.» (*Provas do Transformismo*, pag. 30 da traducção franceza.)

Nas raças humanas, além de tudo, não existe o phenomeno do *hybridismo*. O argumento cabe pela base.

todos os seus feitos; índios, brancos, negros, solo, natureza, lendas, aspirações, a vida, o povo em summa... — Claudio, Basilio, Durão e Gonzaga são os primeiros espiritos poeticos de seu tempo na lingua portugueza, como Hyppolito da Costa, Cayrú, José Bonifacio, Conceição Velloso, Arruda Camara— Azeredo Coutinho — são os seus mais illustres pensadores. = Não é exaggero; dous dos mais notaveis escriptores portuguezes actuaes o reconhecem. — Theophilo Braga, depois de dizer que os nossos auctores chegaram a influir na poesia portugueza, accressenta: « quando o seculo se apresenta exaustado de vigor moral e de talento é da colonia, que se agita na aspiração da sua independencia, que lhe vem a seiva das naturezas creadoras. », (1) Oliveira Martins escreve: « A maxima prova da constituição organica do Brazil no seculo XVIII é a sua fecundidade intellectual, que progride no principio de nossa era. Brasileiros eram na maxima parte os sabios e litteratos portuguezes de então. » (2) Esta é a verdadeira comprehensão da historia, testemunho tanto mais insuspeito, quanto sabemos qual a ogeriza que nos votam patrioticamente Castello Branco e seus sequazes.

O desenvolvimento da colonia foi quasi em tudo um facto conquistado a esforços nossos contra a vontade expressa do governo portuguez. Ainda em fins do seculo passado sua indisposição contra o desenvolvimento do Brazil era notoria. — A typographia de Isidoro da Fonseca, estabelecida no Rio de Janeiro, foi queimada por ordem da metropole. O alvará de de 5 de Janeiro de 1785 extinguiu as fabricas de manipular o ouro e a prata, e as de manufacturar a seda e o algodão, estabelecidas no Brazil.

Ainda em 1809 o governo prohibiu que se annunciassem livros sem a sua licença. — (3)

(1) Manual, pag. 443.—

(2) O Brazil e as Colonias, pag. 406.

(3) Vide. Moreira de Azevedo — *Apontamentos Historicos*, pag. 14 e seguintes.—

« O Brazil, escreve Mello Moraes, sentia nos tempos coloniaes a maior oppressão e veixame possiveis, porque até dotava as filhas dos reis, quando se casavam, a titulo de donativo voluntario, e todos eram obrigados a cobrirem-se de luto pesado, quando qualquer pessoa da familia real perecia, vindo da metropole a indicação do estofa que se devia usar, sem excepção dos proprios mendigos. O brasileiro não passava de frade, soldado, marinheiro ou agricultor. Na milicia não passava de tenente, porque nesse posto não se dava patente. Os fidalgos e os magistrados pobres eram mandados para o Brazil afim de enriquecerem com os casamentos vantajosos, ou por meio de extorsões.

As artes e as sciencias eram prohibidas, como era prohibida a entrada de livros que pudessem instruir os talentos brasileiros. » (1)

Nosso progresso foi, pois, conquistado quasi sempre a esforços nossos, amassado com as nossas lagrimas, e com o nosso sangue. O Brazil desenvolveu-se por si. Invadido o interior pelos paulistas, descobertas as minas de ouro, rechaçados os estrangeiros da costa, fundadas as villas dos sertões, o progresso surgiu; a nação estava feita. Alguns brasileiros tinham viajado a Europa; muitos tinham estudado em Coimbra. De volta à patria, espalhavam ahi as luzes. A idéa de independencia foi amadurecendo e em 1789 a *Inconfidencia* bruxoleou no ceu de Minas. Até hoje temos tido dous methods contradictorios de julgar nossas revoluções precursoras da independencia, ou posteriores a ella. A *Inconfidencia*, 17, 24, 48, etc, são cantadas em dythirambos pelos espiritos exaltados, ou são estigmatizadas pelos reaccionarios. Além disto, aquelles, que só reconhecem uma revolução quando n'ella o ferro e o fogo fazem a sua obra e o sangue jorra em borbotões, negam que no Brazil tenham sé dado revoluções.

(1) Mello Moraes Pae. *A Independencia do Imperio do Brazil*. Pag. 63.

A verdade não é esta, nem aquelles são os methodos imparciaes da historia. Uma revolução justifica-se pela pureza de seus fins, e neste sentido, a Inconfidencia e todas as mais merecem as nossas sympathias. A revolução mineira foi um desejo, um anhelos de poetas, abençoados sonhadores que tiveram ancias de crêar para si uma patria livre, que tiveram a coragem de soffrer e morrer por ella. . . . Quanto distavam elles dos poetas bajuladores que degradavam nas *Arcadias* portuguezas a dignidade humana!. Quanto distavam daquelles que ainda hoje vendem a lyra pelas commendas e negrejam o ceu da patria com as suas vis apostasias !.

O seculo XVIII no seu final é altamente importante por dous factos capitaes que o dominam: a agitação politica que se affirma na revolução franceza e a agitação litteraria que se resolve no romantismo allemão, precursor do romantismo inglez e francez.

São duas tendencias contradictorias : uma que se volta para a antiguidade romana e atheniense e outra que se volve para a media-idade feudal.

No Brazil as duas tendencias apparecem desde logo : a politica se mostra na *Inconfidencia* e a romantica no *Caramuru* e no *Uruguay*.

Nós não tinhamos uma antiguidade, nem uma idade-media. A primeira foi forjada na vida indigena anterior à descoberta, e a segunda foi posta no primeiro seculo da conquista. O selvagem rude symbolisa aquella; o Caramuru pio e cavalheiresco symbolisa esta. Ha alguma cousa de facticio em tudo isto; mas ha tambem alguma cousa de real. Foi o momento mais notavel da existencia do Brazil e é esta a razão porque Bazilio e Durão são ainda hoje os nossos melhores poetas.

Collocados entre a phase colonial e a phase livre do paiz, elles tem a consciencia de nossos destinos e presidem ao alvo-recer de nossa vida de nação. Um mostra a morte do jesuita e do indio, indica que um povo livre sobre elles devia apparecer; o outro aponta a marcha da colonisação, a formação de

uma nova ordem de cousas, a origem de nossas provincias, e tem a consciencia de uma nova patria.

Os poetas lyricos Gonzaga, Claudio e os Alvarengas, caminham no mesmo terreno e têm a mesma convicção. Tem-se dito muitas vezes que a litteratura brasileira d'esse tempo era uma imitação da portugueza, que os nossos poetas deixavam nossa natureza para decantar a da Europa.

Erro manifesto. . . A litteratura portugueza era então mesquinha e nulla ; nossos poetas nada tinham ali a imitar. Ao contrario, todos elles, epicos e lyricos, Durão, ou Caldas Barbosa, eram genuinamente brasileiros. Uma ou outra referencia isolada á Europa não constituia a regra. Esta ideia nociva, que combate, é oriunda dos falsos criticos que para exaltarem o nosso tempo carregam a mão sobre a grande epoca de Bazilio. O absurdo é patente.

E' como si alguém dissesse que imitamos hoje a litteratura portugueza sómente porque alguns folhetinistas fluminenses plagiam Ramalho Ortigão e alguns poetas copiam Guerra Junqueiro. . .

A historia litteraria é uma das manifestações da historia social ; as letras não são um luxo, sinão uma necessidade organica da vida das nações.

Vejamos os factos. A capital do Brazil tinha sido transferida para o Rio de Janeiro.

Nos meiodos e fins do seculo passado fundaram-se nesta cidade, ad instar da Bahia, algumas sociedades litterarias. A mais antiga foi a *Academia dos Felizes* (1736) ; depois appareceu a dos *Selectos* (1752) : mais tarde a *Sociedade Litteraria* (1786) (1) Na Bahia houve a *Academia dos Esquecidos* e depois a dos *Renascidos* como já vimos.

De todas as sociedades litterarias da colonia — a mais celebre hoje é a *Arcadia Ultramarina*, cuja dacta de criação é desconhecida. Alguns a collocam no anno de 1780, outros

(1) Antes fôra a Sociedade Scientifica.—

em 1783. O certo é que em 1768 ja Claudio se dizia *Arcade Ultramarino*. (1): D'ella faziam parte, ao que se presume:— José Marianno da Conceição Velloso, Manoel de Arruda Camara, Domingos Caldas Barboza, Antonio Cordovil, Baltazar da Silva Lisboa, José Ferreira Cardozo, João Pereira da Silva, Ignacio de Andrade Souto Maior, Domingos Vidal Barboza, Basilio daGama, Alvarenga Peixoto, Marianno José Pereira da Fonseca, Santa Rita Durão, Gonzaga, Silva Alvarenga, Claudio Manoel da Costa e outros. —

Por maior que seja o pessimismo que professemos sobre os acontecimentos e os homens do Brazil, é força confessarmos que alguns d'esses nomes são verdadeiramente meritorios. —

A Sociedade litteraria que talvez seja a mesma supposta *Arcadia Ultramarina*, foi creada no tempo e sob a protecção do Vice-Rei — D. Luiz de Vasconcellos e Souza, um fidalgo portuguez, um pedante meticuloso, que fingia gostar de litteratura. —

O Conde de Resende, um despota ignobil e estúpido, em 1794 dissolveu a sociedade e mandou encarcerar alguns membros d'ella residentes no Rio de Janeiro. (2)—

Os melhores poetas do tempo constituem a celebre *escola mineira*, mais opulenta e significativa do que a escola bahiana do seculo XVII. São elles os melhores representantes do lyrismo e da epopéa no Brazil nos tempos coloniaes. —

A riqueza era geral em Minas; o ouro superabundava. D'ahi a florescencia das povoações novas, e o bem estar das classes mais elevadas da provincia. —

No fim do seculo a colheita começara a escacear; mas o movimento ja estava iniciado e chegava a seu termo. —

Vejamos os principaes d'aquelles poetas e escriptores. Começemos pelos epicos, que são o menor numero, e tenhamos o especial cuidado de lêl-os em suas proprias obras; porque

(1) Vido Norberto e Silva, *Obras Poeticas de Silva Alvarenga. I*, pag. 110,

(2) Norberto e Silva, *idem*, *ibid.*. Moreira de Azevedo. *Idem*, *ibid.*

as transcripções feitas pelos criticos e historiadores são, n'elles ainda mais do que n'outros, as mais improprias para fornecer uma ideia exata do seu merito e dos seus defeitos.

Basilio, Durão, Claudio, e Francisco Cardoso são os poetas epicos d'este periodo. Os d'ous ultimos, um com o *Villa Rica*, e outro com seu poema sobre Tripoli, não merecem attenção demorada.—

Cardoso foi um versejador em latim, e Claudio é notavel somente como lyrista.

José Basilio da Gama nasceu em S. José no Rio das Mortes em Minas em 1740. Estudou humanidades no Rio de Janeiro no collegio dos jesuitas, em cuja ordem foi noviço. Expulsos os padres da companhia, Bazilio continuou seus estudos no Seminario de S. José. Passou-se depois a Portugal e d'ahi a Roma, onde foi professor n'um Seminario, e em cuja Arcadia foi admittido com o nome de *Termino Sipilio*. De volta ao Rio de Janeiro, denunciado como Jesuita, foi preso e remettido para Lisbôa, d'onde teria de sahir degradado para Angola.

Escreveu, então, uns versos encommiasticos a uma filha do Marquez de Pombal, cuja protecção implorava.

Foi perdoado e mais tarde elevado a nobre. Depois foi nomeado official de secretaria.

Foi eleito socio da Academia de Lisboa. Gozou largamente da protecção de Pombal; com a queda d'este, porém, soffreu perseguições da parte dos jezuitas.

Querem alguns que tenha vindo pelos annos de 1780, pouco mais ou menos, ao Rio de Janeiro, onde fundara a Arcadia Ultramarina. E' isto de todo incerto; esta sociedade já dantes existia, si é que jamais existiu, e nada ha de positivo sobre a terceira estada de Basilio no Rio de Janeiro. (1) O certo é que o poeta falleceu em Lisboa a 31 de Julho de 1785. (2)

Basilio escreveu o *Quitubia*, a *Declamação Tragica*, o *Uruguay*, e algumas peças lyricas.

(1) Vid.—*Obras Poeticas de S. Alvarenga*, pag. 49 1.º vol.

(2) Wolf—pag. 53; Varnhagen, I, pag. 297.

Como lyrico é inferior a Gonzaga e a Claudio. A sua obra capital é o poemeto o *Uruguay* publicado em 1769. (1).

O poema epico é hoje uma forma litteraria condemnada. Na evolução das letras e das artes ha phenomenos destes; ha formas que desaparecem ; ha outras novas que surgem. Alem desta razão geral contra nossos poemas epicos, existe outra especial e igualmente peremptoria: o Brazil é uma nação de hontem; não tem um passado mythico ou se quer um passado heroico; é uma nação de formação recente e burguezia; não tem elementos para a epopéa. E' por isso que todos os nossos poemas são simplesmente massantes, prosaicos, impossiveis. A *Independencia do Brazil*, a *Confederação dos Tamoyos*, o *Colombo*, os *Tymbiras*, os *Filhos de Tupan*, a *Assumpção da Virgem*, o *Villa Rica*, e outros são productos mortos, inuteis. Nossos poetas são por essencia lyristas; não têm, não podem ter vôos para a epopéa. Desse naufragio geral salvam-se apenas o *Uruguay* e o *Caramurú*. O que os protege é o seu tempo; appareceram a proposito; nem muito cedo nem muito tarde. Não era mais nos primeiros tempos da conquista quando ainda não tinhamos uma historia; não era tambem nos tempos recentes, em meio de nossa vida mercantil e prosaica. Era no seculo passado quando a colonia sentia já a sua força, sem as suas desillusões.

Eis porque o *Uruguay* e o *Caramurú* serão sempre lidos, cada vez mais lidos pelos brazileiros; é que representam um certo passado para o qual já nos voltamos com certo orgulho.

Pela comprehensão historica e pelo assumpto, o *Uruguay* é inferior ao *Caramurú*; excede-o porém pelo estylo pelo brilho do fórma.

O *Uruguay* exprime a opposição ao Jesuita, a condemnação de seus methodos, de sua politica, de sua educação. Refere-se a esse celebre incidente historico de nossos limites no sul com as antigas possessões hespanholas.

(1) Basilio oscrovi-*Uruguay*.

O enredo é magro ; uma certa vivacidade de forma imprime-lhe o cunho de obra duravel. E' o estro lyrico dos brazileiros applicado ao poema.

Basilio era um *trigueiro* filho de Minas ; tinha em meio do classismo podre da Europa occidental o sentimento americano. Os seus indios são vencidos pelos portuguezes como uma especie de preito á verdade historica ; mas occupam a melhor parte do poema e são descriptos com particular attenção. Ha um momento em que o velho genio indigena borbulha de colera e exprime o seu odio aos europêos. E' quando diz Cacambo :

« Gentes de Europa, nunca vos trouxera
O mar e o vento a nós ! Ah ! não de balde
Estendeu entre nós a natureza
Todo esse plano espaço immenso d'aguas !... »

O fim ostensivo do poema era attacar os jesuitas ; o seu resultado inconsciente, descoberto hoje pela critica, foi dar plena entrada ao indigena na poesia, fazel-o luctar ahi face a face com o europêo, mostral-o em seus costumes, suas tradiçõs, seu genio ; apresental-o como gente espoliada pela *perfidia de Europa*. A expressão não é minha, é de Basilio (1) Uma vez postas as cousas n'este terreno, uma vez que ainda na segunda metade do século passado havia indios capazes de embargar o passo aos europêos, uma consequencia sahia por si mesma dos factos e sahia das paginas dos poema : os portuguezes não eram tudo na America ; os aborigenes não tinham sido exterminados ; sob a forma exterior de nossa civilização europêa ahi estava latente o velho amigo tupi . . .

O defeito capital de Basilio, n'este ponto, foi o defeito capital de seu tempo em historia. O século passado não conheceu de modo nitido o grande principio das raças, das nacionalidades, um dos mais importantes da critica no século XIX. Por isso Basilio não insistiu conscientemente n'este sentido ; nem elle

(1) *Uruguay*, pag. 25 edição de Rio de Janeiro de 1855.

conhecia as condições ethnicas do Brazil. — Si occupou-se com os indios, foi mais por effeito de uma tradição da poesia brasileira, ou por effeito de uma intuição divinatória. Esta falta, porém, que se nota no livro, como poema de uma raça, sob o ponto de vista *tupi*, realça-lhe o valor sob o ponto de vista *brazileiro*. Sim; Basilio não era um *caboclo* e não podia ser exclusivamente o cantor de um povo que não era o seu. E' este o eterno embaraço com que lutam os nossos poetas, que se occupam do *indio* ou do *negro*. Aquelles, que o hão emprehendido, são *brancos*, ou são *mestiços* em que predomina o sangue branco. D'ahi um certo desequilibrio inicial e organico. D'ahi o não conhecerem a fundo o seu assumpto, nem o apaixonarem-se completamente por elle. D'ahi o serem seus productos mais ou menos frios, mais ou menos *erudictos*. — Gonçalves Dias era um *mestiço* de sangue branco e indio; não quiz comprehender que a genuina vida nacional do *brazileiro* não é a do *caboclo* estreme, nem a do portuguez puro.

Por isso elle nos fornece o espectáculo de uma personalidade dupla. De um lado tem poesias de um *portuguezismo* affectado, como as *Sextilhas de Frei Antão*, e de outro cantos de um *indianismo* tambem affectado como o *I Juca Pirama*. Não ha ahi a alma do *mestiço* senão n'uma ou n'outra composição ligeira. — Mello Moraes Filho é um homem *branco*; quando se occupa do *negro* é com o ar do *senhor*, que faz uma *esmola*; não é convicto; é como *erudicto*. E' o que fez Basilio; os seus indios não são tomados ao vivo; são affectados e adornados epicamente. Os seus portuguezes tambem. E' que o ex-jesuita, como Gonçalves Dias, como Mello Moraes, não se tinha convencido que o *brazileiro* tem sim muito que ver com o indio, com o negro, com o portuguez, com todos elles; mas por isso mesmo não deve dar a preferencia a um sobre os outros.

Todavia, o poemeto de Basilio tem valor ethnologico; porque, ao menos, não mostra o portuguez só, ou o indio só; mostra-os em face um do outro. Falta ahi o negro; mas ao menos ha os douselementos. Ou não nos mettamos a descrever costumes populares, ou, si o quizermos fazer, sejamos completos.

O melhor é deixarmos estes problemas aos historiadores, não embarçarmos com elles, como disse, a região da arte. Tomemos um exemplo: todos sabem que a actual população franceza procede de três grandes troncos: gaulezes, romanos e germanicos; são tres ramos da familia — indo-européa. Sabe-se mais que ali domina ethnologicamente o elemento gaulez.

Supponhamos, porém, que os poetas e romancistas francezes se dividissem, tomando cada um partido por uma these ethnica particular, e entrassem, uns a descrever os francos e seus costumes, outros os celtas, outros os romanos; a litteratura franceza seria uma cousa hybrida e intoleravel.

E' que o nacionalismo não se prova exteriormente por meio de descripções; o nacionalismo sente-se e exprime-se pelo espirito. Quem não vê em Rabelais, em Paul Louis Courier, em Proudhon e em Beaumarchais as scintillações e as inconcancias do espirito gaulez? Dos gaulezes disse Catão: *Pleraque Gallia duas res industriosissime persequitur, rem militarem et argute loqui*. Esta phrase pinta mais o genio do povo do que todo o poema de Brizeux — *Les Bretons*.

Entretanto, que differença entre Brizeux e o Sr. Magalhães, por exemplo! O illustre auctor de *Télen Arvor* era de facto um celta, um bretão; conhecia a fundo os costumes de seu povo actual e de seus antepassados historicos.

Escrevia correctamente o dialecto armorico, tinha a paixão de sua raça, e, por isso, são verdadeiras estas palavras. « *Tous les événements de cette épopée familière semblaient être autant d'événements qui m'étaient propres; j'étais entré dans cette vie synthétique, et mêlant à ces jouissances réelles les jouissances de l'artiste, j'essayais sur les grèves, par les landes, sous les bois, dans les montagnes, de mouler sur tant de sites et de scènes diverses la forme ondoyante de mon poème (Les Bretons), et de faire jaillir un vers sain, loyal, né du sol.* »

Poderia dizer o mesmo de sua *Confederação dos Tamoyos* o Sr. Magalhães, elle que nada tem de commum com os indios? O *Uruguay* salva-se por ser um fragmento mais epico-lyrico do que puramente epico; salva-se, repito, pela fórma que faz

de Basilio o genuíno precursor do romantismo nacional; salva-se porque em fins do século passado era preciso ir, desde logo, mostrando ao lusitano que elle não estava só nesta America; que as raças escravizadas haviam um dia de quebrar o jugo. Por isso o *Uruguay* e o *Caramurú* são os preparadores da nossa independencia. Mas, depois de feita esta, a insistencia exclusiva de vibrar a corda *indiana* era, por sua vez, um absurdo. Basilio era um typo de mineiro fleugmatico, anedoctico, desconfiado e corajoso. Franzino de corpo, era provavelmente um *mestiço* de sangue portuguez e indio. Si o sangue africano lhe correu nas veias, ainda que mui diluido, é hoje impossivel averigual-o. Teve espirito bastante para guerrear os jesuitas.

Sua admiração por Pombal foi sincera; depois de decahido o ministro, Basilio ainda continuou a estimal-o.

O mineiro não foi adulator; era homem de bem. Amava o Brazil e isto se conhece pelas relações que entretinha com os escriptores brasileiros, Claudio, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga e outros.

Os versos de Basilio testemunham n'elle um grande exaltamento, forte imaginação. Ha por todo o poema versos de muita belleza, como depois não foram outros escriptos no Brazil. A descripção da enchente do Uruguay, a do incendio dos campos, as proesas e morte de Cepé, o episodio de Lyndonia, e outras scenas são os mais bellos fragmentos da poesia nacional.

Ha por todo o poemeto uma grande porção de versos magnificos, fortes, rutilos, pittorescos.

Si falla de uma aguia que dispede o vôo, diz:

« E, vae ver de mais perto o ar, vasio,
O espaço azul, onde não chega o raio »

Fallando dos acampamentos:

« O leve tecto e as movediças casas
E a praça e as ruas da cidade errante. »

Fallando de combatentes: —

« Erguem nuvens de pó por todo o campo
Côm o tropel dos magnanimos cavallos. »

Referindo-se ao exercito acampado em campo alagado sobre arvores:

« As tendas levantei primeiro aos troncos,
Depois aos altos ramos; pouco a pouco
Fomos tomar na região do vento
A habitação aos leves passarinhos. »

Si pinta uma investida á espada tem versos assim :

« Disparou-lhe a pistola, e fez-lhe a um tempo
Com o reflexo do sol luzir a espada ! »

Si os indios fogem dirá: —

« De sob os pés lhes desaparece a terra.. »

Si o caboclo acorda, espavorido de um sonho e atira-se ao rio a nado, para levar por diante um plano, lêem-se estes versos :

« Acorda o indio valoroso, e salta
Longe da curva rede sem demora:
O arco e as settas arrebatá e fere
O chão com o pé; quer sobre o largo rio
Ir peito a peito a contrastar com a morte. »

Falla tambem em :

« Os tremulos ribeiros, claras fontes,
E lagos crystalinos, onde molha
A leves azas o lascivo vento. . »

Nada como aquelle celebre verso, que exprime a mocidade e a bellezã de Lyndoia, realçadas pela pallidez da morte :

« Tanto era bella no seu rosto a morte ! »

E' o mais romantico e mimoso de todos os versos escriptos por brasileiros.— José Basilio era por certo um poeta ; tinha a phrase apropriada a seu assumpto, tinha o rythmo, tinha a amplitude e o contorno dos periodos, possuia a metrificacão espontanea, natural.

Os defeitos de seu poema são por outro lado muitos: uma acção insignificante e desconnexa ; certa desharmonia entre a forma e o fundo, sendo este ultrapassado por aquella.

No poema ha fragmentos que são pura prosa metrificada. E' um exemplo o pedaço que vae, logo na segunda pagina, desde os versos: *Ja dos olhos o véo tinha rasgado A enganada Madrid e ao Novo Mundo, até a Os tardos bois, que hão de soffrer o jugo No pesado exercicio das carretas.*

O poemeto de Basilio ficará, porém, entre nós como o inexcelsível modelo do genero, a synthese a mais perfeita da poesia luso-indiana.

Passemos ao auctor do *Caramurú*. Mais velho e morto antes de Basilio, apparece depois no quadro litterario, por ter publicado mais tarde o seu poema.

O *Caramurú* appareceu em 1781; ha um seculo.— E' o poema mais brasileiro que possuímos. Pela apreciacão do problema ethnico, pela comprehensão do elemento historico, e pelo justo equilibrio concedido ao colono portuguez entre os caboclos, é superior ao *Uruguay*.

O *elemento negro* apparece contemplado em Henrique Dias e seus ethiopes.— O temperamento catholico do brasileiro actual, o character aventureiro do portuguez, nosso amor á França symbolisado na viagem de Diogo a Pariz, o caboclo, suas lendas, costumes, suas tribus, nossas plantas, animaes, nossas familias coloniaes, nossas luctas com os estrangeiros, tudo apparece nessa pequena *Iliada*. E' o mais brasileiro de todos os nossos livros.— Durão não tinha grandes recursos de estylo ; sua lingua é pobre ; sua expressão pouco animada ; o colorido é pallido. Em compensacão ha alli amplitude de quadros, variedade de scenas ; os episodios abundam.

O poema é falso no seu intento principal e em sua textura ; é prosaico em algumas passagens.

Apezar, porém, de todos estes defeitos, o *Caramuru* nos agrada, nos prende.

Tal é o sopro do patriotismo, são tão bem pintadas algumas de nossas scenas naturaes e alguns de nossos factos historicos, que o livro é tão perduravel, quanto o fôr a nação brasileira.

Tem-se censurado muito a Durão a escolhá de um assumpto pouco epico. — A censura me parece infundada. O poema de uma nação nova, de um povo infantil de nossos dias, — devia ser mesmo algum tanto novelesco e romantico.

Durão fez bem em desenrollar a acção de seu poema no primeiro seculo da conquista e fazel-a girar na Bahia, o antigo centro brasileiro.

O valor do *Caramuru*, como producto nacional, está em ser uma especie de resumo da vida historica do Brazil nos tres seculos em que fomos colonia; está em nos fazer assistir á fundação da nossa mais antiga cidade, a velha capital, e acompanhar o crescimento da nação até quasi os nossos dias, tudo isto como um phenomeno natural, como um producto do solo e das tres raças. — Por este lado, o quadro, por exemplo, de nossas antigas provincias — é excellente, como o é a descripção de nossas riquezas naturaes, como o é a narração da lucta contra os hollandezes. O poema tem, além d'isto, bellos especimens de poesia. — O episodio de *Moema* é d'este genero.

O auctor tem altas e boas idéas. Elle canta *Portugal renascido no Brazil*, mas canta tambem o *povo do Brazil convulso*. (1)

Não é outra hoje a idéa capital da critica: o Brazil é uma prolação de Portugal; mas uma tal a que ligaram-se outros elementos e áquelles que desdenham desses elementos, responde o poeta com estes versos, que são profundos:

« Nós que zombamos deste povo insano,
Si bem cavarmos no solar nativo,
« Dos antigos heroés dentro ás imagens,
Não acharemos mais que outros *selvagens*. »

(1) C. I. estrophes VII e VIII.

Isto é exactissimo; a sciencia moderna o confirma. Tinha tambem uma certa intuição da poesia popular:

« A antiga tradição nunca interrupta
Em *cantigas* que o povo repetia,
Desde a idade infantil todos comprehendem,
E que dos pais e mãis cantando o aprendem. »

Ou estes:

« Conserva-se n'um povo o antigo rito,
Si o não altera o rito do estrangeiro;
E sempre algum vestigio fica escripto
Por tradição do seculo primeiro. »

Um critico moderno, um anthropologista de nossos dias não diria melhor.

Deste genero ha innumerás amostras em Durão.

Na pintura do genio do selvagem elle é exacto e simples. Exemplo:

« O bom Sergipe, aos mais confederado,
Com sigo conduzia os Pitaguarés,
Que havendo pouco d'antes triumphado,
Tem do dente inimigo amplos collares;
Seguem seu nome em guerras decantado
De gentes valerosas dez milhares,
Que do ferreo madeiro usando o estoque,
Disparavam com balas o bodoque. »

Durão já presentia nossa monomania pela França naquelle seu verso:

« Tome o Brazil a França por madrinha. » (1)

O *Caramuru* é livro que deve ser lido em sua totalidade para se lhe prender bem o sentido.

O poeta é apreciavel quanto á fórma pela simplicidade; si não vae á perfeição, foge sempre do trivial.

(1) Pag. 193 da edição de 1878 do Rio de Janeiro.

Eis um especimen de seu estylo:

« Era o invasor nocturno um chefe errante,
Terror do sertão vasto e da marinha,
Principe dos Caetés, nação possante,
Que do grão Jeraraca o nome tinha;
Este de Paraguaçu perdido amante,
Com ciúmes da donzella, ardendo vinha;
Impeto que à razão, batendo as azas,
Apaga o claro lume e accende as brazas.

« Dormindo stava Paraguaçu formosa,
Onde um claro ribeiro á sombra corre;
Languida está, como ella, a branca rosa,
E nas plantas com calma o vigor morre:
Mas buscando a frescura deleitosa,
De um grão maracujá que alli descorre,
Recostava-se a bella sobre um posto,
Que, encobrando-lhe o mais, descobre o rosto.

« Respira tão tranquilla, tão serena,
E em languor tão suave adormecida,
Como quem livre de temor ou pena
Repousa, dando pausa á doce vida:
Alli passar a ardente sésta ordena
O bravo Jeraraca, a quem convida
A frescura do sitio, a sombra amada,
E dentro d'agua a imagem dalatada. »

Tinha-se censurado, entre os romanticos, a Durão o ter usado da oitava rima, e muito se gabava a Basilio por ter escripto o seu poema em versos brancos. Hoje é o contrario que acontece; leva-se a bem a oitava rima do *Caramuru* e censuram-se os versos soltos do *Uruguay*.

Confesso que não comprehendo estas censuras e elogios contradictorios.

Tanto a oitava rima, como o verso solto são apreciaveis, uma vez que sejam bons, que sejam bem feitos, que sejam poe-

ticos. O abuso immoderado dos alexandrinos, metro o mais aspero e contrario ao genio de nossa lingua, tem trazido da parte de alguns poetas recentes uma certa guerra ao verso branco, um dos mais opulentos e bellos do idioma portuguez.

E' um dos triumphos ridiculos do francezismo entre nós.

José de Santa Rita Durão nasceu em Catta-Preta, antigo arrayal pertencente á diocese de Marianna, em Minas-Geraes, no anno de 1737. Fez os primeiros estudos no collegio jesuitico do Rio de Janeiro e passou-se a Coimbra, onde formou-se em theologia em 1756. Por esse tempo entrou para a ordem dos Agostinhos. Mais tarde teve de abandonar Portugal, suppõe se que por ter cahido no desagrado do bispo D. João da Cunha, de seu irmão Fr. Carlos da Cunha e de outros sectarios das ideias de Pombal contra os jezuitas. O poeta foi preso em Hespanha, como espião. Feita a paz entre Hespanha e Portugal, seguiu, em 1763, para Roma, onde viveu doze annos. Voltando ao reino, tirou uma cadeira de theologia na Universidade de Coimbra, onde recitou em 1778 a oração de sapiencia.

Ja para o fim da vida é que compoz o *Caramuru*, dictado ás pressas a seu criado Bernardo e a seu confrade José Agostinho de Macêdo, e apparecido, como disse em 1781. O poeta falleceu a 24 de Janeiro de 1784 em Lisbôa.

Não me despeço de Durão e Basilio sem repellir um erro nocivo de Fernando Wolf sobre ambos.

Acha este escriptor que, por não ser então independente o Brazil, aquelles poetas não deram em suas obras o primeiro plano aos indigenas, e que só mais tarde Magalhães e Gonçalves Dias, herdeiros e continuadores dos dous primeiros, pôderam preencher esta lacuna. (1)

Primeiramente, é inexacto que Magalhães e Dias tenham preenchido cousa alguma n'este sentido; elles que são posteriores a Basilio e Durão, não deram tambem aos indigenas o primeiro logar. Depois, ainda que o tivessem planejado, seria

(1) Wolf, pag. 60. Cap. 6.º

em pura perda, seria um attentado contra a historia:—o indio não é entre nós o vencedor, o primeiro logar não lhe pôde pertencer. Si o *luzismo* exclusivo é um absurdo, o *indianismo absoluto* não o é menos.

Ainda mais; não sei o que vem aqui fazer a independência politica da colonia, como um estímulo á these do predomínio do caboclo. Si a conquista portugueza no Brazil tivesse sido alguma cousa de analogo á conquista dos arabes nas Hespanhas; si, depois de algum tempo submettidas, as populações subjugadas levantassem a cabeça e expulsassem os estrangeiros, então seria de justiça que os tupis tomassem para si o primeiro plano; nem seria mister que os poetas de uma outra raça pela mór parte e fallando uma lingua estrangeira lhes viessem dal-o, elles o tomariam por si; como o tomaram por si na peninsula iberica as populações romano-godas. O contrario é desconhecer o que seja o Brazil e a sua litteratura: o indio é um elemento secundario, ultrapassado em quasi todo o paiz pelo portuguez, pelo negro e pelo mestiço.

Pouco tenho a dizer sobre o *Villa Rica* de Claudio Manoel da Costa. Em outro logar deste livro terei de deter-me ante o vulto sympathico d'essa illustre victima da *Inconfidencia*. Como lyrista, Claudio é talvez o primeiro poeta da pleiade dos *mineiros*.

Seu poema épico é chato, prosaico, duro, inutil.

Descubro nelle um merito:— o tratar de um assumpto *brazileiro*; mas brasileiro no sentido historico e positivo, o producto deste meio e dos povos que para estas plagas convergiram.

Claudio, descendente dos antigos *bandeirantes*, dos antigos paulistas, faz intervir na acção este elemento genuinamente nacional. A opposição não é ahi entre o portuguez e o tupi; é entre o portuguez e o *paulista*, entre o *emboaba* e o brasileiro. Ahi mesmo, porém, patentêa-se a fraqueza da concepção epica de Claudio.

Elle não soube tirar partido dos factos praticados pelos paulistas. A descoberta dos sertões pelos bandeiras, toda a historia de suas aventuras, não acha um echo sinão fraco

e longiquo nas paginas do poema. Limito-me a transcrever aqui um trecho. E' o começo do canto 6.º

Dos mesmos deuzes o poder superno
 Não se atrevera a combater os montes
 E as serras qu' em distinctos horizontes
 Murando vão pelos remotos lados
 Mares e lagos, com que ao sul marcados
 Seus limites estão: a forma e o nome
 Variam serra e rio; e sem que tome
 Firmeza alguma o prolongado vulto
 Sempre o principio te ha de ser occulto,
 Quando chegues ao fim do rio ou serra.
 Levados do fervor, que o peito encerra,
 Vês os *Paulistas*, animosa gente,
 Que ao rei procuram do metal luzente
 Co'as proprias mãos enriquecer o erario.
 Arzão é este, é este o temerario,
 Que dar caça aos sertões tentou primeiro.
 Vê qual despreza o nobre aventureiro
 Os laços e as traições, que lhe prepara
 Do cruento *Gentio* a fome avara. »

Depois de assignalar alguns dos principaes *bandeirantes* conclue:

« Oh grandes sempre, oh! immortaes *Paulistas*!... »

Os paulistanos tiveram a luctar contra o *Gentio*, e contra os *Emboabas* e seus escravos *Cafres*. Claudio refere-se a estes no verso 116 do 5º c, e n'outros pontos do livro.

Como poesia a obra é quasi nulla. De José Francisco Cardoso nada tenho a dizer. E' o mais esquecido dos escriptores brasileiros e este esquecimento, é justo.

CAPITULO XI

Escola Mineira. — Poesia Comico-satyrica

O ultimo decennio do seculo passado foi de profunda agitação na Europa e na America. O Brazil resentiu-se deste estado geral dos povos occidentaes.

A independencia affirmava-se nos espiritos, e, á medida que ella crescia, a desconfiança do governo da metropole tornava-se em extremo susceptivel.

Reinava então em Portugal D. Maria I, quero dizer, todos os nobres impulsos de Pombal tinham desaparecido; a velha metropole atravessava a phase misera de sua historia, que vae de 1777 a 1820, ou um pouco além.

A desconfiança contra as idéas liberaes espalhadas no mundo pela revolução franceza assumia nas pessoas que compunham o governo portuguez e em seus immediatos prepostos proporções assustadoras e morbidas. Onde quer que se congregassem alguns homens de intelligencia, ahi acreditava-se tramada uma revolução. . . E' assim que tivemos nada menos de tres pronunciamentos revolucionarios no ultimo decennio do seculo passado, todos tres castigados com a forca, o desterro e as prisões. . . O mais notavel dos tres é a *Inconfidencia* de Minas, simples anhelo de patriotas, a que a perfida de um

governo estulto e covarde deu proporções colossaes na historia pelo rigor nefando dos castigos infligidos aos auctores do auspicioso drama.

Ninguém deve diminuir de um millimetro o merito das victimas da *Conjuração mineira*. A *Inconfidencia* não foi por certo um grande movimento ; mas foi uma grande aspiração, — nobre aspiração expiada no cadafalso ! . .

Ha entre nós uma escola, eivada de certo lusitanismo trapilho, cuja divisa é dizer mal de todas as agitações dos brasileiros.

Esta gente, quando escreve a nossa historia, toma-se de entusiasmo por todos os feitos praticados pela metropole e seus governos na colonia, e vomita o negro fel de suas coleras maldictas quando se lhe depara entre nós algum facto como a conjuração de Tiradentes, a revolução de 17, e outros . .

De uma cousa se esquece este luzismo posthumo, surgido do meio dos historiadores do segundo reinado, de uma cousa se esquece e vem a ser: si nada houve naquelle tempo em Minas, si tudo aquillo foi um sonho, um delirio passageiro, o governo da metropole foi mil vezes desposta e falsario, inventando uma conjuração para ter o gosto de afogal-a em sangue, e ainda mais radiantes surgem aos olhos da posteridade as figuras das victimas innocentes. — Não é esta a verdade da historia, os conjurados não tinham ainda lançado mão das armas ; sorprendidos em seu pensamento, não havia este tomado corpo em altos feitos para a libertação da patria ; mas na sua mente o plano estava assentado ; o *libertas quæ sera tamen* tornar-se-hia uma realidade.

Claudio, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, Silva Xavier, Rezende Costa, Freire de Andrade, e os outros conjurados não precisam na historia da justificação negativa da innocencia ; elles foram culpados do grande crime de desejarem a libertação do Brazil !

Mas vamos aos factos.—Findo o governo do conde de Cavalleiros em Minas, succedeu-lhe Luiz da Cunha Menezes. (1)

(1) Cavalleiros foi governador de Minas de 1778—1783; Luiz da Cunha Menezes de 1783 — a 1788.

E' este o celebre *Fanfarrão Minezio* das *Cartas Chilenas*. Chama-se assim uma especie de pamphleto em estylo heroi—comico, segundo os gostos do tempo, contra o desastrado governador.—

As *Cartas* não tem grande valor litterario e poetico.— Ainda uma vez affirma-se a incapacidade brazileira para o poema. O talento lyrico dos nossos poetas dá-se mal nas composições de outra indole, como a epopéa, ou o poema comico e satyrico.

Si o *Colombo*, a *Confederação*, os *Filhos de Tupan* e outros nada exprimem no seu genero,— *O Desertor das lettras* a *Festa de Baldo*, o *Poema do Frade*, a *Republica dos Tolos* nada valem como productos humoristicos.

De todos estes apenas salvam-se, pelo interesse historico, as *Cartas Chilenas*. O sentimento alli é réal; os factos são veridicos; eis porque as epistolas de Critillo deixam-se lér ao passo que o *Desertor* é quasi intoleravel. As *Cartas* são de 1786.

Mais tarde, em 1788, com a chegada do novo governador, o Marquez de Barbacena, tractando-se da cobrança do quinto do ouro, em que Minas andava atrazada, o desgosto lavrou mais forte entre o povo e appareceu a má vontade d'aquelles sertanejos contra a metropole.

A denuncia dada por Joaquim Silverio dos Reis foi o signal da reacção; começaram as prisões logo em 1789. Claudio é assassinado na cadêa no anno seguinte; os outros conjurados são processados no Rio de Janeiro, *Tira-Dentes* sobe á forca em 1792; Gonzaga, Alvarenga Peixoto e outros são degradados para a Africa.

Além d'esta perseguição movida em Minas contra brazileiros illustres, no Rio de Janeiro o Conde de Rezende, tomado de monomania reaccionaria, movia processos asperos e grandes perseguições contra os membros da *Sociedade Litteraria*, Silva Alvarenga, Marianno da Fonseca, João Marques Pinto, Jacintho José da Silva e outros em 1795. Foi então o intrigante um tal José Bernardo da Silveira Fradé.

Figurou como juiz nestes processos e já antes figurara no da *Inconfidencia* o celebrado autor do *Hissope* Antonio Diniz

da Cruz e Silva, alma de lacaio, condemnada aos tratos da história. (1) Diniz, como Agostinho de Macedo, são na litteratura e na politica dos fins do seculo passado em Portugal, a encarnação da baixeza e da corrupção.

A outra guerra contra brazileiros teve logar na Bahia em 1798. O padre José da Fonseca Neves denunciou como revolucionarios: Cypriano José Barata de Almeida e Marcellino Antonio de Souza. A 12 de Agosto d'aquelle anno appareceram papeis sediciosos pelas ruas. O governador Fernando José de Portugal, mandou prender e devassar os conjurados. No dia 8 de Novembro de 99 subiram á forca João de Deus do Nascimento, Manoel Faustino dos Santos Lyra, Luiz Pires, Luiz Gonçalves das Virgens e Luiz Dantas. Outros foram degradados para a Africa. (2)

Voltemos ás *Cartas Chilenas*.

A primeira questão que se apresenta tratando-se d'ellas, é a de saber quem as escreveu.

Villa-Rica era então no Brazil uma especie de Weimar. Pequena cidade de provincia,—reunia em si e a um só tempo homens como Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, Luiz Vieira da Silva, José Alves Maciel, Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas, Francisco Gregorio Pires Monteiro, as maiores illustrações brazileiras da epoca.

Qual d'estes foi o autor das *Cartas Chilenas*?—Varnhagen as attribuiu primeiro a Alvarenga Peixoto e mais tarde a Claudio.

O Sr. L. Francisco da Veiga as julga producção de Gonzaga.

O Sr. Pereira da Silva as attribue aos tres de combinação. Pelo estudo apurado que fiz das *Cartas* e dos escriptos dos poetas do tempo, acho a questão quasi decidida com relação aos indigitados.

(1) Vido *Obras Poeticas de Silva Alvarenga*, pag. 54 e seguintes notas do Sr. Norberto e Silva.

(2) Accioli *Memorias Historicas da Bahia*; Mello Moraes *A Independencia do Brazil*.

Gonzaga não tinha a veia comica, nem a satyrica; o seu lyrismo languido não dava para escrever satyras politicas. — Claudio acha-se nas mesmas condições.

Fóra do lyrismo melancholico, elle nada produzia que estivesse acima de prosa metrificada como o *Villa-Rica*.

As *Cartas Chilenas* são mui provavelmente de Alvarenga Peixoto.

Tenho em prol d'esta hypothese tres ordens de argumentos: a natureza do estylo de Peixoto, sua indole psychologica e sua posição.

Quanto a esta ultima, não resta duvida que era elle dos tres poetas o que a tinha mais independente. Gonzaga era empregado na magistratura, Claudio um advogado pobre, e Peixoto, depois de ter sido magistrado, era coronel de milicias e proprietario de lavras de ouro. Dos tres poetas o ultimo foi o que tomou parte mais activa e entusiasta na conjuração. Quanto á natureza do seu espirito, era ainda dos tres o de mais açodamento e arrojo, o de talento de feição mais objectiva, e por isso mais expansiva. Era o que tinha a veia comica. Prova-o de sobejo a pequena poesia *Conselhos a meus Filhos*. Pelo que toca ao estylo e habitos de poetar, Varnhagen descobriu com razão o sestro que tinha Alvarenga de chamar as pessoas reinantes sempre de *Augustos* e o de comparar os homens aos leões.

—Tudo isto é certo; mas ainda é pouco. Ha um pensamento predilecto de Peixoto consistente em comparar os pais aos filhos, ora para mostrar a antithese entre elles, ora para lhes indicar as semelhanças. Este pensamento repete-se á saciedade nas *Cartas*, tratando-se de homens ou de animaes. Exemplos:

« Parece, Dorotheo, que algumas vezes
A sabia natureza se descuida.
Devera, doce amigo, sim devera
Regular os nataes conforme os genios:
Quem tivesse *as virtudes de fidalgo*,
Nascesse de fidalgo; e quem tivesse
Os vicios de villão, *nascesse embora*,

Si devesse nascer, de *algum laçoi* ;
 Como as pombas, que *geram* fracas pombas
 Como os tigres que *geram* tigres bravos. » (1)

Mais outro:

« As letras, a justiça, a temperança,
 Não são, não são morgados que fizesse
 A sabia natureza para andarem
Por successão nos filhos dos fidalgos.
 Do cavallo andaluz é sim provavel
Nascer tambem um potro de esperança,
 Que tenha frente aberta, largos peitos,
 Que tenha alegres olhos, e compridos;
 Que seja emfim de mãos, e pés calçados.
 Porem de um bom ginete tambem pode
 Um catralvo *nascer, nascer* um zarco. » (2)

Ainda mais:

« .. Apenas *nasce*
 Aos cabos algum filho, logo á pressa
 Lhe assenta o chefe de cadete a praça.
 Venturoso costume que promete
Produzir de cordeiros tigres bravos! » (3)

Mais:

X « Pois ás vezes *nascem as mochilas*
 Com brios de fidalgos; outras vezes
 Os nobres com espiritos humildes,
 Só dignos de animarem vis laçaios.
 O nosso Fanfarrão, prezado amigo,
 Nos dá mui bôa prova: *Y* não se nega
 Que tenha *illustre sangue*, mas não dizem
 Com seu *illustre sangue* as suas obras. » (4)

(1) Carta 1a pag. 44 e 45, edição de 1863, Rio de Janeiro.

(2) Pag. 64.

(3) Pag. 159.

(4) Pag. 183.

Eis aqui outro:

X « .. Ah, doce amigo,
 Quem bandalho nasceu, inda que suba
 Ad posto de Major, morreu bandalho; X
 Que o tronco que dá fructo azedo ou doce,
 « Procede da semente, e qualidade
 Da negra terra, em que foi gerado. » (1)

Ainda um:

« Agora dirás tu:—*Nasceu fidalgo,*
 E as grandes personagens não se occupam
 Em baixos exercicios.—Nada dizes.
 Tonante, Dorotheo, é pai dos deoses:
Nasceu-lhe o seu Vulcano e nasceu feio. » (2)

O mesmo pensamento modificado:

X « Preza o bravo leão aos leões bravos;
 A fraca pomba preza ás pombas fracas,
 E o homem, apezar do raciocinio,
 Que a verdade lhe mostra, estima aos homens
 « *Que têm iguaes paixões e os mesmos vicios.* » (3)

Passando ás obras authenticas de Alvarenga Peixoto, encontramos o mesmo pensamento repetidas vezes. No canto genethliaco ao governador D. Rodrigo de Menezes lemos:

« Bem que *venha a semente d' terra estranha,*
 Quando *produz, com igual força gera,*
 Nem do forte leão fóra de Hespanha,
 A fereza nos *filhos degenera;*
 O que o estio n'umas terras ganha,
 Nas outras vence a fresca primavera,
A raça dos heroes da mesma sorte
Produz no sul o que produz no norte. »

(1) Pag. 203 o 204.

(2) Pag. 212.

(3) Pag. 190

Ainda mais:

« Assim confio o teu destino seja
 Servindo a patria, e augmentando o Estado,
 Zelando a honra da Romana Igreja,
Exemplo illustre de teus pais herdado »

N'uma ode a *D. Maria I*:

« Sombra illustre e famosa
 « Do grande fundador do luso imperio,
 « Eterna paz eternamente goza.
 « N'um e n'outro hemispherio
 « *Tu vês os teus augustos descendentes*
 Dar as leis pela voz do ministerio. »

No fragmento de ode appenso ao processo da conjuração:

Segue dos *teus maiores*,
 « Illustre ramo, as *solidas pisadas* ;
 Espalha novas flores
 Sobre as suas acções grandes e honradas ;
 Abre da tua mão da gloria o templo,
 Mas move o braço pelo seu exemplo.
A herdada nobreza
 « Augmenta, mas não dá *merecimento* ;
Dos heroes a grandeza .
 Deve-se ao braço, deve-se ao talento. etc. »

No soneto a sua filha *Maria Iphigenia* ;

« A mão *que te gerou*, teus passos guia,
 Despreza offertas de uma vã belleza,
 E sacrifica as honras e riqueza
 A's santas leis do Filho de Maria. »

No soneto ao *Marquez de Lavradio*:

« Honradas sombras *dos maiores nossos*,
 Que estendestes a lusa monarchia,
 Do torrado equador á zona fria,
 Por incultos sertões, por marès grossos ;

« Sahi a ver os *successores vossos*
 Révestidos de gala e de alegria,
 E nos prazeres do mais faustoso dia
 Dai vigor novo aos carcomidos ossos.

« La vem o grande Affonso a testa erguendo
 A ver Carvalho, em cujos fortes braços
 Crescem os *netos, que lhe vão nascendo.*

« E o suspirado Almeida rompe os laços
 Da fria morte, o *neto invicto vendo*
Seguir tão perto de Carvalho os passos. »

Na pleiade dos poetas *solteirões* de Minas, Alvarenga Peixoto era o *casado*; vivia ao conchego feliz da familia. D'ahi aquella imagem que se lhe impõe. Tudo nos leva a attribuir-lhe as *Cartas Chilenas*.

Ellas são o *Libello do Povo* do seculo passado; com uma differença, porem, em favor daquelle tempo...

Critillo morreu no desterro e *Timandro*, depois da apostasia, morreu senador e grande do imperio...

O pamphleto do seculo passado é um producto espontaneo de seu meio.

A poesia brasileira dos dous seculos que nos precederam tomava lições aos poetas portuguezes, hespanhóes e italianos, que as tomavam aos francezes. Era o tempo do classismo e todos sabem que o classismo systematisou a imitação.— Entretanto nos fins do seculo passado tivemos algumas producções originaes e neste numero entram os versos de *Critillo*.— O estylo é simples, aligero, popular; o ridiculo brota singelo ao tom de conversa familiar.

Ha um motivo superior, geral, humano que faz vibrar a satyra: a justiça e a equidade ultrajadas.

Por isso, si o *Fanfarrão*, na construcção de um edificio, faz trabalhar cruélmente os sentenciados, o poeta exclama:

« Ora, pois, louco Chefe, vai seguindo
 A tua pretensão :— trabalha, esforça
 Por fazer immortal a tua fama ;

Levanta um edificio em tudo grande ;
 Um soberbo edificio, que desperte
 A dura emulação da propria Roma.
 Em cima das janellas e das portas
 Põe sabias inscrições, põe grandes bustos ;
 Que eu lhes porei por baixo os tristes nomes
 Dos pobres innocentes que gemeram
 Ao peso dos grilhões ; porei os ossos
 Daquelles, que os seus dias acabaram
 Sem Christo, e sem remedios, no trabalho...
 E nós, indigno Chefe, e nós veremos,
 A quaes d'estes padrões não gasta o tempo »...

A ideia aqui é forte e a satyra vinga o effeito almejado.

Havia, além d'isto, um motivo particular, nosso, brasileiro, contra o governador e sua gente; era o brado da raça opprimida contra os antigos conquistadores, uma queixa contra essa flagrante injustiça da natureza e da historia, que condemna certas raças á impotencia, como povos inferiores.....

A consciencia humana protesta n'estes versos:

« Aqui os Europêos se divertiam
 Em andarem á caça dos Gentios,
 Como á caça das feras pelos mattos.
 Havia tal que dava aos seus cachorros,
 Por diario sustento, humana carne ;
 Querendo desculpar tão grave culpa
 Com dizer que os Gentios, bem que tenham
 A nossa semelhança, em quanto aos corpos,
 Não eram como nós, emquanto ás almas.
 Que muito pois que Deos levante o braço,
 E puna os descendentes de uns tyrannos,
 Que, sem razão alguma e por capricho,
 Espalharam na terra tanto sangue? »

Em Villa-Rica havia então uma certa dissolução de costumes, que o poeta estygmatisou.

Eis o que se dava no passeio ás margens do correço que banha a cidade:

« A tão formoso sitio tudo acode,
 Ou seja de um, ou seja de outro sexo,
 Ou seja de uma, ou seja de outra classe.
 Aqui lascivo amante, sem rebuço,
 A' torpe concubina offerta o braço ;
 Alli mancebo ousado assiste e falla
 A' simplès filha, que seus pais recatam.
 A ligeira mulata em trages de homem —
 Dança o quente lundú, e o vil batuque.
 E aos cantos do passeio inda se fazem
 Accções mais feias, que a modestia occulta. »

Eis uma scena passada em *Palacio* :

« Apenas, Dorothéo, a noite chega,
 Ninguem andar já póde sem cautella
 No sujos corredores de Palacio.
 Uns batem com os peitos n'outros peitos ;
 Outros quebram as testas n'outras testas ;
 Qual leva um encontrão que o vira em roda ;
 E qual, por defender a cara, fura —
 Com os dedos que estende incautos olhos ;
 Aqui se quebra a porta e ninguem falla ;
 Alli range a cancella, e sôa a chave ;
 Este anda de mansinho ; aquelle corre ;
 Um grita que o pisaram ; outro inquire —
 — Quem é? a um vulto que lhe não responde.
 Não temas, Dorothéo, que não é nada ;
 Não são ladrões que offendam, são donzellas
 Que buscam aos devotos que costumam
 Fazer, de quando em quando, a sua esmola. . . .
 Chegam-se em fim as horas em que o somno
 Estende na Cidade as negras azas —
 Em cima dos viventes espremendo
 Viçosas dormideiras. Tudo fica

Em profundo silencio ; só a casa,
 A casa aonde habita o grande Chefe,
 Parece, Dorothéo, que vem abaixo
 Fingindo a moça que levanta a saia,
 E voando nas pontas dos dedinhos,
 Prega no machacaz de quem mais gosta
 A lasciva embigada, abrindo os braços.
 Então o machacaz torcendo o corpo,
 Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
 Ou dando alguns estalos com os dedos,
 Seguindo das violas o compasso,
 Lhe diz: — *eu pago, eu pago!* . . e de repente
 Sobre a torpe michela atira o salto . . .
 Oh ! dança venturosa ! Tu entravas
 Nas humildes choupanas, onde as negras,
 Aonde as vis mulatas, apertando
 Por baixo do bandulho a larga cinta,
 Te honravam c'os marotos e brejeiros.
 Batendo sobre o chão o pé descalço. —
 Agora já consegues ter entrada
 Nas casas mais honestas e Palacios !
 Ah ! tu, famoso Chefe, dás o exemplo.
 Tu já, tu já batucas, escondido
 Debaixo dos teus tectos, com a moça
 Que furtou ao senhor o teu Riberio ! » (1)

Por ahí se conhece o desregramento da vida que levava o despotico e immoral Cunha Menezes.

Não, porque elle gostasse de vêr as danças brazileiras, que nada tem de lascivas, sendo singelas, espontaneas, naturaes, como o é o meneio dos leques das nossas palmeiras ao sôpro das brizas meridionaes ; não por isso ; mas sim — porque o homem foi realmente corrupto.

A população mineira do tempo de Critillo era em geral séria, activa e conservadora ; atravessava, porém, a época do

(1) Pags. 183 e seguintes.

depauperamento das minas. A sociedade da capital habituara-se aos prazeres, ás aventuras romanescas, aos amores occultos.

D'ahi um borboletear constante de *pastoras* em torno dos seus *pastores*. Imperava então o ydilio á Theocrito e aquella geração de escriptores não ficou de todo perdida e estragada por duas razões capitaes: uma natureza verdadeiramente gigantesca e virgem, que, por mais refractarios que fossem os poetas, sempre lhes havia de influenciar, e, por outro lado, os abusos dos governos da capitania, que excitaram a agitação de que foram victimas aquelles homens, engrandecendo-se assim aos olhos da historia.

Villa-Rica era, guardadas as proporções, como as pequenas côrtes ducaes da Europa com os seus deboches, aliás proprios á sociedade do seculo passado.

Critillo levanta um pouco o véo daquella mysteriosa vida. Eis o que elle diz das conversações da *ponte* :

« Aqui, meu bom amigo, aqui se passam
As horas em conversa deleitosa :
Um conta que o ministro á meia noite
Entrara no quintal de certa dama,
Diz outro que se expoz uma criança
A' porta de Floricio, e já lhe assigna
O pai e mais a mãe ; aquelle augmenta
A bulha que *Dirceo* com Lauro teve
Por ciumes crueis da sua *amasia* . . . » (1)

De quem era a *amasia*, de Lauro ou de *Dirceo* ? De um ou de outro ; e, em todo o caso, vê-se bem que *Dirceo* não se limitava em Villa-Rica aos amores ideiaes de *Marilia*.

A historia intima da escola mineira está ainda por escrever ; nem eu tenho documentos bastantes para o tentar. O *processo de Tiradentes*, impresso no *Brazil Historico* do Dr. Mello

(1) Pags. 80 e 84

Moraes lança luz sobre os destroços daquella sociedade de poetas e não sobre sua vida particular e psychologica dos bons tempos, os tempos aureos da amisade de Claudio e Gonzaga, tão ligados entre si quanto Silva Alvarenga o foi a Basilio da Gama, bellas amostras de intimidade entre grandes talentos, phenomeno raro no curso de nossas lettras.

O outro poema heroi-comico dessa época é o *Desertor* de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, *Alcindo Palmireno* na Arcadia. Mais adiante havemos de avistar-nos com este lyrista mimoso, amante de *Glaura*. Por agora basta-me dizer que o *Desertor* é uma composição insipida. Foi publicado em Coimbra em 1774.

Só encontro nelle um fragmento que deve ser citado, por dar uma ideia dos livros da *litteratura de cordel*, então em voga.

Eil-o :

« Geme infeliz a carunchosa estante
 C'o pezo de indulgentes *Casuistas*,
Dianas, *Bonacinas*, *Tamburinos*,
Moias, *Sanches*, *Molinas* e *Larzagas*.
 Criminosa moral que surdo ataque
 Fez nos muros da igreja horrivel brecha ;
 Moral que tudo encerra e tudo inspira,
 Menos o puro amor que a Deus se deve.
 Aparecei, famosa *Academia*
De humildes e ignorantes, *Eva e Ave*,
Baculo pastoral, e *Flos sanctorum*,
 E vós oh *Theoremias predicaveis*,
 Não temeis o lugar, que é bem devido
 Ao *Kees*, ao *Bom Ferreira*, ao *Baldo*, ao *Pegas*
 Grão mestre de forenses subterfugios. ●
 Aqui Tiburcio vê o amado *Aranha*,
 O *Reis*, o bom *Suppico* e os dous *Soares* ;
 D'um lado o *Sol nascido no occidente*,

E a *Mystica cidade*, d'outro lado
 Cedem ao pó e á roedora traça.
 Por cima o *Lavatorio da consciencia*,
Peregrino da America, os *Segredos*
Da natureza, a *Fenix Renascida*,
Lenitivos da dor, e os *Olhos d'agua*:
 Por baixo está de *Sam Patricio a cova*:
 A *Imperatriz Porcina*, e quantos *Autos*
 A miseria escreveu do Limoeiro
 Para entreter os cegos e os rapazes. »

O *Peregrino da America* era, como se vê, um dos livros populares no Brazil e mesmo em Portugal durante o século passado e começos do actual. E' seu autor Nuno Marques Pereira, que, para discorrer sobre os *mandamentos da lei de Deus*, procura a forma de uma narração dada por um viajante que faz o percurso da Bahia á S. Paulo. O livro é esteril e soporifero. (1)

Não é este o logar em que se deva fazer a analyse dos dous Alvarengas, o autor das *Cartas Chilenas* e o autor do *Desertor das Letras*, na sua qualidade de lyristas.

Silva Alvarenga tem mais no genero que nos occupa a satyra *Aos Vicios* e uma *Epistola* a Basilio da Gama em versos alexandrinos, rimados dous a dous, ao gosto moderno; mas alexandrinos errados quasi todos, formando versos de quatorze syllabas duros, horriveis.

Antonio Mendes Bordallo, nascido no Rio de Janeiro em 1750, formado em Coimbra em 1771, fallecido em Lisboa em 1806, tem direito a um logar entre os poetas satyricos da epoca. Sua satyra aos *Abusos da Magistratura* não é de todo sem prestimo. Estes versos são supportaveis:

« Porém um sabio professor antigo
 De calumnias, de meios odiosos;
 Habil consulto, que de cór sabia,

(1) Vide a *Poesia Popular no Brazil*, cap. 9.º

Folha por folha, Sanches e Molina
 Me falou d'esta sorte ha poucos dias:
 — Rapaz sem tino, falto de experiencia,
 Francez da moda, louco rematado:
 — Queres reformas, amas novidades,
 Sem pezar suas tristes consequencias?!
 De tres mil bons e maos advogados,
 Doutros tantos fieis e requerentes,
 De mais de cinco mil procuradores,
 Que vivem n'esta côrte, do que chamas
 Ladroeiras, calumnias e trapaças,
 Dize, reformador, o que seria?
 Mette o teu modernismo n'algibeira,
 Os teus e meus avós assim viveram,
 Esses costumes, que detestas tanto,
 Têm o sêllo da prisca antiguidade. »

E' sempre a velha rotina, atacando o progresso em nome dos mãos habitos adquiridos. . .

João Pereira da Silva é inferior a todos os precedentes poetas satyricos. E' filho do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1743, e onde falleceu em 1818. E' um typo morto e sem o menor interesse.

Joaquim José da Silva, conhecido pelo *sapateiro Silva* não é um poeta satyrico; tambem não é um poeta comico, ou o que hoje chamamos um humorista. Era um improvisador em estylo agreste, mas não possuindo a profunda vivacidade, nem a doce melancholia do povo.

Silva tinha do povo sómente o lado da farça, do burlesco; alguma cousa que se pode chamar o canalhismo em poesia.

E' a pilheria grossa, pesada das baixas classes, mas tambem de longe em longe alguma cousa do viço das produções populares. Silva era um glosador de *motes*, um jogral, um improvisador de banquetes que divertia os figurões de seu tempo.

O seu estylo era este :

« —Si vós tendes um baijú
Com seus babados de chita,
Eu tenho agora a marmita
Semi—rubra de urucú.
Si tendes de gorgotú
Um macaquinho amarello,
Eu nas casas do *Castello*,
Como é publico e notorio,
Por baixo do consistorio,
Tenho um galante chinello,

Si vós tendes de cambraia
Camisa fina e bordada,
Eu tenho a minha rendada
Que veio da Marambaia :
Si de setim tens a saia,
Eu so tenho os calções meus ;
Si com esses trastes teus
De mim toda te desunes,
Eu tenho os pannos de Tunis,
Com que vou a São Matheus.

Si tendes sapato justo,
Pondes as mãos nas ilhargas,
Eu tenho as botas mui largas,
Com que passeio sem custo.
Si tendes de raios susto
Eu caço da vella a escôta ;
Si tendes no frasco a gôta
Como mestra das crioulas,
Eu por baixo das ceroulas
Tenho a minha fralda rôta,

Si tendes novo capote
 Mais chibante do que o velho,
 Eu tenho um torto chavelho,
 Que me faz vezes de pote.
 Si a cavallo andais de trote,
 Eu do chão não me levanto,
 Não me assusto, nem me espanto,
 Serei sempre pé de boi ;
 Ora ahi está como foi :
 — *Ninguém me bote quebranto...*

D'esta poesia semi-popular, temos innumeradas amostras no Brazil. E' sempre um pouquinho melhor em toda a sua rudeza do que as imitações servis que se fazem sem criterio !

Nem todos os poetas aqui comprehendidos pertencem á escola mineira. Alvarenga Peixoto, nascido no Rio de Janeiro, é daquella pleiade, por ter vivido o melhor de seu tempo em Minas. Silva Alvarenga habitou no Rio de Janeiro ; mas nasceu em Villa Rica. E' do quadro.

Na satyra tambem distinguui-se o padre *José Gomes da Costa Gadelha*, nascido em Pernambuco no anno de 1743, ordenado em 1768. Foi capellão de navio e morreu no mar. Deixou os *Suspiros da Aletria* e a *Marujada*. (1) Esta ultima é uma descripção do máo passadio de bordo. Não deixa de ter alguma graça.

Ex :

« Sobe a negra caldeirada
 De manhan n'um prato-grosso,
 Já por café baptisada ;
 Grita a sordida manada :
 — O' lá ! venham para o almoço.

(1) Vide *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco* por A. J. de Mello, 4^o vol. pag. 73 e seguintes.

« Um chega ao xarope honrado,
Dizendo: Bravo! Excelente!
Fica o outro recostado,
Porque já tem almoçado.
Bolaxa com aguardente.

« Em quanto vai refecendo
O café, ferve a patrulha,
Mil mentiras revolvendo,
De quando em quando mettendo
Por entre o pasto uma pulha. » etc.

Ignora-se a data do fallecimento do padre Gadelha.—
E' espirito de ordem terciaria no desenvolvimento de nossa
poesia.

A' poesia satyrica á moda do tempo sacrificou tambem
Francisco de Mello Franco, que se fez notavel por suas
idéas liberaes e pelos soffrimentos que por ellas experi-
mentou. E' auctor do *Reino da Estupidex*, em que mette
á troça a ignorancia togada da Universidade de Coimbra.
Mello Franco já não é lido. Tinha pouco talento poetico;
é o representante o mais completo da pilheria um pouco
pezada e perra do espirito portuguez. O poeta, que viveu
por largo tempo em Portugal, ás vezes em logar do spi-
rito agarrava a tolice. Seu merito consistiu em ter bas-
tante bom senso para ser inimigo do charlatanismo univer-
sitario e burguez da época. Franco veio ao mundo em 1757
e falleceu em 1823.

A quem se colloca em um ponto de vista naturalista
para analysar o movimento classico e o romantico entre nós
despindo-se dos preconceitos do tempo, preocupando-se sem-
pre com as notas vivas, com os documentos humanos, muita
cousa convencional e falsa se antolha no curso de nossa
historia litteraria. São as monomanias de escola, os ama-
neirados da moda, e totas as affectações que deturpam a
evolução espontanea dos talentos.

O verme roedor que carcome e estiola um movimento litterario é sempre o convencional, o theatral, o falso. Logo que na seiva de uma corrente litteraria penetra o virus da affectação, o movimento definha e tende a morrer. Foi assim que acabou a litteratura cavalheiresca da idade média, o classismo provocado pela Renascença, o romantismo e todos os systemas litterarios e artisticos brotados nos ultimos seculos na Europa. Actualmente devemos voltar ás inspirações espontaneas da natureza e da vida; tenhamos o prazer do mundo como elle é, e fuçamos das affectações, que matam.

Deve-se receiar que o naturalismo hodierno venha a murchar cedo no Brazil, porque em muitos de seus productos já se descobre o amaneirado, a mentira, a falsidade. A uma geração de *doentes* por *affectação* quer succeder outra de *sadios* tambem por *affectação* e por *calculó*...

Não é esta a verdade da natureza. A obra d'arte só resiste ao tempo, quando é um documento d'um momento historico, quando reproduz a verdade humana.

E' por isso que de todos os poemas brasileiros do seculo passado sómente o *Caramuri*, o *Uruguay* e as *Cartas Chilenas* são um fragmento da vida nacional, são e serão lidos por nós.

Para um seculo inteiro é muito pouco... Vejamos si fomos mais felizes com os lyristas.

CAPITULO XII

Escola mineira. Poesia Lyrica.

Póde-se dividir, num sentido lato, a historia da litteratura entre os povos occidentaes em cinco periodos: a era do polytheismo pagão comprehendendo a antiguidade greco-romana; a era medieval em que se executa a dissolução do elemento antigo e a integração do monotheismo catholico; o movimento da *Renascença* que imita a antiguidade; o *romantismo* que imita a idade média, finalmente a segunda metade do seculo actual, em que impera a investigação scientifica firmada na historia e em a natureza, sem as preocupações imitadoras dos tempos immediatamente proximos.

A phase historica que atravessamos n'este capitulo, no estudo da litteratura brasileira, pertence ao terceiro momento, o do *Renascimento*, e da imitação da antiguidade. O Brazil entrou para a historia nesse periodo; as phases anteriores lhe faltaram; elle era adstricto a seguir o impulso de seu tempo. Quem censura pois os nossos poetas do seculo passado por usarem das ficções da poesia classica, mostra não ter senso. O mesmo se dava em toda a Europa e em toda a America.

Uma circumstancia, que nem sempre é bem aquilatada, deve nos vir á lembrança. O Brazil levou durante os tres seculos de seu captiveiro colonial privado em absoluto de imprensa e de institutos de instrucção. Excepção aberta de poucas escolas primarias, de rarissimos collegios de humanidades dirigidos pelos jezuitas, e de dous ou tres seminarios, nenhum outro estabelecimento litterario e scientifico existia nesta vasta região.

Todas as nossas academias são do seculo actual.—Admira que no tempo a que me refiro tantos homens de merito apparecessem na esphera das letras.

Em toda e qualquer phase historica ha sempre, n'um paiz dado, duas correntes litterarias: uma de imitação, affectada, estranha á vida do povo, erudicta, pesada, pretenciosa; é a dos espiritos gastos, estereis, inuteis; outra nacional, alimentada pela tradição popular, pelo conhecimento da patria e de sua historia, vivida, seria; é a dos espiritos que em si resumem as altas qualidades de seu povo, de sua raça.—

Pois bem; nunca o Brazil teve uma tão esplendida pleiade de representantes da segunda especie em sua litteratura como no tempo de Claudio. Foram esses illustres obreiros que fundaram a qualidade distinctiva de nossas letras:—o lyrismo.—Quando a litteratura franceza esterilisava-se nas semsaborias de J. B. Rousseau, e a portugueza nos ouriços espinhentos das producções de Francisco Manoel do Nascimento, nós escreviamos os melhores fragmentos lyricos da lingua de Camões.—

Nesse tempo—ainda não havia rei em Israel, a imitação lazarenta do estrangeiro não era ainda a regra geral; os assumptos nacionaes eram os mais escolhidos.—

No poema, na satyra, no lyrismo a vida popular desbrochava as flores da poesia brazileira.—

Foi uma antecipação do romantismo, tomado este no sentido lato de poesia verdadeira e brilhante.—

Os grandes abalos nacionaes são sempre uteis para o avigoramento da consciencia publica. Depois das lutas contra hollandezes e francezes no seculo XVII, tinhamos nos primeiros annos do seculo XVIII desmantelado nova incursão de francezes

no Rio e durante muitos e muitos annos lutado com os hespanhoes no sul. A vida historica dos brazileiros estava determinada; seu quinhão entre os representantes na America da civilisação ibero-latina estava assegurado.

O Brazil já não era um immenso perimetro de costas descobertas e colonisadas pelos portuguezes; era tambem o enorme corpo, onde se acham os altos taboléiros, as origens dos grandes rios, os terrenos auriferos, os uberrimos sertões que deviam ser o celeiro do paiz. A obra da descoberta e conquista da zona dos sertões já não correu mais por conta do *emboaba*; foi obra de seu descendente mestiço, do filho da terra, do brazileiro, do *caypira*.

Os elementos economicos se desenvolveram; o povo constituiu-se, a litteratura irrompeu; a poesia adejou nas almas, o *lyrismo* foi a sua expressão.

De ordinario toma-se esta palavra no sentido de poesia pesscal, subjectiva, intima, e, por via de regra, sentimental, doentia. Não é nesta accepção que a emprego aqui. O *lyrismo* é a poesia na sua expressão mais lata, mais real; é o opposto, de um lado, ás grandes construcções epicas que não estão mais na indole dos tempos actuaes, e de outro a tudo quanto é falso, indigesto, mentido.

O *lyrismo* pôde ser objectivo ou subjectivo, alegre ou triste, idealista ou realista, materialista ou espiritualista, segundo as qualidades preponderantes do poeta. Elle, porém, é sempre aligero, mimoso, tenue, qual um incenso exhalado pelo coração, pelas expansões das almas profundas.

De resto, não ha *lyrismo* sem o brilho da fórmula e sem o sentimento da natureza e da vida.

De todas as manifestações litterarias a mais avantajada no Brazil é essa de que fallo. Para explicar este phenomeno — ha duas theorias principaes. Uns querem que essa fórmula da poesia seja no Brazil uma resurreição das antigas *serranilhas* populares, conservadas na colonia muito tempo depois de esquecidas na metropole.

Seu brilho, portanto, provém de um elemento popular e este elemento é de origem portugueza. Esta doutrina foi ensinada

por Theophilo Braga. Mais tarde modificou-se e foi expressa por elle mesmo deste modo: o lyrismo na Europa, e especialmente na península iberica, foi um producto das populações *turannas*. Conservado em suas fórmulas populares através da cultura dos povos semíticos e arianos que senhorearam a península, foi transportado para o Brazil; ahí chegado encontrou a maior das fortunas, pondo-se em contacto com o lyrismo dos tupis, que eram tambem *turannos*. O elemento *turanno* da America reforçou, pois, o seu irmão da Europa, e d'ahi a robustez de seu descendente *brazileiro*.

A outra theoria consiste em appellar para a natureza; esta é opulenta no Brazil; logo nossa poesia tambem deveria sel-o. Esta ultima explicação é esteril e nulla. A natureza é em geral um factor sociologico; mas é, por si só, incapaz de dar o motivo do facto que nos occupa. Apesar de tantas maravilhas naturaes, nunca tivemos um lyrista como Goethe, ou Victor Hugo, ou Musset.

A doutrina de Theophilo Braga, seguida por J. A. de Freitas, é na sua fórmula primitiva parte da verdade; mas não é toda a verdade. E' certo que a velha poesia tradicional das *serranilhas* passou ao Brazil e aqui se conservou. Serve isto sómente para explicar os encontros e semelhanças entre o lyrismo portuguez e o brazileiro. E as dessemelhanças o que é que as explicará? Na sua segunda formula, a do *turannismo*, a theoria complica-se com tres hypotheses vaporosas: existencia de uma raça *turanna* caracterisada; seu *privilegio* na producção do lyrismo, e finalmente o *turannismo* dos indios do Brazil.

E' tudo falso. A redução dos povos extra-arianos e semíticos a um grupo unico está hoje desapprovada pela anthropologia e pela linguistica. Conservando-se, porém, o nome de *turannos* para os da familia *uralo-altaica*, raças metallurgicas, os nossos indios, que não conheciam o uso dos metaes, não pertencem ao gremio. A primeira e a terceira hypotheses são nullas. A segunda, que faz do lyrismo uma producção *turanna* ensinada aos arianos e semitas, é uma phantasia romantica. Tão longe quanto ha sido possivel levar a investi-

gação no dominio das origens aryanas e semiticas, tem-se encontrado sempre estes povos já de posse de seus hymnos tradicionaes, antes de se porem em contacto com os turannos.

O phenomeno de nosso lyrismo, a meu vêr, explica-se por meios naturaes. Dous são os factos a justificar: as relações e semelhanças do lyrismo brasileiro com o portuguez e a exuberancia daquelle. As semelhanças não se fazem sentir sómente na poesia; sentem-se em tudo o mais. Na poesia a feição geral deve resentir-se desse parentesco, desde que a lingua portugueza, predominando sobre as outras, lhe imprimia os seus moldes metricos.

Pelo que toca à seiva nova e luxuriante do nosso lyrismo, cujos meritos não devemos em extremo encarecer, é que dous outros factores poderosos ahi funccionam: a excitação e o calor dos mestiços, gentes fortes e entusiastas.

Os quatro agentes principaes de nossa producção nacional: solo, europeos, negros e tupis ahi entram com o seu melhor.

O facto justifica-se naturalmente, sem que o *turannismo* o obscureça com as suas sombras.

Em resumo: é certo que o lyrismo europeu passou à America; é certo tambem que elle tornou-se depois mais vívido aqui do que na velha patria; não porque os suppostos turannos da Europa encontrassem novo apoio n'os seus pretendidos irmãos de raça neste continente; sim porque o velho e extenuado elemento lusitano foi mettido n'um cadinho novo com outros elementos e formaram todos uma criação ethnica e social nova. Ora, a cada povo novo corresponde tambem uma phase nova na poesia. (1)

Por isso ha um quer que seja que é nosso no *Uruguay*, no *Caramuri*, nas *Cartas Chilenas*, nos *madrigaes* de Silva Alvarenga, nos *sonetos* de Claudio, nas *lyras* de Gonzaga, nas *cantigas* de Caldas Barbosa.

Elles e Gregorio de Mattos são os creadores de nossa poesia. Vejamos um a um estes lyristas.

(1) Vide minha *Poesia Popular no Brazil* na *Revista Brasileira*, e *A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*.

Claudio Manoel da Costa nasceu na villa do *Ribeirão do Carmo*, hoje cidade de Marianna a 6 de Junho de 1729. Seus pais eram paulistas, eram descendentes dos antigos *bandeirantes*. Estudou humanidades no Rio de Janeiro e canones em Coimbra, onde chegara em 1746. Formou-se em 1753. Suppõe-se que, depois de formado, demorou-se alguns annos no reino, e viajou pela Italia, voltando ao Brazil em 1765. (1)

Foi arcade romano e ultramarino sob o nome de *Glauceste Saturnio*.

Fixado em Villa-Rica, abraçou a advocacia.

Foi infeliz em amores em Portugal e em Minas.—

As suas habilitações tornaram-se notorias; foi por isso nomeado secretario do governo da capitania, cargo que exerceu de 1780 a 1788, anno em que chegou a Minas o estúpido visconde de Barbacena. (2)

N'esse tempo pozera-se em execução o imposto da *capitação* com rigor, exigindo-se contas atrasadas. A producção do ouro escaceara e o imposto tornava-se pesadissimo.

A capitania sentia-se empobrecida. D'ahi o desgosto e a tentativa de levantamento.

As ideias de independencia despontaram nas cabeças pensadoras. Claudio achou-se envolvido na conspiração. — Mettido em prisão, foi assassinado no carcere em 1789. Alguns dizem que se suicidara. O governo do tempo fez-se o echo desta ultima versão, o que é um motivo para a não acceitarmos. Em pontos destes os governos são sempre inclinados a mentir. De uma forma ou de outra, Claudio é uma victima do despotismo colonial.

Alguns historiadores aulicos são levados a desprezar a *Inconfidencia*. Firmam-se para isto nas respostas timidas dadas pelos conjurados nas inquirições a que foram sujeitos..!

(1) Tendo Claudio partido para Coimbra em 1746 e formando-se em 1753—ha ahi um lapso de sete annos; voltando ao Brazil em 1765—, contam-se dezoito annos, depois da sua sahida para a Europa. Entretanto, o proprio poeta declara no prologo das obras publicadas em 1768, que estivera ausente da patria cinco annos... Não podemos conciliar esta antinomia.

(2) Vide *Annaes da Bibliotheca Nacional*. V. 1.º pag. 376 e seguintes,

V. o p.º 29
Villa Rica
Rio de Janeiro

A razão é futil e devemos antes aceitar a responsabilidade historica d'essas illustres victimas do patriotismo.—A sentença que julgou e condemnou os *Inconfidentes*, assignada por Vasconcellos, Gomes Ribeiro, *Cruz e Silva*, Veiga, Figueiredo, Guerreiro, Monteiro e Gaioso—a 18 de Abril de 1792, no topico referente a Claudio diz;— « Mostra-se quanto ao réo Claudio Manoel da Costa, que supposto não assistisse nem figurasse nos conventiculos, que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula e em casa do réo Domingos de Abreu, contudo soube e teve individual noticia e certeza de que estava ajustado entre os chefes da conjuração fazer-se o motim e levante, e então estabelecer-se uma republica, independente n'aquella capitania de Minas, proferindo o seu voto nesta materia nas torpes e execrandas conferencias, que teve com o réo Alvarenga e padre Carlos Corrêa de Toledo, tanto na propria casa, como na casa do réo Thomaz Antonio Gonzaga: consta a fl. 7 do appenso n. 5 e fl. 11 do appenso p. 4 da devassa desta cidade, e confessa o réo no appenso n. 4 da devassa de Minas, em cujas conferencias se tratava do modo de executar a sedição e levante, e dos meios do estabelecimento da republica, chegando ao ponto do réo votar sobre a bandeira e armas de que ella devia usar: consta do appenso n. 4 á fl. 11, appenso n. 5 á fl. 7 da devassa desta cidade, e appenso n. 4 da devassa de Minas, constituindo-se pelas dictas infames conferencias tambem chefe da conjuração, para quem os mais chefes conjurados deixavam a factura das leis para a nova republica: consta á fl. 2, appenso n. 23 e testemunha fl. 98 v. da devassa de Minas; e tanto se reconheceu este réo criminoso de lesa—magestade da primeira cabeça, que horrorisado com o temor do castigo que merecia pela qualidade do delicto, que logo depois das primeirás perguntas que lhe foram feitas, foi achado morto no carcere, em que estava afogado com uma liga.. » (1)

(1) *Brazil Historico*, 1867, 2ª serie, T. II, pag. 45.

Por estas razões—« ao réo *Claudio Manoel da Costa*, que se matou no cárcere, declaram infame a sua memoria e infames seus filhos e netos, tendo-os, e os seus bens por confiscados. » (1)

A conjuração mineira não passou do preambulo de um drama mutilado. Claudio não foi, por certo, dos mais fervorosos comparsas d'aquelles preludios.

Elle era tímido, recatado, melancólico, ainda que apparentasse essa bonhomia mineira, que se manifesta em pilherias e chufas inoffensivas. O nosso poeta não tinha os arrebatamentos de Alvarenga Peixoto, a credulidade do vigário Toledo, nem as illusões de Gonzaga. Claudio era velho, experimentado, desiludido.

Em nada teve a iniciativa; foi levado pela corrente. Alvarenga Peixoto era um minerador abastado, feliz, entusiasta; seu lar vivia em festa; Gonzaga era um amante romantico, alegre, inflammavel; Claudio era um advogado sem distracções, merencorio; seu lar não era festivo; o amor lhe tinha sido aspero e ingrato.

E' um homem que se deixa estimar pela doce melancholia de seus versos, pelo seu fim tragico, por suas desventuras; mas que não enthusiasma, não arrebatava, não se faz admirar. N'elle não era o talento que sobrepujava; era a bôa alma, o coração affavel.

Vejamos o homem através do poeta. Além da obra posthuma o poema *Villa-Rica*, de que já fallei, Claudio deixou publicados os trabalhos seguintes:—*Munusculo metrico*, 1751; *Epicedio*, 1753; *Labyrintho de Amor*, 1753; *Numeros Armonicos*, 1753 e o livro sob o titulo—*Obras de Claudio Manoel da Costa, arcade ultramarino, chamado Glauceste Saturnio*, 1768. Todos estes escriptos são hoje rarissimos. (2)

(1) Idem, idem, pag. 407.

(2) Vide *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. II, pag. 223.

E' tarefa para os bibliographos o dar esclarecimentos sobre elles ; quanto ao leitor que apenas deseje conhecer o homem e o poeta basta-lhe percorrer o ultimo d'esses livros.

Ahi se achã completa a alma de Claudio.

E' bastante lêr os *sonetos*; mas é preciso lêl-os por inteiro no original. As transcripções dos criticos são defficientes.

Tem-se dito que Claudio desdenhava os assumptos brasileiros e suspirava pela vida de Portugal. O factó é que elle escreveu sobre a historia da capitania de Minas, e que no *Villa-Rica* occupou-se de assumpto patrio...

O certo é ainda que nos assumptos os mais geraes e vagos de seus versos, era elle um brasileiro na maneira de sentir e de dizer.

A accusação origina-se de uma passagem que se lê em suas *Obras no Prologo ao Leitor*. E' esta:

« Não permittiu o céo, que alguns influxos, que devi ás aguas do Mondego, se prosperassem por muito tempo : e destinado a buscar a patria, que por espaço de cinco annos havia deixado, aqui entre a grosseria dos seus genios, que menos pudera eu fazer, que entregar-me ao ocio, e sepultar-me na ignorancia ! Que menos do que abandonar as fingidas nymphas destes rios, e no centro delles adorar a preciosidade daquelles metaes, que têm attrahido a este clima os corações de toda a Europa !

Não são estas as venturosas praias da Arcadia ; onde o som das aguas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente destes ribeiros, primeiro que inspire as ideias de um poeta deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhe tem pervertido as côres ! A desconsolação de não poder estabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço... »

Devemos, porém, advertir que o poeta accrescenta : « mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito *a maior paixão*. »

Este trecho, citado como corpo de delicto contra Claudio, não comporta as illações que delle querem tirar.

Essa especie de ironia do poeta era uma censura á ignorancia de seu paiz e de seu tempo ; mas não era uma prova de desamor. E, demais, o mineiro tinha razão n'um sentido geral : é incontestavel que a vida em nossos sertões é aspera e prosaica ; tudo conduz ao abandono dos grandes estimulos intellectuaes. Antes a franqueza do velho patriota do que a nostalgia pedantesca de um Magalhães, por exemplo, que vivendo fartamente na Europa, finge-se um *peregrino*, um *desterrado* no meio das expansões aristocraticas de seu tedio provado á patria.—

Em 1836 escrevia elle estas quadrinhas :

« Adeus, oh ! terras da Europa !
 Adeus, França, adeos, Pariz !
 Volto a vêr terras da Patria,
 Vou morrer no meu paiz.

Qual ave *errante*, sem ninho,
 Occulto *peregrinando*,
 Visitei vossas cidades,
 Sempre na Patria pensando. »

Ha quarenta e seis annos que o poeta dos *Suspiros e Saudades* vive a *peregrinar* em altas commissões, e, quando vem á *Patria*, é ás carreiras e ancioso por tornar ás *terras de Europa...*

E' daquelles que declaram nada poder aqui escrever ou produzir, como certos musicos e pintores nossos conhecidos. . Claudio era franco e não dissimulava a *grosseria de seus conterraneos*.—

A nota predominante em nosso inconfidente, como poeta,— é melancholia ; elle é da raça dos Lamartines. Seu verso, é doce ; seu lyrismo subjectivista. No soneto é o primeiro escriptor de nossa lingua ; tem mais verdade e naturalidade do que Bocage.— Eis uns especimens :

« Não se passa, meu bem, na noite e dia
 Uma hora só que a misera lembrança
 Te não tenha presente na mudança,
 Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a phantasia,
 Com que mais me atormenta e mais me cansa...
 Pois se tão longe estou de uma esperança,
 Que allivio pode dar-me esta porfia !

Tyranno foi commigo o fado ingrato,
 Que crendo, em te roubar, pouca victoria
 Me deixou para sempre o teu retrato :

Eu me alegrara da passada gloria,
 Si quando me faltou teu doce trato,
 Me faltara tambem delle a memoria ! »

Isto é profundo; ao amante infeliz é incommoda a lembrança de objecto amado, que o persegue como uma obsessão.—Mas o poeta ainda pode ter esperanças e aneia por ver os bellos olhos de sua querida :

« Estes os olhos são da minha amada:
 Que bellos, que gentis e que formosos !
 Não são para os mortaes tão preciosos
 Os doces fructos da estação dourada...

« Por elles a alegria derramada,
 Tornam-se os campos de prazer gostosos;
 Em zefyros suaves e mimosos
 Toda esta região se vê banhada..

« Vinde, olhos bellos, vinde, e emfim trazendo
 Do rosto de meu bem as prendas bellas,
 Dai allivio ao mal que estou gemendo..

« Mas, oh delirio meu, que me atropellas !
 Os olhos, que cuidei que estava vendo,
 Eram, quem crêra tal ! duas estrellas.. »

Mas logo o poeta exasperado brada :

« Leve pois a fortuna os seus favores ;
Eu os desprezo já ; porque é loucura
Comprar a tanto preço as minhas dores ;

Si quer que me não queixe a sorte escura,
Ou saiba ser mais firme nos rigores,
Ou saiba ser constante na brandura . . . »

As alegrias do poeta tinham fugido ; a vida lhe era de magoas :

« Memórias do presente e do passado
Fazem guerra cruel dentro em meu peito,
E bem que ao sofrimento ando já feito,
Mais que nunca desperta hoje o cuidado ! . . . »

Afinal vem a hora do rompimento e da separação ; o poeta obedece aos factos ; mas o desprazer é evidente :

« Adeos, idolo bello, adeos querido,
Íngrato bem . . . adeos ! Em parte fica,
E essa victoria misera publica
Que tens barbaramente conseguido . . .

« Eu parto, eu sigo o norte aborrecido
De meu fado infeliz . . . Agora, rica
De despojos, a teu desdem applica
O rouco accento de um mortal gemido.

« E se acaso alguma hora menos dura
Lembrando-te d'um triste, consultares
A serie vil da sua desventura,

« Na immensa confusão de seus pezares
Acharàs que ardeo simples, ardeo pura
A victima d'uma alma em teus altares . . . »

Claudio é o mais subjectivista de todos os nossos poetas; é o predecessor do *byronismo* de nossos romanticos.

Suas descripções da natureza exterior são pallidas; o mundo do pensamento e da sensibilidade é que elle descreve com habilidade.—

E' por isso que não foi, e nunca será um poeta popular; é injustamente pouco lido.—Para este povo meridional, e só impressionavel ás fortes descripções, aos grandes quadros da vida exterior, as magoas do poeta mineiro passam despercebidas como o marulho das lymphas tennes ao lado dos nossos grandes rios.—

E, todavia, Claudio foi um poeta e da mais alta linhagem.— Sua linguagem é correcta e fluida, seu estylo simples, o verso espontaneo.—

Seu defeito capital é uma certa monotonia que reçuma de suas queixas constantes.

Elle só teve uma ideia; é o poeta do amor inditoso. Tudo quanto escreveu são variações sobre um mesmo thema.

Como lyrista, ao velho gosto, sua despedida a *Nise* é uma das composições mais perfeitas da lingua portugueza.

E' monotona; mas é sentida.

Este soneto exprime o homem:—

« Quando cheios de gosto e de alegria
Estes campos diviso florescentes,
Então me vêm as lagrimas ardentes
Com mais ancia, mais dôr, mais agonia...

« Aquelle mesmo objecto que desvia
Do humano peito as magoas inclementes,
Esse mesmo em imagens differentes
Toda a minha tristeza désafia.

« Si das flores a bella contextura
Esmalta o campo na melhor fragrancia,
Para dar uma ideia da ventura;

« Como, oh cêbs, para os vêr terei constancia,
Si cada flôr me lembra a formosura
Da bella causadora de minha ancia?..

Claudio era uma natureza morbida; foi um representante dessa molestia moderna, tão accentuada no seculo passado e no actual—a melancholia.—

Pouco pensador e profundo, arredado dos grandes centros do pensamento, não foi um Rousseau, nem escreveria como Goethe o *Werther*; alma pouco trabalhada pelos desregramentos de uma imaginação ardente, não foi tambem um Edgar-Poe.

Claudio é da familia dos Mauricio de Guérin, sem as suas vidades e as destrezas do estylo moderno.—

E' um lyrista ao gosto de Christovão Falcão; n'elle sente-se a alma brazileira com todos os seus desalentos, com todas as suas magoas; mas tambem com todas as suas audacias.

Por detraz do poeta, como um prolongamento sympathico de sua personalidade, assume a figura do patriota, do inconfidente.

A nacionalidade brazileira affirma-se n'esse velho mentor dos poetas mineiros. O amigo de Gonzaga é, pelo menos, um exemplo para todos os que amam este paiz, um exemplo como patriota e um exemplo como lyrista.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto é superior a Claudio no vigor da imaginação.—

D'elle poucos escriptos nos restam. Além das *Cartas Chilenas*, provavelmente suas, existe um pequeno numero de poesias, ultimamente colleccionadas. (1)

Alvarenga nasceu no Rio de Janeiro em 1744. No collegio dos jesuitas fez a sua instrucção preparatoria. Formou-se em leis em Coimbra em 1769.

No collegio dos jesuitas foi condiscipulo de Basilio da Gama e em Coimbra de Gonzaga e Silva Alvarenga.

Em 1776 tornou ao Brazil.

No Rio de Janeiro, sob o governo do Marquez do Lavradio, havia um pequeno theatro, e para elle A. Peixoto escreveu um drama em versos *Eneas no Lacio* e a traducção da *Merope* de Maffei, hoje perdidos. Pouco depois seguiu para a comarca

(1) *Obras Poeticas de Ignacio José de Alvarenga Peixoto*, Rio de Janeiro, 1865; edição do Sr. J. Norberto de S. e Silva

do Rio das Mortes em Minas, onde casou-se em 1778 com D. Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira, descendente de uma familia de paulistas, estabelecidos em João de El-Rei. Abandonou Alvaranga a magistratura e attirou-se á mineração. Chegou a ser abastado, viveu alegre, feliz no seio da familia.

Sua mulher era uma dama de espirito e sua filha Maria Iphigenia um typo de belleza e de candura. D. Rodrigo de Menezes conferiu ao poeta a patente de coronel do regimento de cavallaria do Rio Verde. Sua influencia na capitania chegou a ser notavel. Relacionado com as principaes pessoas de Villa Rica, tomou parte activissima nos aprestos da conjuração mineira. Foi elle que propoz o *Libertas quæ sera tamen* para distico da bandeira republicana. — Foi preso no dia 20 de maio de 1789; transportado para o Rio de Janeiro, foi recolhido ás masmorras da fortaleza da Ilha das Cobras.

Mettido em interrogatorios revelou uma certa fraqueza de animo. . (1)

Foi condemnado á morte, pena commutada em degredo para Dande e mais tarde para Ambaca n'Africa, onde falleceu em 1793, alquebrado e envelhecido precocemente.

Leiamos o topico de sentença que o condemnou: « Mostra-se, quanto ao reo Ignacio José de Alvarenga, coronel do primeiro regimento auxiliar da campanha do Rio-Verde, ser um dos chefes da conjuração, assistindo em todos os conventiculos que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, nos quaes insistia em que se cortasse a cabeça do governador de Minas, e se encarregou de apromptar para o levante gente da Campanha do Rio-Verde. . . e confessou o réo que quando em um dos conventiculos se lhe encarregou que apromptasse gente da campanha do Rio-Verde, elle recommendava aos mais socios que fossem bons cavalleiros.

Mostra-se mais que tendo o réo conferido com o reo Claudio Manoel da Costa sobre a forma da bandeira e armas que devia

(1) Vide *Obras Poeticas de Ignacio José de Alvarenga Peixoto*, Noticia por J. N. de Souza e Silva, pag. 50 e seguintes

ter a nova republica, expoz depois o seu voto em um dos conventiculos, dizendo que devia ser um genio quebrando as cadeias e a lettra *libertas quæ sera tamen*; consta á fl. e confessa o réo dizendo que elle e todos que alli estavam presentes acharam a letra muito bonita, sendo este réo um dos que mostrava mais empenho e interesse em que tivesse effeito a rebellião, resolvendo as duvidas que se propunham, como fez a José Alves Maciel, dizendo-lhe este que havia pouca gente para defesa da nova republica, respondeu *que se dêsse liberdade aos escravos crioulos e mulatos*; e ao conego Luiz Vieira, dizendo-lhe que o levante não podia subsistir sem a apprehensão dos quintos e a união desta cidade (Rio) respondeu que não era necessario, que bastava metter-se em Minas sal, polvora e ferro para dous annos; consta á fl. fomentando o réo a sublevação e animando os conjurados pela utilidade que figurava lhes resultaria do estabelecimento da republica, como declara José Ayres Gomes á fl. 6 v. da devassa desta cidade, dizendo o réo por formaes palavras:—homem, elle não seria máo que fosse republica, e essa nova capitania com duzentos escravos e as lavras que lá tenho...—e ficou sem completar a oração: mas no que disse bem explicou o seu animo. » Por isso: « condemnam aos réos... Ignacio José de Alvarenga... a que com baração e pregão sejam conduzidos pelas ruas publicas ao logar da forca, e n'ella morram morte natural para sempre, e depois de mortos lhes serão cortadas as suas cabeças e pregadas em postes altos até que o tempo as consumma... a do réo Ignacio José de Alvarenga no logar mais publico da villa de S. João d'El-Rei até que o tempo o consumma; declaram a este réo infame e infames seus filhos e netos e os seus bens confiscados para o fisco e camara real. » (1)

A este golpe, Maria Iphigenia morreu de vergonha e desalento e Barbara Heliadora enlouqueceu !...

Alvarenga Peixoto era homem ardente, imaginoso; tinha o dom da palavra; era orador e poeta sem esforço; seu talento

(1) Obras; *Brazil-Historico*.

era objectivista ; as grandes scenas do mundo o exaltavam e inspiravam-lhe fortes imagens.

Elle tem phrazes de grande belleza lyrica. Brusco e arrebatado, de genio folgazão e turbulento, possuia bellezas de expressão.

Ouçamol-o :

« Eu vi a linda Estella, e namorado
Fiz logo eterno voto de querel-a ;
Mas vi depois a Nize, e é tão bella,
Que merece igualmente o meu cuidado...

« A qual escolherei, si neste estado
Não posso distinguir Nize d'Estella ?
Si Nize vir aqui, morro por ella,
Si Estella agora vir, fico abrazado.

« Mas, oh ! que aquella me despreza amante,
Pois sabe que estou preso em outros braços,
E esta não me quer, por inconstante...

« Vem, Cupido, soltar-me d'estes laços,
Ou faz de dous semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dous pedaços!... »

Isto pinta a natureza do talento do poeta e tambem o seu genio inflammavel ; mas pouco profundo.

Ainda mais :

« Não cedas, coração ; pois n'esta empreza
O brio só domina ; o cego mando
Do ingrato amor seguir não deves, quando
Ja não podes amar sem vil baixaza:

« Rõmpa-se o forte laço, que é fraqueza
Ceder a Amor, o brio deslustrando ;
Vença-te o brio pelo amor cortando,
Que é honra, que é valor, que é fortaleza ;

« Foge de vêr Alléa ; mas si a vires
 Porque não venhas outra vez a amal-a,
 Apaga o fogo, asssim que a presentires ;

« E si inda assim o teu valor se abala,
 Não lh'o mostres o rosto ; oh ! não suspires !
 Calado geme, soffre, morre, estala ! . . . »

A ideia é firme, e a forma mais ou menos acabada.

Alvarenga tem duas notas principaes como poeta ; o doce sentimento da familia e a grande intuição da independencia do Brazil. O primeiro exhala-se nos versos feitos na prisão remettidos á sua mulher, a segunda transpira de muitas de suas composições. Compreendeu a posição ethnica dos brazileiros e o nosso futuro ; teve um brado de alento para os miseros escravos.

E' por isso que o *Canto genethliaco* é uma como revelação. Alli está o poeta com todos os seus enthusiasmos e todas as suas illusões. Contrapõe a Portugal o Brazil rude, é certo ; mas rico e cheio de porvir. O sentimento nessa poesia é real ; o espirito brazileiro a alenta ; é a terra americana affirmando as suas prerogativas.

O Governador de Minas— o portuguez D. Rodrigo de Menezes teve um filho no Brazil ; é a este que o poeta dirigiu os seus versos, fallando mais da patria do que do seu herôe. Eis um trecho :

« Esses partidos morros e escavados
 Que enchem de horror a vista delicada
 Em soberbos palacios levantados
 Desde os primeiros annos empregada,
 Negros e estensos bosques tão fechados,
 Que até ao mesmo sol negam a entrada,
 E do agreste paiz habitadores
 Barbaros homens de diversas côres ;

« Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio de dilicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços do seu patrio berço!
O pastor louro, que meu peito inflamma,
Darà novos alentós ao meu verso,
Para mostrar de nosso heróe na bocca
Como em grandezas tanto horror se troca.

« Aquellas serras, na apparencia feias,
Dirás por certo — Oh! quanto são formosas!
Ellas conservam nas occultas veias
A força das potencias magestozas;
Tem as ricas entranhas todas cheias
De prata, ouro e pedras preciosas;
Aquellas brutas escavadas serras
Fazem as pazes, dão calor às guerras.

« Aquelles morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,
São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares.
Os corynthios palacios levantados,
Doricos templos, jonicos altares,
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos destes sertões feios e escuros.

« A c'roa d'ouro, que na testa brilha,
E o scetro, que empunha na mão justa
Do augusto José a heroica filha,
Nossa rainha soberana augusta,
E Lisboa de Europa maravilha,
Cuja riqueza a todó o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Barbara terra, mas abençoada!...

« *Esses homens de varios accidentes,
Pardos e pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados:
Elles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho....* »

Eram estes *fortes braços feitos ao trabalho* que Peixoto pretendia empregar na revolução; elle cogitava na libertação dos captivos, generoso pensamento, digno irmão do outro não menos generoso, a libertação da patria.—

A poesia do mallogrado inconfidente não era convencional. Elle não era um charlatão, um vadio, um debochado dos botequins; era um homem positivo, adestrado ao trabalho, activo, emprehendedor. Não era um parasita da sociedade, um d'esses ociosos de corpo e de espirito que amollentam-se nas cidades; era um industrial, tinha as expansões do trabalho em lucta aberta com a natureza.

A poesia n'um homem d'estes si, pela forma, pode resentir-se das preoccupações da escola, do amaneirado do tempo, é, no fundo, um acto de força e de seriedade.

O brazileirismo de Peixoto era activo, militante. O coronel não contemplava a patria só nos versos por um desfazio pedantesco; elle a contemplava tambem no seu desenvolvimento politico e social, e bem provou que a lyra do poeta poderia ser substituida pela espada do guerreiro, si os acontecimentos o houvessem consentido...

Só n'esse tempo teve entre nós a poesia um certo alcance social, não tendo nos tempos posteriores quasi se elevado da rhetorica mesquinha e futil, de um entretenimento de ociosos, d'uma frivolidade posta ao serviço da vagabundagem intellectual...

Não insistirei sobre os defeitos de Alvarenga Peixoto; são os defeitos mesmos de sua época e de sua escola: certa affe-

ctação e ao mesmo tempo certa aridez da forma ; alguma cousa do convencional e de sedição.

Seu nome n'Arcadia é incerto ; alguns crêem que fosse *Eureste Phenicio*, outros *Alceu*.

Thomaz Antonio Gonzaga é o mais celebre dos poetas mineiros. Dizem que nasceu em Portugal ; o que não é de todo incontroverso ; mas seus pais eram brasileiros, sua infancia passou-se na Bahia ; sua idade adulta e viril em Minas ; elle é pois um dos nossos pela vida e pelo destino.

E' a mais completa incarnação do lyrismo amoroso no Brazil.

Não tinha grandes recursos de forma, nem audacias de pensamento ; mas tinha suavidade na expressão, clareza nas ideias, e o seu sentimento era real. —

Tem sido um dos poetas mais lidos de nossa lingua. Não era um genio ; si o fosse teria dado um impulso novo á arte e á litteratura ; não tinha a estatura de um Goethe, um Schiller, um Walter-Scott, um Byron, seus contemporaneos, ou immediatamente posteriores. —

O defeito capital do lyrismo mineiro do seculo passado é certa falta de variedade e esta macula nota-se tambem em Gonzaga. São queixas a sua *Marília* derramadas por um volume inteiro. —

O poeta nasceu no anno de 1747. Passou a infancia na Bahia ; matriculou-se em Coimbra na faculdade de direito em 1763, recebendo o grão de bacharel em 1768. Exerceu alguns cargos em Portugal e foi mais tarde nomeado ouvidor de Villa-Rica em Minas. Ahi apaixonou-se por Maria Joaquina Dorothea de Seixas, a celebre Marilia de *Dirceu*. Este era o nome arcade do poeta. —

As condições deste amor não são bem conhecidas. O poeta e a sua amante não deixaram uma correspondencia confidencial ; as *Lyras* são um bem fraco documento para uma analyse rigorosa por este lado.

Em todo caso, parece averiguado que Gonzaga chegara a Minas antes do anno de 1784, e em 1789, quando devia séguir para a Bahia, como desembargador, sendo já elle um homem maior de quarenta annos, ainda o encontramos solteiro.

Complicado o poeta na Inconfidencia, mettido em ferros condemnado, degradado, louco e morto em 1808, *Marilia* deixou-se viver até 1854, até a idade de oitenta e quatro annos !. . . .

Esta observação já foi feita e com justiça. (1)

Depois de condemnado, o poeta quiz ainda casar-se ; *Marilia* não quiz, teve medo do desterro !. . .

D. Dorothea de Seixas não era da raça de Barbara Heliodora e de Frederica, a divina amante de Goethe. E este era um homem calculado e frio e Gonzaga sinceramente apaixonado !. . .

O poeta talvez praticasse algumas indiscripções em Villa Rica.

Um trecho das *Cartas Chilenas* o trahe um pouco e nas proprias lyras o olhar exercitado vae descobrir um rastro de outros amores de pequena monta :

« Eu sei Marilia,
Que outra Pastora
A toda hora,
Em toda parte
Cega namora
Ao teu Pastor.
Ha sempre fumo
Aonde ha fogo. . . . (2)

Maria Dorothea enfadava-se com isto, e o poeta fazia-lhe novos protestos de amor constante e unico. (3),

Não sei até que ponto é verdadeiro o dicto de Goethe : « si tua dor te encommoda, faze d'ella um poema. » Não ha

(1)— Nem so diga que por seu lado o amante infeliz casou com sua criada Juliana de Souza Mascarenhas.— Esta mulher abusou de espirito enfraquecido do poeta, atacado de idiotia.

(2) 1ª parto L. XVI.

(3) No processo da Inconfidencia falla-se vagamente da familia de Gonzaga, e tambem queo misero Marquoz do Barbacona so oppunha ao casamento do poeta !. Qual a razão ? !. . .

duvida que um sentimento real deve sempre inspirar as composições de um poeta; mas é certo também que o tomar se o expediente de fazer versos, quando a lucta é profunda e a catastrophe immensa, é uma como falsificação do sentimento. O proprio auctor do *Faust* é d'isto um exemplo: elle nunca se deixava subjugar de todo, sempre reagia, e, com serenidade impassivel, cortava as situações as mais tragicas. A poesia era para elle uma occasião de estudo e ás vezes uma panacêa.

E' este o maior defeito de seu genio, defeito notado e com razão.

Si, no meio das grandes luctas d'alma, a poesia irrompe espontanea, ella é sagrada e imponente; si é procurada como calmante é ridicula e frivola. Por isso, quando a prostração é positiva e inilludivel, o poetar parece uma profanação.

Ha certas crises, certos momentos tragicos d'alma humana em que a poesia, não deve entrar; a arte só é possivel com certa liberdade e onde esta falta, ou deve faltar, a poesia é uma hospede importuna que vem perturbar-nos na realidade de nosso sentimento.

Não comprehendo a dor de um homem, que vendo sahir o feretro de sua mãe, de sua esposa, de sua filha, por exemplo, vai sentar-se á mesa a escrever versos... Poderá escrevel-os, talvez mais tarde, quando a acuidade da dor transformar-se nas suaves ternuras da saudade.

Ha talvez alguma cousa de artificioso nas *Lyras* de Dirceu escriptas no carcere. E' certo, porém, que o poeta quebrou a sua penna, quando a cousa tornou-se de veras seria, quando a sentença condemnatoria lhe foi lida. No degredo elle não poetou mais. A bestialidade do soffrimento crestou-lhe todas as expansões e mais tarde annuviou-lhe a razão.

Analyzando as producções de Gonzaga, vê-se que elle não teve genio para quebrar as cadeias que o prendiam ao genero pastoril, o mais prosaico, o mais grosseiro de todos os systemas poeticos.

Gonzaga era, porém, um verdadeiro talento; porque atravez d'aquellas roupagens arcadicas deixa notar as bellezas de um lyrismo franco e até as verdades de um realismo perfeito.

Elle tem algumas composições que poderiam ser assignadas por qualquer dos mais extremados realistas contemporaneos. Esta circumstancia, que sou o primeiro a notar, demonstra-se facilmente. A *Lyra* XIX da 1.^a parte é um exemplo :

• « Um pouco meditemos
 Na regular belleza,
 Que em tudo quanto vive nos descobre
 A sabia natureza..
 Attende, como aquella vacca preta
 O novilhinho seu dos mais separa,
 E o lambe, emquanto chupa a lisa teta.
 « Attende mais, ó cara,
 Como a ruiva cadella
 Supporta que lhe morda o filho o corpo,
 E salte em cima della.
 « Repara, como cheia de ternura
 Entre as azas o filho essa ave aquenta,
 Como aquella esgravata a terra dura,
 E os seus assim sustenta ;
 Como se encoleriza,
 E salta sem receio a todo vulto,
 Que junto delles pisa !
 « Que gosto não terá a esposa amante,
 Quando der ao filhinho o peito brando
 E reflectir então no seu semblante !
 Quando, Marilia, quando
 « Disser comsigo: « E' esta
 De teu querido pai a mesma barba,
 A mesma bocca e testa. »
 « Que gosto não terá a mãe que toca,
 Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
 Nas faces graciosas, e na bocca
 Do innocente filhinho !
 Quando, Marilia bella,
 O tenro infante já com risos mudos
 Começa a conhecel-a !

« Que prazer não terão os pais ao verem
 Com as mãis um dos filhos abraçados,
 Jogar outros a luta, outros correrem
 Nos cordeiros montados!
 Que, estado de ventura!
 Que até n'aquillo que de pezo serve,
 Suspira amor doçura!... »

Isto é de um naturalismo completo e acabado; é a pintura da vida.

Os realistas de hoje têm, quem tal diria? um antecessor no classico e pastoril Dirceu.

Outros muitos topicos, especialmente as *Lyras* XXIV, e XXVI da primeira parte são provas do facto.—Na ultima o poeta pinta uma scena do trabalho *escravo* :

« Tu não verás, Marilia, cem captivos
 Tirarem o cascalho e a rica terra,
 Ou dos cercos dos rios caudalosos,
 Ou da minada serra,
 « Não verás separar ao habil negro
 Do pezado esmeril a grossa areia,
 E já brilharem os granetes de ouro
 No fundo da batêa. —
 « Não verás derrubar os virgens mattos,
 Queimar as capoeiras inda novas,
 Servir de adubo á terra a fertil cinza,
 Lançar os grãos nas covas.
 « Não verás enrolar negros pacotes
 Das seccas folhas do cheiroso fumo;
 Nem espremer entre as dentadas rodas
 Da doce canna o summo. »

Vê-se que o lyrista quasi romantico, o amoroso sonhador conhecia o seu meio; a natureza e a sociedade não lhe eram estranhas.— A poesia citada é puramente brasileira.

Quando vemos ainda hoje certos poetas de confeitaria, estragados ao attrito da vida sensual e mesquinha da capital do imperio, restos esquecidos de um romantismo caduco, levando á quintessencia a nullidade de sua inspiração, olvidarem a vida nacional, para passear pelo Oriente, mas um Oriente que lhes chega á vista pelas estafadas descripções de Julio Verne, quando vemos tal gente a babujar a poesia com umas *levantinas* enfermas, sedições, aleijadas, trapilhas. . . quando assistimos a toda esta vacuidade, é que avaliamos a força do talento de Gonzaga! —

Elle tinha o sentimento das cousas, o sentimento da vida ; não possuia a falsa eloquencia dos poetas pretenciosos ; tinha a simplicidade dos poetas verdadeiros. —

Sem a mania estúpida do *levantismo*, que atormenta alguns pedantes de hoje, Dirceu em cinco entrophes pinta o *Templo do amor* ao gosto oriental:—

« Entrei n'outro grande templo :
 Que perspectiva tão grata !
 Tudo quanto n'elle vejo
 Passa alem do meu desejo,
 E o discurso me arrebatava. —

« E' de marmore e de jaspe
 O soberbo frontispicio ;
 E' todo por dentro de ouro
 E a um tão rico thezouro
 Inda excede o artificio.

« As janellas não se adornam
 De sedas de finas côres ;
 Em logar dos cortinados,
 Estão presos, enlaçados
 Festões de mimosas flores:

« Em torno da sala augusta
 Ardem dourados brazeiros,
 Queimam resinas que estalam,
 E postas em fumo exhalam
 De Panchaya os gratos cheiros.

« Ao pé do throno os seus genios
 Alegres hymnos entôam;
 Dançam as graças formosas,
 E aqui as horas gostosas,
 Em vez de correrem, voam... » (1)

As *Lyras* da segunda parte são uma especie de auto-psychologia dos soffrimentos do poeta. Por ellas se marca a natureza do talento de Gonzaga diametralmente opposto ao de seu amigo Claudio. As *Obras* deste são composições da mocidade; publicou-as o poeta aos trinta e nove annos de idade. Depois nada mais escreveu além do *Villa Rica*. Envolvido em processo e prêso, Claudio não teria mais forças para escrever qualquer cousa. Era o desalento em pessoa; vivia no mundo da subjectividade; perturbado este, elle ficava destroçado. O talento de Gonzaga era de natureza objectiva; no carcere, pungido pelo sentimento, sempre em meio da descripção de seus pezares, vem uma scena da natureza mitigar-lhe as penas e modificar o escuro do quadro.

Lêam-se, entre outras, as bellissimas *Lyras* IV, V, VI, VII.

A principio o poeta, firmado no seu direito, não perdeu a esperança da liberdade:

« Propunha-me dormir no teu regaço
 As quentes horas da comprida sésta,
 Escrever teus louvores nos olmeiros,
 Toucar-te de papoulas na floresta.
 Julgou o justo céu que não convinha
 Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

1) *Lyra* XXXVIII—1.ª Pte.

« Ah! minha bella, si a fortuna volta,
 Si o bem, que já perdi, alcanço e provo,
 Por essas brancas mãos, por essas faces
 Te juro renascer um homem novo;
 Romper a nuvem que os meos olhos cerra,
 Amar no céu a Deus e a ti na terra.

« Nós iremos pescar na quente sesta
 Com canas e com cestos os peixinhos;
 Nós iremos caçar nas manhans frias
 Com a vara envisgada os passarinhos.
 Para nos divertir faremos quanto
 Reputa o varão sabio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
 C'os filhos, si os tivermos, á fogueira;
 Entre as falsas historias que contares,
 Lhes contarás a minha verdadeira:
 Pasmados te ouvirão; eu entretanto
 Ainda o rosto banharei de pranto...»

Por estes bellos versos, escriptos na prisão, bem se divisa a natureza do genio do poeta: era um talento lyrico, alegre, naturalista, um homem expansivo, algum tanto sensual, capaz de amar loucamente, entusiasta pelo espirito de sua querida; mas sobre tudo pelo seu *regação*, por suas *faces*, louco por provar as *delicias*, que o fariam renascer um homem novo... Assim não o quiz o governo colonial; Gonzaga foi condemnado a degredo, pena commutada em desterro por dez annos para Moçambique, onde falleceu louco.

A sentença diz a seu respeito: « Mostra-se, quanto ao réo Thomaz Antonio Gonzaga, que, por todos os mais réos conteúdos nestas devassas, era geralmente respeitado por chefe da conjuração, como o mais capaz de dirigil-a e de se encarregar do estabelecimento da nova republica: e supposto que esta voz geral, que corria entre os conjurados, nascesse principalmente

das asseverações dos reos Carlos Correia de Toledo e do alferes Tira-Dentes, e ambos negassem nos appensos n. 1 e n. 5 que o réo entrasse na conjuração ou assistisse em algum dos conventiculos, que se fizeram em casa dos réos Francisco de Paula e Domingos de Abreu, accrescentando o padre Carlos Correia que dizia aos socios da conjuração que este réo entrava nella para os animar, sabendo que entrava na acção um homem de luzes e talento capaz de os dirigir; e o réo Tira-Dentes, que não negaria o que soubesse deste réo para o eximir da culpa, sendo seu inimigo por causa de uma queixa que delle fez ao governador Luiz da Cunha de Menezes, e igual retractação fizesse o réo Ignacio José de Alvarenga na accareação do appenso n. 1 a fl. 14, pois tendo declaradô no appenso n. 4 que este réo estivera em um dos conventiculos que se fizera em casa do réo Francisco de Paula, e que nelle o encarregaram da factura das leis para o governo da nova republica, na dita accareação não sustentou o que tinha declarado, dizendo que bem podia engar-se; e todos os mais réos sustentam com firmeza que nunca este réo assistira nem entrara em algum dos ditos abominaveis conventiculos; comtudo não pôde o réo considerar-se livre de culpa pelos fortes indicios que contra elle resultam, porquanto:

Mostra-se que sendo a base do levante ajustado entre os réos o lançamento da derrama, pelo descontentamento que suppunham que causaria no povo, este réo foi um acerrimo perseguidor do intendente procurador da fazenda, para que requeresse a dita derrama, parecendo-lhe talvez que não bastaria para inquietar o povo o lançamento pela divida de um anno, instava ao mesmo intendente para que a requeresse por toda a divida dos annos atrasados, e ainda que desta mesma instancia queira o réo formar a sua principal defeza, dizendo que instava ao dito intendente para que requeresse a derrama por toda a divida, porque então seria evidente que ella não poderia pagar-se, e a junta da fazenda daria conta á dita Senhora, como diz no appenso n. 7 de fl. . . . , comtudo desta mesma razão se conhece a cavilação do animo deste réo, pois para se saber que a divida toda era tão avultada que o povo

não podia pagal-a, e dar a junta de fazenda conta á dita Senhora, não era necessario que o intendente requeresse a derrama; porém do requerimento do dito intendente é que verosimilmente esperavam os réos que principiasse logo a inquietação no povo; pelo menos os conjurados reputavam as instancias que o réo fazia, para que o intendente requeresse o lançamento da derrama, por uma diligencia primordial que o réo fazia para ter logar a rebellião;— jura a testemunha fl. da devassa de Minas.

Mostra-se mais dos appensos ns. 4 e 8, que, jantando o réo um dia em casa do réo Claudio Manoel da Costa, com o conego Luiz Vieira, o intendente e o réo Alvarenga, foram todos depois do jantar para uma varanda, excepto o intendente que ficou passeando em uma sala immediata, e principiando na dita varanda, entre os réos, a pratica sobre a rebellião, advertiu o réo Alvarenga que se não continuasse a fallar na materia, porque poderia perceber o dito intendente; mas não houve duvida em principiar a pratica, nem tambem a havia em continual-a, na presença deste réo, signal evidende de que estavam os réos certos que a pratica nem era nova para o réo, nem temiam que elle os denunciasse, assim como se temeram e acautelaram do intendente, tendo o mesmo réo já dado a mesma prova de que sabia o que estava ajustado entre os conjurados, quando, em sua propria casa, estando presente o réo Alvarenga, perguntou o conego Luiz Vieira pelo levante, e o réo lhe respondeu que a occasião se tinha perdido pela suspensão do lançamento da derrama, e não lhe fazendo novidade que houvesse idéa de se fazer levante, deu bem a conhecer na dita resposta que não só sabia do dito levante mas tambem que elle estava ajustado para a occasião em que se lançasse a derramma.

Ultimamente mostra-se pelo appenso n. 4 da devassa desta cidade, das perguntas feitas ao réo Alvarenga, e pelo appenso n. 4 da devassa de Minas, das perguntas feitas ao réo Claudio Manoel da Costa, que muitas vezes fallaram com o réo sobre o levante, o que elle se não atreveu a negar nas perguntas que se lhe fizeram, confessando que algumas vezes poderia

fallar e ter ouvido fallar alguns réos hypotheticamente sobre o levante, sendo incrível que um homem letrado e de instrução e talento, deixasse de advertir que o animo com que se proferem as palavras é occulto aos homens, que semelhante pratica não poderia deixar de ser criminosa, especialmente na occasião em que o réo suppunha que o povo se desgostaria com a derrama, que ainda quando o réo fallasse hypotheticamente, o que é inaveriguavel, esse seria um dos modos de aconselhar aos conjurados, porque dos embaraços ou meios, que o réo hypotheticamente ponderasse para o levante, podiam resultar luzes para que elle se executasse por quem tivesse esse animo, que o réo sabia que não faltaria em muitos si se lançasse a derrama. » (1)

Pelos futeis motivos expostos n'este arranzel foi Gonzaga por toda a vida degradado para as Pedras, presidio em Angola!... A pena foi mais tarde reduzida a dez annos para Moçambique, como vimos.

Gonzaga nos depoimentos de seus collegas de infortunio foi mais ou menos poupado, e elle proprio negou até a ultima que tivesse tomado parte na conjuração; assim o declarou aos juizes e em suas poesias a *Marilia*. Por taes motivos Vernhagen é levado a crer que elle fosse estranho á *Inconfidencia*.

Não é esta a verdade que sahe dos factos; o insigne poeta não precisa dessa justificativa posthuma, falsa e insidiosa. Não ha razões serias para arredarmos de sua frente a aureola de patriota santificado pelo soffrimento...

Sim; o poeta teve o sonho revolucionario; este grande titulo deve religiosamente ser-lhe conservado pela historia. Não busquemos para elle rehabilitações fallaciosas, inspiradas por nossas adulações monarchicas.

Dirceu quiz o levante, quiz a republica, quiz a independencia. E' por isso que elle tem sido e continuará a ser um dos guias immortaes do povo brasileiro.

(1) *Brazil-Historico*, 2a Serie, 1867, tomo 2o, pags. 46 e 47.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga é dos poetas do seu tempo o mais delicioso pelo mimo da forma, pela suavidade da expressão. Era um *mestiço*, e o mais brasileiro dos escriptores do seculo passado.

Não sei si abuso, declarando que o amante de *Glaura* era *mestiço*. A presumpção portugueza foi sempre muito altaneira no Brazil, e por esse motivo mesmo os mais illustres representantes da raça cruzada entre nós, os mais notaveis *mestiços*, dão-se por descontentes quando se lhes toca nesse ponto. Não vejo, porém, ahí motivos para desprazer. Quem sabe que a anthropologia prova exhuberantemente a não existencia de raças humanas puras; quem sabe que o cruzamento de todas as raças é um facto averiguado por toda a parte; quem especialmente sabe que a população portugueza, maximé nos ultimos quatro seculos, tem recebido uma grande mescla de sangue *colonial* da Africa, Azia e America; quem sabe, por fim, que um accidente exterior não tem a menor importancia deprimente, não deve levar a mal a consignação de um facto physiologico, que é uma vantagem. A mestiçagem é uma garantia na lucta contra o clima e é felizmente a immensa maioria entre nós. E' verdade dizer-se que o Brazil é uma nação de mestiços. Alvarenga, Natividade Saldanha, Caldas Barbosa, José Mauricio, Gonçalves Dias, Antonio Rebouças, Torres Homem, Dias da Cruz, Jequitinhonha, Nascimento Feitosa e outros illustres mortos não passaram isolados. No Brazil não são muitos os brancos puros; d'ahi o nosso dictado: que geração não é cousa que se deva muito apurar. .

Temos, porém, ainda em grande escala o séstro da *branquidade*, expressão feliz do povo para designar essa mania.

E' muito commum entre nós o branco supposto. Para esta illusão inventou-se a doutrina do *morenismo*: diz-se—é um homem *moreno*, para não se dizer—é um *mestiço*. . . (1)

(1) Uso d'este termo por ser o mais lato para exprimir o facto que doíxo consignado. A palavra comprehende todos os exemplares do cruzamento das raças humanas no Brazil. Os termos *mulato*, *pardo*, *cafuz*, *mameluco*, *cabaré*, *cabra*, etc., além do isolados, são grossieiros e semi-barbaros.

O numero d'estes é por certo superior e muito ao numero dos brancos, negros e caboclos puros reunidos.

Convencido, pois, de que não faço injuria, sempre que se me deparar no curso desta historia um exemplar da raça cruzada do Brazil,—terei a franqueza de consignar o facto.—Esse phenomeno physiologico é indispensavel para a comprehensão psychologica dos typos litterarios. A physiologia é a chave da psychologia, e a critica que aproveita os elementos geologicos e mesologicos em geral, que rocorre a todos os elementos historicos do meio social, que esmerilha as menores circumstancias biographicas, a critica tem por obrigação não recusar aquellas sciencias.

Silva Alvarenga nasceu em Villa-Rica em 1749. Desde criança revelou o decidido talento para a musica, proprio de sua raça, vindo a ser excellente tocador de flauta e rabeca. Sendo destituído de recursos, a espensas de amigos de sua familia veio ao Rio de Janeiro estudar no collegio dos jesuitas. Findos os preparatorios, embarcou para Coimbra, onde chegou em 1771. Reformando Pombal a Universidade em 1772, Alvarenga saudou-o em uma ode; o ministro, que protegia Basilio da Gama e Alvarenga Peixoto, foi tambem seu protector.

Formou-se o poeta em canones em 1776. Foi amicissimo de Basilio da Gama, a quem deveu boas relações em Lisboa e a quem dedicou as bellas poesias—*O Templo de Neptuno e A Gruta Americana*. Partiu para o Brazil em 1777; estabeleceu-se no Rio de Janeiro como advogado. Vinha precedido pela fama de grande poeta e grande illustração

Cultivou as melhores relações na capital do vice-reino, distinguindo-se entre todas as do Marquez do Lavradio e de Luiz de Vasconcellos e Souza, que o nomeou lente de rhetorica. Alvarenga fez parte da nebulosa *Arcadia Ultramarina* sob o nome de *Alcindo Palmireno*, da sociedade scientifica; e depois da litteraria. Succedendo a Luiz de Vasconcellos e Souza o conde de Rezende, que governou de 1790 a 1801, medidas rigorosas foram tomadas contra os litteratos fluminenses. Foi dissolvida a sua sociedade, a pretexto de ser um club revolucionario.

Alvarenga, espirito satyrico e liberal, amava as doutrinas *encyclopedistas*. Para substituir a sociedade litteraria, elle creou uma sociedade secreta de caracter politico. Tinha o poeta por figadal inimigo a um tal Frei Raymundo que, peitando para isto a José Bernardo da Silveira Frade, denunciou do poeta e seus companheiros ao despotico vice-rei.— Em 1794 foram prezos, entre outros, Alvarenga, Dr. Mariano José Pereira da Fonseca, João Marques Pinto e o Dr. Jacintho José da Silva.

Alvarenga foi posto a ferros nas masmorras da fortaleza da Conceição. Seus bens foram coñfiscados.

O poeta foi mettido em monstruoso processo, dirigido por Antonio Diniz da Cruz e Silva, o autor do *Hyssope*!— Conspiração era o seu crime, elle intentava fundar a *republica*! D'ahi o rigor excessivo dos juizes. Alvarenga esteve prezo quasi tres annos em carcere privado. Delle sahiu alquebrado, mysantropo, quasi perdido. Falleceu a 1º de novembro de 1814. (1)

Escreveu versos satyricos e lyricos. Naquelles já o estudamos.— Nos ultimos é que seu talento foi verdadeiramente apreciavel. Neste genero escreveu sonetos, odes, canções, idyllios, além dos celebres rondós e madirgaes, publicados em 1801, sob o titulo de *Glaura*, anagramma do nome da amante do poeta, que lhe foi rouba-la pela morte.

Os criticos de Alvarenga insistem em dous pontos capitaes, quando o estudam: seu parallelo com Gonzaga, e o brazileirismo de seus versos. O primeiro factó é mal determinado e falta-lhe uma base seria.

Não devem ser equiparados os talentos de dous poetas de natureza tão differente.— Alvarenga é o poeta da palavra, da fórmula, da musica, do rythmo. Natureza meridional, amigo dos tropos sonoros, delicia-se nas cambinantes dos sons, no sussurro das rimas. As delicadezas da arte vêm-lhe pelo ouvido; a natureza é para elle um marulho languido; que

(1) Vido nas *Obras Poeticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga*, a *Noticia*— por J. Noberto de Souza e Silva.

perde-se longe, bem longe no infinito.—Gonzaga é o poeta das imagens exteriores, das formas opulentas, dos quadros deslumbrantes: a poesia vem-lhe pela vista.—Nos versos de Alvarenga ha sempre os gemidos, os sussurros da lympha, os marulhos das folhas e das brisas, os sons da lyra, o canto das aves; em Gonzaga apparecem as flores, os mares, as nuvens, as estrellas, as auroras, e tudo isto ainda é pouco para fornecer as côres com que o poeta possa retratar a *Marilya*. (2)

O brazileirismo de Alvarenga é um factó melhor averiguado pela critica.

Releva determinar o character desse nacionalismo.—Elle não descreveu o brasileiro, descreveu a terra brasileira.—Não foi o homem que o impressionou aqui; foi a natureza.—

O poeta teve uma profunda paixão amorosa por uma bella fluminense.—Quasi todos os seus versos são dirigidos a sua amada; é uma poesia intima, pessoal, auto-psychologica; são confissões ao gosto do romantismo de 1820 a 1850.

Alvarenga é um dos iniciadores inconscientes do romantismo brasileiro, não tanto por esse lado da poesia intima, como pela côr natural de seus quadros.—

Muitas das scenas de seus versos passam-se entre as mangueiras, os cajueiros, os coqueiros, os beija-flores—nas bellas tardes americanas, aos reflexos dourados do sol brasileiro.

Elle deixou-se apoderar d'esse pantheismo, d'esse monismo universal em que tudo vive e ama.—O seu amor é apenas um caso particular no meio do trasbordamento geral:—

« Que saudoso logar! . . . Em roda as flores
Nascem por entre a relva: estes pinheiros
Parecem suspirar tambem de amores. . . .

« O zephyro respira; o sol formoso
Vai dos troncos as sombras apartando,
Que já se inclina o carro luminoso.

(1) Vide — *Lyra* VII da 1a parte.

« O rouxinol te está desafiando :—
 Querem-te ouvir os verdes arvoredos,
 Que o vento faz mover de quando em quando,
 E a musa que de amor sabe os segredos. . .

« Risonhas flores, que um estreito laço
 Formais de vossos ramos na floresta,
 Sei que *Glaura* vos ama. . . pela sesta
 Deixai-vos desfolhar no seu regaço. »

Em tudo isto transpira a doçura, a tranquillidade, o enleio da sensualidade meridional. —

O poeta passeia a sua phantasia pelas scenas da natureza e em tudo encontra um motivo demais para enternecer a sua querida :

Ora :

« N'um rochedo vi dois ninhos ;
 Já são teus esses penhores ;
 E entre conchas, entre flores
 Os pombinhos has—de achar.
 Murcharão os dons mais bellos
 Da suave primavera,
 Si não vens, oh dura, oh fera,
 Teus cabellos enlaçar »

Ou :

« Neste bosque alegre e rindo
 Sou amante afortunado ;
 E desejo ser mudado
 No mais lindo beija-flor.
 Todo o corpo n'um instantante
 Se atenúa, exhala e perde. . .
 E' já de ouro, prata e verde
 A brilhante e nova côr.

E n'um vôo, feliz ave !..
 Chego intrepido até onde
 Riso e perolas esconde
 O suave e puro amor. »

Ou :

« Deu-me o prado florescente
 Goivos, murta, rosa e lyrio ;
 Venho, oh nympha, em meu delirio
 Tua fronte coroar...
 Sem rumor com susto chego...
 Gela o sangue.. já não pulsa,
 Nem se atreve a mão convulsa
 Teu socego perturbar.

Mas as lagrimas poderam
 Illudir o meu receio,
 E cahindo no teu seio
 Te fizeram despertar... »

E' este o estylo dos rondós ; a nota lyrica é ahi suave e lim-
 pida.

Os madrigaes são os mais bellos da lingua portugueza. O
 lyrismo aligero reveste-se de todas as fórmãs, e exhala-se nas
 delicias de uma alma apaixonada.

Ora o poeta pede a uma fonte que falle de sua saudade á sua
 namorada :

« Suave fonte pura,
 Que desces murmurando sobre a arêa,
 Eu sei que a linda Glaura se recrea
 Vendo em ti de seus olhos a ternura ;
 Ella já te procura ;
 Ah ! como vem formosa e sem desgosto !
 Não lhe pintes o rosto :
 Pinta, oh ! clara fonte, por piedade
 Meu terno amor, minha infeliz saudade ! »

Em oito versos falla assim de seu ardor apaixonado:

« Nymphas e bellas graças,
 O amor se occulta e não sabeis aonde:
 As vossas ameaças
 Elle ouvê, espreita, ri-se e não responde.
 Mas, ah cruel ! e agora me traspassas ?
 Nymphas e bellas graças
 O amor se occulta, eu já vos mostro aonde:
 Neste peito, ai de mim ! o amor se esconde ! »

Mais logo fala á sua lyra :

« Adeus, oh doce lyra ;
 Ficarás neste ramo pendurada .
 Ao vento que suspira,
 Responda a tua voz triste e cançada.
 Já foste dedicada
 Ao puro amor, ás graças melindrosas:
 Ellas gemem saudosas,
 E o misero pastor chorando espira.
 Adeus, oh doce lyra,
 Fiel e desgraçada ;
 Ficarás neste ramo pendurada! . . . »

Eis aqui uma nota brazileira :

« Não desprezes, oh Glaura, entre estas flores,
 Com que os prados matisa a bella Flora,
 O jambo que os amores
 Colherão ao surgir a branca aurora .
 A dryade suspira, geme e chora
 Afflicta e desgraçada.
 Ella foj despojada . . . os ais lhe escuto . .
 Verás neste tributo,
 Que por sorte feliz nasceu primeiro,
 Ou fructo que roubou da roza o cheiro,
 Ou roza transformada em doce fructo . . . »

Mais outra :

« Si eu conseguisse um dia ser mudado
 Em verde beija-flor, oh que ventura !
 Desprezara a ternura
 Das bellas flores no risonho prado.
 Alegre e namorado
 Me verias, oh Glaura, em novos giros,
 Exhalar mil suspiros ;
 Roubandõ em tua face melindrosa
 O doce nectar de purpurea rosa. »

Finalmente outra :

« Oh ! garça voadora,
 Si além do golpho inclinas os teus giros,
 Ah leva os meus suspiros.
 A mais gentil pastora destes montes !
 Não temas que te enganes ; prados, fontes,
 Tudo se ri com ella..
 Não é, não é tão bella,
 Quando surge no céu purpurea aurora ;
 Oh ! garça voadora,
 Si além do golpho inclinas os teus giros,
 Ah ! leva por piedade os meus suspiros. »

Tirem-se d'estes fragmentos as cançadas imagens da velha escola classica e n'elles teremos bellos especimens da eterna poesia.

Alvarenga tinha uma intuição prompta, e suas ideias se deixavam estampar nitidamente. No seu poemeto *As Artes* elle por um d'esses arrojõs do bom senso, nos falla das sciencias formulando uma quasi classificacão positivista. Começando pelas sciencias exactas e pela astronomia, passa á physica, á chimica, á historia natural, á cyrurgia e medicina (*biologia*) e depois á geographia e historia, (*sociologia*.) Acaba por uma conclusão *moral*.

Ouçamos esta admiravel intuição de poeta :

Vejo grave matrona meditando
 Com os olhos no céu ; a mão *exacta*
 Dos planetas descreve o *movimento* ;
 Por *justas leis calcula*, pesa e mede
Forças, massas espaços infinitos...

A par d'esta, outra deusa move os passos
 Da firme *experiencia* sustentada,
 Ella conhece as causas e os effeitos ;
 Ella exerce, ella augmenta e diminue
 Da natureza as forças ; á luz pura
 Atravez do crystal separa os raios
 E mostra aquellas primitivas cores
 Que formam a belleza do universo.
 Por suas leis os differentes corpos
 Se ajustam e se movem....

E tu, que com poder quasi divino
 Imitas portentosa, rica e bella
 As producções da sabia natureza,
 Vem, ensina aos mortaes como a materia,
 De *mil diversos modos combinada*,
 Forma infinitos mil corpos diversos,
 Uns que respiram, outros que *vegetam*.

.... . Ah ! vem, oh bella,
 Irman da natureza enfraquecida,
 Que provida conservas, que renovas
 Da humana *vida* a preciosa fonte....
 Estende, estende, oh deusa, a mão benigna
 A' fraca humanidade! E tu, que podes
 Unir os rotos lacerados membros,
 Que afugentas a morte e que conheces,
 Todos os *laços da estrutura humana*,
 Entorna o doce balsamo da *vida*

Sobre os tristes mortaes.....

Já reconheço

Outra formoza nympha, que descreve
Toda a extensão da terra, o mar, os rios....
Com ella vem bellissima donzella
Que com grave eloquencia narra os factos
Que o mundo vio desde a primeira idade:
Ella nos mostra em quadros differentes
Os tempos, as nações e a varia sorte
De imperios elevados e abatidos,
As allianças, a implacavel guerra,
O progresso das artes e a ruina...»

Guardando mais ou menos uma ordem hierarchica, o poeta falla das sciencias. Alvarenga era muito estudioso e altamente instruido para o Brazil de seu tempo. Como professor, foi um fermento de progresso. Muitos dos homens, que figuraram na época de nossa independencia, foram seus discipulos.

Recapitulemos em poucas palavras as idéas esparsas sobre estes quatro vultos da escola mineira.

A critica litteraria deve jogar hoje pelo menos com seis elementos, que não entraram chronologicamente para a sciencia na mesma ordem que nella devem guardar logicamente. O elemento *mesologico* em que insistiram de modo especial Gervinus e Buckle; os elementos *physiologico e ethnico* em que particularmente insistiram Taine e Renan; os factores *psychologicos* em que primou Sainte Beuve; os factores *historicos* em que se expandiam Villemain e Macaulay, constituem a *charpante* da critica. Mas tudo isto ainda é pouco.

Póde-se bem conhecer o meio physico em que se desenvolveu um poeta ou um pensador, sua raça e seu temperamento *physiologico*, seu character e suas inclinações, conhecer bem as influencias sociaes e historicas que o cercaram e nelle influiram, e, todavia, não se saber o que fez esse homem, o que elle tirou de si, o que produziu,

como combinou os agentes que nelle actuaram, e, para tudo dizer n'uma palavra, em que *adiantou* a evolução nacional ou humana, litteraria ou scientifica.

O que resta, como producto *vivo* e adjunto ao patrimonio commum por este homem, eis a palavra final da critica.— Nessa determinação é admiravel a sagacidade de Edmond Scherer. Pois bem ; o que ainda hoje *vive e resta* de Claudio, de Peixoto, de Gonzaga, de Alvarenga?

Pouco!.. E' o que podemos responder. Um exemplo na ordem politica e social, e na litteraria — algumas notas lyricas. Nada mais.— Aquelle mais ou menos empanado no seu brilho pelas tergiversações do mêdo ; estas mais ou menos obscurecidas pelas ficções e allegorias de um classicismo ossificado e inerte.

Aquelles quatro homens não foram quatro pensadores, quatro cabeças geniaes, que abrissem novos e largos horizontes á intelligencia e á vida nacional.

Vivendo, porem, n'uma epoca de transição, longe dos grandes centros do pensamento, entre populações mais ou menos grosseiras, amordaçados pelo despotismo colonial, privados de ler livros *perigosos*, sem um publico adequado, sem imprensa, sem as fecundas luctas das ideias, elles conceberam a independencia politica e litteraria d'este paiz!.

Por isso são eternamente credores da gratidão do povo brasileiro. Não deixaram theorias novas ; mas n'esta terra quem as deixou até hoje ?

Soffreram pela patria, cantaram-na em seus versos, e não é impunemente que se sae de um carcere para se entrar na historia.

Seu maior elogio está nos seus padecimentos.

Antes de empregar o estudo da eloquencia sagrada, das bellas artes, das sciencias naturaes, das sciencias historicas e do movimento politico do Brazil nos trinta annos que lhe antecederam a independencia, temos a passar em revista alguns poetas secundarios que se prendem mais ou menos á escola mineira. Os principaes são : Domingos Caldas Barboza,

Domingos Vidal Barbóza, Bartholomeu Antonio Cordovil, e Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.

O mais significativo d'estes é incontestavelmente *Domingos Caldas Barboza*, o celebre improvisador de *modinhas*. Caldas Barboza era um *mestiço* de primeira mão, um filho de branco e negra; seu pai era portuguez e sua mãe africana.— Si na mestiçagem ha varios grãos, como é sabido, Barboza occupou ali um dos primeiros logares; era um mestiço escuro, acobreado; n'elle não predominava o sangue branco; havia equilibrio. Ao facto da côr attribuiu Varnhagen o supposto carecter submisso de Caldas Barboza.

Não pode haver maior injustiça e erro mais grave.

Primeiramente, o poeta não era submisso; era apenas amovavel, alegre, expansivo, divertido. A sua ligação ao conde de Pombeiro é um caso particular dos muitissimos casos analogos na litteratura dos dous ultimos seculos. Raro era o poeta que não tinha o seu Mecenas, o seu protector. Gregorio de Mattos com toda a sua atrabilis teve mais de um.

Além d'isto, si alguma cousa existe no mestiço, que se possa considerar a nota predominante de seu character, é a rudeza, a independencia, o orgulho.

Sob a sua epiderme mais ou menos accentuada mais depressa descansará a alma de um soberbo, de um orgulhoso do que a de um baixo, de um servil.

O mestiço junta a essa qualidade primordial de seu temperamento uma outra igualmente apreciavel e que lhe serve de contrapezo: é a expansibilidade, a alegria, que ás vezes propende para uma pronunciada veia comica e satyrica.

Ha uma razão physiologica para isto:—o branco puro é no Brazil, logo da segunda ou terceira geração em diante, anemico, nervoso, fraco; o mestiço, como planta adequada a seu meio, é vigoroso, robusto, sadio. D'ahi a sua juvenildade constante, o seu pendor para as artes, especialmente para a musica. Raro é o mestiço bem caracterizado no Brazil que não seja musico ou pintor, especialmente a primeira das duas cousas.

Alguns tem sido excellentes compositas; n'elles ha um sopro de originalidade puramente brazileira. Silva Alvarenga

e Caldas Barboza foram excellentes músicos e poetas, e ainda agora o melhor componista nacional Henrique de Mesquita é um mestiço, como o fôra também o celebre Padre José Mauricio. Caldas Barboza, nascido no Rio de Janeiro em 1740, fez os seus estudos no collegio dos jesuitas. Fez rapidos progressos nas letras e revelou desde logo as suas qualidades de repentista, mettendo a ridiculo as pretensões e injustiças dos portuguezes. Foi por isso recrutado e remetido para a colonia do Sacramento, onde demorou-se até 1762. Voltando ao Rio, obteve baixa e passou-se para Portugal, onde depois de algumas difficuldades obteve a protecção dos dous irmãos Vasconcellos, o conde de Pombeiro e o Marquez de Castello Melhor. Caldas recebeu ordens sacras em Lisbôa e foi capellão da *Casa da Supplicação*. Teve relações de amisade com os poetas de seu tempo, especialmente os da *Nova-Arcadia* por elle crêada. Foi, porém, maltratado por Bocage e Filinto Elysio. *Lereno*, tal o seu nome *arcade*, era um poeta singelo, espontaneo, um lyrista ao gosto popular. Tinha, por certo, os defeitos de seu tempo; mas ha tres faces por onde se pode notar a differença entre elle e os poetas que o cercavam:— a simplicidade de seus versos, tão longe da rhetorica inchada de Bocage e Agostinho de Macedo; a ausencia nelle de immoralidades em que brilharam tão tristemente esses dous, e a falta da mordacidade vil com que ainda estes e outros deram-se a espectaculo.

Era um talento aberto ás boas impressões, uma alma simples pouco apta ás villezas da sociedade torpe em que viveu.

N'outro meio teria sido um grande poeta.— Não fazia caso que o chamassem de mulato. Diante do Padre Souza Caldas improvisou esta quadrinha :

« Tu és Caldas, eu sou Caldas ;
 Tu és rico, e eu sou pobre ;
 Tu és o Caldas de prata ;
 Eu sou o Caldas de cobre. » (1)

(1) Vide Varnhagen, I, pag. XLVIII que traz outra versão.—

O poeta teve a consagração da popularidade. Não fallo d'essa que adquiriu em Lisbõa, assistindo a festas e improvisando na *viola*. Refiro-me á uma popularidade mais vasta e mais justa.

Quasi todas as *cantigas* de Lerenõ correm de bocca em bocca nas classes plebeas truncadas ou ampliadas.

Formam um material de que o povo se apoderou, modelando-o a seu sabor. Tenho d'esse factõ uma prova directa. —

Quando em algumas provincias do norte — colligi grande copia de canções populares, repetidas vezes, colhi *cantiga* de Caldas Barboza, como anonymas, repetidas por analphabetos. —

Foi, — depois, preciso compulsar as obras do poeta para expungir da collecção anonyma os versos que lhe pertenciam. — E' o maior elogio que, sob o ponto de vista ethnographico, se lhe pode fazer. —

Caldas não foi certamente um poeta de genio, que apoderando-se dos elementos esparsos na intuição popular, erigisse com elles, dando-lhes a feição de uma personalidade vigorosa, uma obra artistica e eterna. — Não tinha pulso para tanto. — Como homem do povo, elle poetava como o povo, no seu estylo, ao seu modo. —

A critica diante de um homem destes — não deve analysar-lhe as producções ; cumpre-lhe antes procurar ouvir fóra dos grandes centros populosos, especialmente fóra do Rio de Janeiro, a menos nacional de todas as capitaes do mundo, ouvir n'uma villa do interior, ao som do violão, ao descambar das tardes tropicaes, uma dulcissima voz de moçoilla languida e inflam-mavel, calida e apaixonada, cantar desprerenciosa e doidamente — qualquer destas bagatelas : —

« Eu sei, cruel, que tu gostas,
Sim gostas de me matar ;
Morro, e por dar-te mais gosto,
Vou morrendo de vagar . . .

Tenho ensinado a meus olhos
Dos segredos a lição ;
Sabem dizer em segredo
A dor do meu coração . . .

Caldas Barboza morreu a 9 de Novembro de 1800; seus versos foram publicados sob o titulo — *Viola de Lereno: collecção das suas cantigas offerecidas aos seus amigos*. (1)

Devem ser lidos como antidoto á depravação palavrosa que de tempos a tempos invade o nosso pequeno mundo poetico.

Domingos Vidal Barboza nasceu na freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Caminho do Matto em 1751. Formou-se em medicina em Bordéos. Ahi imbuiu-se de idéas liberaes, e teve conhecimento dos planos politicos dos estudantes brazileiros para a libertação da patria.

Vidal Barboza na Europa foi companheiro de José Joaquim Maia, José Marianno Leal e José Pereira Ribeiro.

Em França tivera conhecimento dos planos revolucionarios de Maia. (2) De volta á patria, estabeleceu-se em Minas, onde se viu accidentalmente envolvido na conjuração de 89. No processo não manifestou grande inteireza de character.

Foi condemnado á morte, pena commutada em degredo por tres annos para a ilha de S. Thiago de Cabo Verde, onde aportara em principios de Janeiro de 1793. Oito mezes depois falleceu. (3)

Vidal Barbosa parece não ter tido grande valor litterario; não restam-nos composições suas por onde o podessemos aquilatar. A ode a *Affonso de Albuquerque*, que alguns lhe attribuiram, é mais provavelmente de Silva Alvarenga. (4)

A ode dirigida a Luiz de Vasconcellos e Souza, que lhe é tambem attribuida, não tem merecimento. Vidal Barboza apparece na historia pela circumstancia fortuita que o envolveu na Inconfidencia. Era um medico timido e de vistas curtas.

Bartholomeu Antonio Cordovil acha-se nas mesmas condições; era filho de Goyaz; escreveu algumas odes e dythirambos

(1) A ultima edição é de Lishôa, 1825, na Impressão de João Nunes Estovos.

(2) Vide Norberto e Silva — *Historia da Conjuração Mineira*, *passim*.

(3) Idem, *ibid*.

(4) Vem nas *Obras* deste poeta, pag. 243 do 1º vol.

de um classismo enfezado ; não é hoje lido ; nada influiu na evolução nacional. Viveu a decantar um tal *Tristão* desenchabida e impertinentemente.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha é mais significativo. Delle nos restam uns pequenos dramas em verso em que dá entrada aos indios brasileiros e em que mostra algum character nacional. O vôo é curto, mas o poeta tinha o presentimento da independencia brasileira. Tenreiro era natural de Barcellos na provincia do Pará, comarca do Rio Negro, hoje provincia do Amazonas, vindo ao mundo a 4 de Setembro de 1769. Fez a sua educação na sua terra. Exerceu varios cargos publicos. Suas obras perderam-se quasi todas. Como lyrista Aranha tem algum merecimento.

E' o classismo um pouco aligeirado pela natureza tropical ; mas é sempre o falso classismo. Eis uma amostra :

« Passarinho que logras docemente
Os prazeres da amavel innocencia,
Livre de que a culpada consciencia
Te afflija, como afflige ao delinquente.

Facil sustento, e sempre mui decente
Vestido te fornece a Providencia ;
Sem futuros prever, tua existencia
E' feliz limitando-se ao presente.

Não assim, ai de mim ! porque soffrendo
A fome, a sede, o frio, a enfermidade,
Sinto tambem do crime o peso horrendo

Dos homens me rodêa a iniquidade,
A calúmnia me opprime, e, ao fim tremendo,
Me assusta uma espantosa eternidade. . . »

O poeta não era estranho á poesia subjectiva ; era capaz de descrever o seu estado emocional. Era tambem capaz de desenharmos um factó moral.

E' d'isto uma prova o celebre soneto feito á parda Maria Barbara, mulher de um soldado, cruelmente assassinada, porque preferiu a morte á mancha de adultera :

« Si acaso aqui topares, caminhante,
 Meu frio corpo já cadaver feito
 Leva piedoso com sentido aspeito
 Esta nova ao esposo afflicto, errante . . .

Diz-lhe como de ferro penetrante
 Me viste por fiel cravado o peito,
 Lacerado, insepulto, e já sujeito
 O tronco feio ao corvo altivolante :

Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
 A mão cruel me trata desta sorte ;
 Porém que allivio busque á dor amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
 Que, por honra da fé que lhe jurara,
 A' mancha conjugal prefere a morte. »

E' bello isto ; porque é verdadeiro ; é o factó moral nú e exposto sem atavios aos olhos das almas honestas.

De *Manoel Joaquim Ribeiro*, *Joaquim José Lisbôa*, Padre *Manoel de Souza Magalhães*, *José Ignacio da Silva Costa*, Padre *Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas*, *Joaquim Ignacio de Seixas Brandão* e *Luiz Paulino Pinto da França*, nada ha a dizer sob o ponto de vista evolutivo, progressivo de nossa litteratura. Foram verzejadores. Neste numero está o padre *Silverio da Paraopeba* applaudido sem criterio.

Foram o rebutalho do tempo, dando passagem a typos mais significativos, que serão estudados nos capitulos subsequentes.

No grande e trabalhado periodo que vae de 1750 a 1822 ou antes a 1830, época da elaboração autonómica do nosso paiz, os esforços culminam-se na ideia da independencia. A preponderancia do indio é já um mytho do passado; aproxima-se o tempo de acabar-se tambem a preponderancia portugueza. O negro será por ultimo e mais tarde, com a libertação dos escravos, posto á margem.

De todos os factos relatados até agora neste livro aquelle que paira sobre os outros, como a synthese de todos elles, é a aspiração do povo brasileiro á sua emancipação politica, pensamento que avoluma-se desde os fins do seculo passado.

Foi o tempo da elaboração de nosso ideal messianico. Por isso ainda hoje não percorremos na esphera da realidade toda a trajectoria traçada então á nossa marcha evolutiva.

Quando Portugal, no tempo de Maria 1^a, dormitava no emperramento e na immobildade, tentando levantar nas fronteiras uma barreira que lhe obstasse a entrada das ideias revolucionarias, os estudantes brasileiros agitavam-se em Pariz e sua palavra passando os mares ia ecoar em nossos sertões. A conservadora Minas abalava-se, os poetas estremeciam, o futuro incandecia-se nas almas.

A França, com as suas turbulencias então para a vida e para a liberdade, era a nossa iniciadora. — Vira-se o mesmo nos Estados-Unidos. — A America estava cançada do jugo.

Trezentos annos eram já demais para a exploração que desejava protrahir-se por toda a eternidade. A impaciencia chegou, a independencia era um corollario da obra dos seculos. As difficuldades eram muitas; mas o povo estava ainda no tempo das crenças inabalaveis, das audacias magestozas.

Cada povo tem o seu dia em que a consciencia se lhe aviventa, em que elle lê claro no seu destino. A obra pôde ser prematura; mas a sua hora chegará. A ideia da independencia no Brazil nasceu com o pensamento da republica. Esta foi a

forma de governo sonhada em 89 ; esta será a forma de governo que o futuro nos ha de trazer .

Desde os fins do seculo passado o pensamento portuguez deixou de ser o nosso mestre ; — fomos-nos habituando a interessar-nos pelo que ia pelo mundo .

Achamo-nos pequenos e nos envergonhamos ; achamo-nos captivos e quizemos reagir . Eramos os servos de Portugal ; julgamos a posição humilhante e pozemos a mão aos laços que nos prendiam .— Hoje os aggravos estão esquecidos ; o povo portuguez é o povo irmão com que sympathizamos sem desejos de copial-o .

A corrente historica bifurcou-se ; o caminho de nossa viagem é outro .— Desde o grande tempo da inconfidencia que a distancia vai se alongando mais e mais :— as linhas dirigentes de nosso porvir partem d'alli, e não temos mais do que seguir por ellas .

Bem como a poesia, a politica tem tambem seu ideal . Este vem a ser a sêde que nunca se estanca, as ancias de grandeza que nunca se calam, o aureo porvir que nunca se toca .

Na vida das nações, é nesses momentos imponentes, em que os povos sentem-se batidos pelo sopro dos altos destinos, que o ideal desponta ao longe qual uma miragem, que lhes indica a senda das grandes aspirações .

A Inconfidencia foi para nós, foi em nosso horizonte de nação, que deve arrojarse aos nobres commettimentos, o phanal propicio da grande jornada atraz de todas as luctas que nobilitam, de todas as tentativas que alentam . Aquella pleiade de poetas, aquelle punhado de sonhadores presentiu, no vago de suas crenças, todas as vastas ideias que este povo deve esforçar-se por levar a effeito . E o ideal ainda nos paira bem alto, como um ponto quasi inatingivel, depois de um seculo de avanços para a civilisação .

Independencia da patria, emancipação dos escravos, unidade federal, vida autonómica e democratica, prosperidade material, alento scientifico, todos os grandes problemas, que já realisamos ou que hoje em dia nos assoberbam, desde a forma republicana no governo até a liberdade nas relações da familia, tudo foi

antevisto n'aquelle devaneiar de heróes.—A Inconfidencia não chegou a ser uma realidade pratica ; mas é uma realidade doutrinaria. Não se manchou no terreno dos factos ; mas ahi está a tremular, ha cem annos, como a suprema realidade no mundo de nossas aspirações. —

Era necessario que a santa utopia fosse desdenhada pelos myopes do tempo, era mister que o sangue uberrimo dos heróes marcasse os fócios brilhantes em que a alma deste povo deve revigorar-se para avançar. —

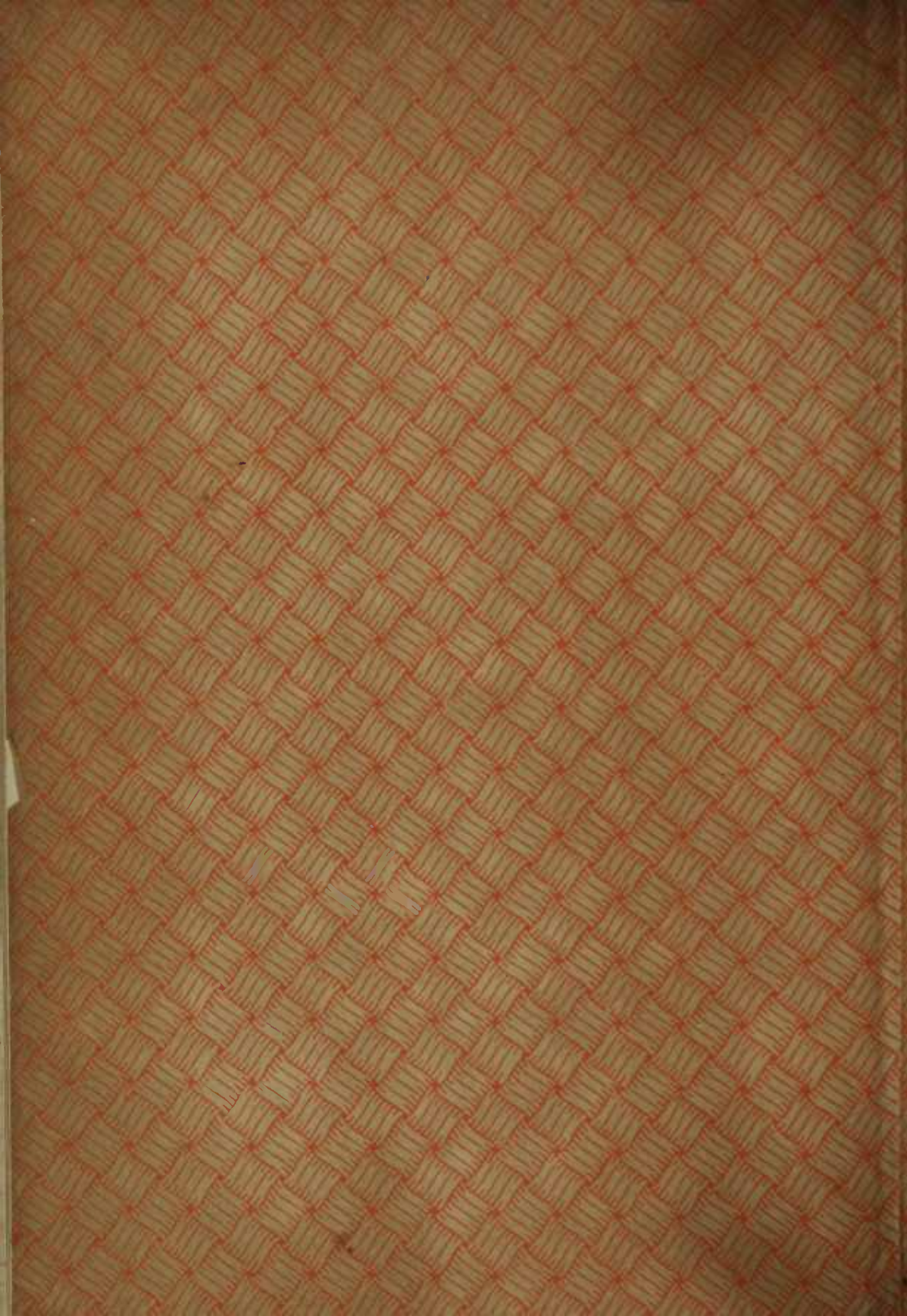
A Conjuração mineira não teve o que se póde chamar a grosseria de um facto consummado ; é, antes, a mais esplendida miragem que no céo da historia brazileira alenta e enthusiasma. — Abençoados os poetas, os corações ardentes, que a idearam ; abençoado o martyr que a immortalisou de sobre os degrãos do cadafalso.

No meio de uma agitação politica mesquinha, grosseira e sem nobres impulsos, e, não sei si o diga, no meio de uma litteratura sem profundos incentivos, aqui d'entre os gemidos dos captivos, que pedem liberdade, dos proletarios, que pedem trabalho, dos moços, que pedem luz, do povo, que pede gloria, deixai-nos fitar o sol da Inconfidencia ; deixai-nos chorar com Claudio, amar com Dirceu, soffrer com Alvarenga ; deixai-nos ouvir, em sua quéda para o futuro, o rolar da cabeça do *Tira-Dentes*, acordando em todos os peitos, capazes de audacias, os echos da emancipação, os tons immensos do patriotismo.

E que algum dia, como o supremo corollario das grandes luctas, possamos galgar a altura que á nossa marcha assignalaram esses distinctos combatentes, que já não podemos encarar sem a vertigem da mais acrysolada admiração ! —

ERRATA

PAGINAS	LINHAS	ERRO	EMENDA
41	36	<i>Revista</i>	<i>Revista Brasileira</i>
45	13	ado	lado
69	23	posperou	prosperou
70	34	segue-lhe	segue-se-lhe
105	11	ontribuiram	contribuíram
108	29	seave	serve
110	4	riginal	original
110	4	não o passando	não passando
110	5	<i>nativimo</i>	<i>nativismo</i>
131	1	instituição	intuição
168	35	eserevi	escrevia
169	27	amigo	amago
180	30	esquecimento, é	esquecimento é
231	13	aranzel	aranzel
233	9	rocorre	recorre



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).